

BESTSELLER
INTERNACIONAL

ELOISA JAMES

Milagre de Amor

«Um dos melhores romances de 2011.»

Library Journal

· ROMANCE ·

Star Books Digital



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Este livro é dedicado à minha fabulosa editora, Carrie Feron. É ela que me instiga a atingir a minha melhor escrita, mas, com este livro, o seu trabalho conduziu o romance a um nível completamente novo. Este é para ti, querida.

“Com personagens teimosos, apaixonados e complexos num sombrio cenário romântico (recordo-me de uma piscina maravilhosa cheia pela maré), e uma dose fascinante de pormenores médicos realistas (...), esta versão inteligente e deliciosamente sensual de um clássico conto de fadas é uma adição de tirar o fôlego à série de Eloisa James de contos de fadas reinventados.”

Library Journal

“A escrita de Eloisa James é absolutamente primorosa”

Teresa Medeiros

“Ninguém me leva à livraria mais depressa do que Eloisa James.”

Julia Quinn

Era uma vez, não há muito tempo...

Meninas bonitas em contos de fadas são tão banais como seixos na praia. Pastoras de pele rosada convivem com princesas de olhar romântico e, de fato se contássemos os dois olhos brilhantes de cada donzela, teríamos toda uma galáxia de estrelas cintilantes.

Esse brilho ainda torna mais triste o fato de as mulheres reais raramente estarem à altura das suas homólogas fictícias. Têm dentes amarelados ou pele manchada. Têm a sombra de um bigode ou um nariz tão grande que um rato poderia esquiara por ele.

Claro que também há as bonitas. Mas mesmo essas são propensas a todas as doenças que constituem herança do homem, como disse Hamlet, há muito tempo, num lamento.

Em resumo, é rara a mulher que ofusca verdadeiramente o sol. Quanto mais toda essa história de dentes de pérola, voz de cotovia e um rosto tão belo que os anjos carpiriam de inveja.

Linnet Berry Thrynne tinha tudo o que foi mencionado, exceto talvez a pretensão de uma melodia de cotovia. Apesar disso, a sua voz era perfeitamente agradável e tinham-lhe dito que o seu riso era como o toque de sinos dourados, falando-se muitas vezes nas cantigas de verdilhão^[1] (embora não de cotovia).

Mesmo sem olhar para o espelho, sabia que o seu cabelo e seus olhos brilhavam, e os seus dentes — bem, talvez não brilhassem, mas eram muito brancos.

Era exatamente o tipo de mulher que conseguia levar um moço de cavalaria a feitos heroicos ou um príncipe a atos menos intrépidos como atravessar um denso silvado meramente para lhe dar um beijo. Nada disso alterava um único fato: Desde a véspera, não lhe era possível casar-se.

A calamidade tinha que ver com a natureza dos beijos e com aquilo a que se fazia crer que os beijos levavam. Embora talvez seja mais exato falar da natureza dos príncipes. O príncipe em causa era Augustus Frederick, duque de Sussex.

Beijara Linnet mais do que uma vez; de fato, beijara-a muitíssimas vezes. E declarara veementemente o seu amor por ela, já para não falar numa noite em que atirara morangos à janela do seu quarto (o que tinha causado uma porcária horrível e enfurecido o jardineiro).

A única coisa que não fizera fora oferecer-lhe a sua mão em casamento.

— É uma pena eu não poder casar contigo — disse ele, apologeticamente, quando o escândalo rebentou na noite anterior.

— Nós, os duques reais, sabes... não podemos fazer tudo quanto desejaríamos. O meu pai está ligeiramente perturbado com o assunto. Na realidade é um grande infortúnio. Deve ter ouvido falar do meu primeiro casamento; foi anulado porque Windsor decidiu que a Augusta não era suficientemente boa e ela é filha de um conde.

Linnet não era filha de um conde; o pai era visconde e, ainda por cima, não se relacionava com pessoas influentes. Não que ela soubesse do primeiro casamento do príncipe. Todas as pessoas que a tinham visto namorar com ele nos últimos meses haviam-se esquecido, incompreensivelmente, de lhe dizer que, ao que parecia, ele era propenso a cortejar as mulheres com as quais não podia — ou não devia — casar.

O príncipe fizera uma reverência brusca, virara-se e abandonara abruptamente o salão de baile, retirando-se para o Castelo de Windsor — ou para onde quer que as ratazanas fugiam quando o navio se afundava.

Deixara Linnet sozinha, apenas com a sua rígida dama de companhia e um salão de baile cheio de gente da alta sociedade, uma circunstância que a levou rapidamente a compreender que muitas donzelas e matronas de Londres estavam fervorosamente — se não alegremente — convencidas de que ela era uma leviana do primeiro grau.

Nos momentos seguintes à partida do príncipe, nem uma alma a olhou nos olhos; Linnet deparou-se com um mar de costas voltadas. O som de risadinhas aristocráticas espalhou-se à sua volta como o silvo do grasnar de gansos selvagens a prepararem-se para voar para o Norte. No entanto, claro, era ela que tinha de voar — para norte, para sul, não interessava, desde que fugisse da cena da sua desonra.

A injustiça era que ela não era nenhuma leviana. Bem, não o era mais do que qualquer menina deslumbrada com um príncipe.

Tinha gostado de apanhar na sua armadilha o maior prêmio de todos, o príncipe louro e atraente. Mas nunca tivera verdadeira esperança de que ele casasse com ela. E não teria decerto dado a sua virgindade a um príncipe sem ter um anel no dedo e a aprovação do rei.

No entanto, considerara Augustus um amigo, o que ainda tornou mais doloroso o fato de ele não ter ido visitá-la na manhã seguinte à sua humilhação.

Augustus não foi o único. De fato, Linnet ficou olhando pela janela da frente da sua residência, para melhor se convencer de que ninguém ia visitá-la. Ninguém. Nem uma alma.

Desde que fora apresentada à sociedade, uns meses atrás, a sua porta principal tinha sido o portão do Tosão de Ouro, ou Seja, do seu ser delicioso e com um dote. Jovens cavalheiros pavoneavam-se e subiam, a passo rápido ou sem pressa, aquele caminho, deixando cartões e flores e presentes de toda a espécie. Até o príncipe se humilhara fazendo quatro visitas matutinas, um cumprimento inaudito.

Mas agora... aquele caminho não passava de uma fila de pedras a brilharem ao sol.

— Eu não posso acreditar que isto surgiu do nada! — disse então o pai, de trás dela.

— Eu fui beijada por um príncipe — disse Linnet friamente.

— O que podia não ter significado nada se não tivéssemos sido vistos pela baronesa Buggin.

— Beijada, pff! Os beijos não são nada. O que eu quero saber é porque andam a dizer com toda a segurança que você estás ciente. Um bebê dele! — O visconde Sundon aproximou-se, juntou-se a ela e olhou também para a rua vazia.

— Duas razões. Nenhuma delas envolve um bebê, deve ficar contente por saber.

— Então?

— Comi um camarão estragado na manhã musical de Lady Brimmer, na quinta-feira passada.

— E depois? perguntou o pai.

— Fez-me mal — respondeu Linnet. — Nem sequer consegui chegar à sala privada das senhoras. Vomitei em uma laranjeira que estava num vaso. — Só com a lembrança, estremeceu um pouco.

— Descontrolo teu — comentou o visconde. Detestava processos corporais. — Deduzo que isso foi considerado sinal de parto?

— De parto, não, pai, da condição que o antecede.

— Claro. Mas lembras-te de quando Mistress Underfoot cuspiu na sala do trono, por pouco não acertando em sua majestade o rei da Noruega? Isso não foi nenhum camarão, nem um bebê. Todas as pessoas sabiam que ela tinha bebido até cair. Podíamos fazer circular que você é alcoólica.

— E isso resolveria o meu problema? Duvido que muitos cavalheiros queiram casar com uma bêbada. De qualquer maneira, não foi só o camarão. Foi o meu vestido.

— Que tinha o teu vestido?

— Ontem à noite vesti um vestido de baile novo e, aparentemente, o modelo deu às pessoas razões para pensarem que eu estava grávida.

O pai fê-la girar e olhou para a sua cintura.

— A mim não me pareces diferente. Um pouco fresca nos ombros. Tens de mostrar tanto o peito?

— Se não quiser parecer uma matrona gorda — disse Linnet com certa aspereza —, então, sim, preciso mesmo de mostrar o peito desta maneira.

— Bem, esse é que é o problema — disse Lorde Sundon.

— Pareces mercadoria da feira de São Bartolomeu. Raios, eu disse especificamente à sua dama de companhia que tinhas de parecer mais puritana do que qualquer outra pessoa na sala. Tenho de ser eu fazendo tudo? Ninguém é capaz de seguir instruções simples?

— O meu vestido de baile não era muito decotado — protestou Linnet, mas o pai não estava a dar-lhe atenção.

— Eu tenho tentado, Deus sabe como tenho tentado! Adiei a sua apresentação à sociedade, com a esperança de que a maturidade te desse compostura aos olhos do indubitável escrutínio da alta sociedade, dada a reputação da sua mãe. Mas para que serve a compostura se o teu decote indica que é uma devassa?

Linnet respirou fundo.

— O caso nada tem que ver com decotes. O vestido que eu usei ontem à noite tem...

— Caso! — disse o pai, o tom de voz a subir. — Eu eduquei-te com os princípios mais rígidos...

— Não é caso no sentido de romance — interrompeu Linnet.

— Eu queria dizer que o desastre foi causado pelo meu vestido. Tem dois saíotes, sabe, e...

— Quero vê-lo — declarou Lorde Sumon, sendo a sua vez de interromper. — Vai vesti-lo.

— Não posso vestir um vestido de baile a esta hora da manhã!

— Já. E traz essa sua dama de companhia pra baixo também. Quero ouvir o que Mistress Hutchins tem a dizer em sua defesa. Contratei-a especificamente para impedir este tipo de coisas. Ela assumiu um ar puritano tão austero que eu confiei nela!

Linnet vestiu o seu vestido de baile.

Fora desenhado para ficar justo sobre os seios. Mesmo abaixo, as saias abriam-se para trás revelando uma encantadora renda belga. Depois, essa

saia abria-se, mostrando uma terceira camada, feita de seda branca. As linhas pareciam requintadas no caderno da loja de Madame Desmartins. E, quando Linnet o vestira na noite anterior, achara o efeito adorável.

Mas agora, enquanto a criada arranjava todas aquelas saias sob o olhar atento de Mrs. Hutchins, os olhos de Linnet dirigiram-se para a parte onde devia estar a cintura, mas não estava.

— Palavra de honra! — disse ela, num sussurro. — Realmente pareço mesmo grávida. — Virou-se para o lado. — Veja só como isto enfuna. E este pregueado todo, mesmo aqui em cima, sob os meus seios. Eu podia esconder dois bebês debaixo de todo este tecido.

A criada, Eliza, não se atreveu a dar opinião, mas a dama de companhia não mostrou tal reserva.

— Na minha opinião, não são tanto as saias, mas sim o peito — afirmou Mrs. Hutchins. A sua voz era levemente acusatória, como se Linnet fosse responsável pela linha entre os seus seios.

A dama de companhia tinha cara de gárgula, na ideia de Linnet. Fazia lembrar uma igreja medieval com o seu empedernido fervor religioso. Por isso é que o visconde a tinha contratado, claro.

Linnet virou as costas ao espelho. O vestido tinha realmente um decote fundo, o que, com franqueza, ela considerara uma coisa boa, tendo em conta que muitos jovens cavalheiros pareciam incapazes de arrastar os olhos acima do queixo dela. Isso os mantinha ocupados e permitia a Linnet sonhar que estava noutro lugar que não um salão de baile.

— A menina é excessivamente dotada — continuou Mrs. Hutchins. — Demasiado cheia em cima. Juntando isso à maneira como o vestido enfuna, parece que está à espera de um feliz acontecimento.

— Não teria sido feliz — comentou Linnet.

— Nas suas circunstâncias, não. — Mrs. Hutchins aclarou a voz. Ela tinha o modo mais irritante de aclarar a voz que Linnet alguma vez ouvira. Significava, aprendera Linnet nos últimos meses, que se preparava para dizer algo desagradável.

— Porque diabo é que não vimos? — exclamou Linnet, cheia de frustração, interrompendo-a antes de ela poder lançar a sua crítica. — É tão injusto perder a minha reputação e, talvez até, a minha hipótese de casamento só porque o meu vestido tem demasiadas pregas e saias.

— As suas maneiras é que são repreensíveis — disse Mrs. Hutchins. — Devia ter aprendido com o exemplo da sua mãe que, se fizer espalhafato, as pessoas irão tomá-la por uma mulher de má nota. Tentei dar-lhe orientações

sobre decoro o melhor que pude ao longo dos últimos meses, mas não me ligou nenhuma. Agora colhe o que semeou.

— As minhas maneiras nada têm que ver com este vestido e com o efeito que tem na minha figura — declarou Linnet.

Raramente se dava ao trabalho de se examinar de perto ao espelho. Se tivesse olhado com cuidado, se tivesse virado de lado...

— E o decote — disse Mrs. Hutchins obstinadamente.

— A menina parece uma vaca leiteira, se me perdoa a comparação.

Linnet não se deu ao trabalho de perdoar, por isso ignorou-a. As pessoas deviam avisar do perigo. Uma senhora devia olhar-se sempre de lado ao vestir-se, se não podia vir a descobrir que Londres inteira acreditava que ela estava à espera de um bebê.

— Eu sei que não está grávida — continuou Mrs. Hutchins, parecendo relutante em admiti-lo. — Mas nunca acreditaria nisso, olhando para você agora. — Voltou a aclarar a voz.

— Se aceita um conselho, eu taparia esse seu peito um pouco mais. Não é decente. Eu bem tentei dizer-lhe várias vezes nos últimos dois meses e vinte e três dias que vivi nesta casa.

Linnet contou até cinco e disse friamente:

— E o único peito que tenho, Mistress Hutchins e os vestidos são todos assim. Não há nada de especial com o meu decote.

— Fará parecer uma fragata ligeira — observou ela.

— Como?

— Uma fragata ligeira. Uma mulher ligeira!

— A fragata não é um barco?

— Exatamente, do tipo que atraca a muitos portos.

— Creio que é o primeiro gracejo que alguma vez me disse — afirmou Linnet. — E pensar que eu estava preocupada por a senhora poder não ter senso de humor.

Depois disto, os cantos da boca de Mrs. Hutchins descaíram e ela recusou-se a dizer qualquer outra coisa. E recusou-se a acompanhar Linnet à sala de estar.

— Não tenho nada que ver com o que lhe aconteceu — disse.

— E a vontade dos céus e pode dizer ao seu pai que fui eu que o disse. Fiz os possíveis por lhe inculcar alguns princípios, mas foi tarde demais.

— Isso é bastante injusto — disse Linnet. — Mesmo uma fragata ligeira

devia ter a oportunidade de atracar a um porto antes de ser afundada.

Mrs. Hutchins resfolegou.

— Atreve-se a gracejar. Não tem nenhuma ideia de decoro, nenhuma! Acho que todos sabemos onde reside a culpa disso.

— Na verdade, acho que tenho mais compreensão do que é decoro e o seu oposto do que a maioria. Afinal, Mistress Hutchins, fui eu, e não a senhora, que cresci perto da minha mãe.

— E está aí a raiz do seu problema — disse ela, com um sorriso mórbido. — Não é como se sua senhoria fosse a filha de uma fabricante de chapéus que fugiu com um latoeiro. Ninguém se interessa por essa gente. A sua mãe dançava como um ladrão no nevoeiro enquanto todos a observavam. Não era uma prostituta privada; permitiu que o mundo visse a sua iniquidade!

— Um ladrão no nevoeiro — repetiu Linnet. — Isso é da Bíblia, Mistress Hutchins? Mas Mrs. Hutchins apertou os lábios e saiu da sala.

Custeio Owfestry Pendine, País de Gales

Residência ancestral dos duques de Windebank

Piers Yelverton, conde de Marchant e herdeiro do duque de Windebank, encontrava-se num grande sofrimento. Aprendera, havia muito, que pensar no mal-estar — uma palavra danada, idiota, para este tipo de agonia — era dar-lhe um poder que ele não queria reconhecer. Por isso, fingiu não reparar e apoiou-se com mais força na bengala, aliviando a pressão da perna direita.

O sofrimento tornava-o irritável. Mas talvez não fosse o sofrimento. Talvez fosse o fato de ter de estar ali a gastar o seu tempo com um tremendo idiota.

— O meu filho sofre de diarreia aguda e dor abdominal — disse Lorde Sandys, puxando-o mais para a cama.

O filho de Sandys estava deitado na cama com um aspecto macilento e amarelo, como linho manchado de chá. Parecia andar na casa dos trinta, com um rosto comprido e um ar insuportavelmente devoto. Embora isso pudesse dever-se ao livro de orações que segurava nas mãos.

— Estamos desesperados — disse Sandys, parecendo na realidade absolutamente desesperado. — Já fiz desfilar cinco médicos de Londres pela cama dele e trazê-lo aqui para Gales é o nosso último recurso. Até agora já foi sangrado, tratado com sanguessugas e foi-lhe administrado extrato de urtigas. Não bebe nada além de leite de burra, nunca leite de vaca. Ah, e demos-lhe várias doses de enxofre, mas sem qualquer resultado.

Aquilo era moderadamente interessante.

— Um desses loucos que consultou deve ter sido o Sydenham — deduziu Piers. — Anda obcecado com antimônio arauto de enxofre. Receita-o para dedos dos pés magoados. Juntamente com ópio, claro.

Sandys confirmou com a cabeça.

— O doutor Sydenham tinha esperança de que o enxofre aliviasse os sintomas do meu filho, mas não ajudou.

— Nem podia. O homem era suficientemente louco para ser admitido no Colégio Real de Médicos e isso devia ter-lhe dito qualquer coisa.

— Mas o senhor...

— Eu associei-me a eles puramente por gentileza.

Olhou com atenção para o filho de Sandys. Parecia, realmente, estar mesmo mal.

— Provavelmente, não se sentiu melhor por se ter arrastado até Gales para me consultar.

O homem olhou para ele a pestanejar. Depois disse, lentamente:

— Nós viemos de carruagem.

— Olhos inflamados — disse Piers. — Sinais de uma hemorragia nasal recente.

— Que é que conclui disso? De que precisa ele? — perguntou Sandys.

— Melhores lavagens. Ele tem sempre esta cor?

— A pele dele é sempre um pouco amarela — reconheceu Sandys. — Não sai à família do meu lado. — Era um eufemismo, dado que o nariz de Sandys tinha a cor de uma cereja.

— O senhor comeu lampreia em excesso? — perguntou Piers ao paciente.

O homem ergueu os olhos para ele como se lhe tivessem nascido cornos.

— Lampaja? Que é lampaja? Não comi nada disso. Piers endireitou-se.

— Ele não sabe a história de Inglaterra. Vai estar melhor morto.

— Perguntou se ele tinha comido lampreia — disse Sandys. — Ele odeia peixe. Não suporta lampreia.

— Mais ainda, é surdo como uma porta. O primeiro rei Henrique comeu lampreia, um dos muitos reis loucos que temos tido neste país, embora não tão demente como o atual. Além disso, Henrique era suficientemente obtuso para comer lampreia em demasia e morreu disso.

— Eu não sou surdo! — disse o paciente. — Ouço tão bem como qualquer, se as pessoas pararem de falarem comigo com murmúrios. As minhas articulações doem-me. Aí é que está o problema.

— O senhor morrendo, esse é que é o problema — comentou Piers.

Sandys agarrou-o pelo braço e afastou-o dali.

— Não diga uma coisa dessas em frente do meu filho. Ele tem só trinta e dois anos.

— Tem o corpo de um velho de oitenta anos. Ele passou muito tempo com atrizes? Sandys resfolegou.

— Claro que não! A nossa família já vem de...

— Vadias da noite? Mulheres de maus costumes? Prostitutas, perdidas ou chaputas? Embora chaputas traga o peixe de novo para esta conversa e o senhor já me disse que o homem não suporta peixe. Mas quanto a peixe da variedade feminina?

— O meu filho é membro da Igreja! — vociferou Sandys.

— Isso explica tudo — disse Piers. — Toda a gente mente, mas os eclesiásticos são artistas nisso. Ele tem sífilis. Os eclesiásticos estão crivados disso e quanto mais devotos são tanto mais sintomas têm. Devia ter percebido no momento em que vi o livro de orações.

— O meu filho, não — disse Sandys como se acreditasse realmente nisso. — E um homem de Deus. Sempre o foi.

— Como eu estava a dizer...

— A sério.

— Humm. Bem, se não é uma boneca...

— Ninguém — disse Sandys, abanando a cabeça. — Ele nunca... ele não está interessado. E como um santo, aquele rapaz. Quando tinha dezesseis anos, levei-o à Rosa de Vênus, em Whitefriars, mas ele não mostrou o mais leve interesse por qualquer das raparigas. Limitou-se a começar a rezar e eu pedi-lhes que o acompanhassem, o que elas não quiseram. E um candidato à santidade.

— A santidade dele vai ser assunto para uma autoridade superior. Não há nada que eu possa fazer.

Sandys agarrou-lhe o braço.

— Tem de fazer!

— Não posso.

— Mas os outros médicos, todos eles, deram-lhe medicamentos, disseram...

— Foram uns idiotas que não lhe disseram a verdade.

Sandys engoliu em seco.

— Ele esteve sempre bem até aos vinte anos. Um belo rapaz, saudável, e depois...

— Leve o seu filho para casa e deixe-o morrer em paz. Porque ele vai morrer, quer eu lhe dê ou não uma solução de enxofre.

— Porquê? — sussurrou Sandys.

— Tem sífilis. Está surdo, tem diarreia, icterícia, tem inflamação nos olhos e nas articulações e hemorragias nasais. Provavelmente, tem dores de cabeça.

— Ele nunca esteve com uma mulher. Nunca. Juro. Não tem feridas nas partes pudendas, se não teria falado nisso.

— Não teria de ser com uma mulher — disse Piers, puxando o casaco da

mão de Sandys e Sacudindo a manga para a endireitar.

— Como pode ter sífilis sem...

— Pode ter sido um homem.

Sandys ficou com um ar tão chocado que Piers se compadeceu.

— Ou podia ter sido o senhor, o que é bem mais provável. As senhoras róseas que visitou em jovem infectaram o rapaz mesmo antes de ele nascer.

— Fui tratado com mercúrio — objetou Sandys.

— Em vão. Ainda tem a doença. Agora, se me dá licença, tenho coisas importantes fazendo. Como tratar um paciente que talvez viva mais um ano.

Piers saiu, encontrando o seu mordomo, Prufrock, no hall.

— Gostava de saber como é que consegues fazer alguma coisa — disse-lhe. — Deve ser difícil gerir uma casa quando tens de orientar todos os assuntos nos corredores, de modo a ouvires todas as preciosas palavras que me saem dos lábios.

— Não acho que isso seja problema — disse Prufrock, aparecendo ao lado dele. — Por outro lado, tenho muita prática. Não acha que foi um pouco duro com Lorde Sandys?

— Duro? Fui duro? Certamente que não. Disse-lhe exatamente qual era o problema do filho e o que fazer a seguir, em resumo, ir para casa e esperar por coros de anjos, porque não há milagres deste lado de aqui.

— É o filho dele que está a morrer. E, se percebi bem, foi ele que passou a doença ao pobre rapaz. É um choque, quer dizer.

— O meu pai não teria se importado nada — assegurou-lhe Piers. — Se tivesse outro herdeiro, claro. Mas o Sandys tem um grande lote de filhos. Um herdeiro e mais uns suplentes.

— Como sabe?

— A igreja, palerma. Ele meteu este rapaz na igreja e parece também tê-lo treinado desde muito novo para estar à altura disso. O herdeiro deve andar por aí em bordéis tal como o velho pai. O Sandys nunca teria permitido a um suplente aproximar-se de uma Bíblia se ele fosse, de fato, o herdeiro. Este é fácil de substituir, o que é uma coisa ótima, dadas as circunstâncias.

— O duque, seu pai, ficaria extremamente perturbado só com a ideia de ter passado uma doença desta natureza — disse Prufrock.

— Talvez — admitiu Piers, fingindo pensar no assunto.

— E talvez não. Estou espantado por o meu pai não ter casado com uma

fresca criatura de vinte anos. Ou de dezesseis. O tempo passa e, a este ritmo, nunca terá outro herdeiro.

— Sua Graça era muito dedicado à senhora duquesa e ficou magoado com os terríveis acontecimentos do passado — disse Prufrock com uma palpável falta de respeito pela verdade.

Piers não se deu ao trabalho de responder. Doía-lhe a perna como se alguém lhe tivesse espetado um ferro em brasa na coxa.

— Preciso de uma bebida, por isso, porque não corres à minha frente como um bom mordomo e não vais ter comigo à porta da biblioteca com um brande forte?

— Vou andando ao seu lado para o caso de o senhor cair— disse Prufrock.

— Acho que tens visões de amparar a minha queda — disse Piers, lançando um olhar de través ao seu mordomo magricela.

— Na realidade, não tenho. Mas podia chamar um laçao que fosse capaz de o arrastar pelo corredor. E de mármore, portanto, podia sofrer um traumatismo craniano e isso poderia torná-lo um pouco mais gentil para com os seus pacientes, já para não dizer para com o seu pessoal. Esta manhã voltou a levar a Betsy às lágrimas. Parece que pensa que as criadas crescem nas árvores.

Graças a Deus, estavam a aproximar-se da biblioteca. Piers parou por um momento, a ideia da amputação a perpassar-lhe a mente e não pela primeira vez. Podia arranjar uma daquelas liteiras egípcias em que a Cleópatra se fazia transportar. Andar seria muito mais difícil, mas, pelo menos, ficaria livre do seu sofrimento infernal.

— O seu pai escreveu — disse-lhe Prufrock. — Tomei a liberdade de pôr a carta em cima da sua secretária.

— Tomaste a liberdade de a abrir ao vapor, mais provavelmente — disse Piers. — Que diz ele?

— Exprime algum interesse pelo futuro matrimonial do filho — disse Prufrock alegremente. — Parece que a última missiva que o senhor lhe mandou, aquela que listava todas as suas exigências para uma esposa, não o dissuadiu. Muito surpreendente, devo dizer.

— Aquela em que lhe chamava idiota? — perguntou Piers.

— Também leste essa, doninha pestilenta?

— Hoje está muito poético — observou Prufrock. — Toda aquela aliteração ao serviço de perdas e prostitutas e agora para o seu humilde mordomo. Sinto-me honrado, garanto-lhe.

— Sobre o que escreve o duque agora? — perguntou Piers. Já via a porta da biblioteca. Quase sentia o brande descer-lhe pela garganta. — Eu disse-lhe que não aceitaria uma esposa a não ser que fosse tão bela como o Sol e a Lua. O que é uma citação da literatura, caso não saibas. E acrescentei mais uma porção de outras condições, algumas garantidas para o pôr a espumar, num acesso de desespero.

— Ele anda à procura de mulher — disse Prufrock.

— Para ele, espero. Apesar de ter esperado muito tempo — comentou Piers, sem mostrar qualquer interesse nas notícias.

— Os homens da idade dele não têm os tomates que tiveram em tempos, se me perdoas a rude verdade, Prufrock. Deus sabe que você tens mais sensibilidades delicadas do que eu.

— Tinha, antes de começar a trabalhar para você — disse Prufrock, abrindo a porta da biblioteca com um floreado.

Piers tinha em mente uma coisa. Era dourada, sabia a fogo e podia fazer desaparecer dor na perna.

— Então anda à procura de mulher — repetiu, sem dar atenção às palavras, mas dirigindo-se de imediato ao decantador de brande. Serviu-se de uma dose considerável. — Foi um dia horrível. Não que isso me interesse, ou a ti, já agora, mas não há nada que eu possa fazer por aquela jovem que apareceu à porta das traseiras esta manhã.

— A que tem a barriga toda inchada?

— Não é o inchaço habitual e, se eu a operar, mato-a. Se não a operar, a doença mata-a. Portanto, tomei a mais fácil de duas decisões. — Bebeu o brande de um trago.

— Mandou-a embora?

— Ela não tinha para onde ir. Confiei-a à enfermeira Matilda, com instruções para a pôr a dormir na ala oeste com ópio suficiente para lhe manter o espírito longe do que vai acontecer a seguir. Graças a Deus, este castelo é suficientemente grande para albergar metade das pessoas moribundas de Inglaterra.

— O seu pai — disse Prufrock — e a questão do casamento.

Estava a tentar distraí-lo. Piers serviu-se de outro copo, mais pequeno desta vez. Não tinha qualquer desejo de enfiar a cabeça numa garrafa de brande e nunca mais sair, nem que fosse porque tinha aprendido com os pacientes que o excesso implicava que o brande deixaria de adormecer a dor.

— Ah, o casamento — disse ele, obediente. — E mais que tempo. A minha mãe anda desaparecida há vinte anos. Bem, desaparecida não é a

palavra certa, pois não? De qualquer modo, a querida mãe está no Continente na boa vida, por isso, Sua Graça bem podia voltar a casar. Não foi fácil conseguir aquele divórcio, como sabes. Provavelmente, custou-lhe tanto como uma pequena propriedade. Ele devia aproveitar enquanto é tempo, ou, em resumo, enquanto ainda é capaz de ter uma ereção dia sim dia não.

— O seu pai não vai casar — disse Prufrock. Algo no tom da sua voz fez Piers levantar os olhos.

— Não estavas a brincar.

O mordomo acenou com a cabeça.

— Tenho a impressão de que Sua Graça o vê, a você, ou o seu casamento, como um desafio. Provavelmente, não devia ter listado tantos requisitos. Pode dizer-se que isso incendiou a determinação do duque. Levou-o a interessar-se no projeto, por assim dizer.

— Não me diga. Nunca vai conseguir encontrar alguém. Eu tenho a minha reputação, como sabes.

— O seu título tem mais peso do que a sua reputação — disse Prufrock. — Além disso, há a pequena questão dos bens do seu pai.

— Se calhar tens razão, raios te partam. — Piers concluiu que era capaz de beber mais um copo pequeno. — E a minha lesão, hã? Achas que uma mulher concordaria em casar com um homem... que estou eu para aqui a dizer? Claro que uma mulher concordava com isso.

— Duvido que muitas jovens vissem isso como um problema insuperável — disse Prufrock. — Já a sua personalidade...

— Raios te partam — disse Piers, mas sem raiva.

No momento em que Linnet regressou à sala de estar, o pai lamentou-se bem alto:

— No mês passado, recusei três propostas de casamento que te fizeram e posso dizer-te neste instante que nunca mais hei de receber outra. Diabos, eu também não acreditaria que és uma donzela. Parece que já estás de quatro ou cinco meses.

Linnet sentou-se pesadamente, as saias a pairarem como uma nuvem branca e depois a assentarem em volta dela.

— Não estou — disse ela. — Não estou grávida. — Começava a sentir-se quase como se estivesse realmente à espera de um bebê.

— As senhoras não dizem essa palavra — disse Lorde Sundon. — Não aprendeste nada com essa sua governanta? — Brandiu no ar o monóculo para melhor ilustrar a sua observação.

— Uma pessoa pode falar numa situação delicada, ou talvez que está grávida. Nunca gravidez, uma palavra desagradável com conotações desagradáveis. O prazer, a felicidade de sermos da nossa classe é que podemos ignorar os grosseiros, os fecundos, os...

Linnet deixou de lhe dar atenção. O pai era uma visão em azul pálido, o colete apertado com botões de prata com papoilas de mármore incrustadas, o seu colarinho prussiano um milagre de elegância. Ele é que era muito bom a ignorar tudo o que era grosseiro, mas ela nunca tinha sido tão bem sucedida.

Nesse momento, ouviu-se uma pancada longa na porta. Contra a sua vontade, Linnet ergueu os olhos, cheia de esperança, quando o mordomo entrou para anunciar a visita. Decerto, o príncipe Augustus tinha reconsiderado. Como podia ele estar sentado no seu castelo, sabendo que ela estava a ser rejeitada pela alta sociedade? Devia ter ouvido falar nos acontecimentos desastrosos do baile, na maneira como ninguém falara com ela depois de ele ter partido.

Evidentemente, o príncipe retirara-se enquanto a notícia ainda estava a espalhar-se pelo salão de baile. Tinha saído pela porta com os seus compinchas, sem se voltar para trás para olhar para ela... e depois disso todos os rostos que estavam naquele salão de baile se desviaram dela. Aparentemente, estavam apenas à espera para ver a reação dele quando lhe disseram que ela estava grávida.

No entanto, ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabia que aquilo era uma aldrabice. Pelo menos, sabia que o bebê não era dele. Talvez fosse por

isso que ele a abandonara tão abruptamente. Talvez, também ele, acreditasse nas histórias e pensasse que ela tinha sido engravidada por outro homem.

O desprezo, diretamente de todo um salão de baile. Tinha de ser a primeira vez que tal acontecia.

O visitante não era o príncipe Augustus, mas a tia de Linnet, Lady Etheridge, Zenobia para os íntimos. Tinha escolhido esse nome para você própria, percebendo, em criança, que Hortense não se adequava à sua personalidade.

— Eu sabia que isto ia dar para o torto — declarou ela, parando mesmo à entrada da porta e deixando cair as luvas ao chão em vez de as entregar ao laço que estava mesmo à sua direita.

Zenobia apreciava um bom drama e, quando ébria, tinha tendência a informar uma mesa de jantar inteira de que podia ter representado Lady Macbeth melhor do que Sarah Siddons^[2].

— Fartei-me de te dizer, Cornelius, que essa menina é bonita demais para estar em segurança. E tinha razão. Cá está ela, grávida, e Londres inteira sabe da notícia exceto eu.

— Eu não estou... — disse Linnet.

Mas a voz dela foi abafada pelo pai, que preferiu evitar a questão em causa e passar ao ataque.

— A minha filha não tem culpa de sair à mãe.

— A minha irmã era pura como a neve — berrou-lhe Zenobia.

A batalha estava agora a ser adequadamente travada e não havia maneira de a parar.

— A minha mulher pode ter sido pura como a neve, e Deus sabe que eu sou a pessoa que pode confirmá-lo, mas era, seguramente, quente bastante quando queria. Todos sabemos como a Donzela de Gelo podia aquecer, particularmente quando estava perto da realeza, agora que penso nisso.

— A Rosalyn merecia um rei — berrou Zenobia. Entrou no quarto e pôs-se como se estivesse prestes a lançar uma seta. Linnet reconheceu a postura: era precisamente o que Mrs. Siddons fizera na semana anterior no palco de Covent Garden, quando a sua Desdémoma repudiou as cruéis acusações de infidelidade de Otelo.

No entanto, o pobre pai dificilmente seria um guerreiro como Otelo. O fato era que a sua querida mãe lhe tinha sido desafortadamente infiel e ele sabia-o. E a tia Zenobia também, embora preferisse fazer de ignorante.

— Na verdade, não vejo que a questão seja relevante — interrompeu

Linnet. — A mãe morreu há alguns anos e a sua predileção pela realza não interessa nada para o caso.

Atia lançou lhe um olhar desfalecido.

— Eu defenderei sempre a sua mãe, embora ela jaza no túmulo frio.

Linnet enfiou-se no seu canto. Era verdade, a mãe jazia no túmulo. E, francamente, achava que sentia mais a falta da mãe do que Zenobia, tendo em conta que as irmãs brigavam de cada vez que se encontravam. A maior parte das vezes por causa de homens, tinha de admitir. Embora isso falasse a seu favor, a tia não era leviana como a mãe tinha sido.

— E a beleza — dizia o pai. — Subiu à cabeça da Linnet, tal como aconteceu com a Rosalyn. A minha mulher pensava que a beleza lhe dava licença para fazer tudo o que lhe apetecia...

— A Rosalyn nunca fez nada de mal! — interrompeu Zenobia.

— Ela manteve-se na margem da respeitabilidade anos a fio — continuou o pai, levantando a voz. — E agora a filha seguiu as passadas e Linnet está arruinada. Arruinada!

A tia de Linnet abriu a boca e depois fechou-a bruscamente. Houve uma pausa.

— A Rosalyn não é para aqui chamada — disse ela finalmente, afagando o cabelo. — Agora temos de nos concentrar na Linnet. Levanta-te, querida.

Linnet levantou-se.

— Cinco meses, diria eu — declarou Zenobia. — Como diabo é que conseguiste esconder isso de mim, não sei. Bem, eu fiquei chocada como toda a gente, ontem à noite. A condessa de Derby foi muito desagradável comigo, pensando que eu tinha andado a escondê-lo. Tive de admitir que não sabia nada e não tenho a certeza absoluta de ela ter acreditado em mim.

— Eu não estou à espera de bebê — disse Linnet, pronunciando as palavras lentamente.

— Ela disse a mesma coisa ontem à noite — confirmou o pai. — E hoje pela manhã também não parecia estar. — Mas ele olhou para a cintura dela. — Agora parece.

Linnet calcou para baixo o tecido que enfunava mesmo abaixo do seu peito.

— Veem, eu não estou grávida. Aqui só há tecido.

— Minha querida, mais cedo ou mais tarde terás de nos dizer — disse Zenobia, puxando de um espelhinho e olhando-se nele. — Isso não vai desaparecer. A este ritmo, vais ficar maior do que uma casa numa questão de

meses. Eu retirei-me para o campo assim que a minha cintura se dilatou um bocadinho.

— Que vamos fazer com ela? — gemeu o pai, deixando-se cair numa cadeira tão de repente como uma marionete com os fios cortados.

— Não há nada que possas fazer — disse Zenobia, empoando o nariz. — Ninguém quer um cuco no ninho. Terás de a mandar para o estrangeiro e ver se ela consegue apanhar alguém por lá, depois de todo este dissabor, claro. O melhor é duplicares o dote dela. Felizmente, ela é herdeira de uma grande fortuna. Alguém vai aceitá-la.

Pousou a borla de pó de arroz e brandiu o dedo a Linnet.

— A sua mãe ficaria muito desiludida, minha querida. Ela não te ensinou nada?

— Suponho que queres dizer que a Rosalyn devia tê-la treinado nas artes de ser tão debochada como ela — retorquiu o pai. Mas ele continuava abatido, na sua cadeira, e tinha perdido todo o ardor.

— Eu não dormi com o príncipe — disse Linnet, numa voz tão clara e alta quanto conseguia. — Podia tê-lo feito, obviamente. E, se tivesse, talvez ele se sentisse obrigado a casar comigo agora. Mas eu preferi não o fazer.

O pai gemeu e pousou a cabeça nas costas da cadeira.

— Eu não ouvi isso — disse Zenobia, estreitando os olhos.

— Pelo menos, a realeza é uma desculpa. Se esta criança é resultado de nada menos do que sangue ducal, não quero ouvir nem uma palavra sobre o assunto.

— Eu não... — tentou Linnet.

A tia interrompeu-a com um gesto ríspido.

— Acabei de perceber, Cornelius, que isto pode ser a sua salvação. — Virou-se para Linnet. — Diz-nos quem é o pai dessa criança e o teu pai exigirá o casamento. Ninguém abaixo de príncipe ousaria recusá-lo.

Sem parar para respirar, virou-se para o cunhado.

— Podes ter de travar um duelo, Cornelius, Calculo que tenhas pistolas nesta casa, não? Não ameaçaste travar um duelo com Lorde Billetsford há uns anos?

— Depois de o ter encontrado na cama com a Rosalyn — disse o pai de Linnet. Nem sequer pareceu pesaroso, apenas pragmático. — Cama nova; só a tínhamos havia uma semana.

— A minha irmã tinha muitas paixões — disse Zenobia, com ternura.

— Pensava que tinhas dito que era pura como a neve! — respondeu o

visconde com aspereza.

— Nenhum deles lhe tocou na alma! Morreu em estado de graça.

Ninguém estava inclinado a discutir isso, portanto, Zenobia continuou.

— De qualquer modo, é melhor ires buscar essas pistolas, Cornelius, e ver se elas ainda funcionam. Podes ter de ameaçar matar o homem. Embora a experiência me diga que, se dobrares o dote, tudo se resolverá rapidamente.

— Não há homem nenhum para matar — disse Linnet.

Zenobia resfolegou.

— Não me digas que vais tentar dar à luz virgem, minha querida. Imagino que isso não funcionou muito bem lá em Jerusalém. Cada vez que o padre fala sobre isso no Natal, não com você deixar de pensar que a pobre menina deve ter tido muita dificuldade a tentar que as pessoas acreditassem nela.

— Não percebo porque estás a trazer a Sagrada Escritura para esta conversa — disse o pai de Linnet. — Estamos a falar de príncipes, não de deuses.

Linnet lamentou-se:

— É o vestido que me faz parecer roliça.

Zenobia afundou-se num cadeirão.

— Estás a querer dizer-me que não estás à espera de bebê?

— Tenho estado sempre a dizer isso. Não dormi com o príncipe nem com mais ninguém.

Houve uma pausa pesadosa enquanto a verdade era, finalmente, percebida.

— Deus Todo-Poderoso, você estás arruinada e nem sequer tiveste o proveito — disse a tia por fim. — E mais, mostrar a cintura na sua melhor forma não serviria de nada nesta altura. As pessoas suporiam simplesmente que você tinha, digamos, resolvido o assunto.

— Depois de o príncipe ter recusado casar com ela — disse o visconde pesadamente —, eu próprio pensaria isso, dadas as circunstâncias.

— E injusto — disse Linnet veementemente. — Com a... hã... reputação da mãe, as pessoas esperavam naturalmente que eu fosse muito namoradeira...

— Isso é uma meia verdade — disse o pai. — Pensavam que serias uma mulher promíscua e agora sabem que és. Só que não és.

— É a beleza — disse a tia, envaidecendo-se um pouco.

— As mulheres da minha família são simplesmente amaldiçoadas pela beleza. Vejam a pobre Rosalyn, que morreu tão cedo.

— Não vejo que isso te tenha amaldiçoado a ti — disse o visconde, com bastante rudeza.

— Ah, mas amaldiçoou — disse Zenobia. — Amaldiçoou, amaldiçoou sim. Ensinou-me o que podia ter acontecido se eu não tivesse as correntes da linhagem a segurar-me. Eu podia ter embelezado os palcos do mundo, como sabem. A Rosalyn também. Penso que é por isso que ela era tão...

— Quê? — disse o visconde, com curiosidade.

— Irresistível — disse Zenobia.

O pai de Linnet resfolegou.

— Impura, melhor dizendo.

— Ela sabia que podia ter casado com o melhor homem da Terra — disse Zenobia com ar sonhador. — E, sabes, o mesmo sonho apanhou a nossa querida Linnet na sua espiral, e agora ela está arruinada.

— A Rosalyn não podia ter casado com o melhor homem da Terra — disse o visconde. — Há uma razão para as leis dos casamentos reais, sabes. — Apontou um dedo a Linnet. — Nem sequer pensaste nisso antes de criares um escândalo destes com o jovem Augustus? Por amor de Deus, toda a gente sabe que ele casou com uma mulher alemã há alguns anos. Em Roma, acho eu. O próprio rei teve de interferir e anular o casamento.

— Só ontem é que soube — disse Linnet. — Quando o Augustus me disse.

— Ninguém diz uma coisa dessas às raparigas — disse a tia com desdém. — Se estavas assim tão preocupado com ela, Cornelius, porque não correste a essas festas para a vigiares você mesmo?

— Porque estava ocupado! E arranjei uma mulher para a acompanhar, uma vez que você eras preguiçosa demais para o fazeres. Mistress Hutchins. Perfeitamente respeitável em todos os aspetos e parecendo também entender o problema. Onde está essa mulher? Ela garantiu-me que manteria o teu nome puro como a neve.

— Recusou-se a descer.

— Com medo de enfrentar as consequências — murmurou ele. — E onde está a sua governanta? Essa é outra. Fartei-me de lhe dizer que tinhas de ser duplamente casta para compensar a reputação da sua mãe.

— Mistress Flaccide sentiu-se ofendida ontem à noite, quando o pai disse que ela era pérfida e a acusou de fazer de mim uma concubina.

—Tinha bebido uma ou duas gotas — disse o pai, parecendo absolutamente impenitente. — Afoguei os meus desgostos depois de me dizerem na cara, na cara, que a minha filha única tinha sido devassa.

— Ela foi-se embora cerca de uma hora mais tarde — continuou Linnet. — E eu duvido que volte porque o Tinkle diz que ela levou uma grande porção de prata.

— A prata é irrelevante — disse Zenobia. — Mas nunca devias irritar os melhores criados, porque eles sabem, invariavelmente, onde estão guardadas todas as coisas valiosas. Muito mais importante, suponho que a sua governanta sabia tudo sobre quaisquer billets-doux que esse rebento real possa ter-te enviado?

— Ele não me escreveu cartas de amor nenhuma, se é isso que quer dizer. Mas uma vez, manhã cedo, atirou morangos à janela do meu quarto. Ela e Mistress Hutchins disseram ao mesmo tempo que ninguém podia saber.

— E agora a Flaccide anda por aí a contar ao mundo — declarou a tia. — Realmente você é um idiota, Cornelius. Devias ter-lhe pago logo quinhentas libras e tê-la mandado para Suffolk. Agora a Flaccide anda por aí a transformar um morango num morangal inteiro. Vai dizer que a Linnet está à espera de gêmeos.

Linnet pensou que, provavelmente, a governanta aproveitaria a oportunidade de braços abertos. Nunca tinham gostado uma da outra. Na verdade, as mulheres raramente gostavam dela. A partir do momento em que fora apresentada à sociedade, quatro meses atrás, as outras raparigas tinham-se juntado em grupos, escondendo, os risinhos com as mãos. Mas nunca nenhuma partilhou uma graça com Linnet.

Zenobia estendeu a mão e tocou a campainha.

— Não percebo porque não me ofereceste chá, Cornelius. A vida da Linnet pode ter tomado novo rumo, mas nós continuamos a ter de comer.

— Eu estou arruinado e você queres chá? — lamentou-se o pai.

Tinkle abriu a porta tão depressa que Linnet percebeu que tinha estado escondido a ouvir, não que ficasse admirada.

— Vamos tomar chá e comer qualquer coisa a acompanhar — disse-lhe Zenobia. — E melhor trazes também qualquer coisa que emagreça.

O mordomo franziu a sobrancelha.

— Pepinos, vinagre, qualquer coisa desse gênero — disse ela, impaciente. Quando ele fechou a porta. Ela indicou com a mão o peito de Linnet. — Temos de fazer qualquer coisa em relação a isso. Ninguém te

descreveria como roliça, minha querida, mas também não és exatamente um esqueleto, pois não?

Linnet voltou a contar até cinco.

— A minha figura é exatamente como a da minha mãe. E como a sua.

— Tentação de Satanás — disse o pai, taciturno. — Não é decente estar tão descoberta.

— Não tive essa sorte — disse Linnet. — Arranjei um príncipe, mas o rei das trevas nunca apareceu.

— O Augustus nem sequer podia ser um diabo menor — disse a tia, refletindo. — Não me espanta que ele não tenha conseguido seduzir-te, agora que penso nisso. É um bocado simplório.

— Não deviam existir modas que façam uma jovem parecer uma matrona com um bebê a caminho — declarou Lorde Sundon.

— Se existem, eu não quero nada disso. Quer dizer, não quereria nada disso se fosse do gênero de usar vestidos. Quer dizer, se fosse mulher.

— Você estás a ficar mais idiota a cada ano que passa — observou Zenobia. — Porque é que a minha irmã concordou em casar contigo é que eu nunca saberei.

— A mãe amava o pai — disse Linnet com toda a firmeza de que foi capaz. Agarrara-se a esse fato anos antes, na manhã que se seguiu a uma noite confusa, quando ela encontrou a mãe com outro cavalheiro num cenário íntimo, envolvida numa atividade muito íntima.

— Eu amo o teu pai — dissera-lhe a mãe nessa altura.

— Mas, querida, o amor não é suficiente para uma mulher como eu. Eu tenho de ter adoração, versos, poesia, flores, joias... já para não falar no fato de François ter a constituição de um anjo e os dotes de um cavalo.

Linnet pestanejara e a mãe dissera:

— Não faz mal, querida, eu explico-te mais tarde, quando fores um pouco mais velha.

Nunca teve tempo para isso, mas Linnet conseguira reunir informação suficiente para interpretar o que tinha chamado a atenção da mãe relativamente a François.

Agora, os olhos do pai fitaram-na, brilhando.

— A Rosalyn amava-me do mesmo modo que o Augustus te ama a ti. Em resumo: não o suficiente.

— Por amor de Deus — exclamou Zenobia. — Isto chega para me mandar para o pântano do desânimo! Deixem a pobre Rosalyn descansar no

túmulo, está bem? Fazes-me lamentar o dia em que ela aceitou a sua mão.

— Isto fez-me vir tudo à memória — disse o visconde, devagar.

— A Linnet sai à mãe; qualquer pessoa vê.

— Isso é muito injusto — objetou Linnet, franzindo a sobancelha. — Tenho sido um modelo de castidade esta temporada. De fato, ao longo de toda a minha vida!

Ele franziu a sobancelha.

— É que há qualquer coisa contigo...

— Tens um ar inconveniente — disse a tia, não de forma desagradável. — Deus ajude a Rosalyn, mas tudo isto é culpa dela. Foi ela quem te transmitiu. Essa covinha, e qualquer coisa nos teus olhos e na sua boca. Pareces uma debochada.

— Uma debochada teria divertido muito mais do que eu nesta temporada — objetou Linnet. — Eu fui tão recatada como qualquer outra menina da alta sociedade; podem perguntar a Mistress Hutchins.

— De fato, é injusto — concordou Zenobia. Uma gota de mel ficou suspensa da sua paneloca e balançou suavemente antes de cair na seda lilás do seu vestido.

— Espero que tenha dito à condessa que eu nunca estive sozinha com o Augustus, em altura nenhuma — disse Linnet.

— Como podia fazê-lo? — perguntou Zenobia. — Não estou ao corrente da sua agenda social, minha querida. Fiquei tão chocada como a querida condessa, isso posso dizer-te.

Linnet gemeu.

— Podia despir-me no Almacks^[3] que mesmo assim ninguém acreditaria que eu não estava à espera de bebê por muito esguia que fosse a minha cintura. A senhora, tia Zenobia, praticamente o confirmou. E o pai despediu Miss Flaccide e eu tenho a certeza absoluta de que ela anda a dizer coisas horríveis a meu respeito por toda a cidade de Londres. Na verdade, terei de ir viver para o estrangeiro ou agures no campo.

— Os homens franceses são muito fáceis de satisfazer, apesar de estar em curso essa guerra inconveniente — disse Zenobia de forma encorajadora. — Mas eu tive outra ideia.

Linnet não conseguiu arranjar coragem para fazer perguntas, mas o pai perguntou, com ar fatigado:

— O quê?

— Não o quê... quem?

— Quem?

— Yelverton, o herdeiro de Windebank.

— Windebank? Quem diabo é esse? Queres dizer Yonnington, Walter Yonnington? Porque, se o filho for minimamente parecido com o pai, eu não deixaria a Linnet aproximar-se dele, mesmo que estivesse à espera de um bebê.

— Muito gentil da sua parte, pai — murmurou Linnet. Uma vez que a tia não lhe oferecera uma panqueca, ela serviu-se.

— Emagrecer, minha querida. Pensa em emagrecer — disse Zenobia, num tom amável, mas firme.

Linnet cerrou os lábios e pôs manteiga extra na panqueca. A tia suspirou.

— O título de Yelverton é duque de Windebank, Cornelius. Na realidade, não sei como consegues ter sucesso junto dos lordes, com o teu conhecimento tão deficiente da aristocracia.

— Eu sei o que preciso de saber — disse o visconde. — E não me incomodo com aquilo de que não preciso. Se te referias ao Windebank, porque não disseste?

— Estava a pensar no filho — explicou Zenobia. — O homem tem o segundo título, claro. Ora, deixa-me pensar... Acho que o nome próprio dele é um bocado estranho. Peregrine, Penrose... Piers, é isso.

— Soa a doca — interrompeu Lorde Sundon.

— Esta manhã, Mistress Hutchins chamou-me fragata ligeira — disse Linnet. — Uma doca deve ser precisamente aquilo que me convém.

Zenobia abanou a cabeça.

— Isso é mesmo o tipo de comentário que te pôs nesta situação, Linnet. Fartei-me de te dizer que toda essa esperteza não te faz nada bem. As pessoas querem que uma senhora seja bela, mas esperam que seja senhoril, em suma: doce, submissa e requintada.

— E, mesmo assim, a tia é universalmente considerada uma senhora — retorquiu Linnet.

— Eu sou casada — disse Zenobia. — Ou era, até o Philip falecer. Não preciso de mostrar doçura nem requinte. Você precisas. É melhor aprimorares alguma tagarelice senhoril antes de ires ter com o Yelverton ao País de Gales. O título dele deve ser conde de Marchant. Ou será Mossford? Não me lembro bem. Nunca me foi apresentado, claro.

— Nem a mim — disse Lorde Sundon. — Estás a tentar casar a Linnet com um rapazinho, Zenobia? Nunca resultará.

— Ele não é rapazinho nenhum. Deve ter mais de trinta anos. Trinta e cinco, pelo menos. Lembra-te certamente da história, Cornelius?

— Eu não presto atenção a histórias — disse o visconde, irritado. — Era a única maneira de sobreviver debaixo do mesmo teto com a sua irmã.

— Você precisas de fazer um tratamento para limpar o baço — disse Zenobia, pousando a panela. — Estás a deixar o fel fermentar no teu organismo, Cornelius, e isso é uma emoção muito poderosa. A Rosalyn está morta. Deixa-a estar, se fazes favor!

Linnet decidiu que era altura de falar.

— Tia Zenobia, porque pensa que o duque estaria interessado em me casar com o filho? Se é isso, realmente, que estava a pensar?

— Está desesperado — disse a tia. — Foi Mistress Nemble quem me disse, e ela é amiga íntima de Lady Grymes, e você sabes que o marido dela é meio-irmão do Windebank.

— Não, não sei — disse o visconde. — E também não me interessa. Porque está o Windebank desesperado? O filho é tolo? Não me lembro de ter visto filhos nenhuns nos lordes ou no Boodle's^[4].

— Não é tolo — disse Zenobia, triunfalmente. — Ainda melhor!

Houve um momento de silêncio enquanto Linnet e o pai pensavam no que aquilo podia querer dizer.

— Ele não tem as qualidades necessárias — esclareceu a tia.

— Não tem? — perguntou Sundon, inexpressivamente.

— Um dígito a menos — acrescentou Zenobia.

— Um dedo? — arriscou Linnet.

— Por amor de Deus — disse Zenobia, lambendo um pouco de mel de um dedo. — Tenho sempre de dizer tudo nesta casa. O homem sofreu um acidente quando era novo. Anda de bengala. É esse acidente deixou-o impotente, para chamar os bois pelos nomes. Não tem herdeiro agora e não terá no futuro.

— De fato, neste caso particular — disse o pai com nítida satisfação —, um boi não é um boi.

— Impotente? — perguntou Linnet. — Que quer isso dizer?

Houve um momento de silêncio enquanto os seus dois parentes mais próximos a examinavam de perto, como se ela fosse uma espécie rara de escaravelho que tinham encontrado debaixo da carpete.

— Isso é para você explicares — disse o pai, virando-se para Zenobia.

— Não à sua frente — disse Zenobia. Linnet ficou à espera.

— Tudo o que precisas de saber por agora é que ele não pode ter filhos — acrescentou a tia. — Essa é a questão crucial.

Linnet associou esse fato com vários comentários que a mãe fizera ao longo dos anos e percebeu que não tinha qualquer disposição para fazer mais perguntas.

— Como é isso melhor do que ser tolo? — perguntou ela.

— Num marido, quer dizer.

— Tolo podia querer dizer babar-se à mesa do jantar e Deus sabe o que mais — explicou a tia.

— Estás a falar do Monstro! — exclamou subitamente o pai. — Contaram-me tudo sobre ele. Só que a princípio não relacionei.

— O Marchant não é monstro nenhum — escarneceu Zenobia. — Isso é um mexerico repugnante, Cornelius, e eu não esperava isso de ti.

— Toda a gente lhe chama isso — observou o visconde.

— O homem tem um feitio horrível. Médico brilhante ou, pelo menos, é o que toda a gente diz, mas um feitio do diabo.

— Uma birra aqui ou acolá faz parte do casamento — disse Zenobia, encolhendo os ombros. — Espera até ele ver como a Linnet é bela. Vai ficar atordoado e encantado por o destino o ter abençoado com uma noiva tão linda.

— Eu tenho mesmo de escolher entre tolo e monstro? — perguntou Linnet.

— Não, entre tolo e incapaz — respondeu a tia, com impaciência. — O teu novo marido vai ficar grato por essa criança que você, supostamente, trazes no ventre e posso dizer-te que o teu novo sogro vai ficar radiante.

— Vai? — perguntou Sundon.

— Ainda não percebeste? — disse Zenobia, levantando-se de um salto. Deu uns passos e depois rodopiou com um lindo movimento. — Por um lado, temos um duque solitário, com um filho. Apenas um. E esse duque tem uma obsessão com a realeza, lembrem-se. Considera-se amigo íntimo do rei ou, pelo menos, considerava-se antes de o rei começar a ter... macacos no sótão.

— Entendo — disse o visconde.

— Shhh — disse Zenobia, impaciente. Detestava ser interrompida. — Por um lado, o duque solitário, desesperado. Por outro, o filho lesionado e incapaz. No meio... um reino.

— Um reino? — repetiu o visconde, de olhos esbugalhados.

— A tia está a falar metaforicamente — disse Linnet, pegando noutra panqueca. Ela tinha privado mais com a tia do que o pai e conhecia bem o seu amor por floreios retóricos.

— Um reino sem futuro, porque não há nenhum filho para continuar o nome da família — disse Zenobia, abrindo muito os olhos.

— O duque é... — começou Sundon.

— Shhh — disse ela depressa. — Pergunto-te, de que precisa esta família desesperadamente infeliz?

Nem Linnet nem o pai ousaram responder.

O que foi bom, porque ela tinha feito uma pausa apenas para impressionar.

— Volto a perguntar-te, de que precisa esta família desesperadamente infeliz? Precisa... de um herdeiro!

— Não precisamos todos? — disse o visconde, suspirando.

Linnet estendeu a mão e deu umas palmadinhas na mão do pai. Um dos raros fatos cruéis da vida era que a mãe fora extremamente pródiga com os seus favores, mas só dera ao marido uma única criança, uma filha, que não podia herdar a parte principal dos bens do pai.

— Eles precisam — disse Zenobia, erguendo a voz como se quisesse recuperar a audiência —, precisam de um príncipe!

Cerca de um minuto depois, Linnet atreveu-se a dizer:

— Um príncipe, tia Zenobia?

Isto valeu-lhe o sorriso beatífico de uma atriz a receber elogios, se não braçadas de flores, da audiência.

— Um príncipe, minha querida. E você, menina afortunada, tens exatamente aquilo de que ele precisa. Ele anda à procura de um herdeiro, e você tens esse herdeiro e, mais, ofereces descendência real.

— Estou a perceber o teu raciocínio — disse lentamente o visconde. — Não é má ideia, Zenobia.

Ela ficou um pouco rosada nas faces.

— Nenhuma das minhas ideias é má. Nunca.

— Mas eu não tenho príncipe nenhum — argumentou Linnet. — Se a compreendo bem, o duque de Windebank procura uma mulher grávida...

O pai grunhiu e ela corrigiu a sua afirmação.

— Quer dizer, o duque talvez aceitasse uma mulher na minha infeliz

situação porque, desse modo, teria um filho...

— Não só um filho — disse Zenobia, a sua voz ainda triunfal.

— Um príncipe. O Windebank não vai acolher na sua família qualquer mulher de virtude duvidosa. Ele é terrivelmente arrogante, sabes. Preferiria morrer. Mas o filho de um príncipe? Há de adorar.

— Mas...

— Tens razão, Zenobia. Com a breca, você és uma velha astuta! — rugiu o pai.

As costas de Zenobia endireitaram-se num ápice.

— Que é que me chamaste, Cornelius? Ele agitou a mão.

— Não era isso que eu queria dizer, não era isso que eu queria dizer. Admiração pura. Admiração pura e absoluta. Pura...

— Concordo — disse ela num tom conciliatório, afagando o cabelo: — E um plano perfeito. Mas é melhor ires falar com ele esta tarde. Tens de a levar até ao País de Gales para o casamento. É lá que vive o Marchant.

— Casamento? — surpreendeu-se Linnet. — Não estarão a esquecer-se de nada? Olharam ambos para ela e disseram ao mesmo tempo:

— De quê?

— Eu não estou à espera de um príncipe! — gritou. — Eu nunca dormi com o Augustus. Dentro da minha barriga não tenho mais nada além de uma panqueca mastigada.

— Isso é um comentário repugnante — disse a tia, com um arrepio.

— Concordo — interveio o pai. — Muito desagradável. Você parece uma plebeia a falar da comida dessa maneira.

— Desagradável é o fato de estarem a planear vender o meu filho por nascer a um duque com uma predileção pela realeza, quando eu nem sequer tenho um filho da realeza por nascer!

— Eu disse que tudo isto teria de acontecer depressa — contrapôs a tia.

— Que quer dizer?

— Bem, digamos que o teu pai vai à casa do Windebank já hoje à tarde, e digamos que o Windebank morde o isco, porque morde. Como eu disse, o homem está desesperado e, além disso, adoraria misturar a sua descendência com sangue real.

— Isso não resolve o problema — concluiu Linnet.

— Bem, claro que não — disse Zenobia, lançando-lhe um sorriso benevolente. — Não podemos fazer tudo por ti. O que vem a seguir

depende de ti.

— Que quer dizer?

O pai levantou-se, obviamente sem prestar atenção.

— Vou vestir o meu casaco Jean de Bry e calçar as minhas botas alemãs — disse baixinho.

— O de Bry não! — gritou-lhe Zenobia atrás dele. Ele parou à porta.

— Porque não?

— Os ombros têm um ar um pouco ansioso. Você não podes parecer ansioso. Afinal, vais oferecer-te para salvar a descendência do homem.

— Um casaco verde-salva com a orla recortada — disse o pai, acenando com a cabeça, e desapareceu pela porta.

— Tia Zenobia — disse Linnet, demonstrando paciência infinita, na sua opinião. — Como pensam que eu vou arranjar um filho de sangue real para oferecer a um marido que nunca conheci?

Zenobia sorriu.

— Minha querida, você não és uma mulher da minha família se tiveres de fazer essa pergunta.

A boca de Linnet abriu-se.

— Não está a pensar..

— Claro, querida. Assim que o teu pai assinar aqueles papéis, você tens... oh... doze horas antes de partires para Gales.

— Doze horas — repetiu Linnet, com esperança de estar enganada naquilo que estava a pensar. — Não pode querer dizer.

— O Augustus tem andado atrás de ti como uma criança com um brinquedo de corda — disse a tia. — Não deve ser preciso mais do que um olhar convidativo e um sorriso alegre. Por amor de Deus, querida, não aprendeste nada com a sua mãe?

— Não — respondeu Linnet, sem qualquer emoção.

— Na verdade, com o teu peito nem sequer precisas de sorrir — disse Zenobia.

— Então quer mesmo dizer.. — Linnet parou. — Eu... eu...

— Você. Augustus. Sedução. Cama — disse a tia, prestável.

— Doze horas e um único príncipe... deve ser muito fácil.

— Eu...

— Você és filha da Rosalyn — acrescentou a tia. — E minha sobrinha. A

sedução, especialmente quando se trata de realeza, está-nos no sangue. Na própria linhagem.

— Não sei como — disse Linnet, inexpressivamente. — Posso parecer censurável, mas não sou.

— És, sim — afirmou a tia, animadamente. Levantou-se.

— Arranja um bebê, Linnet. Pensa quantas jovens conseguem fazê-lo e sem os atributos que você tens, isto é, o teu corpo, o teu rosto, o teu sorriso.

— Toda a minha educação foi orientada para a castidade — observou Linnet. — Tive uma governanta durante uns bons cinco anos a mais do que as outras raparigas, exatamente para não aprender essas coisas.

— Culpa do teu pai. Ele ficou escaldado com as indiscrições da Rosalyn.

Deve ter-se passado qualquer coisa no rosto de Linnet, porque Zenobia suspirou com o ar de uma mulher que estava a aguentar o peso do mundo.

— Eu acho que com você arranjar-te um homem pressuroso se não consegues aproximar-te do príncipe. E muito pouco convencional, mas, claro, uma pessoa sabe, não se pode evitar saber de estabelecimentos que ajudam.

— Que gênero de estabelecimentos?

— Bordéis que servem mulheres, claro — disse Zenobia.

— Creio que há um perto de Covent Garden, de que me falaram há pouco tempo... homens de posses. Vão lá pelo gozo, suponho eu.

— A tia não pode certamente querer dizer...

— Se não fores capaz de seduzir o príncipe, teremos de abordar o problema de outro ângulo — sugeriu ela, chegando-se a Linnet e dando-lhe umas palmadinhas no braço. — Eu levo-te ao bordel. Segundo creio, uma senhora pode ficar atrás de uma cortina e escolher o homem que quer. É melhor escolhermos um que seja parecido com o Augustus. Gostava de saber se podemos simplesmente enviar uma mensagem nesse sentido e mandar entregar o homem numa carruagem?

Linnet rosnou.

— Não quero que penses que alguma vez te abandonaria num momento de infelicidade — disse a tia. — Sinto todo o peso do amor de mãe, agora que a querida Rosalyn morreu.

Era espantoso como a tia tinha conseguido ignorar esse peso durante a temporada e, na verdade, durante os anos anteriores, mas Linnet não foi capaz de o dizer.

— Eu não vou a nenhum bordel — afirmou.

— Nesse caso — disse Zenobia alegremente —, sugiro que te sentes e escrevas uma notinha a esse príncipe travesso. Fazes bem em preferires Augustus ao bordel, realmente. Uma pessoa odeia começar o casamento com uma mentira que envolva bebês. O casamento leva-nos a umas mentiras inofensivas pela própria natureza da vida: todas essas tentações. Encomendam-se sempre demasiados vestidos, gasta-se em, excesso. Já para não falar nos homens. — Beijou as pontas dos dedos.

— Mas eu queria...

— Estou tão contente por não estar casada neste momento — disse Zenobia. — Não que esteja feliz por o querido Philip ter morrido, claro. Ah, bem...

Zenobia desapareceu.

E o que Linnet queria do casamento já não era uma questão passível de discussão.

— Deves estar a brincar — disse Piers a Prufrock. — Eu enviei ao meu pai uma lista de requisitos para uma mulher que enchia uma página.

— Deu uma leitura fascinante — disse Prufrock. — Eu apreciei especialmente aquela parte em que admitia a sua incapacidade na cama. E a mancha de lágrima mesmo ali na página...

— Não foi uma lágrima — explicou Piers, irritado. — Foi brande, palerma.

— Ah, bem — disse Prufrock. — Porque odeio pensar que se pôs a chorar em cima da carta. Quando podia estar a gemer na sua cama solitária.

— Porque havia eu de não gemer? — questionou Piers, perguntando-se se havia de beber outro copo. — Hás de mostrar-me o homem com uma lesão como a minha que não tenha o coração despedaçado por causa do futuro atroz que tem pela frente.

— Atroz e atro — corrigiu Prufrock. — Não perca o seu toque alterativo agora, precisamente no momento do clímax.

O desespero por nunca ter tido uma boa mulher ao seu lado, a amargura por saber que nunca terá uma mãozinha peganhenta a enrolar lhe o polegar, o... Ou chegar aquilo que interessa realmente, anos sem dar uma queca — disse Prufrock.

— Isso é uma tentativa para me sentir melhor?

— Não é tão bom como se diz — comentou ele, com inequívoca falta de convicção.

— Onde frequentaste a escola? — inquiriu Piers. — Você és culto demais para mordomo. A maioria dos mordomos que conheço diz coisas como Como desejar, meu senhor, e ficam por aí. A nossa conversa devia ser assim: Prufrock, traz-me uma menina. E depois você devias dizer Como desejar.

— Qual seria a vantagem? — perguntou Prufrock. — Nestas circunstâncias?

— Boa observação — murmurou Piers. — Bem, acho que vou nadar. A maré está cheia.

Saiu do castelo pela porta oeste, ainda a cogitar no mordomo. Como pensava desde que o contratara há um ano atrás, o homem devia estar ao serviço do pai, isto é, devia ser um espião. Era evidente.

Mas onde raio é que o velho conseguira encontrar um mordomo assim, um mordomo como Prufrock, com sentido de humor e uma língua mais afiada do que o próprio Piers? Em suma, provavelmente, o único mordomo

no mundo que Piers conservaria no castelo mesmo sabendo que era um maldito espião?

A única possibilidade era o pai saber ou perceber realmente alguma coisa sobre ele e, uma vez que isso era impossível, pôs de parte a ideia.

A piscina estava escavada na rocha à beira-mar e ficava cheia na maré alta, mas protegida do pior das ondas. Era um cenário magnífico, um lago na rocha a brilhar, azul-safira, enquanto a luz começava a desvanecer-se. O mar tinha acalmado como acontecia muitas vezes ao crepúsculo e ele ficou parado por uns momentos a olhar para lá da piscina para o modo como o mar se encrespava continuamente, seguindo um tértue rasto dourado de luz.

Depois, abanou-se e despiu a roupa. Se ele aprendera alguma coisa sobre a sua perna nos anos anteriores era que, se não fizesse exercício todos os dias, doía-lhe como o diabo. Na véspera não tinha nadado e nesse dia estava a sofrer as consequências. Não que em geral lhe doesse, mas sem nadar ficava com uma dor que não conseguia suportar sem pensar em opiláceos. Não eram bons, nem esses momentos, nem os opiláceos.

Mergulhou de cima de uma rocha, muito fundo, sentindo o cabelo a soltar-se — raio, esquecera-se de tirar a fita outra vez — e o corpo a deleitar-se enquanto a perna se movia livremente sem transportar o peso do corpo. Sem pensar, começou a impulsionar-se para a frente, avançando através da água com uma velocidade que não conseguia em terra;

Braçada após braçada, continuava, dez piscinas, vinte... às cinquenta estava cansado, mas obrigou-se fazendo outras dez, e depois içou-se para cima das rochas com um movimento suave, a água a escorrer dos ombros e dos braços. Antes da lesão, nunca prestara muita atenção ao corpo. Agora sentia-se satisfeito com a força dos ombros e do tórax. Embora o médico que havia nele soubesse que aquilo não passava de vaidade sem qualquer valor.

— Meu senhor — disse um jovem lacaio, avançando e estendendo-lhe uma grande toalha.

Piers levantou os olhos para ele.

— Você é novo. Como te chamas?

— Neythen, meu senhor.

— Soa a uma doença terrível. Não, mais como um problema intestinal. Lamento, Lorde Sandys, o seu filho contraiu neythen e não terá nem um mês de vida. Não, não, não há nada que eu possa fazer. Sandys teria preferido ouvir isso a ouvir sífilis.

Neythen pareceu perplexo.

— A minha mãe disse sempre que me deram o nome de um santo, não de uma doença.

— Qual deles?

— Bem, cortaram a cabeça, sabe? E depois ele pegou nela e levou-a pela estrada fora durante muito tempo. Todo o caminho de regresso a casa, acho eu.

— Complicado — comentou Piers. — Para não dizer improvável, embora uma pessoa tenha de pensar nas galinhas e nas suas capacidades post-mortem. Ela pensava que você herdaria o mesmo dom?

Neythen pestanejou.

— Não, meu senhor.

— Talvez tivesse esperança. Cabe às mães prever esse gênero de possibilidade, afinal de contas. Estou tentado a cortar-te a cabeça apenas para ver se ela tinha razão. Às vezes, as superstições mais improváveis acabam por ter, de fato, fundamento.

O laçao recuou.

— Meu Deus, você é muito jovem, não é? Ora, porque te mandou o Prufrock aqui? Não que eu não aprecie a toalha.

— Mister Prufrock mandou-me dizer-lhe, meu senhor, que está um paciente à espera.

— Há sempre um ou dois pacientes aqui à volta — disse Piers, secando o cabelo. — Tenho de tomar banho primeiro. Estou coberto de sal.

— O sinal não está levantado, por isso Mister Prufrock disse-me que o informasse.

— Não, banho antes do paciente. A minha vida já é demasiado caótica sem o meu mordomo a dizer-me o que fazer.

— Este fez a viagem toda desde Londres — explicou Neythen. — E ele é um grande senhor.

— Grande, é grande, ele? Provavelmente gordo demais para o seu coração. Apanha a minha bengala do chão e dá-me, se fazes favor.

Neythen obedeceu.

— Ele não é gordo — disse ele. — Eu vi-o entrar. O que quero dizer é que tem um ar importante. Está todo vestido de veludo e é magro como um espeto. E tem uma cabeleira.

— Outro moribundo — concluiu Piers, começando a subir o caminho. — Precisamente aquilo de que precisamos por aqui. Muito em breve teremos de ter o nosso próprio cemitério lá atrás.

Parecia que Neythen não tinha nada a dizer em relação a isso.

— Claro que você não vais estar lá — assegurou-lhe Piers uma vez que consegues levar a sua cabeça de volta a casa para seres enterrado no cemitério da sua aldeia. Mas estou a começar a sentir-me uma versão negra do Flautista de Hamelin. Vêm a Gales procurar-me e morrem. No dia seguinte, acontece mais do mesmo.

— O senhor cura alguns deles, não é? — perguntou Neythen.

— Alguns — disse Piers. — A maior parte. Por uma razão. Eu sou especialista de anatomia patológica, o que significa que sou realmente melhor com corpos mortos. Eles não se contorcem e não apanham infecções. Quanto aos vivos, tudo o que posso fazer é observá-los. Às vezes, não sei nada senão depois de eles morrerem e, nessa altura, é tarde demais. Às vezes, abro os cadáveres e continuo a não fazer a mais pequena ideia daquilo que lhes aconteceu.

Neythen estremeceu.

— Fazes muito bem em ser lacaio e não médico — disse-lhe Piers, começando a subir o caminho rochoso de volta ao castelo.

— Nós, os cirurgiões, estamos sempre a cortar pessoas, mortas ou vivas. É a única maneira de sabermos o que está lá dentro, sabes.

— Isso é nojento.

— Não te preocupes — disse-lhe Piers. — Se conseguires fazer andar o teu corpo decapitado até casa, eu não posso abri-lo e descobrir o que te aconteceu, pois não?

Neythen continuou calado.

— Nunca penses em ir embora — disse Piers, transpondo a última rocha. — O Prufrock vai querer a minha cabeça se mais pessoal se for embora por causa dos meus comentários impensados.

O silêncio de Neythen parecia indicar que não se iria embora ainda.

Piers chegou a casa.

— Suponho que vou ver esse paciente antes de tomar banho.

— Assim, meu senhor? — perguntou Neythen.

Piers olhou para baixo, para você próprio. Tinha enrolado a toalha em volta da cintura.

— Disseste que estava um paciente à espera, não foi?

— Sim, mas...

— Não há nada de que eu mais goste do que receber lordes vestidos de

veludo quando estou enrolado numa toalha — disse ele. — De qualquer modo, eles vão mentir-me, mas isso mantém-nos alerta.

— Mentir? — perguntou Neythen, parecendo chocado.

— Isso está na natureza dos lordes. Realmente. Só os pobres é que se preocupam com a honestidade nos dias que correm.

Linnet saiu da sala e dirigiu-se imediatamente ao quarto da mãe, o único lugar onde tinha a certeza de não ser incomodada.

Não havia mudado muita coisa desde que a mãe morrera. Continuava a ser o mesmo boudoir florido de quando Rosalyn era viva, sem a coisa mais importante: a pessoa cintilante, encantadora, que o tinha tornado seu.

Que tinha feito o marido amá-la, por muito infiel que lhe fosse. Que tinha feito todos aqueles outros homens amá-la também.

Que tinha amado Linnet por mais do que a sua beleza.

Linnet sentou-se ao toucador exatamente como fizera quando tinha apenas catorze anos, destroçada pela morte súbita da mãe. Havia pó sobre as escovas de prata; tinha de lembrar a Tinkle que se certificasse de que as criadas limpavam os quartos convenientemente.

Tocou em cada uma delas, recordando a maneira como a mãe se sentava no seu banquinho, escovando o cabelo e rindo-se a bom rir com o que quer que Linnet lhe contasse. Nunca ninguém se ria das suas piadas como a mãe. Rosalyn tinha o dom de fazer qualquer pessoa sentir-se a pessoa mais espirituosa do mundo.

Linnet suspirou. A mãe teria gostado da piada sobre a fragata ligeira a entrar no cais. E depois teria posto um bocadinho de perfume e corrido para ir ter com algum homem querido, delicioso, os olhos ainda a brilhar.

Finalmente, Linnet tirou o dedo da escova de prata e levantou a cabeça. O retrato de Rosalyn sorria, com uma covinha, lá da parede. Linnet sorriu e, sem sequer olhar para o espelho que estava à sua frente, sabia que tinha aparecido na sua face precisamente a mesma covinha. Precisamente os mesmos caracóis, como primaveras pálidas. Os mesmos grandes olhos azuis, a mesma boca travessa de cereja, o mesmo...

O mesmo, não.

Oh, ela tinha o encanto da mãe. Sabia-o. Era capaz de lançar um sorriso cintilante a um homem exatamente como a mãe, e só um homem esquisito não ficaria com uma expressão levemente vidrada nos olhos. Zenobia chamava-lhe o sorriso da família dizia que era a maior herança delas. Mas o que Linnet não fez foi...Continuar.

Ela nem sequer gostava de ser beijada, verdade fosse dita. Os beijos eram sujos e a saliva... bem, a saliva era nojenta.

Sempre pensara que um dia um homem entraria lentamente no salão de baile e ela Compreenderia que era o único que podia tolerar beijar. Mas não apareceu nenhum que desencadeasse essa compreensão, nem uma única

vez durante a temporada. Era por isso que namoriscava tão loucamente com o príncipe.

Uma menina que namora com um príncipe é geralmente dispensada de namorar com outros homens, que percebiam exatamente a razão, por isso ela não estava a ser indelicada. Além disso, nos seus momentos livres, lançava geralmente sorrisos cintilantes para manter uma porção deles à sua volta. Fazia-a sentir-se como se estivesse no palco, ao estilo de Zenobia.

Quem poderia pensar que a coisa mais importante de todas — essa qualidade da mãe que praticamente a definira — não existiria, tão explicitamente, na única filha de Rosalyn?

E, no entanto, assim era.

Não só não desejava homens, como nem sequer gostava muito deles.

Eram grandes e peludos e tinham tendência a cheirar mal. Mesmo o pai, que ela amava, agia como um miúdo. Queixava- -se e choramingava e comportava-se do modo mais enfadonho. Eram todos como miúdos, pensava ela. E quem podia desejar um miúdo?

A voz da mãe soava-lhe na cabeça e ela respondia-lhe com irritação: com dotes de cavalo ou não, os homens continuavam a ser criaturas patéticas.

Mas isso fê-la pensar numa coisa. Se Piers era impotente, então...

Então, era impotente.

Não teriam de se beijar. Ela não teria de suportar tudo o que implicava um homem com dotes de cavalo, que (obrigada, mãe!) a revoltara e tanto horrorizara durante anos.

Tudo o que tinha de fazer era parecer estar à espera de bebê o tempo suficiente para casar com ele e depois fingir que tinha perdido a criança.

Ainda não encontrara um homem que ela não tivesse sido capaz de encantar e de pôr de bom humor. Aprendera aos pés de uma mestra, afinal. Amãe tinha mantido o pai com disposição afável — mesmo depois de ele ter de pôr fora de casa o tutor francês de Linnet e de expulsar da sua cama nova outro amante.

De fato, ela podia arranjar um argumento racional para casar com Piers. Uma razão é que nunca haveria de o enganar. (Um homem com o problema dele tinha de reear essa possibilidade.)

Ela era o melhor que ele podia ter esperado: bela e casta. Na realidade, praticamente estofo de santidade.

Levantou-se e lançou um último olhar em redor do quarto da mãe.

— Tenho saudades suas — disse ela ao retrato risonho que estava na parede. — Muitas saudades. — Mas as palavras causaram-lhe um aperto no coração, pelo que se apressou a sair do quarto.

Nessa noite, ao jantar, o pai de Linnet relatou que o duque de Windebank se tinha atirado à sua proposta com uma velocidade muito pouco digna.

— Aparentemente sabia tudo a teu respeito. E Zenobia, era óbvio que você tinha razão. Ele ficou impávido, se não intimamente deliciado, perante o rumor do pequeno escândalo da Linnet.

— A Linnet andava nas bocas da alta sociedade muito antes dos infelizes acontecimentos da última noite.

— Ele não estava tão interessado na sua beleza como na sua educação, acredites ou não. Eu disse-lhe que a Linnet tinha a mesma educação que qualquer menina devia ter e que era a mulher mais inteligente que eu conhecia, e isso fê-lo calar-se. Não com você imaginar porque nunca voltou ele a casar. A mulher raspou-se para França há uns anos, não foi? E também levou o rapaz com ela.

— Ela era francesa, claro. E ele conseguiu o divórcio — esclareceu Zenobia. — Constatou que lhe custou duas mil libras esterlinas comprar a liberdade. E depois nunca fez nada com ela. — Abanou a cabeça. — Podia ter tido qualquer quantidade de possíveis herdeiros.

— Eu não gosto nada de toda esta promoção da monarquia — disse Lorde Sundon.

— Absolutamente obcecado com o assunto da monarquia, se querem saber. Disse-me que um tio-tetravô do lado do pai era íntimo do rei Henrique VIII.

— Não foi esse que teve seis mulheres? — perguntou Linnet.

— Teve-as e assassinou-as — respondeu Zenobia com deleite, brandindo o garfo. — Tal como a história do Barba Azul, só que foi tudo verdade.

— Seja como for, o Windebank está feliz porque tem o sangue dos Tudor nas veias e agora vai ter também o sangue dos Hanoverianos através da nossa Linnet.

O visconde tinha um ar muito mais feliz do que nessa manhã.

— Tudo está bem quando acaba bem — concluiu ele, acabando o seu copo de vinho.

— Um dia, havemos de recordar todo este episódio e havemos de nos rir. Linnet não conseguia bem imaginá-lo.

— Calculo que tenhas enviado uma nota ao príncipe — disse Zenobia a Linnet. Ela assentiu com a cabeça, apesar de não ter feito nada do género.

— Vou encontrar-me com ele hoje à noite em Vauxhall.

Na verdade, planeava dormir uma bela soneca na carruagem enquanto ela andasse às voltas por Londres.

— Vauxhall? — perguntou Zenobia, duvidosa. — Felizmente está uma bela noite, mas parece um local estranho para um encontro. Seria de esperar que ele te levasse para qualquer pavilhão real.

— Provavelmente é o que vai fazer — disse o pai. — Só tens de estar de volta de manhã. O Windebank quer conhecer-te. Eu disse-lhe que queremos enviar-te para Gales o mais depressa possível. Não há interesse em ficares por Londres.

Em casa deles, a mãe tinha sido alvo de todas as críticas pelas suas indecências. Mas, por vezes, Linnet pensava que o pai era igualmente indecente de uma maneira diferente. Uma maneira mais desprezível, verdade fosse dita.

— Acho que tudo isto vai resultar melhor do que se tivesse acontecido de forma diferente — continuou o pai. — Afinal, o Augustus nunca podia, ter casado contigo. E não há um único duque disponível este ano. Um dia, o Marchant vai ser duque.

— Podia ter arranjado algo melhor do que um lírio coxo — observou Zenobia. — O duque vai arranjar uma licença especial?

O visconde acenou com a cabeça.

— Claro. Vai trazê-la amanhã. E enviou um mensageiro a Gales esta tarde, de modo que o filho possa ser avisado. Não é muito normal obter mulher e filho sem aviso prévio, como sabes.

— Tens de te certificar de que o casamento se realiza depressa — disse Zenobia — para o caso de a visita de Linnet a Vauxhall esta noite não ter o efeito desejado.

— Bem, relativamente a isso... — disse o pai.

Perante o tom de voz do pai, Linnet ficou tensa. Ela sabia, tinha-o ouvido um milhão de vezes.

— Pai, não pode simplesmente mandar-me lá sem uma dama de companhia — disse ela, furiosa.

— Odeio evocar uma verdade dolorosa, mas já não precisas de uma dama de companhia — disse ele, evasivamente. — Embora possamos convencer Mistress Hutchins a acompanhar-te, se insistires.

Zenobia estreitou os olhos.

— Estás a querer dizer-me, Cornelius, que estás a pensar mandar a sua

filha única para as regiões selvagens de Gales sem escolta?

— Não é boa altura para eu sair de Londres — disse o visconde Sundon, começando a gabar-se.

— Não me sinto bem fazendo uma viagem tão grande sozinha, especialmente indo encontrar-me com um Monstro — disse Linnet. Manteve a voz baixa, mas firme, precisamente como a mãe teria feito. E, exatamente para ter a certeza absoluta de que ele a percebia, fitou-o com um olhar furioso que aprendera com a tia.

— O conde de Marchant tem sido injustamente caluniado — explicou o pai. — O pai contou-me tudo. Ele é um médico brilhante, sabem. Lembrem-se de que a mãe o levou para França; bem, ele tirou lá um curso universitário. Depois voltou para aqui e fez o mesmo em Oxford e depois foi admitido no Colégio Real de Médicos com vinte e três anos de idade, o que é praticamente inédito, e depois foi para Edimburgo e fez lá qualquer coisa, ou talvez tenha feito isso antes do Colégio...

— Cornelius — disse Zenobia, interrompendo a sua fanfarronada —, você é um covarde precioso.

— Não sou covarde! — exclamou o visconde. — Tenho coisas importantes fazendo aqui na cidade. Para que saibam, vai haver reunião na Câmara dos Lordes, e eu sou muito importante, muito importante mesmo. A minha opinião é necessária, essencial.

— És um covarde a encolher-se — disse Zenobia. — Não, queres lá ir e enfrentar o Monstro você próprio, embora estejas a mandar a sua filha, a sua filha grávida, para o campo, para casar com ele.

Agora que Zenobia se tinha apoderado da história, Linnet começou a sentir-se como uma daquelas donzelas que andavam à volta do Rei Artur e, invariavelmente, davam com você nos anéis de uma enorme serpente. A tia transformava frequentemente qualquer acontecimento num melodrama, embora tivesse de se admitir que aquilo era digno de um pequeno drama.

— Estás a pôr a sua filha à mercê de um selvagem — acusou Zenobia, com a voz a elevar-se.

De uma forma bastante surpreendente, o visconde não se atemorizou.

— Já decidi. Não vou a Gales.

Linnet conhecia aquele tom de voz mal-humorado; não iria.

— Porque não? — perguntou ela, antes de Zenobia poder intrometer-se.

— Eu não sou um proxeneta da minha filha — troou o pai.

— Posso ter sido um cornudo para a minha mulher, mas não vou

aumentar a minha vergonha sendo proxeneta da minha filha única.

— Já o fez — respondeu bruscamente Linnet. — Negociou-me esta tarde, mentindo sobre o bebê que todos nós sabemos que eu não trago no ventre.

O maxilar de Lorde Sundon ficou rígido.

— A sua mãe nunca teria falado comigo dessa maneira.

Era verdade. Linnet não se lembrava de uma única ocasião em que a voz de Rosalyn tivesse perdido o seu tom doce, musical. Enquanto a voz de Linnet rangia com a raiva que não conseguia conter dentro de você.

— Lamento desiludi-lo, mas o tom da minha voz não altera a verdade.

— A verdade é que todas as raparigas são negociadas de uma forma ou de outra — disse Zenobia. — Mas eu acho, realmente, que devias acompanhar a pobre Linnet, Cornelius. O que acontece se o Marchant olha para a menina e recusa casar com ela?

— Não o fará — disse Sundon com frieza. — Todos nós sabemos...

Nesse momento, a porta abriu-se e Tinkle entrou.

— Sua Graça, o duque de Windebank, solicita a sua atenção.

— A esta hora? — perguntou o visconde.

— Ele está lá fora? — perguntou Zenobia.

Parecia que o duque estava realmente na sua carruagem, à espera de saber se Lorde Sundon podia conceder-lhe um momento.

— Manda-o entrar — disse o visconde. Depois, virando-se para Linnet: — Acho que ele não conseguiu esperar por amanhã para te conhecer.

— Ele não me pode ver — disse Linnet, alarmada. Olhou para o seu perfil esguio. — Com este vestido não tenho qualquer evidência de descendência real.

— Eu disse-lhe que quase não se via — disse o pai. — Senta-te depressa. E melhor recebê-lo na sala de estar cor de rosa.

O duque de Windebank devia ter sessenta anos, mas parecia mais novo e era muito atraente. Tinha um perfil real, digno de uma moeda, o que parecia adequado à sua classe social. Uma moeda romana, concluiu Linnet.

— Miss Thrynne — disse ele, fazendo uma reverência. — A menina é tão bela como as pessoas a descreveram.

Linnet fez uma reverência, calculando-a com a inclinação precisa para indicar respeito por um duque.

— Tenho muita honra em conhecê-lo, Vossa Graça.

— Ora — disse ele, voltando-se de novo para o pai e para a tia de Linnet. — Tomei sozinho a iniciativa de vos interromper a esta hora porque decidi escoltá-la pessoalmente, Miss Thrynne, a Gales. O meu filho é um homem brilhante, absolutamente brilhante.

Fez uma pausa.

— Mas tem fama de irascibilidade — disse Zenobia, dando-lhe a sua versão do sorriso de família. — Faça favor de se sentar, Vossa Graça.

Apesar do seu aspecto jovem, o duque rangeu quando se sentou, como uma cadeira deixada lá fora à chuva. Os seus olhos ficaram subitamente vigilantes.

— O meu filho tem sido muito caluniado.

— Sugiro que dispensemos as formalidades — disse Zenobia, sentando-se com muita atenção ao drapeado da sua roupa. — Afinal, em breve vamos ser família. Lorde Marchant pode ficar muito surpreendido, se não chocado, com a chegada da sua noiva e é natural que Vossa Graça deseje acompanhar a querida Linnet.

— Bem, está combinado — disse o pai de Linnet, dispensando qualquer fingimento de relutância.

O duque desviou os olhos do visconde para Zenobia.

— Miss Thrynne vai viajar com uma dama de companhia? A senhora, talvez, Lady Etheridge?

— Não há necessidade — respondeu Zenobia animadamente.

— Ela está arruinada. Não vale a pena vigiar um estábulo vazio, por assim dizer. Gostarias de levar contigo Mistress Hutchins, minha querida? — perguntou ela a Linnet.

Linnet olhou do pai para a tia e algo familiar feriu a região do coração. Mas era uma dor antiga, uma dor familiar e foi facilmente posta de lado.

— Acho que não — disse ela. — Se não se importa, Vossa Graça, vou sozinha, com a minha criada, claro. Como diz a minha tia, as circunstâncias sugerem, decerto, que não é necessário levar dama de companhia.

O duque acenou com a cabeça.

— Se me dão licença — disse Linnet, levantando-se —, tenho um encontro em Vauxhall.

Os cavalheiros puseram-se rapidamente de pé e Zenobia sucedeu-lhes, depois de aceitar (de um modo extremamente teatral) a ajuda do duque para se levantar.

Depois disso, Linnet subiu para a carruagem da família, dando

instruções ao cocheiro, Stubbins, para dar voltas por Londres, onde quer que lhe apetecesse, e deixando os seus parentes com a feliz, embora errada, impressão de que o príncipe Augustus estava a seduzi-la vigorosamente.

Podia acontecer não voltar nunca mais a Londres, percebeu ela, olhando pela janela. A cidade passava em frente da carruagem numa longa e monótona fila de casas cinzentas, ainda mais lúgubres devido a uma espessa camada de pó de carvão.

Isso significaria que podia não voltar a ver o pai, uma vez que ele nunca saía da cidade. Ou a tia Zenobia, que só saía para ir às festas mais barulhentas.

Naquele momento, essa ideia não a perturbava nada.

Numa caravana constituída por três carruagens e oito lacaios, Linnet e o duque de Windebank chegaram finalmente a Gales duas semanas mais tarde. Uma vez que o duque só tinha um assunto de conversa a todas as refeições, o filho, nessa altura ela já sabia o suficiente sobre o seu futuro marido para o apresentar ela própria ao Colégio Real de Médicos. Quer dizer, se ele não se tivesse ainda associado às suas fileiras.

Depois dos primeiros dias de conversa incessante sobre Piers, Linnet expulsara o duque da sua carruagem, com a desculpa de que o seu estado, aliado aos balanços da carruagem, a nauseava.

Descobrira, então, que estar deitada ao comprido nas almofadas ducais era extraordinariamente confortável. E, como tinha um estômago de ferro, passara a viagem a ler, feliz, deitada de costas e mastigando maçãs.

Tudo o que vira de Gales da janela da carruagem era verde: um verde-escuro e vivo que parecia ensopado em água e vento. Nunca sentira o cheiro do mar, mas soube imediatamente o que era, bem fundo nos seus ossos. Era selvagem e odoroso e livre e fazia-a sonhar com longas viagens marítimas a ilhas de que nunca tinha ouvido falar.

Quando não contemplava o mar, pensava no médico com quem estava prestes a casar. Segundo o pai, tinha sido injustamente rotulado de monstro por causa da sua impaciência com a forma antiga de exercer medicina.

— Os médicos — dissera-lhe Windebank — são velhos loucos. Por exemplo, as febres. Piers descobriu que, combinando sangramento com aumento da temperatura interna, os médicos estavam na realidade a matar os pacientes. Membros do Colégio Real de Médicos combateram-no com unhas e dentes até que ele finalmente confrontou o seu registo médico com o de um médico eminente, Ketelaer. Ketelaer perdeu todos os seus doentes, exceto três, e aproximadamente do mesmo número, Piers perdeu apenas um.

Portanto, ela ia casar com um gênio. Parecia, realmente, que ele tinha tendência a perder a calma quando se zangava, mas ela estava confiante de que iria conseguir lidar com ele.

Na manhã da sua chegada ao castelo, ela enrolou tecido de linho em volta da cintura para ficar com um perfil um pouco mais grosso e olhou-se ao espelho. Tirando a cintura, parecia exatamente uma princesa de qualquer um de uma centena de contos de fadas: olhos azul-claros, cabelo louro-arruivado, pele linda. Mais o sorriso de família.

Deixaria passar duas semanas para ter a certeza de que o seu noivo

(talvez marido, nessa altura) estaria desesperadamente apaixonado por ela e depois tencionava confessar que não estava à espera de bebê.

O castelo estava assente sobre os penhascos e, quando as carruagens começaram a subir a estrada, o Sol estava a erguer-se, quente e amarelo, à sua esquerda.

— Desfrute deste sol — disse o duque. Linnet tinha-lhe permitido voltar à sua carruagem para a última etapa da viagem.

— Lamento dizer-lhe que Gales tem má reputação devido ao seu clima úmido. Desejo muito que consiga convencer o meu filho a mudar-se para Londres, minha querida. Sei que ele podifazendo tanto bem por lá. Não que eu esteja a sugerir que ele exerça regularmente, claro. Será um par do reino. Mas podia dar aconselhamento nos casos mais interessantes.

Havia qualquer coisa nas descrições que o duque fazia do filho que era um pouco... estranha. Como se não o conhecesse muito bem, apesar de não poder ser esse o caso. Linnet inclinou-se para a frente, com expectativa, quando se aproximavam do castelo. Era monumental, construído de pedra cinzenta-clara e tinha quatro ou cinco torres que ela conseguia ver.

— É muito velho? — perguntou ela.

— Antigo — disse o duque, olhando também para fora. — Está na família há várias gerações. Um dos meus antepassados ganhou-o num jogo de piquet. O Piers teve de fazer enormes reparações, porque havia muito que ninguém vivia nele.

As carruagens pararam numa área fechada, à entrada de uma grande porta em arco.

— Ah, aqui estás você, Prufrock — disse o duque, saltando da carruagem.

O mordomo parecia bastante jovem para o seu cargo, provavelmente na casa dos trinta, e era tão magro que se assemelhava a uma cegonha, com a pele cor de chá com leite.

— Vossa Graça — disse ele, fazendo uma reverência.

Os seus olhos dirigiram-se para Linnet, que tinha acabado de descer da carruagem com a ajuda de um dos lacaios. Ele não tinha aquele dom próprio dos mordomos que consistia em manter o rosto impenetrável; os seus olhos abriram-se muito e uma sobranceira ergueu-se de um modo inesperadamente encantador.

— Este é o Prufrock — disse o duque. — Miss Thrynne, a noiva do meu filho. Com certeza que ele te informou da nossa chegada iminente.

Prufrock conduziu-os através das enormes portas até uma imponente

sala, aberta, com uma enorme escadaria que subia de cada lado. A porta tinha uma espessura igual à largura da mão de Linnet e fora claramente construída para resistir a cercos.

— Onde podemos encontrar o meu filho? — perguntou o duque. Havia qualquer coisa na sua voz, uma espécie de alegria mal reprimida, que despertou a curiosidade de Linnet.

Ela tirou o chapéu e a capa e entregou-os a um laçao.

— Lorde Marchant encontra-se na ala oeste e foi informado, evidentemente, da vossa chegada — disse Prufrock. — Mandei lá um laçao assim que avistamos as vossas carruagens. Penso que ele virá ter convosco a qualquer momento. Se Miss Thrynne quiser refrescar-se, posso escoltá-la, e à sua criada, ao seu quarto. Talvez Vossa Graça também?

— Disparate — disse o duque. — Saímos da estalagem há coisa de uma ou duas horas atrás. Os pacientes estão alojados no terceiro andar, não estão, Prufrock?

— Sim, mas...

O duque começou a andar a passos largos. Depois hesitou, virou-se e agarrou Linnet por um pulso.

— Vou levá-la comigo — disse ele, como que para você próprio. Mesmo antes de ela abrir a boca para responder, já estavam a meio do lanço de escadas à esquerda.

— Vossa Graça — ofegou ela, segurando as saias.

— Venha, venha — disse ele por cima do ombro. Agora, que estavam finalmente no castelo, parecia possuído por uma compulsão feroz. Rebocou-a ao longo de um corredor.

Linnet concentrou-se em acompanhar o passo dele, embora sentisse o coração a bater cada vez mais depressa. A qualquer momento ia conhecer o modelo de homem com quem ia casar. Tinha formado na sua mente uma imagem dele: alto e esbelto, com um coxear que lhe dava uma ligeira inclinação para o lado, um rosto marcado pela dor, mas imbuído da notável beleza que o pai ainda possuía.

Contornaram uma esquina. Então, ela ouviu vozes. O duque caminhou ainda mais depressa, puxando-a atrás de você. Estava uma porta aberta no fim do corredor e o duque enfiou-se por ela.

Encontravam-se num quarto com seis camas, a maior parte das quais estava ocupada. Um grupo de jovens encontrava-se aglomerado junto a uma cama, do lado esquerdo. Por fim, o duque soltou-lhe o braço e deu um passo em frente.

— Piers — disse ele, a voz subitamente áspera.

Nenhum dos homens olhou em volta perante a interrupção.

Muitos deles eram mais novos, provavelmente estudantes, e estavam todos atentamente concentrados no paciente.

— Uma sessão de ensino — disse o duque, baixinho.

Os olhos de Linnet passaram rapidamente pelos homens, localizando de imediato o noivo. De fato, ele estava a falar.

— Febre miliar. Apresenta-se com erupção cutânea, estado febril. — A sua voz tinha o toque de autoridade absoluta. — A erupção apareceu no terceiro dia, o que é uma evidência conclusiva.

Marchant tinha um queixo mais comprido do que ela imaginara, mas o resto era perfeito: cabelo louro e macio, loucamente inteligente, esbelto, com um ar arrogante.

Foi isso que lhe valeu a alcunha de Monstro — aquele ar arrogante, como se fosse mais inteligente do que qualquer outra pessoa no quarto. No entanto, ela via nele uma bondade que desmentia o rótulo.

O seu traje era requintado. Francamente, ela nunca imaginara ver um fraque com aquela magnificência em Gales ou, na verdade, em qualquer sítio fora de Londres. O pai teria o invejado, o que dizia muito.

Um jovem à direita da cama falou, com bastante hesitação.

— O Huxham diz que a erupção pode aparecer no sétimo, nono ou décimo primeiro dia.

— Na minha experiência, a erupção ocorre no terceiro dia — respondeu o seu noivo. A sua voz era mesmo daquele gênero que acalmava um paciente agitado, pensou Linnet, perguntando-se porque teria ele sotaque francês, antes de se lembrar que havia passado a maior parte da vida em França, com a mãe.

— A sua experiência não vale nada — grunhiu um estudante desavergonhado do outro lado da cama. Ela não conseguia vê-lo porque estava encoberto pelos outros homens. — E a do Huxham também não. O homem falava às cegas. Sétimo, décimo primeiro; também podia dizer que a erupção aparece com a lua nova. Para ele é tudo magia.

— Esta erupção foi acompanhada de opressão e ansiedade — respondeu o noivo dela, revelando a voz uma censura discreta.

— O Lobb menciona explicitamente esses sintomas associados a erupções miliares.

— Não terias ansiedade se te visses coberto de uma erupção nojenta,

cheia de crostas? — perguntou a voz desagradável.

Ao lado dela, o duque chegou-se para o lado para ver o homem que falou e depois sorriu. O coração de Linnet caiu-lhe aos pés quando compreendeu o significado por trás desse sorriso.

— Olhe, você aí na cama, não acha que está ansioso, se não mesmo opressivo? Essa erupção significa que alguém pode começar a gravar a sua lápide, então porque não estar deprimido?

— Chim — veio da cama.

— Bem, isto é engraçado — disse o homem. — Alguém lhe pergunte de que cor é o céu. Porque não perguntam?

Ninguém disse nada.

— Assul — disse o paciente.

Houve uma explosão de riso.

— Você és um burro — declarou o médico louro. Linnet concordou. Como podia aquele palermfazendo troça de um moribundo?

Precisamente nessa altura o grupo de jovens médicos separou-se e ela conseguiu ver quem estava fazendo toda aquela indelicadeza.

— O burro neste quarto é a pessoa que fez o diagnóstico de um doente sem lhe fazer uma única pergunta. Ora, este homem tem a língua grossa, o que o faz ter aquele cicar cômico. Pode estar seca, pode estar inchada. De qualquer maneira, não é bom sinal. Se estiver seca, pode significar febre miliar. Se estiver inchada, que indica isso?

A sua primeira impressão do homem malcriado foi que era grande — enorme, de fato. O médico louro era alto e esbelto, mas este homem era ainda mais alto e muito maior. Os seus ombros tinham o dobro da largura dos outros homens. Todo ele era músculo, com uma espécie de força predadora que parecia deslocada junto a um leito de enfermo. Na realidade, tinha o aspecto de quem devia estar a conduzir hordas de viquinges... a combater, ou o que quer que esses homens fizessem para viver.

Tinha estado a chamar a atenção para qualquer coisa no tórax do paciente, mas ergueu os olhos e os seus olhares cruzaram-se. Instantaneamente, o seu rosto ficou glacial.

O que era belo no pai era desagradável nele; os seus olhos azuis eram cortantes, como o inverno amargo. Não parecia civilizado. Ninguém poria aquele rosto numa moeda, romana ou não. Parecia duro demais... monstruoso demais, percebeu ela de súbito.

O coração de Linnet deu um salto, mas os olhos dele passaram-lhe pelo

rosto e depois desceram-lhe pelo corpo, como se, também ela, fosse um paciente cujo diagnóstico estava fazendo. De um modo muito desatento, sem desviar os olhos dela, disse:

— E febre petequial, imbecil. Devia ter sido posto na ala leste, não na oeste, embora provavelmente já não esteja contagioso. Devias limitar-te a serrar pernas; és um burro quando se trata de diagnósticos. E depois:

— Olhem quem aqui está! O meu pai conseguiu realmente encontrar uma mulher mais bela do que o Sol e a Lua.

Havia certo tom de desdém na sua voz que fez Linnet ficar tensa.

— Piers — disse o duque.

Os olhos implacáveis do filho moveram-se de Linnet para o duque, que estava ao lado dela.

— E acompanhada pelo velho e querido pai, nada menos. Bem, isto vai ser um grupo animado. Adivinhem, amigos?

Os outros médicos estavam a olhar verdadeiramente de boca aberta. Ao contrário do conde, tiveram todos uma reação absolutamente normal a Linnet; ela viu-o, com um olhar rápido.

— Eu vou casar — disse ele. — Com uma mulher que, ao que parece, tem um desejo extraordinário de ser duquesa. Não tenho sorte? — Avançou, contornando os pés da cama.

Linnet obrigou-se a não recuar. Teve consciência, com um sobressalto, de que ou lhe fazia frente nessa altura ou então passaria o resto da vida a ser tiranizada.

Porque ele era um tirano, sem qualquer dúvida. Aproximou-se, até estar demasiado perto dela, servindo-se do fato de ser muito maior do que ela para a intimidar.

— O meu pai informou-a de que estou a planear viver uma vida normal, não foi? — disse Marchant, a voz arrastada de desagrado.

— Ele não falou nisso — conseguiu ela dizer, grata por ouvir a sua voz inabalada. O despeito nos olhos dele estava tão mal disfarçado que as costas dela ficaram rígidas. — Por vezes, os planos alteram-se — acrescentou. — Só se pode ter esperança.

— Os meus planos raramente mudam. Não queria que a senhora tivesse vindo até Gales apenas porque pensava que eu estava a preparar o meu enterro.

— O duque contou-me tudo o que é essencial a seu respeito e a sua reputação providenciou o resto — disse ela.

Os olhos dele voltaram a percorrer o corpo lentamente.

— Interessante. Há algumas coisas que parece que ele se esqueceu de me contar. Linnet virou-se para o duque. Seguramente, ele mencionara o bebê na carta, quer dizer, o bebê que ela supostamente ia ter? Os olhos de Marchant tinham, decididamente, parado na sua cintura espessa.

Mas o duque estava a olhar para o filho como um homem guloso em frente de um pudim francês. Passava-se ali muito mais do que ela imaginara.

— E o senhor deve ser o meu pai — continuou Marchant. A sua voz não era nada acolhedora.

— Sou — disse o duque, a voz a vacilar. — Sou ele.

Fez-se um silêncio doloroso. Era óbvio que Marchant não ia dizer mais nada e o duque parecia não ter coragem.

— Agora que sabemos todos quem é cada um dos outros — disse Linnet alegremente siddo—, talvez devêssemos ir para baixo e deixar este pobre paciente sozinho.

O homem que estava na cama tinha-se erguido sobre os cotovelos e estava a olhar, fascinado.

— Por minha causa, não — disse ele, a língua inchada a fazê-lo pronunciar mal a frase...

Marchant desviou os olhos do paciente para ela.

— Bela e alegre. Caramba, hoje é mesmo o meu dia de sorte, não é? Uma deliciosa reunião de família deste gênero revela o que de melhor existe em todos, não acham?

Linnet virou-se e dirigiu-se à porta, onde parou e se voltou para trás. Tal como pensava, os homens estavam a segui-la com os olhos, incluindo— reparou com uma palpação de prazer — o seu próprio noivo, para não falar no doente. — Doutor?

— Creio que esta é a minha deixa — disse Marchant. Ela percebeu pela primeira vez que ele se apoiava numa bengala que segurava na mão direita.

Viu-o dirigir-se a ela. Estranhamente, o seu corpo enorme deu ao ligeiro coxear para o lado o efeito contrário do que ela esperara.

Cambaleava ao andar, deslocando-se como um leão ferido, mas feroz, ainda mais perigoso devido ao seu ferimento.

— Não me diga que Sua Graça se esqueceu de a informar que o seu futuro marido é aleijado — disse ele, ao chegar à porta. Tinha passado pelo pai sem parecer reparar no modo como a mão do duque avançou para ele e

depois tombou.

Linnet decidiu guardar o sorriso de família para uma ocasião melhor.

— Ele falou nisso — disse ela. — Talvez eu não deva aceitar o seu braço, posso fazê-lo cair? — Ignorou o fato de ele não lhe ter oferecido o braço.

Ele estreitou os olhos. Ambos sabiam que ele tinha a constituição de uma casa de tijolo e a mão dela sobre o seu braço não o abalaria.

— Está a jogar um jogo perigoso — disse ele.

— Então, os três médicos mais novos são seus alunos? — perguntou ela. Caminharam ao longo do corredor. Atrás, ela ouvia o duque a apresentar-se aos restantes médicos.

— Sabe contar até três — disse ele, com um ar de aprovação. — Isso é um bom presságio para a sua descendência.

— E eu pensava que nós não íamos ter descendência — disse Linnet.

— É verdade que a responsabilidade do assunto recai nos nossos ombros — disse ele, avançando com uma espécie de andar gingado que o fazia caminhar mesmo à frente dela.

— Embora deva dizer que a carta do meu pai parecia implicar que a senhora era mais precipitada a esse respeito do que aparenta ser.

A pior coisa que ela podifazendo era saltitar para o apanhar. Obviamente, ele estava demasiado habituado a jovens médicos a seguirem-no de perto.

Ele virou a cabeça.

— Não ouviu o que eu disse?

— Infelizmente para mim — disse ela docemente não sei o que significa a palavra precipitada, por isso não percebi o cumprimento que estava a dirigir-me.

— Estava a falar desse pedaço de sangue real que supostamente traz no seu ventre — rosnou ele.

Linnet olhou por cima do ombro. Ainda não havia sinal do duque ou dos estudantes de medicina.

— Que é que tem?

Ele voltou a parar.

— Não há bebê nenhum nessa barriga, Miss Thrynne. O fato de ter atado uma almofada à volta da cintura pode ser suficiente para confundir o meu pai, mas não a mim.

— Recomeçou a andar.

Linnet olhou para os seus ombros e compreendeu que tinha de refrear aquele hábito dele, caso contrário passaria a vida a correr atrás dele.

— E o coxear que o faz andar assim? — perguntou, levantando a voz.

— O que acha? — disse ele, detendo-se do novo. — Pensa que eu ando a cambalear como um marinheiro bêbado por puro prazer?

— Não falo no cambalear — disse ela. — Falo no modo como anda a correr pelo corredor fora como uma criada de cozinha com medo do cozinheiro.

Ele ficou paralisado por um momento e depois, muito para surpresa dela, deu uma enorme gargalhada. Soou enferrujada, como que por falta de uso.

— Aborreço-me com os corredores — disse ele.

— Eu aborreço-me com as costas das pessoas.

Os olhos dele eram extraordinariamente brilhantes à luz fraca do corredor. Não tinha a beleza do pai, mas Linnet começou a ver que tinha a sua própria beleza. Era de um gênero mais brutal, mais forte, um tipo de beleza que lhe irradiava dos olhos.

— Raios partam! A senhora não é o que eu esperava.

— Posso não ser tão famosa como o senhor — disse ela, apanhando-o. Ele não lhe ofereceu, mas ela colocou as pontas dos dedos no seu braço direito, pensando que isso pelo menos o manteria ao seu lado.

— Com esse rosto, imagino que a sociedade elegante sabe tudo a seu respeito.

— E que sabe o senhor da sociedade elegante?

— Nada — disse ele, começando a andar. Não mencionou a mão dela no seu braço, mas abrandou o passo para se manter ao lado dela.

— Neste momento, sou mais famosa por coisas más do que por boas — disse ela, pegando o boi pelos cornos.

— Por causa desse bebê que na realidade não tem — disse ele. — Estranho, isso. Pensava que as classes altas ficavam mais chocadas com bebês do que com a falta deles. Começou a usar a almofada como alguma espécie de brincadeira?

— Pula esta manhã apenas para você — disse ela.

— Como percebeu que o meu pai seria incapaz de lhe resistir, nas circunstâncias? Foi um estratagema extraordinariamente perspicaz, dada a obsessão dele com o apelido da família.

Pela primeira vez existiu um gérmen de admiração na sua voz.

— Obrigada — disse ela.

— Não que vá resultar.

Linnet estava precisamente a pensar a mesma coisa, apesar de não ver razão para lhe dizer.

— Ah, mas eu acho que nós somos perfeitamente talhados um para o outro — disse ela, apenas para o provocar.

— Um médico completamente doido, eu, e uma beleza perversamente calculista, a senhora, coxeando juntos numa vida de felicidade? Custa-me a acreditar. Tem andado a ler demasiados contos de fadas.

— Quem disse que sei ler? Mal sei contar, lembra-se?

Ele olhou-a e ela decidiu, mais uma vez, reter o sorriso de família.

— Começo a pensar que posso ter-me enganado em relação às suas capacidades. Provavelmente é capaz de contar até dez e para trás.

— Isso reconforta-me o coração — arrulhou ela. — Uma vez que vem do grande doutor e isso tudo.

O canto da boca dele ergueu-se.

— Então, quando acha que informaria o seu marido do bebê real que não existe?

— Eu podia ter perdido o bebê.

— Sou médico, lembra-se?

— Pensei que era cirurgião.

— Eu faço tudo — disse ele, começando a acelerar outra vez. Ela apertou-lhe mais o braço com os dedos, sentindo os músculos a fletirem-se quando o braço recebia o peso do corpo dele, apoiando-se à bengala.

Ele olhou de lado, abrandou, mas não disse nada.

— Então, é cirurgião — disse ela, e perguntou uma vez mais:

— Aqueles homens são todos seus alunos?

— Eu não tenho alunos — disse ele, num tom de repulsa. — Deixo isso para os palermas de Londres. O que viu são idiotas desesperados que vieram para aqui para me tornarem a vida num inferno. Talvez tenha reparado naquele idiota a babar-se, à frente, o louro. Esse é o pior de todos.

— Parece velho para estudante — disse Linnet.

— Sebastian. Meu primo. Na realidade, não é mau cirurgião. Diz que está a escrever um livro sobre o assunto, mas na verdade está só preocupado com a sua situação e está aqui escondido.

— Escondido de quê?

— Parece estar convencido de que Napoleão está a endoidecer. Não me admiraria nada. A propósito, ele é o marquês Latour de l’Affitte, por isso é milagre ele ter sobrevivido os últimos dez anos com a sua linda cabeça intacta.

Chegaram às escadas que desciam para o andar principal.

— Se quiser continuar agarrada a mim, terá de passar para o meu lado esquerdo — disse Marchant. — Embora, claro, haja sempre a possibilidade de descer as escadas sozinha.

Linnet dirigiu-se para o seu lado esquerdo, apenas para o irritar. Desta vez, enrolou os dedos por baixo do braço. Gostava bastante de sentir todo aquele músculo debaixo da mão. Parecia que estava a domar um animal feroz.

— Suponho que pensa que vou apaixonar-me por você — disse ele.

— Muito provavelmente.

— Quanto tempo se dá? — Ele parecia genuinamente curioso.

— Duas semanas no máximo. — E então dirigiu-lhe o sorriso; covinhas, sedução, sensualidade e isso tudo.

Ele nem sequer pestanejou.

— Isso foi o melhor que tem?

Contra sua vontade, Linnet deixou escapar uma risadinha, e depois outra.

— Geralmente, é mais que suficiente.

— Acho que, neste momento, eu devia dizer alguma coisa encorajadora.

— Elevou a voz para uma desculpa humilhada.

— Não sou eu, é a senhora. — Depois: — Ups! Disse de trás para a frente. — Não é a senhora, sou eu.

— Calculo que a sua lesão lhe confere imunidade — disse ela, tendo já percebido isso. Tinha-se enganado ao considerar a incapacidade dele uma vantagem. Tornava-o indiferente aos seus encantos, o que significava que o casamento deles nunca resultaria.

O duque teria simplesmente de se resignar à falta de herdeiro.

Os gélidos olhos azuis de Marchant tremeluziram para ela e depois desviaram-se.

— Qualquer coisa desse gênero.

— Eu não queria falar nisso, se é um assunto delicado — disse ela,

decidindo irritá-lo o mais que podia. — Estou certa que será difícil sentir que é... como é que se diz? Um gatinho. Uma borla de pó de arroz.

— Gatinho? — Para desilusão dela, ele não pareceu irritado, apenas sarcasticamente divertido. — Eu acho-me mais como um...

— Sim?

— Tenho de pensar nisso. Para encontrar a expressão perfeita, compreende?

— Não se preocupe — aconselhou-o ela. — Tenho a certeza de que com você resolver o nosso pequeno problema quando estivermos casados. Provavelmente, Gales está cheio de rapazes bem constituídos, prontos fazendoem um favor ao seu senhor.

— Nós não temos nenhum problema — disse ele bruscamente.

Linnet reprimiu um sorriso.

— Ah, temos, sim — disse ela. — O seu pai prometeu-me a sua mão em casamento e o anúncio já foi enviado para o Morning Post.

— E eu tenho ar de quem se rala com isso?

— O seu pai rala-se!

— O pai que eu encontrei cinco minutos atrás, pela primeira vez em vinte e seis anos?

— Sim, bem — disse ela. — Cá estou eu. A sua noiva. Provavelmente a única que lhe será oferecida, além do mais.

Deve ter havido alguma coisa no tom de voz dela que a denunciou, porque ele deu outra daquelas gargalhadas enferrujadas.

— Eu não vou casar com você e imagino que está de acordo, mas diabos me levem se eu não poria essa hipótese se as coisas fossem diferentes.

— Ora, ora — arrulhou ela, apertando mais a mão em volta do braço dele e dirigindo-lhe mais um sorriso.

— Oh, desista — disse ele. — Não vai casar comigo tal como eu não vou casar com você. Como se chama, a propósito?

— Miss Thrynne — disse ela. — O meu pai é Cornelius Thrynne, visconde Sundon.

— Eu sou conde — disse ele. — Mas suponho que sabe isso, uma vez que a senhora se atirou ao pobre do meu pai, enfeitando-o com histórias de descendência principesca. Como descobriu a fraqueza dele por sangue real?

— A minha tia sabia que ele se gaba de ter Henrique VIII como seu antepassado — disse ela, olhando a sua figura esbelta. — No entanto, eu não

veja parecenças nenhuma; ele era de certeza mais baixo e mais gordo do que o senhor.

O mordomo estava à espera, à entrada, quando eles chegaram ao fundo da escada.

— Este é o Prufrock — disse o conde. — Ele sabe tudo o que acontece neste castelo e muito mais longe. Mas, realmente, Prufrock, devias ter-me avisado que o meu pai planeava invadir a fortaleza. Eu teria ido embora.

— Foi o que eu pensei, precisamente, meu senhor — disse o mordomo. Fez uma reverência a Linnet. — A sua criada está no seu quarto, Miss Thrynne, se quiser ir ter com ela.

Do cimo da escada chegou um clamor de vozes enquanto os médicos desciam a escada, com o duque à frente.

— Raios partam! — exclamou Marchant. Virou-se para a arcada. — Você... abre a porta — rosnou a um laçao, que imediatamente passou à ação.

Linnet seguia-o com o olhar, algo divertida, quando ele, de repente, se virou.

— E a senhora — disse-lhe ele. — Venha comigo. Ela riu-se.

— O senhor — disse ela, em tom de chacota —, fuja e esconda-se agora, porque não o faz? Acho que vem aí o grande lobo mau.

Por um momento, o rosto de Marchant ensombrou-se e os seus olhos estreitaram-se de uma maneira quase assustadora. Mas depois estendeu a mão.

— Por favor.

Era melhor ela ir.

— Está bem — disse ela. Mas não aceitou a mão dele. Saíram para a luz do Sol pela enorme porta.

— Ainda há sol — disse Marchant, franzindo os olhos. — Toda a manhã, o que é praticamente um recorde. Em Gales chove a maior parte do tempo.

— Leva-me na direção do mar? — Chegava até ela um cheiro de frescura salgada e vigorosa e ouvia levemente o som das ondas. Não tinha o chapéu, o que significava que podia ficar com sardas, mas naquele momento não se ralava. Mrs. Hutchins dizia que as sardas eram muito pouco atraentes, mas Mrs. Hutchins estava muito longe, em Londres.

— Por aqui — disse o conde. — Se quiser pode dar-me o braço. — Ele nunca esperaria que ela fosse buscar o chapéu, portanto, ela teria de ir sem ele.

— Muito cortês da sua parte. Vai estar pronto para o Almack's a

qualquer momento — disse ela, voltando a enrolar os dedos à volta do braço dele.

— Almack's? Que é isso?

— Um lugar onde toda a melhor sociedade vai dançar nas noites de quarta-feira — informou ela.

— Parece aterrador.

— Pode ser enfadonho — disse ela, refletindo.

Ele olhou-a de lado.

— Não gosta de dançar?

— É agradável — disse ela, sem grande entusiasmo.

— Mas então que fazem as senhoras se não dançarem? A minha mãe vive para isso. Está furiosa comigo por causa da falta da dança na sua vida, atualmente.

— Porquê?

— A culpa é do Seb. Ele mandou a mãe dele e a minha para a Andaluzia para ter a certeza de que nada lhes acontece em Paris se o Napoleão tiver ânsias de invadir a Inglaterra. E, claro, não aconteceu nada, por isso as senhoras estão desejando ardentemente voltar ao salão de baile.

Linnet não disse nada. Adoraria viajar, ver sítios como a Andaluzia, ou a Grécia, ou ainda outros mais distantes. De fato, trocaria da melhor vontade a dança, para sempre, pela possibilidade de ver o Pártenon.

— Então, como se chama?

— Já lhe disse — respondeu ela, franzindo a sobrancelha. — Miss...

— O seu nome próprio.

— Linnet — disse ela. — Mas não é nada apropriado o senhor usá-lo, agora que me informou de que não é meu noivo.

— Mas ainda não informei o Morning Post — retorquiu ele.

— Portanto, suponho que ainda estamos tecnicamente noivos. A propósito, o meu nome é Piers. Não me chame Marchant; odeio o nome.

O caminho descreveu uma curva e passou ao lado de uma casa minúscula.

— Que é isto? — perguntou Linnet.

— A casa do guarda. Parece que, a dada altura do passado menos glorioso do castelo, estava aqui posicionado um homem para melhor gerir operações de contrabando — disse Piers.

Linnet abriu a boca para fazer mais perguntas, mas deram a curva e de repente, ali abaixo deles, estava o mar. Brilhava como uma enorme safir, a à luz do Sol.

— É tão belo! — exclamou Linnet baixinho, deixando cair o braço. — Não fazia ideia.

— Nunca tinha visto o mar?

Ela negou com a cabeça.

— O meu pai prefere estar em Londres o ano todo. Aquilo é uma piscina?

— É. Está escavada na rocha. Esvazia e depois volta a encher com a maré.

— Cria peixes lá dentro?

— Não, nado lá dentro, claro. Se eu conseguir tolerar a presença do meu pai o tempo suficiente, a senhora pode experimentar. — Começou a descer o caminho. — Não que tenha coragem.

Ela semicerrou os olhos, olhando para as costas dele.

Um instante depois, ele virou-se. Ela tinha cruzado os braços e estava à espera.

— É mesmo uma chata — disse ele, impaciente.

Ela continuava à espera.

Ele apoiou-se à bengala com força e deixou escapar um gemido rouco.

— A minha perna. Ador é excruciante.

Mas voltou atrás para ir ter com ela. O vento que vinha do mar vergastava o cabelo escuro, soltando-o do rabicho e fazendo redemoinhar em volta da cabeça. Linnet riu-se, porque havia qualquer coisa nele que a fazia sentir-se...

Fraca.

Ridícula. Enrolou os dedos em volta do seu braço.

— As senhoras não nadam — informou-o.

— Nadam, sim. Tenho mandado alguns pacientes para a costa. Em geral, aconselho-o a mulheres cujos problemas provêm do seu amor a bolos. Mando-as também quando têm queixas femininas. Tanto quanto sei, elas vão de carruagem até ao mar e depois as criadas despejam-nas para dentro de água.

Ela digeriu aquilo.

— Eu pensava que as roupas nos faziam afundar.

Os olhos dele eram perversos, cheios de riso.

— Nuas, sua tonta. A criada tira a roupa da patroa e ela desliza, como um peixe, para dentro de água.

— Oh!

— Eu também nado nu — disse ele mas sem barraca com rodas.

— E a sua privacidade?

Iam a descer o caminho rochoso que levava à piscina. Ele percorria-o com facilidade, parecendo saber exatamente onde colocar a bengala.

— Não posso dizer que me estou nas tintas, mas o Prufrock passava a vida a mandar-me pacientes para aqui, por isso decidi finalmente guardar para mim o meu cabo da bomba. Vê aquele sinal? — Ele indicou com a cabeça um pedaço de madeira enfiado no chão, com uma barra transversal. — Se eu puser a barra vertical, assim — puxou-a para cima —, ninguém da casa se atreve a continuar.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele voltou a pô-la na horizontal.

— Se decidir ir nadar, certifique-se que põe a barra para cima.

Linnet abriu a boca para dizer Oh, não posso, e depois voltou a fechá-la. Porque não podia? Ela já não era nenhuma debutante para ter de se vigiar a todo o momento para garantir que não seria rotulada de indecente.

Era uma mulher arruinada. Quanto mais não fosse, as mulheres arruinadas eram autorizadas a nadar.

Esse pensamento fê-la sorrir.

— O que é assim tão engraçado? — perguntou Piers, irritado.

— A ideia do senhor a saracotear-se dentro de água — disse ela. Acrescentando, lorde Marchant, apenas para o aborrecer um pouco mais.

— Eu não me saracoteio — retorquiu ele. — Mostro-lhe, se quiser. — Tinham chegado à beira da piscina, por isso ele deixou cair o braço dela. — Em geral, mergulho daqui. — Apontou para uma rocha plana que se erguia acima da bacia de água.

Linnet inclinou-se para baixo. A água estava deliciosamente fresca, correndo-lhe pelos dedos como se estivesse viva.

— Podia entrar já — disse Piers, observando-a. — Parece um pouco transpirada e com calor. Tem a cara vermelha. Provavelmente, é de todo esse chumaço que tem em volta da cintura.

— E muito indelicado da sua parte mencionar a cor da minha cara —

disse Linnet, sentindo-se um pouco picada. — E eu não vou, obviamente, nadar à sua frente!

— Porque não? Eu sou a borla de pó de arroz, lembra-se? Para o caso de estar a perguntar a você mesma se a visão do seu corpo indubitavelmente deleitoso me faria apaixonar por você, a resposta é não. Enquanto médico, vejo corpos de mulheres o tempo todo e eles nunca me despertam qualquer interesse. Ela empertigou-se.

— Lamento — disse ela.

— Porquê? Porque não sou sensível aos seus indiscutíveis encantos? Vejo que isso seria um grande choque.

— Naturalmente. Mas também porque os homens... — Ela arrastou a frase, sem saber como formular a ideia.

— Porque os homens são criaturas lascivas e eu não sou? A maioria das mulheres também o é.

— Eu não sou — disse ela, alegremente.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O príncipe deve ter ficado muito desiludido.

— Provavelmente — disse ela. — Embora eu nunca tivesse sabido ao certo porque namoriscava ele comigo. Ambos sabíamos que não tínhamos futuro juntos.

— Provavelmente gostava de se rir — disse o conde. Foi a primeira coisa simpática que lhe disse.

— Eu devia voltar para o castelo — disse Linnet. — Vão nascer-me sardas.

Ele encolheu os ombros.

— As manchas de pigmentação podem ser encantadoras. Embora, uma vez, eu tenha tratado uma paciente que tinha comprado água para sardas na farmácia. Arrancou-lhe um bom pedaço de pele da face direita.

Linnet estremeceu e começou a subir o caminho.

— Não vai esperar por mim? — rosnou ele atrás dela. — Estava a começar a pensar que a senhora não era capaz de andar sem apoio de um dos lados. Pelo menos tínhamos isso em comum: a base para uma linda amizade.

Ele estendeu o braço e ela tomou-o.

— Nem sei porque é que eu sugeri nadar — disse ele. — Uma senhora nunca poria um pé no mar, aqui. E frio.

— Eu punha — disse Linnet. Não lhe interessava que estivesse frio. Estava desejando atirar-se para dentro daquele mar de safira. — Então o pessoal obedece-lhe em relação àquele sinal?

— Eles têm imenso medo de mim.

— A sério?

— A senhora também devia ter.

Ela sorriu-lhe.

— Talvez devesse tentar mais.

— Talvez devesse casar comigo — disse ele. Ela riu-se alto.

Piers entrou na sala de estar nessa noite e percebeu que era o primeiro a aparecer, o que era precisamente o que queria. Sebastian tinha tendência a lançar um olhar reprovador à sua ingestão de brande e, como Piers não queria andar ao soco com ele, preferia beber antes de o primo aparecer.

Como um bêbado, agora que pensava nisso.

Pousou o copo de brande em cima do aparador. Prufrock abriu a porta e disse:

— Miss Thrynne — e fechou-a atrás de você.

A sua noiva entrou, parecendo, se possível, ainda mais radiante do que nessa manhã. Era extremamente bela. Realmente. O pai superara-se. Primeiro, tinha desencantado Prufrock e agora ela. Linnet parecia uma princesa, toda ela curvas e doçura e pele macia.

Decididamente, mais bela do que o Sol e a Lua.

E tinha um diabo de peito. O que não era mais do que uma glândula mamária funcional, recordou ele a você próprio.

— Noiva — disse ele, à laia de saudação. — Deseja um pouco de brande?

— As senhoras não bebem brande — respondeu ela. Usava um vestido de noite branco com pequenas pregas em cima e pedacinhos flutuantes de tecido transparente em baixo, bordado com flores nas orlas. Muito engenhoso, pois dava a um homem a ideia de poder ver-lhe as pernas se olhasse esforçadamente.

— Bonito — disse ele, indicando o vestido com um movimento da bengala. — Apesar de eu pensar que ficaria melhor de verde.

— Os meus vestidos de noite são brancos — disse ela. — Pode dar-me um copo de champanhe?

— Não, mas o Prufrock pode. Quando ele voltar. Porquê brancos?

— As senhoras solteiras usam branco à noite.

— Ah, as virgens! — disse ele, percebendo. — Então está a anunciar a sua inexperiência erótica no mercado aberto, não está?

— Precisamente — disse ela, pegando na garrafa de champanhe e lutando com a rolha.

— Por amor de Deus — disse ele. — Deixe-me fazer isso. Não sabia que estava desesperada. — Tirou a rolha e serviu-lhe um copo. — Que aconteceu à almofada que trazia à volta da cintura?

Era óbvio que ela não a tinha. O seu corpo parecia um delicado espécime da feminilidade inglesa. Esguia nos sítios certos e roliça em todos os outros.

— Pula de parte. O senhor tinha razão. Fazia-me calor.

— O meu pai vai ficar horrorizado. A senhora acaba de chegar e o bebê real já se foi.

Ele é completamente obcecado pela nossa história familiar, sabe.

— Um dia ele terá de saber, portanto, que importa isso? Eu não tinha percebido que o senhor estava tão afetuosamente preocupado com as emoções do seu pai.

— Hã. — Bebeu outro gole de brande.

— Porque está agora a encontrar-se com o seu pai pela primeira vez em anos? Afinal, para ter adquirido a sua maravilhosa reputação, deve estar a viver em Inglaterra já há algum tempo.

Na realidade, era bastante perturbador estar perto de uma pessoa tão bela como ela. Tinha os olhos grandes e azuis. Do gênero de azul que ele via no mar mesmo antes de começar uma tempestade.

— Eu adquirir esta reputação em Oxford — explicou ele. — Também exerci em Edimburgo e, segundo parece, espalharam-se notícias sobre a minha personalidade fascinante. As pessoas não têm nada melhor de que falar, obviamente. Então, porque não são as suas pestanas ruivas? Calculo que as pinta.

— Claro que pinto. E suponho que nunca se encontrou com o seu pai porquê...

Ele não reagiu, limitando-se a esperar que ela especulasse.

— Porque viveu toda a sua infância em França?

— Depois dos seis anos. Fui criado com o meu primo, aquele palerma de cabelo louro que a senhora viu a diagnosticar mal uma febre.

— E comum os pares do reino serem médicos em França? — perguntou ela. — Devo dizer que aqui é muito pouco habitual.

Ele encolheu os ombros.

— Eu e o Sebastian partilhávamos uma paixão de infância por abrir coisas e ver como funcionavam. Nenhum de nós viu qualquer razão para mudar quando crescemos e, além disso, deu-se a Revolução que exterminou muitos dos aristocratas franceses, se bem se lembra.

Ele fitou-a.

— Tem idade suficiente para se lembrar?

— Claro que tenho. Correram algum perigo, os dois?

— As escolas de medicina francesas fecharam em noventa e dois, por isso viemos para Inglaterra e passamos a estudar em Oxford.

— Então, escaparam às piores insurreições. Foi sorte.

Ela acabou o champanhe. Piers observou a sua garganta a mover-se enquanto ela engolia. O corpo humano era uma coisa fascinante.

— A minha mãe perdeu o marido em noventa e quatro, mas felizmente não perdeu a vida — acrescentou ele.

— Porque não se encontrou com o seu pai quando regressou a este país?

— Não quis. Tinha memórias claras dele. E um palerma fraco.

— O meu pai também — disse ela de uma forma bastante surpreendente. — Mas eu amo-o e ele é meu pai. E, já agora, o seu pai não é palerma nenhum. Jantei com ele todas as noites, no caminho para aqui, e ele tem o dobro do juízo do meu pai.

— Então, porque não casa com ele? — perguntou Piers, zombeteiramente, antes de pensar. Depois, todo o seu corpo ficou tenso com uma súbita repulsa. Cometeria parricídio antes de o permitir.

Ela franziu o nariz.

— Tenho a certeza de conseguir encontrar alguém com quem casar que não tenha mais de vinte anos que eu. E, se eu tivesse escolha, preferia fazê-lo.

— Mas não teve escolha quando se tratou de ser minha mulher, pois não?

— É raro as mulheres terem escolha — disse ela. — Temos muito pouca voz no assunto.

— Se eu lhe pedisse que casasse comigo, então teria escolha.

Ela gorgolejou uma gargalhada.

— O senhor não quer casar comigo.

— Casa comigo? — perguntou ele.

— Não.

— Pronto. Não se sente cheia de poder? Rejeitou um conde mesmo antes de o jantar estar na mesa. E com certeza capaz de coagir um desses pobres médicos fazendo-lhe uma proposta antes da hora de dormir. O Bitts é o que tem melhor origem social; é o segundo filho de um visconde, ou uma coisa do gênero.

Ela riu-se outra vez. Era inquietante o quanto ele gostava daquele riso.

Ela era, de fato, uma mulher perigosa.

A porta abriu-se e Prufrock anunciou os três jovens médicos que estavam naquela altura a causar-lhe um grande incômodo ao tentarem aprender medicina.

— Penders, Kibbles e Bitts — disse Piers, indicando cada um com a cabeça, na sua vez. — O Kibbles é o único que tem os miolos a funcionar; o Bitts é um cavalheiro, por isso não lhe couberam nenhuns em herança. E o Penders está a melhorar, o que é bom, porque não havia outro caminho a seguir, a não ser para cima. Meus senhores, apresento-lhes Miss Thrynne, a minha noiva.

Ela dirigiu-lhes aquele sorriso patenteado que tentara com ele. Eles derreteram-se como manteiga e Penders até balançou um pouco.

— Mostra algum caráter — disse Piers, estendendo a mão e dando-lhe uma cotovelada. — Nunca viste uma mulher bonita?

— Muito prazer em conhecê-la — disse Kibbles, fazendo uma reverência tão profunda que ia perdendo o equilíbrio.

A porta abriu-se mais uma vez e Prufrock anunciou:

— O duque de Windebank. O marquês LaTour de l'Affitte.

Piers encostou-se ao aparador e esperou para ver como a sua pretensa noiva lidaria com o fato de ser a única mulher na sala. Com um olhar, pediu ao pai que se mantivesse à distância, e o homem obedeceu, afastando-se para olhar pelas janelas que davam para o mar.

Isso deixou quatro homens a babarem-se sobre Linnet. Mesmo Sebastian, que ele considerara ter mais juízo do que ele próprio, estava a exibir-se naquele momento.

Linnet fez aquele risinho gutural que ela tinha, e Sebastian aproximou-se mais, os olhos brilhantes de um modo que até então Piers só tinha visto na sala de operações.

Para sua enorme surpresa, sentiu um grunhido leve a subir-lhe na garganta. Ciúmes, diagnosticou. Juntamente com um feio pedaço de sensibilidade egoísta. Eu não a quero, mas também não quero que ninguém tenha o meu novo brinquedo reluzente.

Com aquela ideia na cabeça, afastou-se do aparador e, a coxear, foi ter com o seu querido pai. Afinal de contas, tinha de ser. Dificilmente podia hospedar o homem sob o seu teto e ignorá-lo completamente.

O duque virou-se, mas depois limitou-se a ficar ali, como se esperasse que Piers lhe batesse. Era abominavelmente enfadonho.

— Pensei que tínhamos um acordo — disse Piers. Ele acenou com a cabeça.

— Quebrei-o.

— Não quero que se aproxime de mim. Em troca, dou-lhe autorização tácita para colocar espões na minha casa...

O pai começou a falar, mas Piers levantou a mão.

— Não faça de mim idiota. O Prufrock não encontrou o caminho para as terras inóspitas de Gales sozinho. Às vezes, penso que devia diminuir-lhe o salário, já que o pai está, sem dúvida, a pagar-lhe.

Silêncio.

Piers fitou-o, mas, por qualquer motivo, não tinha grande prazer em ser grosseiro. Tinha passado tantos anos a odiar o homem que era bastante estranho descobrir — agora que estavam frente a frente — que ele era, afinal, apenas um homem.

— Presumo que já não é viciado em ópio — comentou ele. Enquanto médico, sabia. No entanto, tinha aprendido os sinais da dependência do ópio antes disso: nos joelhos da mãe, observando o pai.

— Já lá vão doze anos. Como está a sua mãe?

— Provavelmente, sabe que o marido dela morreu durante o Terror. Ela gostava muito dele.

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— Claro que sabe. Provavelmente, também tem espões entre o pessoal dela.

— Fizeste bem em tirá-la de França — disse o duque, sem se incomodar a desmenti-lo. — Não gosto do ambiente das coisas por lá.

— Foi o Sebastian — corrigiu Piers. — Eu nem pensei duas vezes. Ele tirou rapidamente as nossas mães do país há um mês, mais ou menos, e depois apareceu ele aqui.

— Eu vou... eu vou ficar aqui até você casares e depois deixo-te sozinho outra vez. — O duque fez uma referenciazinha seca.

Piers pensou se havia de lhe dizer que o casamento não ia realizar-se, e decidiu não o fazer. O pai não tinha nada com isso, apesar de ter arranjado a noiva em questão. Olhou por cima do ombro e viu que Linnet estava a sorrir para Seb.

— Ela é encantadora — disse o duque com um toque de orgulho.

— Melhor ainda, traz um bebê real a reboque — acrescentou Piers, indo direto ao coração do seu êxtase. — Que belo negócio me arranjou: mulher e

herdeiro num único e doce embrulho.

— Seria difícil a qualquer mulher resistir ao príncipe Augustus, quanto mais a uma tão jovem e bela como Miss Thrynne. Mas, para o caso de estares preocupado, eu perguntei-lhe e ela não está apaixonada pelo príncipe.

Piers quase sorriu. Não, Linnet não estava apaixonada pelo príncipe. Na verdade, achava que ela era um bocadinho parecida com ele próprio. Havia boas hipóteses de ela nunca sucumbir a uma emoção tão constrangedora.

— E se ela estiver grávida de uma menina? O pai continua sem herdeiro.

— Vê quantos filhos tem o rei — disse o pai. — Há boas hipóteses de ser um rapaz. E, ainda que ela esteja mesmo à espera de uma criança do sexo feminino, a sua parte dos bens não está vinculada a morgadio e o meu advogado diz que podemos quebrá-lo na minha parte, também. A criança não terá o nosso título, mas terá o resto.

— Bem — disse Piers, sabendo que estava a ser abrupto, mas incapaz de suportar mais um segundo a companhia daquele velho de olhos ansiosos. — E melhor eu voltar para a minha noiva, antes que o Sebastian a agarre e a leve para França.

O pai franziu a sobrancelha.

— O Laffite é teu primo. Claro que não te rouba a noiva.

— Realmente, ele é meu primo. Mas olhe para a mulher que me trouxe, pai. — Deu ao rótulo um tom trocista. — Não há muitas como ela em toda a França ou Inglaterra.

— Não — concordou o pai. — E também não só por causa da sua beleza.

Piers lançou um olhar vagaroso a Linnet. Havia a beleza, certamente. Mas ela não fazia diminuir o valor da inteligência existente nos seus olhos. E, na sua opinião, a cadência ligeiramente cínica da sua. Voz ainda a tornava mais bela, como se Afrodite tivesse sido cruzada com Atena.

— Vai — disse o pai, fazendo um gesto abrupto. — Podes fazer de conta que eu não estou na sala. Não é preciso fazeres cerimônia comigo.

Piers voltou a atravessar a sala e interrompeu a conversa entre Linnet e o seu primo.

— A minha noiva — rosnou ele, lançando um olhar a Sebastian.

O francês sorriu a Linnet com todo aquele charme galês que ele exibia de uma forma tão descarada.

— Tem a certeza de que não preferia casar comigo? Viver com o Piers é viver com o próprio diabo. Já levo anos dele e sei o que digo.

Os olhos de Linnet dançaram sobre Sebastian como se estivesse a considerar seriamente a sua proposta e Piers teve o desejo súbito de esmurrar a cara do primo.

Que diabo se estava a passar? Decidira havia muito tempo que estava melhor sozinho. Não precisava demais ninguém com quem se preocupar.

— Devia aceitá-lo — obrigou-se a dizer. — Ele é mais simpático. Eu sou mais rico, no entanto.

Sebastian encolheu os ombros.

— As minhas terras foram confiscadas. Mas tenho o suficiente.

— Tens o suficiente para te vestires como um peralvilho — disse Piers. — Não disseste que ias ver como está aquela amputação de hoje à tarde?

— Já vi.

— Então que gênero de coisas é que corta? — perguntou Linnet.

— Pernas e braços — respondeu Sebastian.

— Ele podia estar a cortar lenha, mas optou pelo caminho mais fácil — disse Piers.

— Pensava que abria pessoas de alto a baixo — disse Linnet. Não parecia minimamente assustada ou suscetível, o que era pouco habitual na experiência de Piers quanto a jovens senhoras.

— Há demasiado risco de infecção — disse-lhe Sebastian.

Estava a abrir a boca, planeando provavelmente regalá-la com pormenores sanguinolentos dos seus pacientes mortos, quando Prufrock os chamou à sala de jantar. À mesa, Piers tinha Linnet à sua direita, e Sebastian, graças a Deus, fora deportado para a outra extremidade para falar com o duque.

— Foi uma sorte para você a campanha ter tocado naquela altura — disse ele a Linnet.

— O meu primo estava quase a aborrecê-la de morte com histórias de infecção e morte.

— E muito amável da sua parte arranjar-me um marquês residente com quem namoriscar, na medida em que o Continente deve ser a minha próxima morada.

— Quer dizer que vai ter de sair do país? Por causa desse bebê que não existe?

Ela encolheu os ombros.

— Casar com você foi ideia da minha tia para uma reparação brilhante

da catástrofe iminente.

Na sequência desta revelação, um cavalheiro faria, provavelmente, uma rápida proposta de casamento. Piers, contudo, não teve qualquer problema em manter-se em silêncio.

— Posso oferecer-lhe vinho? — Prufrock inclinou-se de tal maneira sobre Linnet que provavelmente estava a olhar-lhe pelo corpete abaixo.

— Vai-te embora — rosnou Piers. — Nós estamos a ter uma conversa privada. Vais ter de aprender a comportar-te mais como um mordomo quando eu casar com a Linnet, sabes. Não posso deixar-te irromper pelos aposentos matrimoniais, quanto mais por confidências matrimoniais.

— Como desejar — disse Prufrock, afastando-se a deslizar, sem olhar para trás.

— Eu acho que o ofendeu — disse Linnet. — Que estranho mordomo o senhor tem.

— Espia para o meu pai — explicou Piers. — O Prufrock não pode dar-se ao luxo de se sentir ofendido, uma vez que está a ser pago por duas casas. Ouça, amanhã de manhã levo-a a nadar.

Ela abriu a boca, mas ele falou primeiro.

— Se mergulhar e se afogar, as pessoas vão falar. Vão dizer que eu o fiz só pelo prazer de a dissecar.

Linnet franziu o nariz.

— E quem vai ensiná-la a nadar se não for eu? Não que eu acredite que consiga aguentar-se dentro de água. No minuto em que a sentir, começa a guinchar e a correr pelo caminho acima.

— Não é decente.

Piers rolou os olhos.

— Para uma jovem senhora que teve recentemente conflitos com a realeza, a senhora é muito puritana. Eu não constituo perigo para a sua castidade. Além disso, podemos ir de manhã cedo, enquanto a sua dama de companhia ainda estiver a ressonar. Ah, espere, não tem dama de companhia.

Ela sorriu, não aquele autêntico milagre de covinhas que ela utilizava para manipular os pobres imbecis que ficavam sob o seu feitiço, mas um pequeno sorriso, quase secreto. Apenas um encaracolar dos lábios e um sorriso, bem fundo, nos olhos.

— Muito bem — disse ele, afastando-se da mesa.

— Ainda não comemos o segundo prato...

— Há pacientes a morrer lá em cima, sabe. — E com isto partiu.

Estava a perder a cabeça, sentado ali a olhar para os olhos dela.

Era necessária uma retirada estratégica. Afinal, ele não tinha qualquer intenção de casar. Nunca.

Linnet foi deitar-se a pensar na ruga profunda que Piers tinha entre as sobrancelhas. Existiria ali porque ele tinha dores constantes, ou seria porque tinha um feitiço desgraçado? Apesar do seu bom senso, havia qualquer coisa na ferocidade dos olhos dele e nas rugas de dor em torno da sua boca que a fazia querer arreliá-lo, fazê-lo rir, obrigá-lo a escutá-la.

O que era absurdo. Ele era um homem que, claramente, tinha tomado a decisão de passar a vida sozinho e, segundo todas as indicações, nunca pensara duas vezes no assunto.

No entanto, ela continuava a pensar na testa dele e adormeceu a imaginar um Piers cujo rosto se tinha suavizado com o riso, um Piers que não era Piers.

Acordou e viu aquela testa a franzir-se para ela.

— Nem sequer se virou quando eu entrei pesadamente no seu quarto, com a bengala e tudo. Falei com você duas vezes e limitou-se a continuar aí deitada com esse sorrisinho estranho no rosto.

— Que horas são? — murmurou ela, zozna, afastando o cabelo da cara.

— Está a alvorecer. — Sentou-se à beira da cama como se fossem amigos de longa data. — A minha perna dói-me como o diabo, portanto, podifazendo o favor de se preparar para ir nadar? E a única coisa que me faz passar a dor.

— Nadar — disse ela, virando-se de lado, com uma mão sob a face. Estava ainda meio a dormir e parecia-lhe que ele tinha saído diretamente do seu sonho.

— Pensa que vou nadar com você?

Ele enterrou os dedos na coxa.

— Despache-se. O Sol está a nascer.

— Dói assim tanto?

— A massagem ajuda. — Parecia que estava a falar por entre dentes cerrados. — A senhora cheira bem.

— Madressilva — disse ela, satisfeita com o cumprimento. — Sabe, na verdade, o senhor não devia estar no meu quarto.

— Porque não? Se formos descobertos, o pior que pode acontecer é termos de nos casar e, de qualquer modo, já se espera que nos casemos. Nestas circunstâncias... — Encolheu os ombros.

Ela pensou que as circunstâncias eram, provavelmente, a sua falta de

virilidade. E ele tinha razão quanto ao fato de ninguém poder supô-la arruinada se o homem em questão era incapaz de causar a ruína. Virou-se de costas e espreguiçou-se voluptuosamente.

— Realmente, isto é engraçado.

— O quê? Ter um homem no seu quarto? Com a sua reputação, pensava que isso fosse uma segunda natureza.

— A sua reputação fez-me pensar que o senhor seria espiritoso, por isso estamos ambos surpreendidos. — Ela sentou-se e balançou os pés para fora da cama, pelo que ficaram sentados lado a lado.

— Já teve muitos homens no seu quarto? — perguntou ele, parecendo curioso.

— Nenhum. Nem sequer o putativo pai do meu pretenso bebê. Para ser franca, não me importo de estar sozinha com um homem. Precisamente no momento em que uma mulher se descontrai o suficiente para se sentir minimamente cordial, é garantido que ele lhe salta em cima.

— Nunca tive essa experiência — disse ele, laconicamente. — Pode fazer o favor de se vestir? Prometo não lhe saltar em cima.

— Qual é a pressa?

— A maré está alta. A piscina está cheia e o Sol acabou de nascer. Confie em mim, esta é a melhor altura para nadar.

— Eu não vou tirar a roupa toda.

Ele voltou a encolher os ombros.

— Como quiser. Mas, se levar saias compridas, eu não vou mergulhar para ir buscá-la ao fundo da piscina.

— Levo a minha chemise — disse Linnet, sentindo-se subitamente entusiasmada. — E o senhor... bem, também tem de levar alguma coisa vestida.

— Posso levar calções interiores, se quiser — disse ele, parecendo não ter qualquer interesse no assunto.

Linnet correu para trás do pequeno biombo ao canto do quarto, fascinada por descobrir como era fácil estar com Piers. O fato de saber que ele não ia tentar beijá-la ou ajoelhar-se, ou, pior que tudo, perder o controle e lançar-se numa espécie de combate, tornava um prazer estar com ele.

— Sabe — gritou ela, por cima do biombo, enquanto enfiava um vestido pela cabeça —, não quero assustá-lo, mas o senhor é precisamente o gênero de homem com quem eu gostaria de casar.

Ele grunhiu.

— Sinto que não está a babar-se em cima de mim — disse ela, querendo explicar. — Sei que não está a lamber os beijos e fazendo uma imitação de Chapeuzinho Vermelho.

— Não seria eu o lobo, e não a menina?

— Sabe o que eu quero dizer. — Saltou de trás do biombo.

— Podia fechar-me o resto do vestido? Sem a minha criada, vestir-me é mais difícil do que eu pensava.

Virou-se de costas e ele abotoou o vestido até acima. Ela voltou a deleitar-se com uma sensação de liberdade desconhecida.

— Ninguém disse que estar arruinada era tão divertido — disse ela, feliz. — Não tenho o mais pequeno medo de que me arranque os botões.

— Eu tenho a impressão de que estar arruinado é geralmente bastante mais divertido do que isto. Fala sempre assim tanto? — resmungou ele. — Por amor de Deus, vamos embora.

Descreveram a última curva do caminho; Piers colocou o sinal vermelho na vertical, e lá estava ele.

O mar estava, nesse dia, de um azul mais escuro. E a piscina parecia tão plácida como um relvado bem tratado, mas, em vez de verde, o mar refletia azul-turquesa para o céu. O sol incidia obliquamente na água, dourando as ondas minúsculas que batiam na barreira entre a piscina e o mar.

— É tão lindo — exclamou Linnet.

— Frio como gelo, a esta hora — disse Piers. Estava a despir o casaco. Linnet desviou os olhos para a piscina. Não estaria bem... comê-lo com os olhos quando ele, claro, não estava fazendo-lhe o mesmo.

Mas, um minuto mais tarde, ela não conseguiu evitar olhá-lo de novo.

Ele tinha despidido a camisa. Camisa. Despida. Estava na presença de um homem quase nu. Bem, não era exatamente o que parecia, mas... ele era belo. Pela primeira vez em toda a sua vida, pelo menos nesta questão, tinha de admitir que talvez a mãe tivesse razão. Aqueles músculos...

Ele tinha as costas viradas para ela e o modo como os seus ombros se moviam, e depois o modo como a parte superior do tronco se adelgava para a cintura e...

Ele estava a descalçar as botas!

Linnet não conseguia desviar os olhos. Estupidamente, uma vozinha aguda na sua mente tinha começado a narrar a cena toda. Ele está a dobrar-se... Sim! Vai tirar os calções. Está a puxá-los sobre as ancas. Hmmm... o... o rabo dele é... — a voz parecia estar um tanto estrangulada. — Diferente.

Diferente do meu. Musculado, também. Ele... — a voz engasgou-se outra vez.

— Irá virar-se para aqui?

— Que disparate, eu disse-lhe que ia ficar com os calções interiores, não disse? Perante o ronco de Piers, Linnet assustou-se como se uma arma se tivesse disparado.

Tinha de se controlar. Ele era impotente, por amor de Deus. E ela estava a comê-lo com os olhos da maneira mais escandalosa... como se estivesse naquele bordel de que a tia falara.

Ela era uma pessoa horrível. Perversa, na verdade.

Tirou os sapatos sem desatar os laços, puxando as meias para baixo. Tinha de pensar naquilo como se estivesse a tomar banho com... com um irmão. Era isso o que ele era. Além disso, ela mantinha a chemise vestida e ele tinha voltado a vestir os calções interiores. Ela deu uma olhadela furtiva. Eram brancos e pareciam cobrir a área pertinente.

— Pode ajudar-me outra vez com os meus botões? — gritou ela.

Ele chegou-se ao pé dela por trás e Linnet pareceu sentir a pele a arder com o seu toque. Se ele adivinhasse, ela cairia morta de vergonha.

— Então como se nada? — conseguiu dizer. — Salto lá para dentro e depois sei o que fazer?

— Eu mostro-lhe — disse ele. — Vai sentir frio. Mete um dedo lá dentro e desata a correr por aquele caminho acima.

Não, não desataria. Naquela altura, qualquer coisa fria seria uma boa ideia. Algo acontecera à sua temperatura interior e sentia-se vermelha como um tomate maduro. Mas estava a tremer.

— Vou saltar já lá para dentro, sim?

Ele começou a dizer qualquer coisa, mas ela pulou de imediato para cima da rocha plana que ele lhe indicara na véspera e saltou. Por um segundo, houve um ímpeto vertiginoso de ar. A chemise voou para cima e depois... oh, meu Deus... nunca sentira tanto frio na sua vida. O frio passou por ela enquanto ela se afundava, como se gelo lhe afagasse todo o corpo, como se os ossos tivessem congelado.

Um instante depois, um braço forte envolveu a cintura e ela sentiu a água a correr na outra direção. Rompeu a superfície da água, espantada, e inspirou um grande gole de ar, mal acreditando que ainda estava viva.

— Sua grande palerma! — estava Piers a gritar. Estava viva. Não... estava apenas parcialmente viva, porque nunca tinha tido tanto frio na sua

vida. A única coisa quente no mundo inteiro era o corpo junto ao dela.

— Estou ge-gelada — balbuciou, enrolando os braços em volta do pescoço e colando o corpo ao seu. Era bom. Ele estava outra vez a gritar, mas ela tinha água nos ouvidos e não ouvia muito bem. Era melhor assim, os braços e as pernas enrolados em volta dele. E ele ainda tinha um braço à volta dela, também.

De repente, ela conseguiu compreender o que ele estava a dizer.

— Não quero largá-lo — disse ela, abanando o cabelo molhado para o afastar da cara, porque não queria tirar nem um braço do corpo dele. — Eu vou ficar gelada. Ou afogar-me. O senhor está qu... quente.

— Nadar, lembra-se? — disse ele. Tinha os dentes cerrados, o que parecia sugerir que ele tinha tanto frio como ela. Mas não estava habituado a ele?

— Eu sei que está aqui para nadar — disse ela. — Diga-me como se faz, e eu... e eu penso nisso. — De fato, ela não ia largá-lo até estarem fora da piscina completamente.

Mas ele afastou, desapiedadamente, o corpo dela do seu. Ela ofegou com a perda do calor e os seus dentes recomeçaram instantaneamente a bater.

— Precisa de aprender a boiar — rosnou ele. Havia algo horivelmente sinistro no seu tom de voz.

Ela aprendeu a boiar com toda a facilidade.

— Vou morrer assim, está bem? — disse ela, o rosto rodeado — por água gelada, os dentes a baterem como castanholas.

— Acho que é melhor sair agora — disse ele, parecendo exasperado.

— Aqu... aqueça-me primeiro — disse ela.

Com um palavrão abafado, puxou-a contra você. Foi tão maravilhoso como da primeira vez. Com um suspiro de alívio, pôs a cabeça no ombro e deixou a incrível fornalha do seu corpo penetrar-lhe nos poros. Mas, um segundo depois, braços fortes estavam em volta da sua cintura, erguendo-a no ar e depositando-a na borda da piscina. Ela levantou os pés para cima.

— As toalhas estão ali — gritou ele.

Ela olhou para ele, tão aturdida que, a princípio, não percebeu o que ele estava a dizer. Na água, Piers sentia-se em casa, no seu elemento. Enquanto ela o observava, ele girou e deu impulso na parede da rocha, deslocando-se à superfície da água até meio da piscina. Primeiro um braço e depois o outro emergiram da água, e depois ele afastou-se como um raio, bolhas a

redemoinharem atrás dele. Havia três toalhas. Linnet pegou numa e enrolou-a em volta do seu tronco tiritante, depois pegou noutra e enrolou-a em volta do cabelo. Regressou à rocha e observou Piers a cortar a água, uma piscina a seguir à outra.

Ele não dava sinais de parar, por isso ela voltou atrás, pegou na terceira toalha e depois de arranjar um lugar na borda da piscina, enrolou nela os pés e os tornozelos.

Depois disso, sentou-se, completamente envolta em toalhas à exceção do rosto, e observou as superfícies largas das costas e dos ombros de Piers, enquanto ele percorria velozmente a piscina para um lado e para o outro.

Pouco a pouco, o seu corpo aqueceu, porque ela continuava sentada como num casulo, e o sol da manhã derramava-se sobre ela. Se a visse, Mrs. Hutchins desmaiaria. Desmaiaria? Teria um ataque de apoplexia. Não só Linnet estava sentada ao lado da água, vestida com nada mais do que uma chemise, mas havia um homem quase nu a pouco mais que a distância de um braço.

Nesta situação, umas sardas pareciam não ter tanta importância, por isso ela inclinou a cabeça para trás e bebeu o sol e o céu azul transparente. Estava tão longe, acima da sua cabeça, que ela não conseguia imaginar onde terminava. Muito, muito lá em cima, uma ave marinha descrevia círculos preguiçosos, talvez à procura de um peixe.

Piers tocou na borda, contou cinquenta piscinas. Não parou, apenas deu uma cambalhota e nadou para o outro lado. O seu corpo estava tomado de uma espécie de energia febril que não exigia o grau de médico para ser diagnosticada. Sessenta piscinas. Estava exausto, mas ainda havia um rio de lava derretida sob a sua pele.

Por fim, içou-se para fora da água, os olhos a irem diretamente para Linnet. Ela tinha a cabeça inclinada para trás e o seu pescoço era creme pálido ao sol. A toalha tinha-lhe escorregado do cabelo, que estava espalhado sobre o tecido branco em caracóis de um ruivo-escuro.

Enquanto ele estava, dificilmente, a tentar controlar-se, ela soergueu-se e abriu os olhos.

— Lamento muito quase o ter afogado — disse ela, os olhos a lançarem aquele sorriso secreto que ele...

Bem, que ele gostava de ver.

— Na realidade, não tencionava — continuou ela. — E que o senhor está muito mais quente que eu.

Ele estava quente, porque um sensual corpo feminino se enrolara a ele,

agarrando-se como algas a uma corda.

— Agora parece estar bastante quente — disse ele, ouvindo o tom áspero da sua própria voz. Bem, não é que ela não percebesse porque parecia ele tão zangado. Graças a Deus, pela sua reputação.

Ela pestanejou.

— Eu tirei as toalhas todas! O senhor deve estar gelado.

— Levantou-se, o que fez as toalhas caírem ao chão.

Seria um sacrilégio chamar àqueles seios glândulas mamárias. Eram gloriosos, roliços, doces... A chemise era transparente com a água. Colava-se às ancas, a um sítio escuro, lindo, entre as suas pernas.

— Olhe, tome uma destas — disse ela. Atirou-lhe uma toalha e ele conseguiu apanhá-la e enrolá-la à volta da cintura.

— Sabe? — Ela olhou-o e subiu-lhe às faces um pequeno brilho colorido.

— O quê? — disse ele, voltando a arranjar-se discretamente e a apertar mais a toalha à volta da cintura.

— Vai rir, sendo médico e tudo, mas uma vez a minha mãe disse uma coisa...

— O quê? — Ele sempre tivera controle sobre o seu corpo. Sempre. Aquilo era uma aberração.

— Ela disse-me uma vez que os homens pendiam.

— Pendiam? — repetiu ele. Se ele lhe olhasse apenas para o rosto, não veria o modo como o linho fino se lhe colava aos seios, às ancas. Não pensaria no desejo ardente que lhe ardia nas virilhas. Era apenas uma necessidade biológica, nada mais.

— Pendiam — disse ela, voltando a dar uma risadinha.

— A frente. O senhor não pende, pois não? — Ela indicou com a mão as imediações da cintura dele. — Não se importa que eu o diga, pois não? Eu formei esta visão repugnante de... de uma coisa pendente e... bem, o senhor não pende nada. Está direito.

Ele desatou a rir.

— Eu sei — disse ela, rindo-se também. — Sou uma idiota. Mas ele tinha a sensação desagradável de que o idiota era ele.

Linnet deixou-se ficar no banho durante uma hora, bebendo chocolate quente e acabando de ler Camilla, de Miss Fanny Burney^[5]. Mas, por fim, já não havia mais bidões de água quente e ela tinha acabado o livro, por isso levantou-se.

— Gostava de saber se este castelo tem uma biblioteca— disse ela à criada, Eliza. — Só trouxe cinco romances e li-os todos na carruagem a caminho de aqui.

— Não pode voltar a lê-los? — sugeriu Eliza, estendendo-lhe uma toalha. — Parece um desperdício olhar para eles só uma vez.

— Talvez releia aquele — disse Linnet, indicando com a cabeça Camilla. — Era muito bom. Já li duas vezes Miss Butterworth e o Barão Louco. Na verdade, três vezes. — Sentou-se ao toucador.

— E engraçado, menina, como faz todas essas leituras— disse Eliza, começando a pentear o cabelo molhado de Linnet.

— Se os cavalheiros de Londres soubessem que era uma sabichona assim!

— Que diferença é que poderifazendo?

Eliza franziu os lábios.

— Ninguém gosta de uma menina com mais inteligência do que cabelo, mas, por outro lado, nunca soube de nenhuma senhora que lesse como a menina. Havia de os abanar, a todos esses idiotas que acharam que o príncipe andou a brincar com a menina.

— Duvido — disse Linnet. — Penso que, é muito mais interessante falar do meu pretenso bebê real do que dos meus hábitos de leitura.

— Bem, eu sei que há aqui uma biblioteca. Mister Prufrock falou disso ontem ao jantar.

— Instalaram-te confortavelmente? — Com uma ponta de culpa por não a acompanhar a Gales ele próprio, o pai mandara com ela não só Eliza, mas lacaios, moços de estrebaria e o engraxador, para jogar pelo seguro.

— Oh, sim, menina. Estamos na ala oeste, com as pessoas que estão a morrer com gangrenas e tudo isso. Disseram-nos que não fôssemos nunca à ala leste, que é onde põem os que têm infecções. Que se pode pegar, quer dizer. Há uma governanta para cada ala e outra para o castelo. Um paciente estava a gemer tão horrivelmente ontem à noite que eu pensava que não conseguia dormir, mas por fim lá parou. Mister Prufrock disse que, se acontecer outra vez, devo queixar-me, e eles calam-no.

— Como diabo é que podem fazer isso? Se o homem está com dores,

quero dizer.

— Dão-lhe um remédio, não admira — disse Eliza. — Porque é que a menina não vai para junto da lareira à espera que o seu cabelo seque? Linnet lamentou-se.

— Porque não tenho nada para ler. Podes correr a essa biblioteca e trazer-me um ou dois livros, Eliza?

— Acho que posso pedir a um laçao que me ajude a encontrá-la — disse Eliza. — Há um que é muito giro, com um nome muito engraçado. Esteve a dizer-me, ontem à noite, que o médico ameaçou cortar a cabeça e ver se ele conseguia andar por aí sem ela.

Dez minutos mais tarde, tinha regressado com uma pilha de livros.

— Há lá, oh, tantos livros — informou. — No entanto, não consegui encontrar nada parecido com o gênero de romances que a menina gosta de ler.

Os livros não eram exatamente o tipo de leitura de Linnet, mas uma mulher desesperada lê qualquer coisa.

— Sabes que comer um melão cura o inchaço? — perguntou a Eliza algum tempo depois.

— A sério? Talvez de um dedo do pé. Mas duvido que cure outro qualquer. O meu pai ficava com o nariz terrivelmente inchado se bebesse demais. Largue esse livro agora, menina. Tenho o seu corpete pronto.

Bastante relutantemente, Linnet pôs o livro de parte.

— Também diz que se deve usar cebolas para refrescar o hálito.

— Puro disparate — declarou Eliza, apertando-lhe o corpete e depois fazendo-lhe deslizar um vestido sobre os caracóis, que estavam puxados para cima e presos em volta da cabeça com florezinhas de esmalte brilhante. Quando começou a abotoar-lhe as costas do vestido, Linnet voltou a pegar no livro.

— A minha tia bebe enormes quantidades de Elixir Daffy^[6] — disse Linnet. — Acha que a mantém magra. Este livro sugere bochecha de vaca guisada.

— Isso é nojento. — Eliza parou e depois acrescentou, pensativa: — Provavelmente funciona precisamente por essa razão.

— Gostava de saber o que Lorde Marchant pensa de especialidades farmacêuticas — disse Linnet. — Sabes onde posso encontrá-lo?

— Segundo dizem, em geral está com os pacientes. Esteja quieta, menina. Só preciso de abotoar o último botão... pronto. Tem uma hora antes

da campainha para o almoço.

Linnet lançou um olhar rápido ao espelho... frente e lados.

— Não há sinal de bebê — disse Eliza, alegremente. — Vamos lá ver quando é que o duque nota. Segundo consta, ele é louco pelo assunto da realeza, mesmo louco. Vai ficar muito desiludido quando se souber que a menina não é a mulher perdida que ele queria para o filho.

Linnet suspirou.

— Toda a gente da casa sabe tudo?

— Nesta casa, não — disse Eliza, chocada. — Embora eu tenha de admitir que eles começaram uma aposta nos baixos da casa. Mister Prufrock é muito menos conservador do que Mister Tinkle, lá em casa; Mister Tinkle nunca teria permitido uma coisa dessas.

— A aposta é sobre se eu estou à espera de bebê ou não?

— Oh, não! Nós, quer dizer, todos os que viemos lá de casa sabemos que a menina mandou o Stubbins conduzi-la às voltas por Londres sem uma única paragem para apanhar aquele príncipe. E sobre se Lorde Marchant vai apaixonar-se por você.

— Espero sinceramente que não tenhas apostado as tuas poupanças — disse Linnet, dirigindo-se à porta.

— Todos nós, os que viemos com a menina, estamos a apostar em você. E o pessoal todo daqui, bem, está a apostar em sua senhoria. Ele tem-nos, a todos, com um medo de morte. Eles pensam que ele é desumano.

— Por um bom motivo, sem dúvida — disse Linnet. — Afinal, trabalham para ele. Vais perder o teu dinheiro, Eliza. Eu e Lorde Marchant já concordamos que não somos feitos um para o outro.

Eliza mostrou um sorriso rasgado.

— Porque não vai até lá acima perguntar-lhe pela bochecha de vitela em conserva ou lá o que era? — Atravessou o quarto como uma flecha e puxou o corpete de Linnet um pouco mais para baixo. — Agora está pronta.

Linnet dirigiu-se à enfermaria, no terceiro andar, mas, quando enfiou a cabeça pela porta, não viu sinais de Piers, nem, na verdade, de nenhum dos médicos. O doente da véspera, todavia, levantou a cabeça e disse qualquer coisa que ela não percebeu, por isso foi até junto dele.

Ele parecia mais um cão, o gênero de cão felpudo que vagueia pelos becos com um ar patético e escabroso.

— A sua doença de pele parece ser muito dolorosa — disse ela. — Ontem não tivemos oportunidade de nos apresentarmos, mas o meu nome é

Miss Thyrnne.

— O meu é Hammerhock — disse o paciente, com dificuldade. Tinha certamente a língua inchada.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — perguntou ela. — Quer água?

— O médico disse que não há nada que se possa fazer — disse uma voz atrás dela. Virou-se e viu um rapazinho na cama ao lado. Todo ele pele e osso, não era muito mais atraente do que Mr. Hammerhock. Também tinha uma espécie de desalinho de cão vadio, com cabelo castanho espetado em todas as direções. Estava demasiado pálido! Ela sentiu um palpar de alarme; ele não era, com certeza, um dos pacientes moribundos que Eliza mencionara.

— Nada que se possa fazer não significa que não pode beber água — disse ela. — Como te chamas?

— Gavan — disse ele, soerguendo-se na cama. — Aí o Hammerhock, sabe, ontem concluíram que ele tinha uma febre qualquer. Por isso, a enfermeira aparece de vez em quando para lhe pôr um pano húmido na cara e dar-lhe um remédio.

Hammerhock estava a confirmar com a cabeça.

— Onde está a enfermeira? — perguntou ela. Estava a sentir-se, verdade fosse dita, como peixe fora de água.

— Fez um intervalo — disse Gavan. — Fica neura de estar aqui enjaulada com todos nós, que estamos a morrer.

— A morrer? Estás a morrer?

Gavan esboçou um sorriso tolo.

— O médico diz que estamos todos a morrer.

Mr. Hammerhock emitiu um ruído abafado da sua cama, por isso Linnet virou-se para ele. Apontou para um copo de água e ela ajudou-o a beber um golinho. Ele deitou-se e fechou os olhos.

Linnet olhou para a fila de pacientes, mas, na sua maioria, pareciam estar entorpecidos, por isso sentou-se na cama de Gavan.

— Como vieste aqui parar?

— Foi a minha mãe que me trouxe — disse ele, franzindo a sobrancelha.
— E deixou-me aqui.

— Vives muito longe do castelo?

— Não muito longe. Bem, é mais longe do que o mercado.

— E agora o médico está a tomar conta de ti — disse Linnet.

— Em breve vais poder voltar para casa.

— Não posso ir para casa — afirmou Gavan. — Não posso ir para casa porque estou doente, e aqui tenho esta cama, sabe. Por isso, a minha mãe disse que eu tinha de ficar aqui porque, bem, tenho lençóis, não tenho? E comida, a comida toda que quiser.

A porta atrás do ombro de Linnet abriu-se e um bando de homens entrou de rompante. Mesmo antes de se virar, ouviu o grunhido de Piers.

— Ora, ora, vejam quem aqui está, a tentar polir o seu halo.

Linnet estava a observar Gavan, que tentava erguer-se ainda mais na cama, sorrindo loucamente.

Depois ouviu o som bem conhecido de uma bengala e Piers apareceu do outro lado da cama.

— A divertir-se, visitando o que está a morrer e o recentemente gerado, não é?

— O que é recentemente gerado? — E sem parar: — Viu esta senhora? — Gavan apontou para Linnet.

Asobrancelha de Piers ergueu-se.

— Vi esta senhora, sim. Que achas dela? Estava a considerar casar com ela.

Gavan assentiu com a cabeça.

— O meu pai diz... — hesitou.

— Desembucha — disse Piers. — Ela parece uma senhora, mas não é. Linnet fulminou-o com os olhos.

— O meu pai diz que as melhores mulheres têm marmelos muito grandes — disse Gavan. Olhou fixamente para o peito de Linnet de um modo tão natural que Piers fez o mesmo.

— O melhor é ficar com ela — disse ele a Piers. — Por ser coxo, algumas mulheres não vão querê-lo.

Ignorando o olhar carrancudo de Linnet, Piers inclinou-se para olhar mais de perto para os atributos em causa.

— Tens a certeza? Eu sempre imaginei para mim uma menina de cabelo preto, com certo ar de cigana.

Gavan lançou-lhe um olhar enojado.

— Não sabe nada sobre as mulheres?

— Talvez não saiba tanto como você.

— Uma menina que parece uma cigana, bem, se calhar é uma cigana. E,

se casar com ela, tem de sair daqui e viver na sarjeta, porque ela não vai querer parar num único lugar, pelo menos durante muito tempo.

— Não podia deixá-la ir sozinha?

— Não, se forem casados — disse Gavan. — Nesse caso, estão acorrentados um ao outro, sabe. E o que o meu pai diz sempre.

— Como te sentes hoje? — Piers mudou de assunto. — Já te levantaste?

— A enfermeira deixou-me levantar para utilizar o bacio. Mas depois eu fingi que não acertava e salpiquei o sapato e ela disse-me que eu era mau como o diabo e voltou a meter-me na cama, — Tinha o riso claro e feliz de crianças num parque.

— Onde está a enfermeira? — perguntou Linnet, erguendo os olhos para Piers. — O Gavan acha que ela está a ter um ataque de neura.

— Demasiadas mortes por aqui — disse Gavan, alegremente.

— Provavelmente está a roubar-me o brande — calculou Piers. — Era o que eu faria se tivesse de enfrentar o Gavan a urinar-me nos sapatos. Gavan, você dizes-me se a enfermeira Matilda aparecer aqui bêbada como um cacho, não dizes?

Gavan assentiu que sim com a cabeça, vigorosamente.

— Gostas da enfermeira? — perguntou-lhe Linnet.

— Ela não me deixa levantar. Diz que, se eu me levantar, dá a minha cama a outra pessoa.

Ouviu-se outro barulho abafado vindo da cama do lado. Piers e o seu pequeno grupo tinham avançado um pouco mais ao longo da fila, por isso Linnet inclinou-se para Mr. Hammerhock.

— Sim?

— Por amor de Deus, mulher, afaste-se para trás — ouviu-se um berro vindo de trás dela. — Há a possibilidade de ele estar contagioso, sua palerma desmiolada.

Linnet ignorou-o, porque Mr. Hammerhock estava, a muito custo, a tentar dizer algumas palavras.

— A enfermeira é uma megera — disse ele, finalmente, ofegando do esforço.

— Então vai mesmo casar com o médico? — perguntou Gavan. — Porque ele não é muito simpático. Está sempre a chamar nomes feios às pessoas e a enfermeira também lhe chama diabo.

Do outro lado da enfermaria, mesmo a propósito, Piers rugiu a um dos seus jovens médicos.

— A 'nha mãe dava-lhe uma tarefa — disse Gavan. — Eu acho que, se casar com ele, terá de lhe dar uma tarefa de vez em quando.

Ambos olharam para a figura imponente de Piers, um pouco mais à frente.

— Pode não ser fácil — acrescentou Gavan.

— Percebo o que queres dizer — concordou Linnet. — Então gostavas de sair da cama?

— Não posso — afirmou Gavan. — Posso perder o lugar. Há sempre tantas pessoas doentes que querem estar aqui, sabe.

— Eu não a deixo dar a sua cama a ninguém — disse Linnet, vendo que Mr. Hammerhock estava a acenar com a cabeça.

— Podes estar um pouco cansado, por isso talvez um lacaio possa levar-te lá fora. Calculo que fosses um rapaz muito ativo antes de vires para aqui.

— Ontem não consegui ir à retrete — disse Gavan, hesitante. — Não consegui ir sem me pendurar no braço da enfermeira como se ela fosse uma árvore.

— Que aborrecido — disse Linnet. — Vamos lá então.

— Levantou-se e tocou a campainha. Nessa altura, Piers já estava ao fundo da sala, arengando com os médicos e não deu atenção quando um lacaio simpático, chamado Neythen, pegou em Gavan e no seu cobertor e saiu porta fora.

Linnet foi atrás.

— Onde quer ir, menina? — perguntou Neythen por cima do ombro.

— À piscina — disse ela.

— O que é uma piscina? — perguntou Gavan. O seu olho aberto brilhava de excitação. — Quer dizer um lago de peixes? Porque eu já vi um. Eu...

Falou o tempo todo enquanto desceram as escadas e percorreram o caminho e só parou quando chegaram à piscina, e foi porque ficou de boca aberta.

— É bonita, não é? — perguntou Linnet, a sorrir. — Neythen, pode, por favor, pôr o Gavan aqui, nesta pedra grande?

— E tão grande — exclamou Gavan e Linnet apercebeu-se de que ele estava a olhar para lá da piscina, para o oceano.

— Não sabia que era tão grande. Toda aquela água... para onde vai?

— Anda para aqui e para lá.

Sentaram-se, os três, e observaram as ondas durante um bocado.

— Quantos anos tens, Gavan? — perguntou ela.

— Seis e três quartos — disse ele. — Vê como o sol faz aquele carreiro no mar? Havia um carreiro largo e dourado que se estendia até ao horizonte.

— É como uma estrada — comentou Gavan. — Se calhar, é a estrada para o céu de que a 'nha mãe me falou.

Neythen mudou de posição.

— Tem de voltar ao seu trabalho? — perguntou-lhe Linnet.

— Mister Prufrock vai compreender — disse Neythen. — E uma pessoa decente. — Estendeu a mão e puxou o cobertor de Gavan mais para os seus ombros.

— Eu acho que não vou para o céu — disse Gavan. Não parecia demasiado preocupado com isso.

— Claro que vais — afirmou Linnet. — Mas não para já, espero.

— Penso que não nos deixam entrar na porta se não acreditarmos em todos os símbolos. As nuvens e as harpas e coisas desse gênero.

— Não tens de acreditar nisso — disse Linnet, resolutamente.

— Quando precisares, a porta abre-se. — Voltou a olhar para Gavan. Poderia estar a morrer de uma doença horrível? A ideia era de partir o coração.

Gavan suspirou.

— Há cães por aqui?

Linnet virou-se para Neythen.

— Há um cão lá ao fundo, nos estábulos. Mas é um bicho velho e feio que não é de ninguém.

— Então pode ser meu — sugeriu Gavan. — O meu irmão tem um cão, mas eu não tenho um, só meu. — Claramente, já não estava interessado em mais discussão filosófica sobre a vida no além. — Vamos! — disse ele.

— A sua enfermeira pode estar preocupada sem saber onde você estás — disse Linnet. Mas Gavan era de opinião de que a enfermeira nem sequer repararia que ele não estava lá. E, se reparasse, iria, ao que lhe parecia, ficar encantada.

— Ela diz que eu sou um tormento constante para ela — confidenciou ele. — Por favor, podemos só dar uma espreitadela ao cão?

Portanto, estavam no estábulo, a tentar aliciar um pequeno rafeiro pardo cujos únicos sinais distintivos eram olhos pretos brilhantes e uma aura

geral de sujidade, quando Linnet ouviu o som pesado da bengala de Piers.

— Cá estão — disse ele de uma forma nada simpática. — Por amor de Deus, a enfermeira pensa que o rapaz foi roubado.

— Ela não vai dar a minha cama a mais ninguém, pois não? — gritou Gavan. Tentou pôr-se em pé e começou a inclinar-se para o lado, apesar de Neythen o ter agarrado mesmo no momento certo.

— Ela não pode dar a sua cama a mais ninguém, tem as tuas pulgas — declarou Piers.

— Eu não tenho pulgas — retorquiu Gavan. — Acha que...

— Claro que não acho — disse rapidamente Piers. — Que estás fazendo com este rafeiro nojento?

— Ele vai ser meu — respondeu Gavan. — Vou domesticá-lo e vai dormir na minha cama.

Tinham o cão encurralado numa manjedoura, mas mesmo assim ele não mostrava qualquer interesse em se aproximar, por muitas vezes que Gavan chamasse anda aqui, rapaz, anda aqui, rapaz.

— Espero que o nome dele não seja Rapaz — observou Piers. Mal olhava para Linnet. E a coisa mais aborrecida era a maneira como o coração dela tinha acelerado quando ele entrara nos estábulos. Muito em breve ficaria à espera de ouvir o som da sua bengala como uma palerma perdida de amores.

— Como se chama ele? — perguntou ansiosamente Gavan.

— Dantes ele era seu?

— Claro que não era meu. Se queres que ele venha, é melhor ofereceres-lhe carne. — Acenou com a cabeça a Neythen. — O Prufrock anda à sua procura. Vai dizer-lhe onde estás e depois volta aqui e leva esta peste lá para cima.

— Bem, então se ele não é seu, pode ser meu — acrescentou Gavan. — Talvez lhe chame Rufus.

— Sugiro Marmelos — disse Piers, olhando de lado para Linnet. — Um nome que te fará lembrar o conselho do teu pai.

— Esse não é um nome bom — disse Gavan, abanando a cabeça. — É nome de menina. Ele é mais Rufus. Anda, Rufus.

Linnet endireitou-se, já que parecia que Gavan estava ocupado a tentar convencer Rufus a brincar com um pau.

— E que raio é que a senhora pensa que anda fazendo? — perguntou-lhe Piers. — Não almoçou.

Ele elevava-se acima dela de um modo muito incomodativo.

— Limitei-me a trazer o Gavan aqui fora — disse ela. — A menos que eu queira sentar-me na sua biblioteca a ler escritos médicos, não tenho mais nada para fazer.

— Devifazendo o que quer que seja que as senhoras fazem o dia todo. Mas mantenha-se longe dos meus pacientes.

— Porquê?

— Porquê? Porque eu mandei!

Ela resfolegou.

— Tem medo da sua enfermeira.

— Não tenho medo da enfermeira Matilda. Ela é muito boa a impor disciplina.

— Então porque se incomodou a percorrer este caminho todo até aos estábulos para nos encontrar?

— Talvez esteja a apaixonar-me por você, tal como a maioria do meu pessoal pensa.

— Eles não pensam isso — observou ela. — O meu pessoal é que pensa.

— O meu criado contou-me tudo sobre a aposta. O seu pessoal vai perder uma porção de dinheiro — disse ele com alguma satisfação. — Espero que lhes pague bem, para eles poderem dar-se a esse luxo.

Linnet fez-lhe uma careta e depois voltou a olhar para baixo. Gavan tinha gatinhado para a frente e Rufus estava cautelosamente a cheirar-lhe os dedos.

— Não pode deixar esta criança morrer com uma megera de uma enfermeira e sem mais ninguém, a não ser gente doente, à volta dele.

Piers deu uma gargalhada, por isso ela olhou para ele.

— Eu sou um estafermo insensível, não sou? — perguntou ele.

— É.

Ele apoiou-se com mais força à bengala.

— Vamos ficar aqui a ter uma discussão relevante sobre cuidados a ter com pacientes, ou posso voltar para dentro?

— Porque não se senta naquele lindo banco? — perguntou Linnet.

— Porque não vou eu para dentro...

— Porque eu quero falar com você acerca da maneira como tem os pacientes deitados naquelas camas à espera que chegue ao fim.

— Porque diabo é que eu havia de querer falar com você sobre isso? A sua beleza não basta para a habilitar como um profissional de saúde.

— Não é preciso ser-se profissional de saúde para se saber que não está certo deixar um rapaz moribundo, uma criança, lá dentro com todas aquelas pessoas doentes. Ele está na cama o dia inteiro. A enfermeira nem o deixa sair um bocadinho.

— Fui eu que mandei — explicitou Piers, divertido. — Em geral, ela obedece-me porque eu lhe pago o salário.

— Isso é ridículo — comentou Linnet. — Devia ter visto como ele ficou feliz por ver o mar. E agora, com... — Olhou para baixo. Rufus tinha-se aproximado e parecia estar a olhar para os pés descalços de Gavan.

— A enfermeira Matilda não vai gostar nada disso — disse Piers, com um nítido tom de júbilo. — Vai censurá-la.

Linnet encolheu os ombros.

— O Neythen pode mergulhar os pés do Gavan na gamela dos cavalos, à porta, antes de o devolver à enfermaria.

— Então que acha que eu devifazendo de maneira diferente na ala oeste?

— Torná-la mais alegre.

— Isto é tudo por causa da morte, não é? — Piers inclinou-se um pouco mais para ela. — Tem medo dela.

— Isto não é por causa da morte — respondeu rapidamente Linnet.

— Ótimo — disse Piers. — Bem, foi uma conversa fascinante, mas a minha perna não aguenta o entusiasmo durante mais tempo. — Virou-se para se ir embora.

Linnet estreitou os olhos. Sentia o seu mau humor a aumentar.

— Está a fugir de mim?

Piers olhou por cima do ombro.

— Estou? Estou a quê? A... fugir? — Resfolegou. — Sim, estou. Ela correu em volta dele e pôs-se à frente da porta.

— Porque não me ouve?

— Porque a senhora é asinina.

— Devia ter visto a cara do Gavan quando falou do céu — disse ela, furiosa. — Disse que o sol a bater no mar parecia mesmo...

— Podia ter ficado com ar de vaca moribunda — disse Piers, interrompendo-a. — Mas eu não vejo como isso possa ser relevante.

— Porque ele está a morrer, seu palerma — disse rapidamente Linnet.

— Estamos todos a morrer.

— Não do mesmo modo que o Gavan. Ou, pelo menos, não tão em breve, ou não tão jovens.

— Quem sabe quando o Gavan vai morrer? — Encolheu os ombros. — Tenho de lhe dizer que há boas hipóteses de a senhora morrer antes dele. Mesmo tendo em conta a longevidade das mulheres, ele tem só seis anos e a menina deve ter uns vinte e cinco.

— Tenho vinte e três — emendou Linnet, franzindo a sobranceira.

— Considerando o que eu vi da mãe dele, diria que ele vai viver até uma idade avançada. E uma mulher rija e foi suficientemente esperta para o trazer para aqui quando ele caiu da meda de feno e fez uma fratura exposta.

— Exposta...

— Fratura. Partiu um osso — disse Piers, de modo prestável.

— Agora importa-se muito que eu volte a coxear para casa e conte que o paciente foi descoberto, se bem que coberto de xixi e sem dúvida cheio de pulgas? A enfermeira Matilda não vai gostar disso.

— Eu pensei que ele estava a morrer. Ele disse que o senhor o obrigava a estar na cama.

— Estupidez! — retorquiu Piers, de forma pouco gentil. — Eu obriguei-o realmente a estar na cama. Experimentamos um método bastante inovador de consertar o osso imobilizando-o com um aparelho de gesso, e funcionou como um milagre, se não me fica mal afirmá-lo. Bem, tenho de voltar a dizer-lhe que a minha perna está a doer como um filho da mãe?

— Há necessidade de ser tão...

— Malcriado? A senhora entrou na minha enfermaria. Tirou da cama um rapaz que só há três dias saiu do aparelho de gesso. Deu ordem para o transportarem até lá abaixo, a água, e depois aos estábulos, e agora ele está a gatinhar no chão. O rapaz nem consegue estar em pé sozinho. Não podia andar se a senhora não...

— Olhem! — gritou Gavan de trás dele. — Olhem para mim!

Eles viraram-se.

Tinha Rufus nos braços e estava em pé. O cão lambia o queixo.

— Ele gosta de mim!

Linnet vestiu-se para o jantar num estado de espírito muito sombrio. Então a ala oeste não estava completamente cheia de pessoas moribundas. Sentia-se uma idiota... e, ao mesmo tempo, beligerante. Piers estava a tratar dos corpos dos seus pacientes, obviamente. Mas não lhe interessava quão enfadonho era estar deitado naquelas camas, dia após dia.

No entanto, isso não era da sua conta. Eles não eram feitos um para o outro e a ideia de ele poder, alguma vez, apaixonar-se por ela, quanto mais em duas semanas, era ridícula. O casamento estava fora de questão.

Por isso, tinha escrito uma nota ao duque, solicitando-lhe que partissem no dia seguinte. Tinha de decidir o que fazer da sua vida e isso significava voltar para casa do pai, primeiro que tudo. Depois... talvez uma viagem. Talvez o Continente.

Sentia-se muito sozinha. Mas, afinal, ela estivera sozinha desde a morte da mãe. Aborrecida com você própria por se lamuriar como uma criança egocêntrica, pegou no livro, mas foi incapaz de se perder nas descrições de curas para a dor de dentes. Tinha a sensação de que o duque não estaria na disposição de partir de imediato.

Não fazia ideia do motivo por que Piers e o pai não tinham falado durante anos, mas a expressão no rosto do duque era inequívoca. Estava profundamente feliz por estar na presença do filho, mesmo comportando-se esse filho, a maior parte do tempo, como um perfeito asno.

Estava sentada ao toucador, a ler em voz alta excertos dos escritos médicos a Eliza, que estava a puxar-lhe o cabelo com agilidade para o compor num arranjo elaborado no cimo da cabeça, quando subiu do pátio uma explosão de barulho.

— Que diabo é aquilo? — disse Linnet.

Eliza pousou um pente com joias incrustadas e correu à janela.

— E uma carruagem — disse ela. — Exatamente como uma abóbora, toda amarela e brilhante.

Linnet chegou a tempo de ver um tornozelo elegante, num requintado sapato de salto alto, emergir da carruagem. Pertencia a uma senhora que usava um fato de viagem cor de ameixa e um descontraído chapelinho do qual saíam, em caracol, não uma, não duas, mas três plumas delicadas.

— Que encanto — suspirou Eliza. — Aquele chapéu tem de ter vindo de *La Belle Assemblée*. Tem qualquer coisa de especial. Vê-se.

Linnet voltou para trás e sentou-se.

— Talvez tenha chegado uma rival para a mão de Lorde Marchant.

— E mais provável que esteja doente — disse Eliza, voltando a pegar no pente. — Os criados dizem que vem gente de toda a Inglaterra para o consultar. De toda a Inglaterra e talvez do estrangeiro, também. Talvez da Escócia.

Linnet não queria pensar se Piers era ou não bom médico, dado o modo como ele se ria dela. Os olhos dele eram maus, mesmo maus. Sabia perfeitamente que ela acreditara que Gavan estava a morrer e tinha-a deixado continuar fazendo figura de idiota.

— Espero que seja outra candidata a futura duquesa — comentou ela. — Vou gostar de a ver considerar a possibilidade de viver com aquele homem a vida toda.

— Pronto — disse Eliza, enfiando o pente nos caracóis de Linnet. — Está pronta. Linnet levantou-se e dirigiu-se lentamente para a porta, mas não lhe apeteceu descer.

Principalmente depois de Piers se possa rido dela e de a ter feito sentir-se uma grande imbecil.

— Talvez...

— Não — disse Eliza, com firmeza. — Ele pode ser o diabo em pessoa, como dizem que é. Não vai ficar escondida no quarto. Vá lá para fora e faça-o apaixonar-se por você.

Linnet resmungou.

— Estamos todos a contar com você — disse Eliza, empurrando-a para fora da porta. Linnet desceu as escadas devagar, contando, taciturna, todos os degraus. Pensava que tinha sido humilhada quando um salão de baile inteiro lhe virara as costas. Quem pensaria que a humilhação seria ainda maior quando o estúpido de um médico se rira na sua cara?

Ouviu-se uma onda de vozes excitadas a vir da sala de estar e Prufrock estava do lado de fora da porta aberta, sem sequer ter a pretensão de parecer um mordomo.

— Que se passa? — perguntou ela, chegando ao fundo das escadas.

— Chegou a duquesa para visitar o filho — informou Prufrock.

— Isto é, a ex-duquesa.

— Quer dizer a mãe de Lorde Marchant? Ela não vive no estrangeiro? — Linnet sentiu uma ponta de interesse.

— Ao que parece, esteve na Andaluzia uns meses, mas cansou-se e decidiu viajar para Gales e fazer uma surpresa ao filho.

— E descobre que o duque está aqui — disse Linnet. — Fascinante!

— O duque ainda não chegou aqui abaixo. Portanto, essa alegria ainda está presumivelmente para lhe acontecer — disse Prufrock, que abriu a porta de par em par, passou para o lado de dentro e anunciou:

— Miss Thrynne.

Toda a gente que estava na sala interrompeu a conversa e virou-se para a porta. Numa imitação óbvia de Zenobia, Linnet parou por um breve instante sob o caixilho da porta antes de entrar na sala.

Houve um pequeno movimento em direção a ela: o marquês Latour de L’Affitte, os três médicos, mas Piers não.

Ela estendeu a mão para o primo de Piers, Sebastian, que se inclinou sobre os seus dedos como o nobre francês que era. Mas os olhos dela desviaram-se para o lado. Lá estava ele. Piers encontrava-se encostado ao piano, os olhos baixos, como se ignorasse tudo o que estava a passar-se na sala.

Claro que levantou os olhos. Estava quase tão sonolento como um leão emboscado à espera de uma gazela para a perseguir. Havia troça naqueles olhos... e qualquer outra coisa.

Essa qualquer outra coisa retesou a coluna vertebral de Linnet. Ela voltou a olhar para o marquês e lançou-lhe um sorriso derretido.

— Fale-me do seu dia. Lorde Marchant contou-lhe que eu o enfureci por levar um dos seus pacientes lá para fora, para o ar livre?

Sebastian era verdadeiramente adorável à maneira francesa. Os seus olhos enrugavam-se com riso pronto.

— Eu enfureço o Piers com tanta regularidade que mal consigo aperceber-me do estado. Mas, como ele tem muito más maneiras para ser ele próprio a desempenhar essa tarefa, tenho de a apresentar à sua mãe, minha tia. Ela chegou apenas há uma hora.

Um momento mais tarde, Linnet estava fazendo uma reverência perante a senhora petite e absolutamente elegante.

— Lady Bernaise — disse Sebastian. — Posso apresentar-lhe Miss Thrynne? Ela empreendeu a viagem até Gales para conhecer o seu filho, como ouviu dizer.

A mãe de Piers não mostrava quaisquer sinais de fadiga da viagem; de fato, era bela, com uma pele brilhante que desmentia a sua idade.

— Enchantée — disse ela, com um sorrisinho preguiçoso, que lembrava a Linnet o seu filho. Aquilo dizia tudo... e nada, ao mesmo tempo. — Por

aquilo que o querido Sebastian disse, entendo que é a mulher destinada ao meu filho.

— Não destinada — disse Linnet. — Possível.

— Tenho estado longe de Inglaterra há tantos anos — continuou Lady Bernaise, agitando a mão. — Tem de me perdoar os erros. Deseja casar com o meu filho?

— Se não, ficarei muito feliz por oferecer a minha mão — disse Sebastian. Estava a rir-se, claro, mas havia um fio de seriedade na sua voz.

Linnet dirigiu-lhe um sorriso sob as pestanas. Ele era tudo o que Piers não era: gentil, bem-falante, atencioso. E vestia-se maravilhosamente.

— Receio que eu e o seu filho não tenhamos sido feitos um para o outro — disse ela a Lady Bernaise.

A senhora abriu o leque com um estalido e olhou para Linnet por cima dele.

— E como chegou a essa conclusão?

— Ela esteve com ele mais do que cinco minutos — interpôs Sebastian.

— Lorde Marchant disse-me o mesmo — disse Linnet.

— E eu concordo. Temo enfurecer o pobre homem, o que não seria uma boa base para o casamento.

— Desde quando sou um pobre homem? — perguntou Piers, atrás do seu ombro.

— Um homem que se veste como você só pode esperar que o considerem pobre, mon cher — respondeu a mãe. — Onde encontraste esse casaco, num monte de lixo?

— Não, num caixote do lixo — precisou ele. — Olhe, mãe, lembrei-me de lhe dizer que o meu querido e desprezado pai também está aqui em casa?

Os olhos de Lady Bernaise estreitaram-se por uma fração de segundo.

— Deves ter-te esquecido, com a sua excitação por me veres depois de todos estes meses.

— Provavelmente foi isso — concordou ele. — Isso e a minha pobre memória. Valha-me Deus, ele deve descer a qualquer momento.

Lady Bernaise aclarou a voz.

— Não, ele já não consome ópio — disse Piers, ajudando.

Sebastian dirigiu a Linnet um sorriso pesaroso.

— Nós já estamos a tratá-la como membro da família, Miss Thrynne.

Linnet estava a tentar perceber o que estava exatamente a ser dito. Poderia o duque ter tomado ópio como alguma espécie de medicação? Ele parecia muito saudável para um homem da sua idade, com os seus cinquenta e poucos anos, pensava ela.

— Ele é um viciado — esclareceu Piers, adivinhando, aparentemente, os seus pensamentos tão depressa como adivinhara os da mãe. — O ópio é um analgésico e, como tal, cria dependência, o que significa que não podia deixar de o tomar. Sem dúvida, começou a tomá-lo por causa de um dedo do pé magoado ou qualquer coisa assim. Costumava andar às voltas pela casa, dando-nos, à mãe e a mim, entretenimento sem fim.

Lady Bernaise fechou o leque e deu ao filho uma pancada ríspida na mão.

— Não podes ser desrespeitoso em relação ao teu pai na minha presença.

— Depois, quando a mãe fugiu finalmente para França, levando-me com ela, graças a Deus, ele divorciou-se dela — acrescentou Piers. — Disse ao mundo inteiro que ela lhe era infiel e que tinha fugido com um jardineiro. O que, a propósito, não era verdade. O nosso jardineiro tinha pelo menos oitenta anos e não podia ter sobrevivido à excitação.

— Estás a lavar a nossa lingerie suja em público — criticou Lady Bernaise, lançando-lhe uma carranca feroz.

— A Linnet não é o público — disse Piers. — E a minha noiva, pelo menos até um de nós decidir mandar uma notícia de cancelamento para o *Morning Post*.

— O meu pai encarregar-se-á dessa tarefa assim que eu chegar a Londres — retorquiu Linnet. — Nós partimos amanhã.

— Tem de partir? A menina é ravissante — disse Lady Bernaise a Linnet. — Extremamente encantadora. Podia dar-se bem em França. Embora eu ache que deve ficar ainda melhor quando puder usar cores que não o branco. Talvez deva casar com o Piers por essa razão.

— Enquanto seu marido, ficaria muito feliz por ir com você às modistes — adiantou-se Sebastian. — Enquanto o Piers preferiria morrer a acompanhá-la numa missão dessas.

— Sim, mas você é um ano mais novo do que o meu Piers — disse Lady Bernaise. — O Piers devia casar primeiro.

Linnet abriu a boca para dar uma resposta qualquer, quando Lady Bernaise voltou a abrir o leque e se escondeu atrás dele.

Toda a gente que estava na sala se virou para a porta, mesmo os jovens

médicos faladores e o lacaio que estava junto ao aparador.

O duque estava muito pálido e parecia mais velho do que umas horas antes. Mas atravessou a sala logo em direção a eles, sem se incomodar a reconhecer a presença demais ninguém.

Vestia calções de veludo e um casaco também de veludo extraordinariamente elegante, que realçava o efeito de moeda romana do seu perfil, tinha Linnet de admitir. Não lhe parecia um viciado em ópio. Mas, afinal, que sabia ela dessas coisas?

— Atraente, não é? — comentou Piers, com voz arrastada, ao seu ouvido.

— Sim, é — disse ela.

— Não vou dizer à querida mãe que a senhora disse isso. Nem que ele pode decidir casar com você se eu a rejeitar. Ela pode ter ainda um pingo de afeição pelo velho estupor.

O duque estava a inclinar-se sobre a mão da sua anterior mulher, beijando-a. Ela havia baixado o leque, mas o seu rosto não tinha qualquer expressão.

— Meu Deus, ele não poderia mostrar-se menos desejoso? — murmurou Piers. — É uma infâmia para o sexo masculino. Acho que a senhora vai ter de se resignar a casar comigo. Ou com outra pessoa, mas com ele, seguramente que não.

— Talvez ele sinta que cometeu um erro — respondeu Linnet, perfeitamente serena.

— Acha que a sua mãe poderá perdoar-lhe?

— Por causa do ópio? E possível. Por ele a ter difamado aos quatro ventos por toda a cidade de Londres, já para não falar nos tribunais, como uma mistura de libertina e prostituta? Não é provável.

As costas de Lady Bernaise eram direitas como um fuso e o seu olhar era tudo menos atiradiço.

— Então, Windebank — disse ela —, diz-me lá como tens passado todos estes anos desde que eu saí de Inglaterra. — A sua voz tinha o timbre claro e frio de pedras de granizo, a bater em mármore.

— Ai — ironizou Piers.

— Com certeza — concordou Linnet. — Não devíamos olhar.

— Porque não? E muito reconfortante ver aquela expressão de angústia no rosto dele. O velho idiota mandou-a embora numa fúria provocada pelo ópio, mas penso que mais tarde se arrependeu.

Linnet virou-se e ergueu os olhos para Piers.

— Como se comporta um viciado em ópio?

Os olhos dele tornaram-se sombrios.

— Num momento, o viciado está muito contente, a divertir-se, dançando pela casa em roupa interior e agindo, em geral, como se tivesse uma insolação. No momento seguinte, vomita. E uma situação muito suja e nada atraente.

— Quando era pequeno e a sua mãe o levou para França, tinha alguma ideia do que se passava com ele?

— Era novo demais para perceber. Mas já tinha aprendido a estar atento a intoxicações. Os filhos de drogados aprendem depressa a reear a fala pouco clara, sinais de confusão, olhos injetados de sangue.

— Reparava nos olhos dele?

— Talvez não reparasse nessa altura. Mas agora repararia. As pupilas contraem-se com o consumo crônico de ópio.

— Deve ter sido terrivelmente angustiante para uma criança — disse ela, pondo uma mão no braço. — Lamento.

Piers fitou-a, os olhos impossíveis de ler.

— Estou grato por isso.

— Porquê? Porque a sua mãe o levou para França? — O braço dele estava quente sob os seus dedos e, estupidamente, ela pensou nos músculos que vira nessa manhã.

— Fez de mim um médico — disse ele, indiferente. — Se não fosse o vício dele, eu estaria sentado num clube londrino a jogar xadrez e a pôr a hipótese de rebentar com os miolos de aborrecimento.

Lady Bernaise estava aparentemente cansada de conversar com o seu ex-marido. Apareceu ao lado de Linnet.

— Meus lindos — disse ela. — Estou com dores de cabeça.

— A dor de cabeça matrimonial? — questionou Piers. — Pensava que uma pessoa tinha de ser casada para ser incomodada por uma coisa dessas.

— Sempre, você dizes a graça — disse ela, agitando o leque na sua direção. — A vida não é a graça, sempre a graça. O teu pai podia dar-me uma dor de cabeça mesmo quando eu estou afastada dele por um continente inteiro, garanto-te.

— Peço desculpa — disse o duque atrás dela. — Por favor, não recolhas ao teu quarto. Eu vou-me embora.

— Não, você fica aqui com o nosso filho — disse ela, sem olhar para ele.
— Perdeste demasiados anos da companhia dele. Merecidamente, mas suponho que agora estás consciente da perda em que incorreste.

— Sim. — O duque não estava, no entanto, a olhar para Piers. Tinha os olhos postos na ex-mulher, na sua pequena figura, nas suas curvas perfeitas, no brilho do seu cabelo, na elegância com que estendia a mão, primeiro a Linnet, depois a Piers.

— Penso que Sua Graça fez bem quando a escolheu para o Piers — disse ela. — Sim, acho que realmente fez uma coisa bem. — O seu tom mostrava perfeitamente que o duque a surpreendera com aquele momento de sucesso.

E depois afastou-se a passo rápido.

— Controle-se — disse Piers ao pai. — Parece um cão a babar-se por um grande osso suculento. Diabo, nesta altura já devia ter arranjado uma segunda mulher. Ela casou com outra pessoa; porque não fez o mesmo? Nesse caso, teríamos uma nova duquesa por aí a tentar tratar a mãe de forma paternalista. Ora, isso seria interessante.

O duque engoliu em seco.

— Nunca haverá mais ninguém para mim — disse ele. — Eu magoei-a tanto porque a amava ainda mais. Embora nessa altura eu não pudesse compreender, claro. Agora, vivo com essa decisão, com o homem que eu era.

— O pai parece a personagem principal de um mau melodrama — disse Piers, sem hesitar.

— Shhh — apaziguou Linnet.

— Miss Thrynne, recebi a sua nota pedindo para partir amanhã de manhã — disse o duque. Tinha um ar desesperado.

— Talvez se ficássemos uns dias... o senhor e Lady Bernaise pudessem ter tempo para conversar — reconsiderou Linnet.

— Não há pressa especial.

— Eu sabia — disse Piers, recuando dramaticamente. — Durante todo este tempo estive apenas a fingir que não queria casar comigo.

Linnet olhou para ele e desatou a rir.

— Sim, o dia de hoje fez-me compreender o santo que o senhor é. O sonho de qualquer mulher.

— Seria muito gentil da sua parte — disse o duque. — Embora eu não queira que ela fique ainda mais zangada comigo.

— Oh, isto é maravilhoso — ironizou Piers. — A noiva não desejada e o

ainda menos desejado parente de sangue decidem...

Linnet deu-lhe uma forte cotovelada no estômago e ele engoliu as palavras.

— Ficaremos o tempo que desejar — disse Linnet ao duque. — Afinal, talvez devesse refletir mais nas minhas expectativas matrimoniais. Talvez haja no seu filho mais do que aquilo que se vê. — Lançou-lhe um olhar sardônico. — Não devia rejeitá-lo tão depressa. Provavelmente, só parece um pateta infantil. Ou, provavelmente, só age como tal, mas há um adulto lá dentro, pronto a sair um dia.

— Eu vou ser duque, quer ultrapasse o meu estado infantil ou não — observou Piers.

— A não ser que a senhora case aqui com o meu pai, provavelmente nunca voltará a receber uma proposta desta magnitude.

— Ah, estava fazendo uma oferta? — disse ela, com doçura.

— Não, o meu pai fê-la por mim — disse ele. — Então, que pensa, Vossa Graça? Vai ficar aqui e tentar voltar a cair nas boas graças da mãe? É impossível, para o caso de estar a pensar nisso.

Linnet deu-lhe um beliscão.

— Claro que não é impossível. Especialmente desde que possa contar com os bons conselhos do seu filho e herdeiro.

— Posso ajudá-lo, se ele tiver hemorroidas — disse Piers.

— Mas tenho ouvido dizer que o casamento é realmente o pior desses dois males.

O duque olhou para ele, abanando a cabeça.

— Você nunca casará, pois não? Linnet sentiu pena dele.

— Se calhar, terá de se decidir a fazê-lo — disse ela. — Terá de encontrar a sua própria mulher.

— E tão fácil fazer isso por aqui — interpôs Piers. — Não pode imaginar quantas jovens senhoras sobem o caminho, queixando-se de edemas estranhos, cegueira, vômitos... toda a espécie de doenças maravilhosas.

— Bem, é esse o grupo do qual tem de escolher — declarou Linnet, encolhendo os ombros.

— Talvez devesse ficar com você — disse Piers.

— Não se cansa de se comportar como um garoto? — perguntou ela. — Não lhe dê ouvidos — aconselhou ela, virando-se para o duque. — Um destes dias vai aparecer uma mulher à espera de bebê e ele casa com ela porque é o mais prudente.

— Não é prudente a não ser que eu tenha a certeza absoluta de que ela está à espera de um rapaz — disse Piers — e, tanto quanto sei, não há maneira de comprovar isso.

— O senhor pode sempre substituir um dos outros filhos dela — sugeriu Linnet. Piers riu-se à gargalhada.

O duque sorriu, constrangido.

— A primogenitura pode ser assunto de risota, para ambos, mas a minha família tem tido este título durante centenas de anos.

— Até o senhor ter arrastado o seu nome pela lama tornando-se fanático do ópio — atirou Piers, virando-se. — Devem ser horas de jantar. Prufrock, de que diabo é que estás à espera? Toca essa campanha antes que comecemos a roer as pernas uns dos outros.

Linnet enfiou o braço no do duque.

— Dia difícil — disse ela.

Ele deu-lhe umas palmadinhas na mão.

— Eu escolhi bem, escolhendo-a a você, mas percebo o que quer dizer. — Piers caminhava à frente, a passos largos, já fora da sala, não prestando qualquer atenção às convenções sociais que exigiam que ele esperasse que, se não ela, certamente o pai, entrasse primeiro na sala.

— Pode já ter reparado que eu não estou à espera de bebê — arriscou Linnet. Estava a sentir mais do que um laivo de culpa pelas falsidades que a tinham levado a Gales.

O duque ficou com uma expressão profundamente embaraçada e agitou a mão, como se a dizer que era irrelevante.

— Eu penso honestamente que o seu filho vai casar um dia — disse Linnet. Embora estivesse a mentir. Não conseguia imaginar a mulher que não só suportasse Piers como também conseguisse fazer-lhe frente.

— Talvez, talvez. Tinha tido esperanças... mas agora vejo que são muito parecidos.

— Ora isso, Vossa Graça, é um insulto, se me perdoa a minha franqueza — disse Linnet, sorrindo-lhe.

— Não era certamente essa a minha intenção. Que vai fazer a seguir, minha querida?

— Vou voltar para Londres — disse Linnet. — Talvez vá para o estrangeiro. Ou talvez vá diretamente para casa de Lady Jersey dizer-lhe que não estou à espera de bebê. E depois obrigo o príncipe a reconhecer que não havia qualquer possibilidade de isso acontecer. E depois caso com

alguém.

— Muito bem — concordou o duque. — Pode contar com o meu apoio. Creio que a minha opinião terá uma influência significativa em Lady Jersey.

Ela sorriu-lhe.

— Obrigada.

Linnet estava a sonhar que a mãe se encontrava sentada aos pés da cama, a rir e a atirar cerejas. Não tinha muito boa pontaria e uma ressaltou no ombro de Linnet e caiu ao chão; outra caiu em cima dos lençóis. Mãe/, protestou ela. Vão fazer uma porcaria. E manchar a roupa de cama.

Amãe apenas riu. É tudo uma brincadeira, querida. Tens de...-

Mas o que quer que a mãe tenha dito perdeu-se quando Linnet foi bruscamente acordada. Pestanejou através de uma cortina de cabelo desgrenhado e viu que não era a mãe que estava aos pés da cama. Era Piers, sentado ali, tão à vontade como se fosse o irmão que ela não tivera.

E no entanto... ela lançou um olhar ao seu rosto esguio, agora sombreado pela barba, e todo o seu corpo lhe disse que não era um irmão que estava no quarto. Não tinha casaco e os ombros esticavam as mangas da sua camisa branca de linho. Sentiu calor subir-lhe às faces.

— Olá — disse ela.

Aquilo era absurdo! Ele era impotente e havia de fazer troça dela de um modo intolerável, se tivesse a mais pequena ideia de que ela gostava tanto da aparência dele. Não, era mais do que isso: uma admiração perfeitamente normal de beleza física.

— Está a planear levantar-se nas próximas horas? — perguntou Piers, a voz tão peremptória como sempre. — Trouxe-lhe uma chávena de chocolate quente. Senti-me tal e qual a criada de uma senhora, embora um desses eunucos que andavam a servir os imperadores fosse mais meticoloso.

Ele não parecia um eunuco, não que ela tivesse alguma vez visto algum. Linnet estendeu a mão e pegou na chávena de chocolate quente, envolvendo-a com as mãos. Era rico e escuro, quase picante.

Percebia porque é que as pessoas gostavam do casamento, pelo menos aquelas que gostavam realmente do casamento. Era engraçado ter mais alguém ali, de manhã, com quem conversar bebendo chocolate quente. Mais ainda, ela gostava de olhar para ele, e, já que ele não estava a prestar-lhe qualquer atenção, ela fazia precisamente isso, observando o jogo dos seus músculos por entre as pestanas.

O corpo masculino era tão diferente do dela, tão atraente à sua maneira. Silenciosamente, enviou um pedido de desculpas à mãe. Tinha razão, mãe.

Piers estendeu o braço e a camisa ficou esticada dos músculos do ombro.

Pela primeira vez, pela primeiríssima vez, compreendeu o que fazia os olhos da mãe ficarem tão brilhantes quando ela saía para um dos seus encontros.

Depois, de súbito, percebeu exatamente para onde estava a olhar. Piers tinha a bengala na mão e estava inclinado para a frente. Percorreu com os olhos a haste da bengala e soergueu-se com um gritinho, quase entomando o chocolate.

— Pare com isso, já!

Ele voltou a tocar.

— E tão difícil acordá-la que pensei que um pouco de artilharia ajudava.

Ele tinha a caixa das joias dela equilibrada mesmo na beira do toucador. Mais um toque e caía.

Linnet pôs o chocolate na mesinha de cabeceira.

— Dê-me isso! — exigiu ela, agarrando a bengala e voltando a deitar-se para trás. — Não pode exercer o seu sentido de humor infantil sobre a minha caixa das joias. Herdei-a da minha mãe. Tem incrustações de madrepérola, feita em Veneza.

Piers inclinou-se na sua direção, pondo uma mão ao lado de cada anca.

— E a segunda vez que me chama infantil. Já houve homens que foram desafiados para um duelo por coisas piores.

— Não por você. O senhor é aleijado.

Houve uma pausa de uma fração de segundo.

— Ora, isso é mesmo cruel — disse ele baixinho, inclinando-se para a frente.

— Não é pior do que a maneira como o senhor fala com as pessoas — disse ela, consciente de que o seu tom de voz era nitidamente jubiloso.

Ele mudou de posição e, subitamente, as suas mãos estavam de cada lado da cintura dela, tão perto que ela sentia o seu calor. Ela apertou a bengala com força, incapaz de reprimir o sorriso. Arreliá-lo era inebriante... e perigoso,

Piers confirmou exatamente aquilo que ela estava a pensar.

— Nunca ninguém lhe disse que a minha alcunha é o Monstro?

Ela franziu o nariz.

— Como todos os meninos de dois anos são chamados pela ama. Que vai fazer, chamar-me nomes? Não vai ter qualquer efeito; toda a cidade de

Londres já se refere a mim pelos piores nomes que se podem chamar a uma senhora.

— Bem, há uma coisa que a senhora e a minha mãe têm em comum — disse ele. — Enroscar-me com uma prostituta vai fazer-me sentir em casa.

Um pouco desajeitadamente, ela virou a bengala e espetou-a no peito dele.

— Pode fazer o favor de se chegar para trás? Isto é extremamente impróprio.

Ele não se mexeu. Os olhos cintilavam com uma espécie de emoção que ia muito para lá da impropriedade.

De repente, Linnet apercebeu-se de que se tinha enganado em relação a ele. Tinha pressuposto que um homem impotente era... bem... incapaz de sentir desejo.

Era óbvio que Piers não tinha qualquer problema com desejo.

Ele sabia o que ela estava a pensar. Os seus olhos desceram lentamente pelo rosto de Linnet, parando nos lábios, lentamente pelo pescoço, parando...

E ficaram paralisados.

Ela olhou para baixo e viu que a fina cambraia da sua camisa de noite estava presa debaixo dela, puxando-a, justa, sobre o corpo. Os seus seios mal estavam cobertos, os mamilos rosados nitidamente visíveis. Ela atirou a bengala para o lado e dobrou os braços sobre o peito.

— Não devia estar a olhar para mim dessa maneira — declarou.

— A senhora é minha noiva. — A sua voz era rouca e pesada, sem qualquer das habituais nuances trocistas que geralmente acompanhavam cada uma das suas palavras.

— Já não sou — disse ela, lambendo o lábio inferior.

— Sabe — disse ele —, acho que devíamos explorar toda esta questão do noivado um pouco mais minuciosamente. Podemos estar a deitar fora o bebê com a água do banho.

Ele aproximou-se mais uma vez. Agora, as suas mãos estavam na almofada dela, o seu rosto mesmo por cima do dela.

— Fui beijada por um príncipe — contou-lhe ela. A sua voz não saiu melíflua como a dele; rangia.

— Competição — disse ele, os olhos a cintilarem ainda com mais brilho. — Eu sou ferozmente competitivo, sabia? — Baixou a cabeça e lambeu o lábio inferior com um movimento doce e suave.

Linnet pestanejou com a onda de excitação que lhe percorreu o corpo.

— O príncipe Augustus ganha — conseguiu dizer.

— Mas eu ainda nem sequer comecei — disse Piers. — E sabe? Acho que devemos ficar por aqui, por agora. Provavelmente, eu devia melhorar a minha técnica. Ler uns livros. Refletir na minha estratégia.

A respiração de Linnet estava acelerada e ela tinha os olhos meio fechados, à espera que os lábios dele descessem sobre os seus, à espera que ele...

— Como? — guinchou ela. Que havia nele que a fazia perder todo o seu encanto natural?

— Sabe a chocolate — grunhiu ele, os lábios ainda a pairar sobre os dela. Linnet sentiu os olhos a fecharem-se. Sim... por favor... o seu estômago apertou-se quando sentiu o hálito dele, chocolate e menta.

— Se fosse um bombom, dava-lhe uma dentada. — Baixou a cabeça e... mordeu-a? Mordeu o lábio inferior. Contra todo o pensamento racional, Linnet sentiu uma onda de calor perpassar-lhe o corpo.

Os olhos abriram-se de repente.

— Tenho de pensar que precisa mesmo de ler um ou dois livros — disse ela. — Eu sou a primeira mulher que o senhor beija? Se chama a isso beijar?

Piers endireitou-se e bateu no queixo com o dedo.

— Deixe-me ver.. parece que me lembro... Não! Não é a primeira mulher. Acha decepcionante?

— De qualquer maneira, não me interessa.

Ele levantou-se.

— Que diabo fez com a minha bengala? Oh, está ali. Agora pode fazer o favor de se levantar dessa cama e vestir qualquer coisa para podermos ir nadar?

Mas agora era tudo diferente. Piers podia parecer exatamente o mesmo, tão indiferente e sardônico como sempre, mas Linnet não se sentia a mesma. Ela não podia simplesmente saltar da cama e atravessar o quarto em camisa de noite depois daquele beijo. Ou meio beijo.

Ele olhou e percebeu o que ela estava a pensar.

— Número um, eu nem sequer a beije. Número dois, eu não podifazendo suceder ao beijo, se eu tivesse ido tão longe, uma desfloração. Número três... bem, não há número três, mas penso realmente que o número dois diz tudo, não acha?

Linnet aclarou a voz.

— Eu levanto-me se o senhor se sentar ali. — Indicou com a cabeça uma cadeira. — Voltado para a parede.

— E como pensa que eu devo nadar? Se eu me virar para o outro lado da piscina, a senhora afoga-se — disse ele, categoricamente. — Se é isso que pensa, vou-me embora. Tenho de nadar todas as manhãs, caso contrário a minha perna castiga-me.

— Não! — disse ela. — Quero voltar à piscina e aprender a nadar. — Na noite anterior até tinha tirado para fora um vestido, uma chemise e meias, para o caso de ele aparecer.

— Pensei que queria. Então vista-se tremendamente bem e vamos descer até lá antes que desapareça toda a luz da manhã. Em breve terei de ir ver os meus pacientes. Eles têm o hábito irritante de morrer durante a noite.

Os seus olhos já não cintilavam. De fato, tinha um ar tão indiferente como sempre, por isso Linnet precipitou-se para fora da cama e correu para trás do biombo que estava ao canto.

— Estou a ler um dos livros da sua biblioteca — disse-lhe. — Um livro de medicina.

— Ah, sim? Qual? — Parecia não ter qualquer curiosidade.

— Observações e Investigações Médicas do Dr. Fothergil^[7]. E muito interessante.

— É um perfeito disparate. Não confie em nada do que ele diz. De fato, não confie em nada do que lê em qualquer desses livros que encontra na biblioteca. A maior parte deles foi escrita por idiotas tagarelas.

Ela espetou a cabeça para fora do biombo.

— Quer dizer que sumo de narciso não fará um homem perder a sua potência? Que desilusão!

— Estou a ver que está a planear com antecedência — disse ele, tirando um caracol de cabelo dos olhos. — Para o próximo homem na sua vida, ditoso imbecil.

— Bem, daria resultado? — perguntou ela, voltando a baixar-se atrás do biombo.

— Altamente improvável. Quer a meia que acabou de cair ao chão?

— Sim, por favor — disse ela.

Uma meia de seda voou por cima do biombo e pousou no ombro de Linnet.

— Porque se dá ao trabalho de calçar meias? — perguntou ele. — De

qualquer maneira, vai tirá-las daqui a cinco minutos.

Ela já estava a atar a liga.

— Eu não podia sair sem meias!

— Daqui a nada vai estar lá fora só com um pedaço de tecido em volta do corpo.

— Não posso ser vista sem as minhas meias. — Mas tinha decidido que podia ser vista sem o corpete. Era demasiado incômodo apertá-lo. — Pode ajudar-me outra vez a abotoar o vestido?

Ela apareceu de trás do biombo e encontrou Piers a olhar pela janela.

— O Sol já vai alto. Eu devia ir lá para cima.

— Não. Nadar — declarou ela. — Abotoe-me o vestido e vamos.

Desta vez, o ímpeto da água gelada sobre o seu corpo, sobre o seu rosto, foi menos inesperado, mas não menos brutal.

Piers puxou-a para cima e ela agarrou-se a ele, exclamando baixinho:

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus.

O braço dele, forte e quente, envolveu o corpo.

— Recuperou o fôlego? — gritou-lhe ele ao ouvido.

Ela abanou a cabeça. Não queria soltar-se, mas ele empurrou-a para trás impiedosamente.

— Boie. Ela boiou.

— Ótimo. Agora faça o mesmo de barriga para baixo. — Ela olhou-o fixamente, incrédula, por isso ele estendeu o braço e virou-a ao contrário.

Ela afundou-se de imediato, mas ele voltou a puxá-la para cima.

— Sobre a barriga — disse-lhe ao ouvido. — Quero que feche os olhos e flutue de barriga para baixo. E tão fácil como boiar de costas.

— Aq-aqueça, aqueça-me-me primeiro — pediu ela, com os dentes a baterem loucamente.

Ele virou-a, de maneira que as costas dela ficaram encostadas ao seu estômago e voltou a enrolar um braço em volta dela. O braço estava mesmo abaixo dos seus seios, e, mesmo no meio da água gelada, Linnet sentiu... qualquer coisa. Um fluxo de sangue quente que lhe desceu pelo corpo todo até aos dedos dos pés, que lhe fez a pele formigar, que a tornou consciente do corpo musculado atrás dela... e da parte dura dele que a mãe...

Mas pensar na mãe no contexto de Piers não lhe parecia correto, por isso afastou esse pensamento.

— Está bem — disse ela, respirando fundo. Ele deixou cair o braço, ela balançou para a frente e boiou, mais ou menos.

— Está quase a nadar — gritou-lhe ele ao ouvido.

Ela abriu a boca para responder e engoliu água do mar.

— Uf — Cuspiu. — Uf!

— E altura de sair da água. Os seus lábios estão a ficar roxos, já para não falar nos seus dedos. E, partes importantes de mim, também. Tenho de começar a mexer-me.

Toda a tremer, Linnet foi aos tropeções até ao monte de toalhas e embrulhou-se dos pés à cabeça. Depois, voltou para a piscina e sentou-se na rocha lisa para observar Piers a abrir caminho através da água, de um lado para o outro.

O sol estava ainda mais quente do que na véspera e, embora ela soubesse que as sardas eram praticamente certas, não conseguia evitar levantar o rosto para ele e deliciar-se ao sol. Nem, daí a pouco, deitar-se na rocha quente para que o sol lhe chegasse ao pescoço e aos ombros.

A rocha debaixo dela irradiava calor, por isso ela desenrolou a toalha que tinha à volta da cabeça para deixar o cabelo secar. E depois retirou cuidadosamente a toalha das pernas para que a chemise pudesse aquecer também.

Na altura em que Piers se içou da piscina, ela estava quase a dormir, aninhada em toalhas e sol. Piscou os olhos para ele.

— Acabou?

— Parece que sim. E, mais uma vez, a Linnet ficou com as toalhas todas. Ela sentou-se.

— Desculpe. Tome... tome esta. — Tirou a que tinha debaixo da cabeça. — Receio que esteja um pouco úmida.

Ele pegou-lhe sem comentários e começou a esfregar o corpo e o cabelo, enquanto ela estava deitada para trás e observava. Ela não fazia ideia nenhuma — ideia nenhuma — de que os homens fossem assim. Tão, tão inebriantes. Tão...

Talvez ela fosse mais parecida com a mãe do que pensara. A ideia era repugnante e ela começou a soerguer-se.

— Não, fique aí — disse ele. — Vire-se ao contrário.

— Não!

— Vou ensiná-la, em terra, a nadar. Vai ser mais fácil do que gritar-lhe instruções ao ouvido, enquanto a Linnet grita de frio.

— Ah! — Ela rebolou, contorcendo-se para ficar confortável no ninho de toalhas e na rocha quente. Depois olhou-o por cima do ombro. — Muito bem, que faço eu agora?

Piers olhou para o corpo absolutamente delicioso da noiva — da pretensa noiva — e percebeu que estava metido num grande, negro sarilho.

Tão negro como a fenda entre os seus absolutamente...

Ela fora escolhida pelo pai. Não podia ter nada que ver com ela, nem que ela fosse a mulher mais bela de toda a Inglaterra.

O que ela era, observou uma vozinha na sua cabeça. Nunca vira nenhuma mulher tão perfeita. Nem imaginava que pudesse existir, para ser sincero.

Ajoelhou ao lado dela, reprimindo cruelmente a parte dele que queria acariciar aquelas lindas costas macias, subir a elevação das suas nádegas, descer aquelas pernas sedosas.

— Estenda os braços para o lado — disse ele, a voz a emergir do peito tão áspera como a de um homem que tivesse fumado charutos anos a fio. Inclinou-se para lhe mostrar a braçada. — Vê, deste lado, depois do outro. E, quando dá a braçada deste lado, virar a cabeça para o outro para inspirar.

Ela virou a cabeça e moveu os braços escrupulosamente.

— E isso mesmo — disse ele, os olhos voltando às suas nádegas. — As pernas têm de estar esticadas e a bater suavemente.

Afinal, não havia mal nenhum em olhar. Era só olhar. Embora outra maneira de o descrever fosse chamar-lhe tormento. Tinha visto centenas de corpos de mulheres. Talvez até um milhar. Tinham desnudado os seios, o rabo, todas as partes mais íntimas, e ele nunca tinha pestanejado.

Mas agora o seu corpo estava a pulsar, literalmente a enraivecer, de paixão.

Piers pôs-se de pé e enrolou a toalha, castigadoramente apertada, à volta da cintura. Raios partissem se ele se deixasse manipular pelo pai, o seu desprezível e desprezado pai, para aceitar a noiva que ele tinha escolhido.

Observava a braçada de Linnet, obrigando-se a ignorar a sua sensualidade. Ela parecia ter um razoável sentido de ritmo.

Claro que tem, murmurou uma voz dentro dele. Ele podia ensinar-lhe ritmo e ela...

Afastou a ideia.

— São horas de ir embora — disse ele, bruscamente, afastando-se. — Tenho uma ala cheia de pacientes à minha espera, alguns deles provavelmente cadáveres por esta altura. Não posso fazer esperar esses cadáveres. Não é educado.

Ela pôs-se de pé precipitadamente e ele ouviu-a enfiar o vestido.

— Espere — chamou ela, quando ele começou a subir o caminho. — Preciso que me abotoe o vestido, lembra-se?

Ele virou-se. Ela estava ali, à beira da piscina, o cabelo ruivo caindo-lhe em caracóis úmidos sobre os ombros, as maçãs do rosto rosadas do exercício. E estava a sorrir, a sorrir como deve ser, não com aquele sorriso patenteado que usava para hipnotizar os seus estudantes.

— Não posso voltar assim para casa — disse ela. — Admito, não tenho dama de companhia. Mas, a não ser que queira que todo o meu pessoal comece a pensar que estivemos nus juntos, tem de me abotoar o vestido.

— Não seja idiota. Os criados sabem exatamente o que estivemos fazendo. Não há nada que possam, ou queiram, fazer em relação a isso.

— Bem, o seu pai ficaria escandalizado.

Ele grunhiu, não querendo entrar numa discussão acerca de quanto pouco se importava com a opinião do pai.

— Então, venha aqui. Não quero atravessar essa rocha com a bengala. Ela pestanejou e precipitou-se para ele.

— Desculpe. Vendo-o nadar, parece-me tão forte que me esqueço que a sua perna está aleijada. Como aconteceu isso, a propósito? — Virou-se de costas e ele começou a abotoar o vestido.

A espinha de uma mulher é uma coisa muito delicada. Ele já o sabia, claro, mas o seu conhecimento provinha da observação de espinhas que tinham sofrido lesões. A de Linnet curvava-se numa exibição perfeita de desenho imaculado, uma pequena saliência a seguir a outra, todos os ossos que ele aprendera na escola médica com um aspecto tão diferente cobertos de pele pálida.

— Onde está a sua chemise? — perguntou ele, abruptamente.

— Oh, tirei-a — disse ela. — Não há nada mais frio do que tecido molhado, sabe.

Ela tinha afastado o cabelo para não ficar preso nos botões, e o seu pescoço macio dobrou-se à frente dele, como um caule a sustentar uma flor delicada. As suas palavras caíram na mente dele muito devagar. Ela tinha despedido a chemise enquanto ele estava de costas viradas. Tinha estado nua, mesmo que só por um segundo, ali, ao ar livre.

— Piers? — perguntou ela. — Como magoou a sua perna?

— Foi há tanto tempo que me esqueci — disse ele, fazendo deslizar o último botão para a casa.

Ela fez um barulhinho ofegante, mas baixou-se para apanhar um feixe de tecido molhado, a sua chemise, e depois segurou-lhe o braço. Ele nem sequer se apercebera de que tinha esperado por ela até a sua mão esguia lhe deslizar debaixo do braço.

— Então apareceram doentes novos ontem à noite? — perguntou ela, conversadora.

— E pode dizer-me como organiza os quartos dos pacientes? A Eliza disse-me que há enfermarias nas duas alas.

— De acordo com a doença que eu penso que eles têm — disse ele, ainda a pensar sobre o modo como a boa educação, uma vez entranhada nos ossos de um homem, aí ficava a vida toda.

— Como?

— Doenças infecciosas com doenças infecciosas. E são também segregados quanto ao sexo. As mulheres numa sala, os homens noutra. Não posso ter os devassos a saltarem uns em cima dos outros a meio da noite.

— Há mais mulheres do que homens ou vice-versa?

— As mulheres ganham.

— Porquê? Nós adoecemos mais vezes?

— Não, mas o seu sexo é muito mais sensato em relação a pedir ajuda. Os homens têm tendência a cair para o lado no campo, aqui em Gales. É uma maneira simpática e limpa de partir e eu recomendo-a.

— E crianças?

— Às vezes. As gripes deitam-nas abaixo, por isso a maior parte das mais novas morre antes de aqui chegar.

Ele sentiu-a estremecer mesmo ao seu lado.

— Isso é horrível, Piers.

— E a vida.

— Neste momento, tem o Gavan; há mais crianças?

— Duas raparigas. — Estavam, então, na casa pequena. Ela não disse mais nada, mas ele conseguia, praticamente, senti-la pensar. — Não — disse ele, em tom de aviso.

— Não o quê?

— O que quer que esteja a planear. Está a ficar com uma espécie de brilho convencido. O que quer que seja, acho-o incomodativo.

— Eu não tenho nada que fazer — disse ela, com um tom cordato que fazia soar campainhas de alarme. — Estou quase a acabar o livro

Observações do Doutor Fothergill e, de qualquer modo, o senhor disse-me que as observações dele eram tolas. Estive a ver a sua biblioteca e não tem romances.

— E isso que costumafazendo? Ler romances?

— Não há romances suficientes. Também leio guias de viagem e peças de teatro. — Encolheu os ombros.

Ele virou-se e olhou para ela, ignorando a pele macia e as pestanas curvas — bem, não as ignorando, mas tentando olhar para lá delas. — E vendo todos os sinais de elevada inteligência.

Como fizera o pai aquilo? Onde a teria encontrado?

— Um dos melhores médicos que alguma vez encontrei foi uma mulher da Catalunha — contou ele.

— Como conseguiu ela isso? — perguntou Linnet. — Em Espanha permitem que as mulheres frequentem escolas médicas?

— Sabe onde é a Catalunha?

— Disse-lhe que leio guias de viagem — lembrou ela, com um laivo de irritação.

— O pai dela é um dos melhores médicos desse país — disse ele. — Ensinou-a e depois obrigou-os a deixarem-na entrar na escola médica. O que penso é que, quando ela entrou, já sabia mais do que muitos médicos diplomados, mas, pelo menos, isso garantiu-lhe o diploma.

Ela foi em silêncio enquanto subiram os degraus até à porta do castelo e Prufrock abriu-a.

— Estás à nossa espera, hein? — perguntou Piers.

— Três novos pacientes é que estão — disse o mordomo.

— Pus dois deles lá em cima e um deles na sala de armas. O marquês e os médicos mais novos estão lá agora.

— Na sala de armas? — perguntou Linnet.

— Desfizemo-nos das armas e fazemos os diagnósticos iniciais lá — explicou Piers, deixando cair o braço dela. — Se não se importa, vai ter de subir as escadas sozinha. Tenho muito que fazer. Uma das razões é que tenho de chegar à sala de armas antes que o Sebastian mate o meu novo paciente.

— Se alguém parece estar particularmente doente, ponho-o lá — explicou Prufrock.

— Se houver a possibilidade de estar contagioso, diria eu.

— Mas como...

As portas fecharam-se ao som da sua voz.

Gavan estava sentado na cama quando Linnet enfiou a cabeça pela porta da enfermaria, algum tempo depois. Ele sorriu, um sorriso que revelava falta de dentes e gritou:

— Olá, menina!

Ouviu-se um grunhido vindo da cama ao lado dele.

— Mister Hammerhock, como se sente hoje? — perguntou Linnet.

— A febre dele baixou — contou Gavan. — Mas ainda tem a cara imunda e a língua não está muito boa. O médico veio aqui e tentou fazê-lo dizer sim uma porção de vezes porque gosta da maneira como ele o diz.

— O quê? — perguntou Linnet, confusa.

— Ele diz chim, não é, Mister Hammerhock? — disse Gavan.

— E isso faz rir o médico. E a mim também.

Mr. Hammerhock resmungou.

— De qualquer maneira, ele vai viver, foi o que o médico disse.

— Fico contente por saber — respondeu Linnet. — Vês, Gavan, nem toda a gente é...

— Pode levar-me lá fora agora? — interrompeu ele. — Estou farto de esperar por você. Quem sabe o que Rufus está fazendo? Temos de ir vê-lo.

— Eu acho que não deves sair da cama — retorquiu Linnet.

— O médico disse que ele pode começar a andar hoje — disse uma voz severa atrás dela.

Linnet levantou-se de um salto.

— Enfermeira Matilda?

A mulher que estava junto à cama usava um avental de couro que lhe descia até os joelhos. Tinha uma protuberância preta de cabelo no cimo da cabeça, uma protuberância branca fazendo de nariz e um queixo muito comprido. Em suma, tinha um aspecto aterrorizador.

— O meu nome é Mistress Havelock — respondeu ela, de um modo arrasador.

— Peço imensa desculpa. — Linnet deu com você a balbuciar.

— Lorde Marchant referiu-se a alguém como enfermeira Matilda, mas, claro, ele tem mais do que uma enfermeira, uma vez que há tantos doentes.

— O doutor refere-se a mim dessa maneira devido aos seus modos impertinentes e tolos — resmungou Mrs. Havelock. Não se deu ao trabalho

de acrescentar Mas a senhora não pode. — Eu não sou ama-seca, mas a governanta desta ala. Bem, se vai levar o jovem Gavan lá para fora, não pode levá-lo ao estábulo. Não o quero devolvido nem com uma única pulga no corpo. Esse rapaz é um íman, um íman de pulgas.

Gavan fez-se ouvir:

— Nós não nos aproximamos de pulga nenhuma. A menina só me vai levar outra vez lá abaixo à piscina para olhar para a água bonita. — Os seus olhos brilhavam com todo o fervor de um missionário em frente dos Portões de Pérolas.

Mrs. Havelock resmungou. Aparentemente, o halo era invisível para ela.

— Eu ia dizer que não, mas ele está a dar com os meus outros doentes em doidos. Quero-o fora daqui.

— Não dê a minha cama a outra pessoa — pediu Gavan, o rosto a desanimar.

Linnet acenou a Neythen, que ela tinha mandado ficar à porta.

— Se pudesse pegar no menino Gavan, Neythen, não atrapalhávamos Mistress Havelock. Tenho a certeza de que ela tem uma manhã muito ocupada pela frente.

Mrs. Havelock lançou lhe um olhar cáustico, que fez Linnet aperceber-se, de súbito, de quão diferente era um avental de couro gasto de um vestido amarelo pálido, adornado com fitas cor de cereja.

Mas ela dirigiu à governanta um sorriso deliberado, provocador. Não tinha culpa de ter nascido numa família que pensava que se podia passar a manhã fazendo visitas à vontade, a tarde a escolher fitas, já para não dizer a comprar mais fitas, e a noite a galopar à volta de um salão de baile.

Tal como Mrs. Havelock não tinha escolhido nascer numa família que aparentemente lhe possibilitava — ou a obrigava — a ter um emprego no hospital de Piers. E era absurdo sentir a mais pequena ponta de inveja em relação à isso.

— Trata de todos os pacientes desta ala sozinha?

— Claro que não — ripostou Mrs. Havelock. — Seria extremamente impróprio. Sou ajudada por criadas e auxiliares masculinos. — Ela pensou, evidentemente, que Linnet era constitucionalmente imprestável; virou-se sem se despedir.

Não foram à piscina, claro. Neythen depositou Gavan no estábulo e depois regressou aos seus deveres no castelo, prometendo voltar daí a uma hora. Linnet sentou-se num banco de madeira tosca, enquanto Gavan

brincava com Rufus.

— Ele está diferente — disse Gavan. — Não acha que ele parece mais feliz agora que me tem a mim?

Linnet olhou para o cão. Rufus não tinha muito pelo, mas aquele que tinha era todo espetado. Uma orelha estava projetada para cima e metade da outra parecia ter sido comida em qualquer altura do passado distante. A cauda inclinava-se abruptamente para a direita, por isso só abanava desse lado do corpo.

— Ele não é bonito.

— E bonito, sim — protestou Gavan. — Não está é a olhar para ele como deve ser.

— Como é que deve ser? — perguntou Linnet.

— Tem de olhar para as partes caninas dele.

Rufus sentou-se a arfar.

— Bem, ele tem uma língua muito comprida — observou Linnet.

— Tem, não tem? Também é uma língua cor de rosa, e isso é o melhor num cão. Acho que devíamos dar-lhe banho. Sabe que Mistress Havelock não gosta de pulgas. E eu acho que ele as tem. Vê como ele se está a coçar?

Estava, de fato, a coçar-se.

— E porque precisa de um banho — disse Gavan. — Devíamos dar-lhe um banho, menina.

Ela bem podia imaginar o banho.

— Penso que não deves molhar-te nesta altura da sua recuperação. Talvez pudéssemos pedir a um dos laiaos que o faça.

— Bom dia, Miss Thrynne.

Não era Piers. Claro que não era Piers, porque ele tinha trabalho importante fazendo. Era estranho, porém, que a voz do pai fosse tão parecida, quando eles eram completamente diferentes. E era mais do que estranho, era completamente estúpido, o fato de o coração de Linnet ter dado um pulso ao som daquela voz.

Ela levantou-se de um salto e fez uma reverência ao duque.

— Como está, Vossa Graça? Dá-me licença que lhe apresente o Gavan e o seu cão Rufus?

Gavan olhou para cima.

— Vus' Graça é um nome engraçado.

— Este senhor é um lorde — explicou Linnet. — Essa é a maneira como

devemos dirigir-nos a ele.

Gavan assentiu com a cabeça e voltou a coçar a barriga de Rufus.

— Receio que não haja outro sítio para se sentar além deste banco — admitiu Linnet, voltando a sentar-se. Estava cansada depois da aula de natação. — Veio ver como estão os seus cavalos?

O duque sentou-se na outra extremidade do banco.

— Tive de sair de casa.

Linnet pensou que ele queria provavelmente dizer que Lady Bernaise estava na sala de estar, mas não sabia o que dizer exatamente. E depois apercebeu-se de que o duque enterrara o rosto nas mãos, por isso estendeu o braço e tocou-lhe no ombro.

— Lamento.

— Os erros fui eu que os cometi. — Uma lágrima caiu-lhe por entre os dedos. Uma voz cortou o ar, fazendo Linnet erguer os olhos com um sobressalto.

— Isto não é aconchegante?

Como é que ela podia ter pensado que a voz de Piers era como a do duque? Era completamente diferente: mais sombria, mais forte, mais masculina, mais inteligente, mais irada.

— O Gavan está a adquirir mais pulgas — continuou Piers— e o querido pai está a adquirir novos amigos. Estamos todos felizes, felizes, felizes. Deve ser a sua influência, Bela.

— Não me chame isso! — protestou ela, furiosa.

— Deve ser a sua influência — repetiu ele, batendo com a bengala.

— Não seja idiota — retorquiu ela.

O duque inspirou fundo e deixou cair as mãos. Os seus olhos estavam vermelhos e brilhantes.

— Disseste-me que nunca mais te pedisse desculpa. Mas...

— Acha que mudei de opinião? — Agora, Piers não parecia indiferente. Parecia absolutamente furioso.

Linnet lançou um olhar rápido a Gavan, mas ele tinha rastejado até ao canto de um estábulo, tinha prendido Rufus no colo e estava a sussurrar a uma das orelhas peludas do cão. Não estava a prestar atenção.

— Eu sei que nada mudou — disse o duque, a voz a ceder.

— Mas não posso deixar de dizer que lamento. Olhei para ti e para a tua mãe ontem à noite e percebi que dantes tinha tudo, tudo o que a vida podia

dar-me e que significava algo, e deitei-o fora. Deitei fora o meu casamento. Pior, magoei-te...

— Cale-se — ordenou Piers, a voz fria como o oceano, mais fria ainda. — Eu disse-lhe que não posso dar-lhe o perdão que procura e, mesmo que pudesse, ele nunca faria, por magia, desaparecer o seu passado.

O duque limpou outra lágrima.

— O pai não nos deitou fora. Tirou a conclusão legítima, ainda que pouco sensata, de que preferia a euforia das drogas ao tédio da vida familiar. Quem pode dizer que, afinal, não tinha razão? Eu próprio nunca fui tentado a dormir com a mesma mulher todas as noites. Quanto mais reproduzir-me numa miniatura barulhenta que não sabe guardar segredos.

— Pare com isso — disse Linnet, levantando-se.

Os olhos de Piers estreitaram-se.

— Oh, vejam, agora vamos ter uma injeção de calorosa compaixão feminina.

— Quem está a ter compaixão? Aquilo que eu vejo é o senhor fazendo figura de idiota, e, como eu cresci a ver esse comportamento, não me inspira compaixão. A repetição leva ao desprezo, não à compaixão.

— Se o seu pai fosse um choramingas, tudo o que posso dizer é que conheço a sensação.

— O senhor é que é idiota — disse Linnet. — O seu pai tomou demasiado ópio. Perdeu a família. Ofendeu-o. — Parou.

— Bu — disse Piers.

— Era isso mesmo que eu ia dizer. — Ela sorriu de um modo calculado para o irritar.

— Terá sido o diploma de médico que lhe deu a ideia de continuar a agir como um miúdo de seis anos, zangado?

— Não, diga lá. Como é isso?

O duque levantou-se também, vacilando um pouco.

— Por favor. Tudo isto é culpa minha.

— Todos nós concordamos com você — disse Piers. — Não há necessidade de continuar a perder o seu tempo.

— Sim, porquê incomodar-se, se o seu filho se diverte a fazê-lo por você? — perguntou Linnet.

— E sempre assim sarcástica? — Piers parecia realmente bastante surpreso.

— Não. Eu sou uma jovem senhora muito simpática — afirmou Linnet.
— Contudo, o senhor faz vir ao de cima o pior que há em mim.

— Vou-me embora — decidiu o duque, com uma voz pesada. — Quer dizer, nós vamos embora. Hoje de manhã ela nem sequer me falou. Eu vou... eu levo-a de volta a Londres, Miss Thrynne. Não sei porque não me apercebi mais cedo, mas o meu filho nunca aceitaria uma noiva que eu sugerisse.

— Isso é verdade? — perguntou Linnet, pondo as mãos nas ancas. Piers ergueu uma sobrancelha de reprovação.

— O quê, preferia ser rejeitada pelos seus próprios méritos, ou deveria dizer deméritos?

— Não vamos a lado nenhum — resolveu ela, voltando-se para o duque. — Vamos ficar aqui até eu ter a certeza absoluta de que não sinto o desejo de casar com um tirano de seis anos, desagradável e egocêntrico.

— Está a falar de mim? — perguntou Gavan, de repente.

Ela ergueu os olhos.

— Não, vai brincar com o teu cão.

— Vou tentar caminhar — declarou Gavan. O Rufus ajuda-me.

— Boa ideia — concordou Piers. — A enfermeira Matilda não vai guardar-te a cama para sempre, você sabes.

Gavan levantou-se, vacilando um pouco, e saiu do estábulo. Rufus seguiu-o de perto. Todos o observaram quando ele começou a descer o corredor que seguia ao longo dos estábulos.

— Uma vez para lá e para aqui, e depois é melhor voltares aos ternos cuidados da Matilda — disse Piers.

— Se me dão licença — disse o duque —, acho que vou voltar para casa.
— Endireitou os ombros e faz uma reverência delicada, mas os seus olhos estavam meio fechados e pequenos.

Linnet esperou que ele se fosse embora e depois disse:

— Tem de lhe perdoar.

— Porquê? — Piers parecia, realmente, meio interessado.

— Não é bom para nenhum de vós.

— Dá-se conta de que parece que está a ter alucinações? Nós não falamos assim em Gales. Bom para nenhum de vós. Espere! Eu ouvi esse tipo de linguagem uma vez, de um homem demente, que pertencia à Família do Amor.

Ela olhou para ele, à espera.

— Não vai perguntar o que é a Família, nem que seja para fugir e ir ter com eles?

— Não percebi que queria uma resposta. Quando o Hamlet está a monologar, ele fala, fala, fala sozinho.

Piers lançou lhe um olhar enojado e virou-se para se ir embora. Ela ergueu a voz.

— Tem de perdoar ao seu pai, porque a raiva é destrutiva e faz de você um médico pior.

— Na verdade, faz de mim um médico melhor. Sou mais capaz de notar quando as pessoas estão a mentir-me e, creia-me, não há ninguém a quem as pessoas mintam mais do que a um médico.

— Engana-se — disse ela. — As esposas ganham.

Ele deu uma gargalhada.

— O seu pai lamenta ter consumido todo aquele ópio. Lamenta ter mandado a sua mãe para França e depois ter-se divorciado dela. O sorriso dele era quase selvagem.

— Os viciados lamentam muitas vezes o que aconteceu. Tenho-o visto repetidas vezes.

— E as famílias perdoam-lhes — disse ela.

— Ah, sim? Que sabe disso?

— Os meus pais tiveram muitas vezes ocasião de perdoarem um ao outro.

Ele dirigiu-se a ela a coxear, pôs uma mão debaixo do queixo.

— E a senhora, a senhora perdoou-lhes?

Apanhada de surpresa, Linnet pestanejou. Ele deixou cair a mão.

— Pensava que não. É mais fácil dar conselhos do que aceitá-los.

— Claro que lhes perdoo — disse ela. Apesar de a sua voz denunciar incerteza.

— O seu pai não devia ter vindo com você? — perguntou-lhe Piers cruelmente, indo direito ao seu ponto fraco. — Afinal, eu tenho uma fama cuidadosamente engendrada de monstro. Ele mandou-a para as terras inóspitas de Gales sem remorsos?

— Acompanhada pelo seu pai — disse ela —, um duque.

— Ambos temos parentes irresponsáveis, para não dizer insensíveis. — Parecia bastante satisfeito. — Chega desta maravilhosa cavaqueira. Vim

dizer-lhe que está na hora de almoçar.

— Irresponsabilidade e falta de amor não são boa companhia. O meu pai ama-me; simplesmente acha difícil, se não impossível, pôr a hipótese de deixar o conforto de Londres. O seu pai obviamente ama-o, uma vez que tolera o seu abominável humor e a sua geral antipatia.

— Presumo que está a avisar-me que não eleve as minhas expectativas com base nesse pequeno ponto de concórdia entre nós?

— Ela não tinha reparado quão perto ele estava dela. O seu cheiro limpo, masculino, chegava até ela como uma carícia e punha o coração a galope.

— Acho que temos um vínculo mais interessante do que a inépcia parental — disse Piers. Mudou a bengala da mão direita para a esquerda. Ela ficou à espera, simplesmente à espera. Uma mão passou-lhe pela face, enrolou-se no cabelo. Ela continuava à espera, sem dizer uma palavra.

Parecia que o mundo inteiro estava à espera, os sons do estábulo, o barulho dos passos incertos de Gavan ao longo do corredor, o bater ocasional do casco de um cavalo, a madeira a ranger... tudo isso esmorecia perante a expressão determinada dos olhos dele.

— Os seus olhos... — disse ela, mas ele cortou a palavra.

Os lábios dele eram como brande, como um aturdimento que lhe varria as costas e lhe roubava a respiração. E a sua língua...

Ela tinha odiado, abominado, quando o príncipe lhe enfiara a língua na boca. Só as boas maneiras que lhe tinham sido inculcadas pela governanta mais rígida que o pai conseguira encontrar nas Ilhas Britânicas inteiras a impedir de dar uma bofetada na cara de Augustus.

Mas agora...

Piers não enfiou a língua onde não devia, como Augustus fizera. Desenhou, antes, a linha dos seus lábios, um toque tão doce que ela abriu os lábios convidando-o a entrar. Ele não aceitou o convite. A sua língua demorou-se, saboreou-a, arreliou os lábios.

O coração dela batia mais depressa e ela queria... queria... A sua língua tocou na dele, brincou um momento, provou a essência de Piers.

Depois, finalmente, finalmente, a mão que lhe envolvia a cabeça puxou-a mais, contra as linhas duras do corpo dele. Ele baixou a cabeça apenas um centímetro, mas Linnet, todos os instintos selvaticamente alerta, sentiu o movimento, a mudança, a intenção dele.

O seu beijo não foi uma adoração gentil. Foi um beijo arrasador, ardente, um beijo loucamente apaixonado, de entrega tumultuosa. Os braços dela

rodearam instintivamente o pescoço. Ele sabia ao chá fumegante que tinha bebido ao pequeno-almoço e a uma substância mais selvática: o desejo.

Era o gênero de beijo que um cavalheiro nunca, em tempo algum, daria a uma senhora.

Linnet adorou-o.

Linnet estava enganada quanto ao fato de o pai dele ser uma distração. Ela era uma distração. Piers olhou para a paciente que tinha acabado de chegar ao castelo, não vendo sequer o seu abdômen distendido; via, antes, o modo como os olhos de Linnet escureciam, de uma irritabilidade azul para... outra coisa.

Era apenas desejo sexual, claro. A mesma coisa que levava um milhão de homens a transformar-se em perfeitos asnos. Ela era escandalosamente bela e ele... bem, Deus sabe porque o queria ela, mas o fato é que queria. Ou, pelo menos, parecia querer.

Subitamente, ouviu a voz de Sebastian.

— A senhora está muito grande para cinco meses, Mistress Otter. Tem gêmeos na família? — Deu-lhe umas pancadinhas no estômago, de um lado e depois do outro.

— Parece alguém a tentar escolher um melão maduro — ironizou Piers, empurrando o primo para o lado. — É óbvio que ela não está grávida de um só bebê, a não ser que tenha andado com um urso.

Mrs. Otter resfolegou.

— Bem, parece impossível!

— Ele não quer dizer isso — desculpou Sebastian. — E o seu conceito de humor ligeiro.

— O rabo aqui — disse Piers, apontando para uma pequena saliência. — Outro daquele lado, embora possa ser uma cabeça. Difícil de dizer. Alguma vez houve gêmeos na sua família, Mistress Otter? Sim, bem, então vai ter de arranjar dois berços.

— A minha mãe, e a minha tia, ambas perderam os gêmeos.

— A voz tremia-lhe. — Foi por isso que eu vim aqui, porque os bebês delas nasceram mortos.

— Nasceram mortos ou morreram depois? — perguntou Piers.

— Morreram depois — disse ela. — Acho eu. Eram demasiado pequenos. Lembro-me de a minha mãe dizer que os seus bebês tinham mãos do tamanho de uma avelã, uma avelã com casca.

— Bem, os seus estão ambos vivos neste momento — disse Piers. — Vá para casa e vá para a cama. Durante os próximos quatro meses.

— O quê?

— Vá para a cama — disse ele, espaçando as palavras. — Levante-se só

para fazer xixi e talvez nem para isso.

— Não posso fazer isso! O meu marido precisa de mim. E o meu sogro vive conosco; é velho e eu tenho de...

— Vá lá fora e diga a Mistress Havelock que precisa de uma cama na ala oeste. Por uns meses, pelo menos. Temos de tentar conseguir que as mãos dos seus bebês ultrapassem esse perigoso estádio de avelã.

— Uma cama? — disse ela, quase a gritar. — Quer que eu aqui fique?

— Oh, vai gostar muito de aqui estar — animou-a Piers. — Todos os meus pacientes adoram. Tenho uma governanta que é uma santa nos seus cuidados carinhosos. De fato, deve ser canonizada a qualquer momento.

— Eu não posso ficar meses na cama! O meu marido não podia passar sem mim e eu sou a chefe do círculo de costura, e cabe-me gerir os lucros de... — Asua voz extinguiu-se perante a expressão no rosto de Piers.

— Vejo que a senhora é extremamente valiosa e provavelmente uma ajuda para o país inteiro. Mas tem mais hipóteses de trazer ao mundo estas suas crianças a respirar se ficar quatro meses de cama. Claro que os gêmeos dão muito trabalho, por isso, se preferir marchar alegremente para casa, todos compreendemos. Admito que a sua mãe dormia melhor só com você do que com duas iguais.

Ela abanou a cabeça.

— Tem a certeza? A sua mãe obviamente teve mais sorte da segunda vez. Vá lá para cima, então — disse ele, quando ela ficou calada, fulminando-o com os olhos. Ele virou-se para a porta, afastando-a do seu pensamento. — E tudo por hoje? Não me dei ao trabalho de mudar de roupa para o jantar para poder voltar fazendo rondas.

— Não gosto do caso da febre que chegou hoje de manhã — disse Sebastian, seguindo-o.

— Petequial, muito provavelmente — diagnosticou Piers.

— Há por aí um surto disso. — Estava a pensar na natação. No dia seguinte de manhã.

— Não me parece. Parece pior.

— Como pode ser pior? Metade dos meus doentes com febre petequial morre e eu nem sequer estou a sangrá-los. Além disso, você não sabe fazer diagnósticos, posso lembrá-lo?

Sebastian abanou a cabeça.

— Aquele homem está realmente doente. Eu disse à governanta que o pusesse num quarto sozinho.

— Ótimo — disse Piers, parando por um segundo para aliviar a dor antes de descerem as escadas.

— Como está a perna? — perguntou Sebastian.

Piers fulminou-o com o olhar.

— Como está essa haste de pila que trazes aí nos teus calções?

— Não tem dores — respondeu Sebastian, alegremente. — Ao contrário da sua perna, considerando o fato de estares a inclinar-te para o lado como um bêbado numa festa de Natal.

— Tretas — disse Piers, descendo as escadas com um barulho seco. E depois: — Viste a minha mãe?

— Anda a esvoaçar por aí, tentando encontrar o teu pai para poder atormentá-lo não lhe falando. E está vestida como se fosse ter com a rainha.

Piers parou por um momento, encostou-se à balastrada.

— Estás a exagerar com a natação — aconselhou Sebastian. — Reduz. Dia sim, dia não.

Nem pensar nisso. Agora não, que tinha uma companheira de brincadeiras na piscina.

— Vou pensar nisso — disse ele, recomeçando a descer.

— Então, achas que a minha mãe quer recebê-lo de volta? Sebastian refletiu sobre isso.

— Ela tem vestido um desses corpetes que lhe faz sobressair o peito de tal modo que não se pode deixar de reparar nele.

— Es um pervertido, a reparar numa coisa dessas na sua tia.

— Não reparei de um modo desejoso — protestou Sebastian.

— Mas o teu pai reparou.

— Ela está só a atormentá-lo — comentou Piers. Mas a sua voz soou incerta, até a ele.

— Provavelmente, quer-o mesmo. Seria uma boa coisa. Ela voltava a ser duquesa e ficava a salvo aqui em Inglaterra e eu mandava a minha mãe para Londres também.

— Porque é que... — Mas não valia a pena, realmente, fazer a pergunta a Sebastian. Ele ia a descer as escadas a pavonear-se, à frente de Piers, parecendo um frango ao amanhecer. Obviamente compreendia as mulheres melhor do que Piers. Ele próprio era praticamente uma mulher, com aquele bordado no colete.

— No entanto, ela não vai receber o teu pai de volta se você não

melhore as relações com ele — atirou Sebastian, por cima do ombro. — Neste momento, tem de estar zangada por ti, assim como por ela.

— Tretas — voltou a dizer Piers.

Sebastian chegou ao fundo da escada e virou-se para a sala de estar. Piers ouviu a voz dele a emergir.

— Ah, matante, está tão encantadora como se não tivesse mais de dezoito anos.

— Tretas! — disse Piers a Prufrock, que estava ali com ar de estar a divertir-se.

De fato, a mãe tinha-se enfiado num vestido que tinha de ter sido feito para uma mulher com metade do seu peito.

— Mãe — disse ele fazendo uma reverência e beijando-lhe depois as pontas dos dedos. Mas, quando olhou em volta, não viu em parte nenhuma o alvo de toda aquela extravagância feminina. — Onde está o duque?

— Quem? — disse a mãe, desdenhosamente.

— A mãe sabe: nariz aquilino, maçãs do rosto, olhar sério? Nós costumávamos viver bem perto dele.

Ela bebeu um gole de vinho.

— Acho que não quer uma bebida antes do jantar. E ouvi dizer que ele vai partir amanhã de madrugada. Vamos ter o castelo só para nós.

Ela sorriu alegremente, mas Piers viu uma sombra nos seus olhos. Raios partissem, Linnet tinha razão. Sebastian, também, provavelmente.

— Onde está a minha noiva? — perguntou ele, olhando à volta.

Os médicos amontoavam-se em volta do xerez. Sebastian estava a bater com os pés no lume, pondo em risco o polimento brilhante que conservava nas botas.

— Não sei — disse a mãe. — Talvez esteja a dar instruções às criadas para fazerem as malas.

— Ela não vai partir — disse ele, aceitando de Prufrock um copo de brande. — Está a tentar provocar-me acessos de violência ao brincar com a ideia de aceitar a minha mão. Não que eu alguma vez lhe oferecesse.

A mãe olhou para ele com compaixão nos olhos.

— Ela nunca casará contigo, querido. A Linnet vai provocar um alvoroço na corte de Napoleão, apenas por entrar pela porta. Todo este estardalhaço por causa da reputação dela... ninguém quer saber disso.

— Está a dizer que ela é boa demais para mim?

— Sobre ser boa não sei nada — disse a mãe, abanando o leque. — Mas bela demais, de certeza absoluta. Devias ter casado com ela, mal ela chegou aqui, antes de ela ter possibilidade de te conhecer.

Prufrock desatou realmente a trote através da sala e Piers voltou-se, sabendo precisamente quem ia entrar.

O vestido de noite de Linnet tinha um corte de estilo vagamente clássico. Piers tinha ouvido o boato de que as matronas romanas não usavam roupa interior por baixo das túnicas e, aparentemente, Linnet levou muito a sério esse aspecto histórico do seu traje.

A musselina do seu vestido era tão transparente que ele conseguia ver-lhe a saliência do joelho quando ela parou à entrada da porta, à espera que Prufrock a anunciasse. E quanto à musselina em volta do peito... bem, não havia muita. Pedacos de renda aqui e ali e um colar de pérolas que tinha a tarefa subtil de chamar a atenção para a elevação dos seus seios.

Ele sentiu um sorriso aberto, muito pouco habitual, nos seus lábios. A mãe não sabia tudo. Aquele vestido era destinado a ele.

Ele começou a atravessar a sala a coxear, mas Sebastian disparou à frente, passando por ele com um Desculpa, estou com pressas sussurrado.

Por isso, Piers foi mais devagar. Não valia a pena competir com as cerimônias continentais de Sebastian; o primo pegou num copo de champanhe para poder oferecê-lo cerimoniosamente a Linnet. Vê-lo beijar-lhe a mão era suficiente para o fazer ficar um pouco nauseado, por isso deu meia volta e regressou ao aparador para ir buscar o seu copo de brande.

Ela havia de ir ter com ele. Não que isso interessasse, porque eles estavam ambos simplesmente a brincar um com o outro. Não era o envolvimento, mas a semelhança com ele próprio que o inebriava.

A sua maneira, ela era uma versão feminina dele: antipática. Demasiado bela, demasiado inteligente, demasiado mordaz.

Não que ele fosse bonito.

Ela não foi ter com ele. Mas, irritantemente, parecia achar deliciosa a tagarelice de Sebastian. Cinco minutos mais tarde, o pai entrou na sala, com um ar abatido e cansado, e como um homem que tivesse desistido.

E Piers apercebeu-se de que isso ainda lhe era mais desagradável do que lhe tinham sido os olhares desejosos de Sua Graça.

Finalmente, Sebastian levou Linnet até ele.

— Pensei que talvez não tivesses reparado que a sua noiva entrou na sala.

— Boa noite, noiva.

— Belzebu — disse ela, inclinando a cabeça. Havia um sorriso secreto nos seus olhos.

— Fui despromovido — disse ele, indolentemente, voltando a encostar-se ao aparador. — Claro que já me chamaram Lúcifer no passado. O Belzebu não era um demônio menor?

— Na realidade, acho que está a confundir os seus demônios. Belzebu é outro nome do próprio demônio.

— Oh, ótimo — disse Piers. — Eu sou ferozmente competitivo. Acho que já lhe disse isso.

— Basta desta conversa encantadora — interrompeu Sebastian. — Se eu quiser ver cães a rosnar uns aos outros, posso ir às lutas de cães.

— Ora, ora — disse Piers. — Não podes chamar à Linnet um cão a rosnar. Assim que ela decidir atirar-me à cara a proposta do meu pai, ficas livre para a agarrar. Mas não se a tiveres insultado.

Sebastian aproveitou a oportunidade, claro, para fazer outra reverência e beijar a mão de Linnet e afirmar solenemente que ela era o membro do belo sexo mais encantador, afável e perfeito que ele alguma vez, etc., etc. Piers observava-o, surpreendendo-se pelo fato de Sebastian parecer não compreender quanto Linnet odiava esse gênero de atenção bajuladora.

Oh, ela estava a sorrir-lhe e a estender a mão. Mas os seus olhos estavam completamente impassíveis, mesmo quando lhe lançou aquele pródigo sorriso que ela parecia utilizar como munições.

Produziu, seguramente, efeito em Sebastian. Piers conhecera-o toda a vida e nunca lhe vira aquela expressão no rosto.

— Basta — disse ele a Linnet. — Se isto fosse uma luta de cães, a senhora seria um mastim e ele um mero spaniel. Guarde a sua artilharia para adversários mais fortes.

Sebastian franziu a sobancelha.

— De que estás a falar, Piers? Estás a ser menos coerente do que habitualmente. Linnet enfiou o braço no de Sebastian e riu-se.

— Ele está com ciúmes — disse ela, apesar de os seus olhos mostrarem perfeitamente que sabia que ele não estava. — O senhor tem uma figura tão elegante. E difícil acreditar que cresceram os dois juntos.

— Eu sou um espelho da moda — declarou Piers.

Sebastian e Linnet olharam para o fato dele por um momento. Vestia o mesmo tipo de coisas que usava sempre: um casaco de corte simples com

botões simples, calções simples, um lenço do pescoço atado em cinco segundos. As abas do casaco de Sebastian, pelo contrário, eram maiores, em circunferência, do que o vestido de Linnet. Já para não mencionar o fato de o dito casaco ser de uma cor mostarda berrante.

— Estás enganado — disse Sebastian.

— Um espelho da moda — repetiu Piers, pacientemente; — Sem mim, dificilmente brilharias com a glória com que brilhas agora, não é?

— Uma metáfora particularmente forçada — observou Linnet. — Mas percebo o que quer dizer. Um rafeiro faz sempre um galgo parecer mais majestoso.

— Ou um cão de água mais absurdo — retorquiu Piers.

— Insulta-me como quiseses — disse Sebastian. Estava a olhar para Linnet com uma expressão absolutamente obtusa no rosto.

Aparentemente, ela tinha visto aquela expressão tantas vezes em rostos de homens que mal a notou; não manifestou qualquer sinal de triunfo.

— Os dois não podiam ser mais diferentes na maneira de vestir — disse ela.

— Devia ter-nos visto em rapazes — afirmou Piers. — Eu mal podia andar, claro, por isso o Sebastian corria duas vezes mais depressa. E depois, quando crescemos, ele começou a vestir-se de uma forma duas vezes mais elegante para compensar os meus modos desleixados.

— Mas estavam os dois interessados na medicina — disse Linnet. — Como diabo conseguiram seguir os vossos interesses? Não conheço um único cavalheiro em Londres que tenha competências desse gênero.

— Nem de qualquer outro gênero? — perguntou ele, sobranceira erguida.

— Sabem dançar — respondeu ela.

— Talvez fosse por isso: eu não sabia dançar, portanto, dediquei-me a cortar pessoas.

— E ele não sabia cortar pessoas assim tão bem, portanto, eu tinha de o fazer por ele

— interrompeu Sebastian.

Linnet riu-se. O seu riso... era muito mais atraente do que aquele seu sorriso ensaiado. Era simultaneamente rouco e doce, como brande quente com mel.

— Ele não está a brincar — disse Piers, bebendo outro gole para se fortalecer contra aquele riso.

— Eu pensava que o senhor é que era o médico famoso— disse ela.

— Eu sou bom a descobrir o mal das pessoas. O problema é que faço isso melhor depois de elas já estarem mortas. O Sebastian, por outro lado, é bom no gênero de cirurgia limpa, do tipo em que o paciente está vivo e assim preferiria ficar.

Linnet dirigiu a Sebastian outro sorriso e Piers imaginou ver o pobre homem a cair, com os joelhos a ceder.

— E muito reconfortante pensar que estaria aqui se eu viesse a precisar de uma cirurgia

— arrulhou ela.

— Sim, se quiser que lhe cortem uma perna, ele é o homem indicado para o fazer — disse Piers.

— Seria um crime — disse Sebastian, a voz tão suave como a de uma pomba.

Raios partissem. Piers estava a começar a sentir-se um pouco culpado. Sebastian não fazia ideia da sedutora que tinha suspensa do seu braço e de cada uma das suas palavras. Iria acabar com o coração verdadeiramente despedaçado se aquilo continuasse.

— Pare com isso — exigiu ele a Linnet. Ela ofereceu-lhe o tal sorriso.

— E não volte a sorrir-me dessa maneira — ordenou. — Faz-me querer vomitar e, como os seus sapatos parecem ser cosidos com pérolas, um gasto de dinheiro absurdo, o ácido gástrico não seria bom para eles.

Sebastian franziu a sobancelha.

— Isto é o teu conceito de conversa decente, primo? Se assim for, és pior do que eu pensava. Miss Thrynne é uma flor delicada, que devia ser tratada com o maior respeito.

Em vez disso, estás a falar em cortar as pernas e em vomitar nos pés.

Piers olhou para Linnet com ar reprovador. Ela suspirou e deu umas pancadinhas no braço de Sebastian.

— Lamento — disse ela. — Sua senhoria notou, com razão, que eu sou tão hábil no flerte como ele é no oposto.

— Muito bem — disse Piers, com apreço genuíno. — Raios me partam se a senhora não é um dos conversadores mais maldosos que eu conheço. Especialmente, dadas as munições extra que traz com você.

— Refere-se ao sorriso? — perguntou ela. — Acho-o muito útil. Devia experimentá-lo um dia.

Sebastian estava agora com o semblante carregado. Provavelmente,

começava a aperceber-se de que Linnet não era meramente uma flor delicada.

— Não estás à altura do valor dela — disse-lhe Piers. — Ela sabe muito. Não admira que Londres inteira pense que ela tinha um príncipe sob controle.

— E de família — disse Linnet. Por um instante, ela pareceu quase envergonhada. — Gostava que me falasse mais sobre a sua prática cirúrgica — disse ela à Sebastian. — Disse que não pode evitar as infecções. Que tipo de coisas tentou?

Piers pensava muitas vezes que o primo era um bocado estúpido, mas nunca o subestimou no que respeitava à cirurgia. Sebastian era o melhor cirurgião que alguma vez vira, a sua concentração inexorável, os seus dedos rápidos e impossivelmente hábeis.

— Se não tivéssemos problemas com as infecções — afirmou Sebastian —, acho que seria possível intervir com métodos que agora nem conseguimos imaginar. Por exemplo, lá em cima, na ala oeste, temos uma mulher com um inchaço no estômago. E quase de certeza qualquer tipo de cancro a causar um tumor, uma espécie de excrescência. É provavelmente do tamanho de uma maçã ou até maior.

— Tenho a certeza de que é um tumor — interrompeu Piers.

— Só saberei ao certo o seu tamanho daqui a uns meses, claro.

Linnet pestanejou, mas, o que abonou a seu favor, não recuou nem guinchou, como a maioria das senhoras fazia quando se confrontava com as exigências da prática médica e com o fascínio dele pela dissecação.

— Se tivéssemos alguma coisa que pudesse controlar a infecção, eu podia abrir-lhe o estômago e tirar o tumor — explicou Sebastian. — Ela podia regressar a casa e viver a sua vida.

Piers tinha de admitir que o primo era muito atraente quando falava de cirurgia. Um caracol de cabelo caíra-lhe sobre a testa e tinha os olhos brilhantes.

Talvez devesse conduzir a conversa para outro lado. Linnet estava obviamente fascinada.

— O álcool não resulta? — perguntou ela. — Li que os soldados no campo de batalha despejam brande sobre as feridas e que isso limita o risco de infecção.

— Não é suficiente — disse Piers. — Quando nós éramos mais novos e menos mórbidos, tentávamos tudo o que podíamos. Mas os nossos pacientes morriam com uma frequência angustiante.

— Quase todos — disse Sebastian. O seu rosto assumiu aquele tipo de angústia doce que as mulheres achavam tão atraente. Piers não seria capaz de fazer uma expressão daquelas ainda que a sua vida dependesse disso. Claro que Sebastian estava a ser sincero. Ele ficava genuinamente perturbado quando os seus pacientes morriam.

— Por isso, paramos — concluiu Piers. — O Sebastian não conseguia contar os corpos.

— Os membros são uma coisa — disse Sebastian. — Mas o interior do corpo é um risco demasiado grande.

— Aquela pobre mulher — disse Linnet.

Piers tinha-se esquecido de quem estavam a falar.

— Ah, sim. Bem, pelo menos veio aqui. Demos-lhe tanto ópio que nem sente dores.

— Está acordada?

— Quase nunca. O que, para ela, é de longe a melhor situação. O cancro de estômago, se é isso que ela tem, parece ser particularmente doloroso.

— E a família dela?

Ele encolheu os ombros.

— Não sei nada. Talvez não tenha ninguém.

— Nenhum dos pacientes tem família? Ninguém parece ter visitas.

— Esse é o domínio da enfermeira Matilda. Eu, de fato, não sei. Os olhos de Linnet estreitaram-se.

— Mistress Havelock parece ter opiniões muito decididas. É possível que tenha dito aos pacientes que não lhes é permitido ter visitas.

— Ah, ela não faria isso — duvidou Sebastian. — E bastante brusca, mas tem bom coração.

Isso era mesmo de Sebastian. Ele via sempre o melhor que existia nas pessoas.

— Na realidade, ela não tem muito bom coração, se se entende por isso capacidade de compaixão humana — admitiu Piers. — E uma das razões pela qual eu a conservo neste trabalho, dada a sua absoluta falta de charme. Ela consegue calar uma criança aos gritos sem pestanejar.

— Uma criança aos gritos? — estremeceu Linnet.

Então ela tinha um ponto fraco.

— O Gavan gritou como os diabos quando tivemos de lhe endireitar a perna partida

— recordou Piers. — Mas olhem para ele agora. Parou de gritar e já anda outra vez. O rapaz em breve irá para casa.

— Sim, mas quanto tempo esteve aqui sem lhe ser permitido ver a mãe? Sebastian franziu a sobancelha.

— Vou investigar isso, Miss Thrynne. — Lançou um olhar desesperadamente confuso. — Que espírito bondoso tem. Eu e o Piers andamos a entrar e a sair daquele quarto há meses sem sequer pensar nessa questão.

— Bem, os senhores têm os doentes, já para não falar em todos aqueles Patinhos, para se ocuparem — disse ela, fazendo um gesto para o outro lado da sala. — Eu posso perguntar a Mistress Havelock sobre a questão das visitas.

— Os Patinhos? — inquiriu Sebastian.

Mas Piers já estava a rir-se por entre dentes.

— Aqueles rapazes palermas — disse ele, indicando com a cabeça Penders, Kibbles e Bitts. Andavam a pairar à volta de Lady Bernaise, provavelmente absorvidos com a exuberante exibição do peito da mãe dele.

— Ah, estou a ver — disse Sebastian. — Suponho que seguem Piers como se ele fosse a mãe pata. Uma mãe pata doce e amorosa.

— Exagera a imaginação — concordou Linnet.

— Gosto mais desse sorriso — disse-lhe Piers.

O sorriso desapareceu.

— Era um sorrisinho mau, sarcástico — continuou ele. — Mostrava a verdadeira pessoa que é.

Os olhos dela estreitaram-se e, por um instante, ele pensou que ia apanhar com um copo de champanhe na cara. Mas Prufrock tocou o gongo para o jantar e ela virou-lhe simplesmente as costas e saiu vagarosamente com Sebastian, fazendo questão de se lhe agarrar ao braço.

Depois da refeição, a mãe de Piers levantou-se e, com um largo sorriso cintilante que abrangia todos os que estavam à mesa, incluindo o seu ex-marido, disse:

— Porque não vamos todos para a sala de estar? O Prufrock teve a gentileza de providenciar um pequeno entretenimento.

Um olhar ao seu rosto e ele percebeu que a sua mãe tinha em mente qualquer plano diabólico.

— Dançar! — disse ele, momentos mais tarde, vendo o chão desimpedido e Prufrock ao piano, acompanhado por um lacaio magricela

com um violino. — Que amável da sua parte, mãe. Era exatamente aquilo que eu desejava.

Amãe dirigiu-se pomposamente até ele numa nuvem de jasmim.

— Querido, o mundo não gira em torno de ti e desculpa se alguma vez te dei a impressão de que girava. Agora, senta-te aqui e descansa a perna. O Sebastian vai dançar comigo, claro.

— Claro — repetiu Piers, sentando-se, porque, quando a mãe de alguém decide encenar uma comédia, porque não desfrutá-la?

O pai sentou-se numa cadeira de costas direitas, na outra ponta do sofá, e observou. Nem sequer fingiu não o fazer, limitou-se a ficar sentado, os olhos fixos na ex-mulher enquanto ela girava na pista, numa valsa, rindo-se para o sobrinho.

— Continua tão leve sobre os pés como sempre foi — disse Piers, daí a um bocado. — Preferia conversar a ver a dança. Por um lado, estava a irritá-lo ver Bitts a sorrir a Linnet. Gostava de pensar em Bitts como médico, por muito incompetente que fosse, e não como um jovem galã.

— A sua mãe? — O pai acenou com a cabeça. — Havias de a ter visto quando tinha dezessete anos. Era esguia como um salgueiro, com um brilho nos olhos que fazia todos os homens numa sala apaixonarem-se por ela.

— Vai pedir-lhe para dançar?

O pai olhou para ele, uma pequena curva nos lábios que Piers percebeu, com um choque, que sentira no próprio rosto, vezes sem conta.

— Oh, sim, vou pedir-lhe. Ela é que preparou o entretenimento e seria pouco cavalheiresco não lhe permitir que me rejeite. Naquela altura, nós não dançamos a valsa, claro.

— Naquela altura? — repetiu Piers com um ar bastante idiota.

— Eu quebrei todas as regras da sociedade — disse o pai. — Não esperei para ser apresentado, para lhe solicitar que dançasse. Puxei-a simplesmente para a pista.

— Bem, então vá — disse Piers. — Puxe-a para a pista.

— Ela não quer ser puxada. Ela quer a oportunidade de me rejeitar.

Sim, Piers reconheceu decididamente aquele sorriso sardônico. Era o seu.

— E a minha transgressão significa que ela merece esse prazer — acrescentou o duque.

A mãe podia bem recusar-se a dançar com o pai, mas Sebastian não ia desperdiçar a oportunidade de dançar com Linnet e, raio o partissem, se

ficasse a olhar, do sofá, enquanto Sebastian sussurrava ao ouvido da sua noiva.

Levantou-se para se ir embora, mas depois hesitou.

— Boa sorte — disse ao pai.

— Tarde demais para isso — disse o duque. — Boa noite.

— O senhor é grosseiro — foi a informação que Linnet deu a Piers. Ele acordara-a baloiçando uma fita sobre o rosto, de maneira a esta lhe fazer cócegas no nariz.

— Trouxe-lhe chocolate quente.

— Isso, de certa maneira, contribui para melhorar a sua grosseria — disse ela, erguendo-se contra as costas da cama de modo a poder beber o chocolate. E observar Piers sub-repticiamente, apesar de dificilmente poder dizer por que razão estava enfeitizada por aquela personagem imbecil.

Mas uma mulher que sonhou toda a noite que certo médico estava a beijá-la — e que não se ficava por meros beijos — não pode fazer de conta que não está fascinada.

— Não faça uma marcação tão cerrada ao Sebastian — disse ele. Ainda não a tinha olhado nos olhos. Estava a brincar com a fita precisamente como brincaria uma criança, atando-a com nós e testando a sua força.

— Está a estragar a fita e é uma das minhas preferidas.

— Feita de seda? — Deu outro nó.

— Claro. Porquê?

— Precisamos de qualquer coisa melhor para atar os pacientes à mesa durante os procedimentos cirúrgicos. Estamos a usar cordas e depois eles queixam-se de queimaduras. Talvez a seda resultasse. — Testou-a outra vez, fazendo-a passar pela aresta dos pés da cama. Rasgou-se rapidamente ao meio.

— Oh, por amor de Deus — lamentou Linnet. — Tem de rasgar isso? Enrole seda à volta das cordas.

— Boa ideia. Ouviu o que eu disse sobre o Sebastian?

— Sim. Está preocupado com a hipótese de perder a sua companhia de brincadeiras?

Piers resfolegou.

— Quem me dera ser o rapaz que insiste em chamar-me.

— Porquê?

— Dentro de trinta, quarenta anos, teremos qualquer coisa para controlar as infecções. Irá haver uma revolução na cirurgia.

— O senhor tem quantos? Trinta anos? Podia estar a operar aos setenta e cinco, apoiado à mesa.

— Arrancando o nariz aos pacientes com as minhas mãos trêmulas —

interrompeu ele.

— Eu chamo-lhe rapaz porque o senhor age como uma criança cujos pais a desiludiram e que está determinada a pagar na mesma moeda.

— Eu amo a minha mãe. — Parecia estar realmente a escutá-la. Mas depois Linnet apercebeu-se de que não estava na natureza de Piers não escutar.

— Claro que ama a sua mãe. Mas ama também o seu pai. E ele ama-o a você.

— Toda esta terna emoção de manhã tão cedo está a azedar-me o estômago.

— Parece ter problemas de estômago — disse ela, mordazmente. — Talvez o Sebastian possa estar a operá-lo a você daqui a trinta anos.

— Raios, espero que não. Ele é bom como tudo, mas não é uma coisa agradável. Vamos, está bem? Não com você aceitar tanta intimidade, principalmente com uma mulher com quem nunca dormi.

Linnet acabou de beber o chocolate e depois balançou os pés para fora da cama. Sentiu uma pontada de genuína tristeza ante a ideia de Piers não poder fazer amor.

— Como lesionou a sua perna e... e o resto? — perguntou ela, dirigindo-se ao biombo. Na noite anterior tinha preparado a roupa.

Como ele não respondeu, ela virou-se e deu com ele a olhar-lhe fixamente para as costas.

— Que foi? Entornei o chocolate?

— Essa camisa de noite é praticamente transparente — disse ele, a voz baixa e rouca.

— Vejo-lhe o rabo.

Ela pôs-se rapidamente atrás do biombo, sentindo uma onda de calor no ventre — e uma correspondente pontada de tristeza.

Ela, que nunca tinha querido dormir com um homem (se admitisse a verdade), bem, conseguia ver-se na cama com um.

Piers.

Piers, que era impotente. Era a ironia mais cruel.

— Eu não gosto dessa palavra, rabo — respondeu ela, controlando a voz para que não transparecesse nem um laivo de desejo. — É uma palavra de médico.

— Qual preferia? Nádegas? Traseiro? Cu?

— Nádegas, suponho.

— Eu acho que gosto de cu. Tem um som redondo. Redondo e saboroso.

Linnet enfiou o vestido pela cabeça e deixou-o assentar à sua volta. Depois estendeu a mão para trás e apalpou as nádegas. Eram realmente redondas. Tomara que fossem também saborosas.

Saiu dali e dirigiu-se ao toucador.

— Só tenho de escovar o cabelo. Decidi que ia entrançá-lo hoje e ver se isso evita que fique demasiado embaraçado. Está a dar imenso trabalho a Eliza.

Ele dirigiu-se para trás dela e começou a abotoar o vestido sem ela lhe pedir. Linnet passou a escova pelo cabelo e depois cruzou os olhos com os dele, no espelho, e parou.

— Exatamente como se já estivéssemos casados há dez anos— disse ele com um sorriso assimétrico.

— Não tenciona casar nunca, pois não?

— Não vejo qualquer interesse.

— Porque não? — Depois percebeu porquê. — Oh, porque não pode ter filhos?

— A instituição é concebida precisamente para isso — disse ele. — De outra maneira, não há qualquer interesse.

Ela abriu a boca, mas apercebeu-se de que não lhe apetecia defender o amor, ou mesmo o companheirismo, a um misantropo. Além disso, ela concordara com Piers que amor e casamento tinham frequentemente pouco em comum. Atou a metade da fita em volta da ponta da trança e levantou-se.

— Vamos?

Ele olhou a de alto a baixo.

— Com essa trança parece que tem catorze anos. E não calçou as meias.

— Acabei por concordar que não vale a pena. De qualquer maneira, nunca vemos ninguém lá fora.

— O Prufrock não é um desses mordomos que creem que o pessoal tem de estar a pé e andar por aí ao romper da madrugada.

— Ele é um mordomo muito fora do comum — comentou Linnet, começando a andar enquanto enfiava a mão debaixo do braço de Piers.

— Eu disse-lhe. Ele não é mordomo; é um espião do meu pai.

— Mas porque tem o seu pai um espião em sua casa?

Piers encolheu os ombros.

— Pare de encolher os ombros; faz isso vezes demais, quando quer evitar uma pergunta. Porque tem o seu pai um espião em sua casa?

— Suponho que ele quer saber o que se passa por aqui.

— E o senhor disse que também tem um em casa da sua mãe.

— Sim.

— Ele ainda está apaixonado por ela, sabe bem. E o sentimento é recíproco.

— O Sebastian disse-me o mesmo. Eles têm de decidir se querem fazer alguma coisa em relação a isso.

Linnet olhou para ele, mas percebeu, pelo seu maxilar, que ele não queria continuar a falar no assunto. Além disso, não era, afinal, da sua conta.

— Então, disse-me que os quartos do castelo estão todos organizados de acordo com as várias doenças.

— Assim como pelo sexo — disse ele, utilizando a bengala para afastar uma pedra do caminho antes de avançar. — Os doentes são muito irritantes no que respeita a decência e decoro.

— Então porque está o Gavan ao lado de Mister Hammerhock? Disse-me que Mister Hammerhock podia estar contagioso.

— E pouco provável. A febre petequial parece deixar de ser contagiosa depois de as lesões cutâneas rebentarem. Eu estava só a tentar impedi-la de se apaixonar por ele. A sua erupção cutânea faz dele um perigo para qualquer mulher. Já para não falar naquele adorável ceceio que ele contraiu. Embora seja pena, parece ter começado a desaparecer ontem à noite.

— Eu acho que hoje o ar está mais quente — disse Linnet, quando descreveram a última curva, passaram a casa do guarda e viram a piscina.

— Não estou a gostar do céu — observou Piers, olhando para cima e franzindo os olhos.

— O que tem? Não há muitas nuvens. — Largou-lhe o braço e virou as costas para ele lhe desabotoar o vestido.

— Aquela cor pesada significa tempestade. Talvez.

— Talvez? O senhor é um diagnosticador de doenças, não do tempo. Despiu o vestido.

— Dispa-se, está bem? Ontem à noite estive a praticar natação...

— Esteve?

— No chão. A Eliza entrou, o que confirmou todas as suas suspeitas de

que eu endoideci completamente. — Correu para a rocha que se erguia acima da piscina.

— Vá mais devagar. Faz-me sentir um aleijado.

— Ferindo os seus sentimentos inexistentes? — picou-o ela. Foi mesmo até à beira da rocha. Havia um vento fraco que vinha do oceano, transportando para o ar uma espécie de febre salgada.

Piers estava a descalçar as botas. Tinha-lhe lançado um olhar e depois voltado à tarefa de tirar a roupa. Obstinadamente, ela queria que ele olhasse outra vez. Ela sabia que o vento tinha-lhe moldado a chemise ao corpo, revelando cada curva. Ela queria...

Com um estremecimento de culpa, apercebeu-se de quão cruel estava a ser. Era verdadeiramente atroz exibir perante ele aquilo que ele nunca poderia saborear.

Sentou-se, puxando os joelhos para o peito. Piers estava a despir a camisa, e ela observava-o, fingindo que estava a olhar para a água. O seu tórax era belo, com uma pequena quantidade de pelo que escurecia ao entrar, qual flecha, nos calções. Os dedos dela tremiam de ânsia de lhe tocar, de lhe percorrer o peito, para trás até às costas, para baixo até ao...

Rabo. Ou talvez a palavra certa para o traseiro de um homem fosse cu, pensou ela, vendo-o virar-se para pôr de lado os calções e a camisa.

Um momento depois, estavam os dois a mergulhar na água. Em vez de sentir um frio mortal, ela adorava a emoção da queda, o modo como a água a despertava, como se tivesse estado a dormir até ao instante em que chegava à água.

E, depois, adorava a forma como Piers a içava e a puxava contra o seu corpo. Mas não a deixava ficar agarrada muito tempo.

— Uma mão na borda — gritou ele. — Agora, tente nadar.

Ela inspirou fundo e afastou-se da borda da piscina. E afundou-se rapidamente. Ele voltou a puxá-la para cima e empurrou-a de novo para a borda da piscina.

— Flutue um bocadinho e depois comece a mexer os braços — ordenou ele. — E não se esqueça de bater as pernas.

Ela tremia tão violentamente que achava que não conseguia mexer-se... mas conseguiu. Um momento depois, estava a deslocar-se na água: devagar, mas deslocava-se, não se afundando. Piers permanecia ao lado dela, gritando instruções, a maior parte das quais ela não conseguia ouvir. Mas, finalmente, ela começou a compreender, o modo como os seus braços se moviam, um de cada vez, para cima e à volta, o modo como a sua cabeça se

virava para o lado, o modo como as suas pernas...

Ele agarrou-lhe as pernas com aquelas mãos ágeis, mãos de cirurgião, e manteve-as esticadas para lhe ensinar a batê-las.

Sendo uma palerma fraca, ela deixou imediatamente de pensar na natação e pensou, deslize as mãos para cima, para cima.

Ele não o fez.

Cinco minutos mais tarde, tinha coberto o comprimento todo da piscina. O coração batia-lhe acelerado e ela não conseguia parar de sorrir.

— Está preparada para voltar para trás da mesma maneira? — gritou ele.

Sem responder, afastou-se da borda da piscina e começou a abrir caminho através da água. A meio, os olhos ardiam-lhe, a boca estava cheia de água do mar e os braços exaustos.

Uma onda caiu-lhe em cima da cabeça e ela hesitou, precisamente o tempo suficiente para começar a afundar-se.

O braço de Piers envolveu a cintura.

— Muito bem — disse-lhe ao ouvido. — Vamos. — Puxou-a para a borda, contra o seu corpo. Ela enroscou-se a ele, agora naturalmente, como um bebê agarrado à mãe. Mas o modo como o corpo duro dele tocava no dela não tinha nada de maternal.

— Tem o coração a bater com muita força — disse ele. — Demasiado exercício para uma pessoa que pouco mais faz para além de dançar.

Ela não ia explicar porque tinha o coração a bater tanto, por isso deixou-o içá-la para fora da piscina e nem o viu afastar-se a toda a velocidade, através da água, dominando as ondas como se elas mais não fossem do que uma pequena ondulação na banheira.

Linnet sentia as pernas como pudim de pão ensopado. Talvez ele tivesse razão. Encontrou a pilha de toalhas que Prufrock tinha mandado e voltou a ficar com todas.

Na realidade, devia dizer a Prufrock que precisavam de uma toalha extra, uma só para Piers. Mas, deitada na rocha, tinha de admitir que gostava de tirar uma do corpo para lhe dar. Ou duas.

Fazia-o olhar. Fazia-a sentir-se ferozmente viva, como se o sangue lhe cantasse nas veias.

Claro, era por isso que a mãe ia tão contente para os seus encontros. Faziam-na sentir-se viva, podia imaginar. Pobre mãe.

Linnet virou-se para um lado no seu ninho de toalhas, recordando o riso

da mãe. Ela devia ter sido viciada naquele gênero de prazer que Linnet sentia quando estava perto de Piers. Tão fácil de explicar como o fato de o pai de Piers ser viciado em ópio.

Tão simples como isso.

E Piers tinha razão: ela nunca havia perdoado realmente à mãe o fato de querer estar com homens estranhos mais do que com a filha.

Tanto assim que ela tinha saído, numa noite de chuva, para ir ter com um homem — nunca souberam quem — e morreu quando a carruagem em que seguia chocou contra uma estacaria.

Eu nunca faria isso, pensou Linnet. Eu nunca... mas isso não significa que não possa compreender. Principalmente quando o simples toque de Piers fazia o fogo correr-lhe violentamente no sangue.

Algures junto ao seu coração, uma espécie de vazio, tão gelado como a água, descomprimiu e desvaneceu-se.

— Amo-te — sussurrou Linnet, dizendo ao vento, à rocha quente sob as suas costas, ao cheiro a peixe e a mar, à memória da mãe.

Piers chegou, a escorrer água, e salpicou-lhe água fria no rosto.

— Está a planear partilhar alguma dessas toalhas? Não interessa o fato de o meu corpo ser muito maior do que o seu.

Tirou a toalha da cabeça e lhe deu.

— Preciso de outra — disse ele, esfregando o cabelo.

Deu-lhe a que estava enrolada à volta dos pés.

— Sabe quantas pessoas têm doenças que lhes fazem cair os dedos dos pés? Quero outra toalha.

Linnet pestanejou.

— Os meus dedos dos pés estão muito bem agarrados.

Havia algo perverso nos olhos dele, algo primitivo que fez todo o seu corpo reagir. Instantaneamente. Sentiu-se como uma menina escrava deitada aos pés do rajá, sem energia e sem vontade própria.

— Outra toalha — reclamou ele.

Ela demorou o seu tempo, puxando a ponta da toalha de debaixo dos ombros, rolando um pouco para o lado, desembrulhando-se como se fosse um presente. Não precisava de olhar para baixo para saber que os mamilos sobressaíam debaixo da chemise. Não precisava de olhar para cima para saber que ele estava a devorá-la com os olhos.

Ela atirou com a toalha na sua direção e voltou a deitar-se, os braços por

cima da cabeça.

Ele esfregou o corpo, olhando para ela o tempo todo, sem uma partícula de remorso ou de decoro.

— A Linnet — disse ele, por fim, enrolando a toalha à cintura

— é...

Levantou subitamente a cabeça.

— Raios partam!

Linnet sentou-se e seguiu o olhar fixo de Piers na direção do horizonte. Vinda na direção deles, via-se uma massa escura, como se o céu noturno tivesse surgido do nada, descido ao mar e estivesse...

Piers levantou-a com um esticão, estendendo a outra mão para a bengala. Depois, deixou cair a mão dela.

— Corra! Corra o mais depressa que puder para o castelo!

Ela olhou para trás, por cima do ombro. A nuvem negra e turbulenta estava a aproximar-se, tão perto que ela conseguia vê-la deslocar-se. Mas o que era misterioso era que o céu, do outro lado, continuava azul e o sol continuava a brilhar.

Ele tinha começado a subir o caminho.

— Linnet! — rugiu ele, sem olhar para trás. — Corra, sua idiota louca!

Ela correu atrás dele. Ele estava a caminhar muito depressa, numa espécie de corrida de três pernas, olhando atentamente para o chão, para ver onde devia colocar a bengala nas rochas. Quando ela o apanhou, virou-se outra vez para trás.

A nuvem não era preta. Era uma espécie de verde azulado escuro e avolumava-se como se estivesse viva. O pavor substituiu o fascínio. Voltou a correr atrás de Piers.

— O que é? — perguntou ela. — O que é aquilo?

— O tempo — disse ele, laconicamente. — O raio do tempo galês, é o que é. Faz o favor de começar a correr?

— Não vou sem você — disse ela. Um vento que soprava à frente da nuvem atingiu-os e as palavras foram-lhe arrancadas da boca.

Um olhar por cima do ombro e Linnet percebeu que não conseguiriam chegar ao castelo. O que quer que estivesse naquela nuvem estava a devorar a parte azul do oceano, correndo para a costa como um animal feroz. E, no entanto, estranhamente, o sol continuava a brilhar no céu, mesmo por cima deles.

Piers caminhava nessa altura ainda mais depressa, sendo óbvio o esforço da sua perna esquerda quando ele se lançava para a frente.

— A casa do guarda — gritou ele, mal se percebendo as palavras com o uivo do vento. Estavam quase na curva do caminho e mesmo a seguir ficava o pequeno edifício.

O vento empurrava-os de trás, de repente, Linnet sentiu a chuva gelada, como picadas de agulha, a bater-lhe nos ombros e nas costas. Piers,

incrivelmente, aumentou a velocidade de tal forma que passou à frente. Depois, chegou à porta, abriu-a com um sacão e estendeu-lhe o braço quando ela chegou, a arfar, agarrou-lhe a mão e puxou-a com tanta força que os pés dela deixaram de tocar o chão, Fechando a porta com estrondo.

Um segundo, no qual eles olharam um para o outro na penumbra escura da casa.

Depois, como se tivesse rebentado um tiroteio, a porta de madeira abanou com golpes tão fortes que se viu o caixilhe abanar.

— Oh, meu Deus — sussurrou Linnet. — Que é aquilo?

— Granizo — disse Piers, virando-se e dirigindo-se, a coxear, para a sala. — E por isso que deixamos sempre os postigos fechados nesta casa. — Parou e inclinou a cabeça. — Do tamanho de bolas de tênis, pelo som.

— Nunca ouvi falar em nada como isto — exclamou Linnet. Olhou, paralisada de medo, para a porta. Estava a abanar como se centenas de punhos estivessem a bater do lado de fora, como se uma multidão furiosa estivesse a tentar entrar.

— Mas, seguramente, já ouviu falar do tempo de Gales? Isto vai passar dentro de duas ou três horas, calculo. A sua criada faz alguma ideia de que veio nadar?

Linnet assentiu com a cabeça.

— O Prufrock vai dizer-lhe que não se preocupe; isto acontece com tanta frequência que eu dei-lhe instruções para não mandar uma expedição de socorro. Os meus pacientes terão de se arranjar com os ternos cuidados do Sebastian.

— Os seus Patinhos hão de ajudá-lo — disse Linnet, tentando que a sua voz se ouvisse sobre novos batimentos, pois o vento estava a atirar mais granizo contra a casa. Ela tomou consciência de que estava a tremer, de medo e de frio. — Acha que há por aqui alguma roupa ou um cobertor? — perguntou ela, com os dentes a bater.

Piers virou-se e lançou um olhar malicioso, de uma forma apreciativa.

— Esqueceu-se das toalhas?

— Estou gelada — disse Linnet, enrolando os braços em volta do corpo. — Cobertores?

Apontou, com a bengala, para a porta à esquerda da lareira.

— Faça uma fogueira — implorou ela. — Por favor.

— Às suas ordens — respondeu ele. Pôs a bengala de lado e tirou uma pedra de sílex da prateleira da lareira. Felizmente, esta já tinha pedaços de

gravetos e alguns toros.

Linnet empurrou a porta e encontrou um pequeno quarto de dormir. Não tinha nada para além de uma cama grande e de uma janela que dava para terra, pelo que os postigos não estavam a ser fustigados por granizo.

Encontrou um armário ao lado da porta e abriu-o. As prateleiras estavam vazias, mas havia um monte de roupa enrolado a um canto. Tirou-o para fora, os dedos a tremerem de frio, e viu que era uma camisa de homem. Não era uma camisa do gênero das que Piers usava, feitas de linho delicado. Era de um tecido felpudo de lã fiada em casa.

Cheirou-a cuidadosamente e descobriu, aliviada, que estava limpa, se bem que amarrotada. A sua chemise molhada e gelada foi despida num segundo. Mas ela ainda estava úmida, por isso enfiou a cabeça fora da porta.

— Piers, posso usar...

Só para ver aquilo que, inexplicavelmente, não tinha notado. Piers Yelverton, conde de Marchant, estava completamente nu.

Encontrava-se agachado em frente da lareira, batendo a pedra de sílex contra uma pirite.

— A sua toalha? — perguntou ela.

— O vento levou-a.

— Também lhe levou os calções?

— Devo ter-me esquecido de os deixar vestidos. Estou habituado a nadar nu. — Levantou os olhos para ela, quentes como conhaque francês. Precisamente como se ela tivesse bebido esse conhaque, o calor deslizou-lhe pela garganta, para os seios, para o estômago, mais para baixo. Não conseguiu evitar olhar. O corpo dele era todo músculo rijo, as pernas, as costas, os ombros...

— Quer que me levante para não perder nada? — A voz dele era divertida, mas havia nela um traço de algo selvagem, profundo e másculo e perigoso.

Todo o corpo de Linnet reagiu. O brilha suave, a alegria proveniente do brande, transformaram-se numa espécie de calor desesperado a afluir-lhe às pernas.

— Não! — ofegou ela. — Se não tiver uma toalha, não faz mal. — Viu-o começar a mover-se e o instinto puro empurrou-a para dentro do quarto, porta fechada.

Sentia a madeira da porta áspera contra as costas e o rabo. Estou nua, pensou. Estou nua e estou numa casa com um homem nu, e preciso de...

Em dois segundos, Linnet tinha a camisa por cima da cabeça. Caía-lhe até os joelhos, o que era suficientemente escandaloso. O tecido, grosso escondia-lhe a figura bastante bem, embora os seios fizessem esticar um pouco os botões. Parecia ter sido feita para um homem com um tórax delgado, o que resolvia o dilema se ela devia ou não deixar Piers ficar com a única peça de roupa que tinham. O tórax dele não era, decididamente, delgado.

Voltou-se para a cama. Estava coberta com uma manta áspera; puxou-a para trás e viu um lençol grosseiro. Cobriria aquela enorme superfície de homem nu na sala da frente e isso era tudo o que interessava.

Tirou o lençol da cama, abriu a porta e enfiou-o através dela sem olhar.

A voz de Piers chegou perfeitamente clara através da porta, apesar do barulhe do vento.

— Que é isto?

— Enrole-se nele — gritou ela.

— Não é preciso.

— Sim, é preciso. — A porta moveu-se sob a mão dela.

— E não entre aqui sem esse lençol à volta do corpo!

A porta abriu-se, empurrando-a para trás.

— Encontrei uma toalha de mesa. — Ele tinha, de fato, uma toalha azul em volta da cintura.

— O lençol era melhor — disse Linnet, os olhos instintivamente a deslizarem sobre o peito largo de Piers. Olhou mais para baixo e arfou. — Isto é indecente!

A toalha estava atada de uma maneira elegante sobre a anca direita de Piers, mas mesmo assim mal cobria o... aquilo...

— Não pode usar isso!

— Bem, não posso usar o lençol, a não ser que queira sentar-se em cima daquela manta — disse ele, um sorriso estranho a brincar-lhe nos lábios. — Parece que pode abrigar tantas pulgas como o Rufus, o que realmente diz muito.

Linnet olhou para a cama com horror.

— Não me sento ali.

— Não há mais sítio nenhum para se sentar — disse Piers.

— Há uma incompreensível falta de mobília na casa. Calculo que os vizinhos a pediram emprestada. Muito poupados, estes galeses. Suponho

que pensaram que a casa não precisava de mesa ou de cadeiras, uma vez que ninguém aqui vive. Temos sorte por a cama ainda aqui estar.

Como era de esperar, Linnet espreitou por cima do ombro dele e apercebeu-se de que a sala estava vazia, à exceção de um pesado aparador. Ela voltou a olhar para a cama.

— O meu entendimento é que as pulgas não conseguem viver mais de umas semanas sem uma refeição de sangue de qualquer tipo — disse Piers, atirando o lençol para cima da cama.

— Pode voltar a pôr o raio dessa coisa no sítio? A minha perna não gostou nada daquela viagem que fizemos monte acima e ou sento-me ou caio. Neste momento, a minha bengala é a única coisa que me mantém na posição vertical.

Linnet correu para a cama e começou a tentar enfiar o lençol de todos os lados da cama.

— É mais difícil do que parece — disse ela, fazendo, em vão, conversa fiada para não olhar novamente para Piers.

— Terei de dar mais uns cêntimos por cama às criadas? — Parecia aborrecido.

Linnet desistiu dos pés da cama. Devia ter posto lençol a mais em cima, porque ele não se mantinha preso.

— Sente-se — disse ela, indicando a cama com a mão. Ele sentou-se, com um gemido.

— Melhor? — perguntou Linnet. Um instante depois, pendurou-se na extremidade da cama, deixando-lhe muito espaço. Não conseguia permanecer de pé durante a tempestade, apesar de aquilo não ser decente.

Piers estava a cravar os dedos na perna direita, dando-lhe uma massagem violenta.

— Qualquer coisa é melhor do que estar em cima da perna depois daquela corrida — disse ele, sem levantar os olhos.

— Tem essa lesão há muito tempo? — perguntou Linnet.

— Quase a minha vida toda.

— Porque não sara?

Ele abanou a cabeça.

— Só saberei quando me autopsiar. — Ela pestanejou.

— Piada estúpida. Acho que o músculo enfraqueceu, lá dentro. Já encontrei pacientes que parecem ter experimentado fraqueza muscular a seguir a uma lesão traumática. Em alguns casos, a dor desaparece. Noutros...

não.

— Não há hipótese? — Observou os dedos dele por um instante. — Nem sequer tem uma cicatriz, que eu veja.

Ele virou a perna ligeiramente para fora e ela arfou, vendo uma horrível cicatriz denteada, estendendo-se desde a parte de cima da coxa até abaixo do joelho, do lado de dentro.

— Como sobreviveu?

— Provavelmente, não devia ter sobrevivido — disse ele com indiferença. — Uma razão era o enorme risco de infecção. Mas eu sou um estupor rijo. — Olhou para cima, finalmente, e sorriu-lhe.

Linnet não conseguiu devolver-lhe o sorriso. Estava abalada demais com a terrível dor que a enorme cicatriz implicava. Sem pensar, estendeu a mão e passou os dedos pela pele encrespada.

— A cicatriz, em você, dói-lhe, ou apenas os músculos no interior da perna?

— Penso que é a primeira mulher que me tocou aí — comentou ele, lentamente. O seu rosto era indecifrável. — Um pensamento estranho.

Claro que nenhuma mulher lhe tinha tocado, dada a sua impotência. Os dedos dela eram pálidos, cremes, contra a pele mais escura dele. No entanto, ela apercebeu-se, de súbito, de que tinha a mão na parte de dentro da coxa de um homem.

Com um puxão, afastou a mão.

— Eu gostei — disse Piers. A voz veio de bem fundo do seu peito.

Linnet sentiu-se tão embaraçada que as suas faces ficaram, provavelmente, vermelhas como um tomate. Arriscou olhar para o rosto dele. Nesta altura já conhecia aquela expressão. Desejo. Respirou fundo.

— Eu só queria... — Foi incapaz de continuar.

Ele parecia estar com dificuldade em controlar o riso, o desgraçado.

— Não vejo o que é que tem tanta graça — disparou-lhe ela. — Estou a tentar ser solidária em relação à sua difícil situação.

Piers recostou-se contra as costas da cama e cruzou os braços atrás da cabeça. O que fez qualquer coisa à toalha de mesa, ela não conseguiu evitar reparar. Parecia que ele não cabia muito bem nela.

— Nunca permiti a nenhuma mulher afagar essa parte da minha perna — acentuou ele.

Linnet acenou com a cabeça.

— Claro. Compreendo perfeitamente. — Tinha as mãos apertadas no colo, mas as pontas dos dedos ainda formigavam do toque na pele dele.

— Mas eu gostei muito. Talvez devesse arranjar uma travesti. O que acha? Podíamos alojá-la na ala oeste com o Gavan e os pacientes que estão a morrer, mas não são contagiosos.

O vento uivava em volta da casinha, fazendo parecer que eles eram as duas únicas pessoas em todo o mundo.

— Porquê? — perguntou ela, com curiosidade genuína. — Só para a senhora lhe esfregar a cicatriz de vez em quando?

— Ela não seria uma senhora — objetou Piers. — Aí é que está. — Havia riso nos seus olhos. Riso e... mais qualquer coisa.

Simplesmente desejo, disse Linnet de você para você. Desejo comum. Puxou as pernas para cima e dobrou-as para o lado. Os olhos dele seguiram os movimentos.

— O que é que uma travesti podia fazer por você que não pudesse ser feito por uma senhora?

— As senhoras vêm com demasiadas condições — disse ele, movendo-se de modo a que a sua perna esticada roçasse nos pés dela. Parecia um choque elétrico.

— Condições como no casamento? — conseguiu ela perguntou, orgulhando-se de não mostrar qualquer reação ao seu toque.

— Sim — concordou ele. — Como viver com a mesma mulher durante anos demais. Não me diga que não pensou nessa desvantagem.

Ela tinha pensado. Ninguém podia namorar com um príncipe durante dois meses e não pensar como seria ver a cara dele à mesa do pequeno-almoço para o resto dos seus dias. E, se o príncipe fosse Augustus, era difícil evitar o aperto no coração que acompanhava essa visão particular.

— Pensou! — disse ele a rir. — A Linnet é uma solitária, tal e qual como eu.

Linnet abanou a cabeça.

— Não sou nada. Quero mesmo casar. Também quero apaixonar-me, embora entenda que as duas coisas não são necessariamente compatíveis.

Ele resfolegou.

— A Linnet é uma romântica, ainda que pareça considerar a hipótese de adultério sem pestanejar.

— Leio demasiados romances para não ser.

— Os romances não têm nada que ver com a vida real.

— São melhores do que a vida real — afirmou Linnet. — Dá um enorme prazer ver as pessoas más receberem a paga que merecem.

— Porque não vem sentar-se ao meu lado? Essa coluna da cama parece ser muito desconfortável, enquanto a cabeceira dá umas costas de cadeira decentes.

Era desconfortável, realmente. Mas... ela olhou-o.

— A tempestade não está a abrandar — observou ele. — Estamos aqui presos pelo menos mais umas horas. Além disso, há algumas falhas interessantes no seu conhecimento da vida real que podemos discutir. Sempre quis conversar com uma mulher adúltera. Na altura em que elas me chegam, já estão geralmente crivadas de sífilis e não lhes apetece tagarelar sobre os seus passados adúlteros.

— Eu não sou adúltera, dado que nem sequer sou casada. Embora possa também fazer notar que, na vida real, eu ficaria comprometida por causa desta tempestade e nós teríamos de casar — disse Linnet, precipitando-se para a cabeceira da cama e sentando-se ao lado dele.

— Não perca a esperança — disse ele, afavelmente. — Ainda tem ao seu alcance um ducado. Mas não o meu, uma vez que não há ninguém em Gales que se rale com o que estamos aqui fazendo. O meu pai deve estar lá no castelo a rezar para que haja um milagre. O seu está em Londres, a pensar que a Linnet é condessa, já a caminho de ser duquesa.

— Que gênero de milagre é que o seu pai quer? — perguntou Linnet.

— Oh, que o passado nunca tivesse acontecido. Que a minha mãe lhe perdoasse. Que a minha lesão desaparecesse.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele está desesperadamente triste.

— Sem netos — disse Piers. — Muito decepcionante.

Linnet deu-lhe uma cotovelada.

— Não seja tão cansativo. Sabe tão bem como eu que o seu pai não é monstro nenhum. É estúpido da sua parte continuar a fingir que é.

— Não vai dizer infantil?

— O Piers não se importa de ser infantil — observou ela.

— Mas suponho que não gosta que lhe digam que não está a usar o cérebro. E demasiado observador para não ver o sofrimento dele.

— Bem, se põe as coisas nesses termos...

— Sim, ponho as coisas nesses termos. Ele está a sofrer porque o ama, a você, e ama a sua mãe.

— Agora está só a perder o seu tempo — retorquiu Piers, com bastante bonomia. — Eu dou um beijo a esse estupor, serve?

Linnet virou-se para lhe sorrir.

— Não! — disse ele, estremecendo e tapando a cara com o braço. — Não tente envenenar o meu arbítrio com esse seu esgar. Aristóteles acreditava no livre-arbítrio e eu também!

Linnet desatou a rir e puxou-lhe o braço para baixo.

— Pronto. — Deixou o sorriso espalhar-se por todo o seu rosto. — Agora está às minhas ordens?

— Oh, valha-me Deus — disse ele, troçando —, desta vez não resultou. Talvez a Linnet esteja a perder o jeito. — Com um movimento rápido, rodou sobre ela.

Linnet ficou de boa aberta. De repente, estava deitada de costas, as mãos presas nas dele, acima da cabeça.

— Faça-me outro sorriso; vamos ver se a magia é lenta a atuar ou se eu sou impenetrável — pediu ele. As suas palavras eram trocistas, mas havia nelas uma carícia, áspera, insolente.

Ela sorriu-lhe. Mas não foi o sorriso de família. Veio de um lugar completamente diferente: um lugar faminto, feroz, onde mora o desejo.

Ele não disse nada.

Ela sentia cada pedacinho do seu corpo musculado sobre o seu.

— Às minhas ordens?

— Não completamente — corrigiu ele, baixando os olhos para ela. — Mas, raios... a Linnet é boa.

Linnet abriu a boca e passou a língua delicadamente pelo lábio inferior.

— Gosto de o beijar.

Sentia a respiração dele, funda, trêmula.

— E preferia gostar de beijar a sua perna — acrescentou ela, tentando perceber, em alguma parte da sua mente, se tinha enlouquecido.

— A Linnet... — disse ele.

— Sim?

— Faz qualquer coisa para ganhar, não é?

Ela sorriu.

— Sou muito competitiva. Pensava que era o único?

— Já não — murmurou ele e depois, finalmente, finalmente, baixou a

cabeça para a dela.

Nos seus lábios permanecia um vestígio de sal. E o seu beijo foi puramente Piers: violento e exigente, sem traço de civilidade. Linnet sentiu-se de novo a menina escrava, deitada aos pés do dono. Não, não aos seus pés, uma vez que todo o seu corpo vibrava com o peso dele.

Deitada sob o dono, submetendo-se ao seu...

— Raios partam — protestou Piers, levantando a boca e fulminando-a com os olhos.

— Porque me sinto como se estivesse fazendo amor com uma boneca de trapos? Ontem parecia que sabia beijar.

Ela soltou as mãos e enrolou os braços em volta do pescoço.

— Nós não estamos fazendo amor.

— Exato. Vamos voltar ao meu comentário inicial, sem a parte do amor. Porque estou eu a incomodar-me a beijar um coxo...

Ela abafou um gemido.

— Cale-se, Piers.

Os seus olhos cruzaram-se por um instante, um instante único, elétrico. Depois, os olhos dele escureceram e a boca apoderou-se da dela outra vez.

Ela pôs de parte a ideia da menina escrava e concentrou-se apenas em como ele lhe sabia: quente e viril. Na sensação do corpo rijo deitado em cima dela. No modo como ele estava a devorá-la, no modo como ela o beijava.

Beijá-lo fazia o seu corpo fundir-se sob o dele e as mãos descenderem-lhe pelas costas, decalcando os músculos, percebendo o modo como as costas se arqueavam na cintura, estacando na toalha.

Ele estava a empurrar a perna para a frente, entre as pernas dela, e a camisa... que aconteceu à camisa dela? Deve ter...

Piers libertou-se da boca dela e arrastou os lábios numa carícia ardente pela aresta do seu queixo.

Linnet olhava, cega, para o teto, os seus sentidos inundados pelo toque e pelo cheiro de Piers. Ele estava a empurrar-lhe a camisa ainda mais para cima, o que significava que ela podia senti-lo mais, mais pele quente contra a sua.

A cabeça dele baixou-se mais e arrancou-se um gemido do peito.

— Raios, a Linnet tem os seios mais doces que eu alguma vez...

Ela não ouviu o que ele disse porque ele tinha o seu seio na mão e a boca no seu mamilo. Era delicioso, inebriante e... ele chupou. Ela arfou. Ou gritou,

talvez. Ou aquilo foi demasiado rouco para ser um grito. Não devia fazer barulhos como aquele, devia...

— Pare — disse ele, levantando a cabeça, erguendo-se sobre ela e olhando-a nos olhos.

— Não pare — suplicou ela.

— Começou a pensar outra vez. Ficou toda tensa.

— Não. — Passou-lhe os dedos sobre o peito, tal como imaginara, sobre os músculos largos e os mamilos brônzeos.

— O Piers é lindo.

— E a Linnet não tem o juízo todo se pensa isso — murmurou ele, categoricamente. Os dedos dela roçaram-lhe num dos mamilos e da garganta dele soltou-se um som rouco. Ela fê-lo outra vez, com mais firmeza. O pescoço dele inclinou-se para trás, o que lhe deu espaço para deslizar para baixo e pôr a boca onde tinham estado os seus dedos.

Sentia-o tremer, por isso tentou algumas variantes... lambeu, até uma dentadinha. Qualquer coisa que o fizesse pulsar contra ela. Metade da sua mente estava nele e a outra metade estava no modo como se sentia de cada vez que ele investia contra ela.

— Basta — disse ele, rolando de cima dela, ficando de costas e levando-a com você.

— A sua perna! — arfou ela. — Desculpe, eu...

Ele enfiou-lhe um joelho entre as pernas.

As palavras morreram-lhe na boca. Todas as sensações do seu corpo se concentraram no doce local entre as pernas.

— Oh! — gemeu ela. — Por favor...

Indistintamente, ouviu-o dar uma risadinha, mas os lábios dele estavam outra vez no seu mamilo, deleitando-se, lambendo, saboreando. Indo para o outro mamilo, chupando, até ela estar a vibrar contra a sua perna, gritando.

Arqueou-se contra os ombros dele, olhos fechados.

— Quer vir-se? — perguntou ele, a voz áspera e baixa. O polegar voltou a roçar-lhe o mamilo e ela gemeu.

— Podia fazê-la vir-se só assim — disse ele.

Linnet percebeu a voz, o tom distante, de médico, e compreendeu o que ele estava fazendo. Inclinou-se e mordeu o lábio.

— Está a ser idiota, outra vez.

— Porquê? — Ele brincava com os seus seios, fazendo-a estremecer.

— Observação — arfou ela. — Faz isso quando está desconfortável. Oh!

— Não estou desconfortável. Nem a Linnet. — Uma mão deslizou pela barriga dela até entre as pernas. Ele empurrou-a suavemente para trás. — Embora eu ache que posso fazê-la ficar bastante mais confortável.

Linnet abriu a boca, mas não saiu nada. Tremia toda.

— Mais confortável de costas — disse ele, virando-a ao contrário com tanta facilidade como se fosse uma panqueca. — Mais confortável se a beijar aqui... — Pôs a boca no peito... — enquanto lhe toco aqui. — Os seus dedos afundaram-se mais entre as pernas dela, afagando, acariciando.

Linnet não sabia se ele estava a observá-la. Mal reparou quando a boca dele deixou o seu seio e se lhe arrastou pela barriga. O que ele estava fazendo com a mão fazia-a contorcer-se, as ancas a arquearem-se contra os seus dedos, gemidos roucos a voarem dos seus lábios.

Mas, depois, ele abriu-lhe mais as pernas.

Ela levantou a cabeça, atordoada, e viu a cabeça escura dele entre as suas pernas.

— Que está fazendo? — gritou ela, tentando afastar-se. — E... o que... pare com isso! Tarde demais. Os lábios dele viraram-se para a doce curva da parte de dentro da sua coxa. Uma língua passou delicadamente, cada vez mais perto.

— Cheira tão bem — disse ele, sonhador. — Essência de Linnet com um toque do oceano. E sabe...

Ela arfou.

— Sabe como o mel mais doce. — Voltou ao que estava fazendo. Dobrou os joelhos para cima e a língua reclamou-a, tomou-a, atirou-a para o fogo. A cabeça dela virou-se de um lado para o outro e ela esticou-se contra ele, gritando e voltando a gritar, repetidas vezes, a cada doce movimento.

Um dedo enfiou-se dentro dela e ela quebrou, gritando tão alto que só ouvia o som do seu próprio prazer e não o vento.

Depois voltou a ouvir o vento, mas também o sussurro da voz de Piers, enquanto a beijava, muito suavemente.

— Oh, que delicadeza — disse ele, cantarolando. — Em perfeitas condições de funcionamento.

— Está a diagnosticar-me! — exclamou ela, conseguindo tirar a cabeça da almofada para poder olhar para ele.

Ele fitou-a, o demônio nos olhos.

— Estou a diagnosticar a mais rósea... — beijou-a outra vez, e ela voltou

a estremecer.. — a mais doce... — outro beijo... — a mais deliciosa parte de Linnet.

Linnet atirou-se para trás, puxando-se para cima, contra a cabeceira da cama. Piers deixou as mãos afastarem-se das suas pernas e ela juntou os joelhos contra o peito, com o pensamento reflexo de cobrir as partes mais íntimas.

Mal podia acreditar que tinha permitido uma coisa daquelas. Tinha o estômago a coagular-se de vergonha.

— Isso foi muito indecente — declarou ela, atribuindo-lhe parte da culpa. — Tenho a certeza de que as pessoas não... onde é que aprendeu fazendo uma coisa assim?

— Como sabe o que as pessoas fazem ou não fazem? — Piers rolou para o lado e apoiou a cabeça numa mão. — Como médico, posso dizer-lhe que elas fazem coisas que nós ainda não tentamos. Alguém lhe ensinou, alguma vez, as coisas próprias e impróprias do quarto de cama?

Ela negou com a cabeça.

— Também pensava que não — concluiu ele com satisfação. — Dado que existem lacunas óbvias na sua educação.

— Que quer dizer? — Contra todo o bom senso, o seu corpo ainda tremia.

— Sabe o que acabou de lhe acontecer?

O riso escapou da boca antes de ela conseguir impedi-lo.

— Considero isso um sim — disse ele. — Bem, a primeira regra é que nada é impróprio entre amantes.

— Parece que está a ensinar os Patinhos — objetou ela.

— Ouvi-o fazer-lhes perguntas que tinham como objetivo obrigá-los a dar respostas idiotas.

— Acredite em mim, nunca pensaria ensinar-lhes coisas íntimas. Uma razão é que eles têm mais pelos no peito do que eu gosto nos meus parceiros.

Linnet enrolou os braços em volta dos joelhos.

— O Piers é absurdo.

— Não tão absurdo como o fato de a Linnet ser uma jovem senhora que não sabe nada do sistema reprodutivo.

Ela não podia contestar.

— Suponho que a sua mãe morreu antes de poder explicar-lhe as coisas básicas.

— Eu sei as coisas básicas — protestou ela.

— Oh, então porque pensa que os homens pendem à frente? Como seria isso? Como encher uma salsicha?

— Um erro menor — disse ela, os olhos a deslizarem para essa parte dele. A toalha de mesa havia muito que tinha desistido da luta. — A minha mãe estava, como é óbvio, a falar metaforicamente.

— Isto — disse ele, passando a mão pelo corpo — é uma ereção. E, a propósito, eu não sou impotente, como devia ter percebido no momento em que me viu ficar teso e não caído.

Linnet sentiu a garganta apertar-se. Preferia ser ela a tocá-lo daquela maneira.

— Um homem só fica com uma ereção quando, quer ir para a cama com uma mulher. Caso contrário, fica pendente.

— Oh, então a minha mãe tinha razão. Pode fazer o seu pender para eu ver como é? Ele voltou a passar a mão lentamente sobre o corpo.

— Não. Impossível.

— Não consegue controlá-lo?

— Agora não, e raramente quando estou perto de você, para surpresa minha.

Linnet sentiu-se um pouco melhor ao ouvir aquilo.

— Para o caso de querer saber, não sou virgem — esclareceu ele, em tom de conversa. — Não que possa dizer que fiz amor com uma mulher. Estive com uma, ou duas, ou mais. Mas, obviamente, a Linnet é virgem e uma virgem extraordinariamente mal informada. Porque não me diz o que acha que são as coisas básicas — sugeriu ele, os olhos provocadores — e eu corrijo as suas imprecisões?

— Para poder gritar-me como grita aos Patinhos quando eles dizem qualquer coisa mal? — Abanou a cabeça. — Não!

— Quer saltar a palestra e ir diretamente à demonstração? Eu estou a tocar-me. — Instintivamente, os olhos dela voltaram à sua mão e aquilo que ele estava fazendo. — Podia ter ajuda.

— Eu acreditava piamente que era impotente — sussurrou ela. — Pensava que não era capaz de fazer isto.

— Pense nisso — disse ele. — Suspeito que tenha conhecimentos suficientes para saber exatamente o que eu gostaria de fazer com o instrumento que tenho à minha disposição. Está em perfeitas condições de funcionamento.

Ela respirou fundo, ainda a observar a mão dele.

— Pode não ser adequado — notou ela. — Diria que não, eu.

— Diria que sim, eu — retorquiu ele.

— Mas pensei que, isto é, o seu pai disse-me... Trata-se só de não poder ser pai?

— Perguntou-me uma ou duas vezes como eu magoei a perna — disse ele, observando-a. Os seus olhos estavam tão escuros como o mais negro veludo.

— Perguntei-lhe três vezes — corrigiu-o ela. — Talvez quatro.

— Um dia, o meu pai estava eufórico devido a intoxicação por ópio. Eu entrei na sala, tinha seis anos, e ele pensava que eu era um demônio que ia fazendo fosse lá o que fosse que os diabos fazem. Roubar-lhe a alma por vários meios perversos.

— Pensou que o Piers era um diabo? Com seis anos?

— Bizarro, não é? Toda a gente pode concordar com ele agora, mas garanto-lhe que eu era muito bonito com essa idade, sem traço de enxofre à minha volta. Embora, aparentemente, tivesse o tamanho exato de um diabo pequeno, para meu infinito pesar. De qualquer modo, arremessou-me para a lareira, protegendo assim a sua alma. Suponho que eu devia estar contente por ele ser um cristão tão devoto.

Linnet resfolegou, a mão voando para a boca.

— Felizmente, não estava acesa, mas havia duas trempes de ferro forjado, uma das quais me proporcionou esta bela recordação da ocasião.

Ela correu para o lado dele.

— Isso é um horror. Deve ter ficado tão aterrorizado e magoado. Que terrível para você. Para ambos, na verdade.

— Não me lembro de muita coisa — disse Piers. — Voar pelo ar, dor. Porque a dor não havia meio de desaparecer.

— Portanto, a sua mãe levou-o para França.

— E depois para a Baviera. Havia lá médicos melhores. No entanto, ninguém conseguiu perceber porque é que a perna não se curava. Não se curou. E não vai curar-se. Quando nós fomos embora, o meu pai instaurou um processo de divórcio. Custou-lhe um bom quarto da minha herança mandar declarar legalmente a mulher, a minha mãe, uma devassa.

— Não era ele — disse Linnet, afagando novamente a perna com os dedos. Os dedos deslizavam-lhe pela pele destruída.

— Como médico, sabe isso.

— Como filho... — Abanou a cabeça.

— E por isso disse-lhe que era impotente! Porque ele tem tanto orgulhe na história da família. Sabia precisamente o que o magoaria mais, a ideia de que era ele a causa da morte da sua linhagem.

— Não parece uma coisa muito inteligente de se fazer, agora que diz isso. — Também tinha a mão na perna dela, desenhando pequenos círculos ardentes na coxa.

— Posso ter de reconsiderar a reconciliação.

— Acho que devia.

— Tudo isto, apenas para dizer que eu na realidade não sou impotente. Espero que me perdoe se não me desfaço em lágrimas pungentes e não vou a correr a confortar o pai neste momento.

Linnet concentrou-se na perna dele, os dedos a deslocarem-se da cicatriz para a pele que era áspera dos pelos e esticada sobre o músculo. Não olhava para a cara dele.

— Nós concordamos em terminar o noivado, se tal se lhe pode chamar.

Ele assentiu com a cabeça.

— Isso significa que devia decidir-se em relação ao que estamos aqui fazendo. Eu não tenho nada a perder, enquanto a sua virgindade está por um fio.

Aquilo era muito característico de Piers. Outro homem podia mentir-lhe, ou servir-se de estratégias para disfarçar o fato de querer dormir com ela. Piers, não.

— Que diria se eu recusasse? — Os seus dedos abriram-se sobre o músculo encordado da coxa dele e ela já sabia que não ia recusar. Podia ser a sua única oportunidade de fazer amor com alguém que realmente desejava.

Ele encolheu os ombros.

— A Linnet é uma mulher inteligente. Tem um bem que é extremamente valioso no mercado aberto, ainda a dobrar por causa da sua beleza. Porque diabo iria dar, a mim, a troco de nada?

— Fala como se eu estivesse para venda ao licitador que oferece mais.

Ele ficou calado.

— Bem, posso ter estado à venda ao licitador que oferece mais — disse ela —, mas a licitação caiu, porque toda a gente pensa que eu já não possuo o meu bem oh-tão-valioso.

Piers continuava calado.

— Se eu decidir dar-lhe, pode garantir que não haverá criança

nenhuma?

— Não — disse ele. — Esta casa não tem todos os equipamentos que se possam desejar.

Houve um fio de divertimento na sua voz que despertou um sorriso nos olhos dela.

— E se houver uma criança?

— Casaremos — afirmou ele.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo-se terrivelmente tímida.

Piers puxou-a para o peito.

— Acho que devíamos investigar bem o que nos propomos fazer. — Os seus lábios pousaram nos dela, agressivos e deliciosos.

— Afinal — ouviu-o dizer uns momentos depois, a voz abafada pelo modo como os lábios deslizavam sobre a pele dela —, onde existe uma oportunidade de casamento, deve-se proceder com cuidado. Deliberação. Ter a certeza absoluta de que nenhum de nós tem o mais leve escrúpulo.

Ela arqueou-se contra ele, nada interessada em pensamentos cuidadosos. Nem sequer conseguia concentrar-se em tocar toda aquela pele que ela tinha estado, furtivamente, a comer com os olhos. Sentia-se inebriada, bêbada, como se tivesse brande a percorrer as veias e a afluir-lhe entre as coxas.

Queria mais.

De fato, a única coisa em que estava verdadeiramente interessada encontrava-se comprimida contra a sua coxa. Piers continuava a falar, naquele tom sardônico que ela achava irritante. Por isso, ela deslizou a mão pela perna abaixo e agarrou.

Ele calou-se abruptamente. Sentiu-se quente e macio na mão dela, pulsando de vida e demasiado grande.

Ele afastou-se lentamente.

— Está a agarrar-me como um pepino de primeira qualidade que planeia colher. — Mas algo na sua voz indicava que não estava tão indiferente como parecia.

— Ela aliviou a pressão dos dedos, deslizou-os para cima e para baixo, da forma como ele tinha estado fazendo. Um gemido irregular saiu dos lábios dele. Era fascinante como a pele dele se movia... os dedos dela apertaram outra vez. A cabeça de Piers caiu para trás.

Ele era suave e duro ao mesmo tempo, uma combinação estranha que o seu corpo compreendia melhor do que ela. Enrolou os dedos com mais força

e afagou-o de novo. A sensação fê-la estremecer e a respiração dele ficou-lhe presa na garganta, emergindo num gemido estrangulado.

O desejo voltou a atravessá-la, tirando-lhe o fôlego, estimulando-a.

— Acho que isto chega — sussurrou ela, largando-o e puxando o corpo dele para você.

— Não tenho dúvidas.

— Chega! — Riu-se outra vez, mas ela estava demasiado ocupada, saboreando o pescoço, passando a língua sobre aquela coluna forte, e, incidentalmente, fazendo chocar as ancas contra as dele.

— Vá lá — disse ela, tentando puxá-lo para cima dela.

— Temos de ir devagar — sussurrou ele, a língua a deslizar-lhe pelos lábios, enquanto os dedos faziam o mesmo em baixo.

— A Linnet é virgem. Pode bem ter uma obstrução lá dentro. Deve ter ouvido falar da dor causada pela perda da virgindade.

Linnet mal o ouvia, tão absorvida estava na maneira como ele a afagava. No entanto, o que ela queria não eram afagos nem carícias nem sequer beijos doces. Por isso, puxou-o com força pelos ombros.

— Agora — disse ela, ferozmente.

Sentia-o ali e arqueou-se contra ele instintivamente.

— Devagar — sussurrou ele.

Ela não queria devagar. Sentia uma profunda fome de calor, e pressa e fruição. A sensação era tão intensa que ela não conseguia encontrar palavras, apenas soluçou uma vez contra os ombros dele.

Ele sabia... por qualquer motivo ele sabia o que ela estava a pensar. Uma mão forte ergueu mais a anca, os dedos a enterrarem-se nas curvas e depois disse-lhe por entre as madeixas:

— Tem a certeza?

Linnet não se deu ao trabalho de responder, apenas rosnou ao seu ouvido como se tivesse perdido a capacidade de falar.

Aparentemente, ele sabia como interpretá-lo, porque se chegou a ela, num ímpeto suave e feroz, com uma torção das ancas e uma investida.

— Dói? — disse ele, um segundo depois, os lábios na face dela. Não era dor. Ela sentiu-se alargada, ocupada, possuída... delirante. Linnet arqueou as ancas, recebeu-o mais fundo.

— Pode...? — Ela ficou sem fôlego quando ele se mexeu, enviando-lhe cascatas de sensações ardentes pelas pernas abaixo.

— Posso parar — arfou Piers. — Esperar que se ajeite. O seu corpo vai acomodar-me, se lhe der um momento. — A sua voz estava mais grave do que ela alguma vez a ouvira.

Linnet mal o ouvia. Estava a arquear-se novamente, tentando recuperar a sensação, o fogo. Era bom, mas... Apertou-lhe os ombros.

— E tudo? — Depois compreendeu como o seu comentário tinha soado. — E muito bom. Realmente. Muito... — A sua voz calou-se quando as ancas de Piers se moveram.

Ele estava outra vez a rir, um riso profundo, ofegante. Os seus cotovelos estavam mesmo junto aos ouvidos dela, pelo que ela conseguia sentir o seu corpo a tremer... Abriu os olhos e fitou-o, aborrecida.

— Acho que rir não é apropriado.

— Mmmmm — disse ele, estendendo a mão para baixo e mordiscando o lábio. O movimento do seu corpo fez espalhar-se outra onda de sensações desde a cintura até à ponta dos pés dela. Os olhos começaram a fechar outra vez.

— Está a sentir-se confortável? — perguntou-lhe ele.

Na realidade, aquilo era tudo o que havia? Estava confortável. Aquilo não podia ser tudo o que havia.

— Muito confortável — disse ela, inclinando o pescoço para lhe beijar o queixo.

— Nesse caso, acha que eu posso começar a mexer-me?

— Mexer-se? Mexer-se para onde? — Instintivamente, apertou-lhe os ombros. Podia estar ligeiramente decepcionada com o ato, mas não queria, definitivamente, que ele fosse a sítio nenhum. — Já acabou?

Ele baixou a cabeça para a curva do seu ombro, mas ela conseguia ouvir o resfolegar de riso.

— Pare de se rir de mim! — ordenou ela, pensando que talvez corresse com ele, antes de ele ter a oportunidade de se ir embora. Havia de ver! Puxou os joelhos para cima, apoiando os pés na cama e a respiração ficou-lhe presa na garganta. O prazer espalhou, como lentas ondas líquidas, pelas pernas abaixo.

A respiração de Piers soava-lhe áspera aos ouvidos. Sem mais, levou a mão atrás e empurrou-lhe o joelho esquerdo para cima.

— Oh! — murmurou ela, compreendendo a sua ordem silenciosa e enrolando as pernas em volta das suas ancas. Isso aproximou-os mais, desviou-o um pouco, de modo que ele ficou mais fundo dentro dela. Ela

gostou. Ainda mais, depois de se ter contorcido um pouco, acomodando-se de maneira que ficaram perfeitamente ajustados.

— Isto é muito bom — disse ela, beijando-lhe o queixo.

— Gosto.

— Agora, vou ter de me mexer — disse ele, entre dentes cerrados. — O intervalo para a adaptação de virgem acabou.

— Está bem — disse ela, decepcionada, desenroscando as pernas. Sabia tão bem. Toda ela vibrava.

Ele retirou-se um pouco de dentro dela. O sentimento de perda era vertiginoso. A carne dela colou-se instintivamente a ele, pranteando. E depois ele investiu para a frente outra vez.

Um gemido voou dos lábios de Linnet e as suas pernas também voaram de novo, enrolando-se às ancas dele. O corpo arqueou-se para ir ao encontro do dele.

— Que... — conseguiu dizer.

Ele não respondeu. Mas recuou para investir, investir outra e outra vez.

Linnet colou-se a ele, como se fosse uma lapa e ele uma rocha, deixando o prazer selvagem do seu cavalgar ecoar através de cada osso do seu corpo.

Ouvia-se a você própria a gemer, ouvia o som áspero da respiração de Piers no seu ouvido. Lentamente, muito lentamente, estava a crescer-lhe no corpo uma espécie de calor incandescente, fazendo-a enrolar os dedos dos pés e enterrar as unhas nos ombros dele.

— Linnet — rosnou Piers, parando. A sua voz soava tão pouca característica dele, da sua pessoa controlada, atenta, que ela o puxou ainda mais para você, depositando-lhe beijos nos ombros, no pescoço, no queixo.

— Precisamos de...

— Quê? — perguntou ela, saindo, sobressaltada, do seu aturdimento. — Estou fazendo bem? Devia fazer mais alguma coisa? Devo...

— Cale-se — disse-lhe ele ao ouvido.

Isso não foi muito bonito. Linnet teria sentido irritada, mas, nesse momento, ele deslizou uma mão entre eles os dois, direita à parte por onde estavam unidos, e tocou-a ali. Uma passagem lenta do polegar e o corpo dela reagiu como uma fogueira encharcada em brande.

Dos lábios de Linnet irrompeu um grito estrangulado. A sensação dele, grosso e quente e possessivo, parecia febre no seu sangue.

Dos lábios de Piers irrompeu um ronco satisfeito e ele investiu outra vez. Ela viu estrelas, literalmente estrelas. O que quer que ele estivesse fazendo

com a mão, aliado à fricção deliciosa, fez a febre explodir pelo corpo.

— Piers! — gritou ela. — Piers!

Ele pôs de lado qualquer aparência de controle, movendo-se para dentro dela com tanta força que o som da cama a bater na parede rivalizava com o do granizo a bater na janela.

Calor explodiu no corpo e ela afundou-se num prazer tão esplendoroso que nunca poderia ter imaginado que existisse uma coisa assim. Não via, nem ouvia, apenas sentia como o corpo se liquefazia, relaxando numa espécie delirante de calor espasmódico que lhe queimava o sangue.

OuvIU vagamente um gemido estrangulado, uma rouquidão animal, e abriu os olhos turvos, vendo a cabeça de Piers arquear-se para trás, enquanto ele pulsava uma última vez para dentro dela.

A expressão do seu rosto, o abandono total, o prazer total, desencadearam nova cascata de faíscas incandescentes através do corpo de Linnet, fazendo-a apertar no instante exato em que ele gritou, literalmente.

E sucumbiu em cima dela.

Mais tarde, nesse dia

— Lady Bernaise recolheu aos seus aposentos com uma dor de cabeça; o duque está a jogar xadrez com o marquês — informou Prufrock, subindo as escadas de costas, à frente de Piers. — Pus um novo doente num quarto, sozinho; os Patinhos estão com ele.

Piers ergueu uma sobrancelha.

— Os Patinhos? Ela contaminou-te.

Prufrock tinha um truque para parecer perfeitamente inocente quando o desejava.

— Onde está a enfermeira Matilda? — perguntou Piers.

— Na sala de dia, com Miss Thrynne — respondeu Prufrock.

— Como o senhor solicitou, a jovem senhora está a analisar as responsabilidades de Mistress Havelock no que diz respeito aos pacientes. A última vez que as vi, não me pareceu que estivesse a correr muito bem.

Piers hesitou por um momento e depois, mentalmente, encolheu os ombros. Que interessava isso? Assim que Linnet se fosse embora, ele podia deixar a governanta voltar às suas obstinadas maneiras de agir. Os pacientes tinham a família com eles ou não tinham. Continuavam a morrer, a não ser que ele e Sebastian descobrissem algum modo de os manter vivos.

Entrou no pequeno quarto que usavam para isolar novos pacientes até ele determinar a sua doença. Se ele determinasse a sua doença.

Os Patinhos — raios, ele estava a adotar o nome que Linnet lhes tinha dado — estavam aglomerados em volta da cama; a discutir.

Ele bateu com a bengala na coluna da cama e eles calaram-se.

— Bitts, quem é o paciente?

Bitts endireitou-se.

— Mister Juggs é dono de um pub de Londres e tem sessenta e oito anos.

— Sessenta e oito? — perguntou Piers, afastando Kibbles do caminho para poder, ele próprio, formar uma opinião sobre o homem. — O senhor teve uma boa carreira no pub, deixe umas cervejas para nós. Porque não fecha as torneiras e parte em paz?

O paciente era atarracado e careca, à exceção de um extraordinário par de sobrancelhas, tão indômitas que pareciam prontas a saltarem-lhe da cara.

— Tretas! — retorquiu ele com um esplêndido sotaque londrino. — O

meu pai viveu até os noventa e dois e eu não tenho planos para ser metido na cama com uma pá antes do meu pai. Se o senhor é tão bom como dizem, quer dizer.

— Bem, não sou — disse Piers. — Sintomas, Bitts?

— Não ouve.

— Disparate — disse Piers. — Ele acabou de me obsequiar com tretas. Para a próxima, espero que não me lixe. Passou algum tempo na marinha, Juggs?

— Doze anos como cabo no Décimo Quarto Regimento de Dragões Ligeiros. Eu não ouço sempre. Ouço bem, e depois desaparece, vai-se.

— Velhice — concluiu Piers. — Despeja-o dessa cama e dá-a a outra pessoa.

— E às vezes acontece-me também com a vista. Vai-se — acrescentou Juggs. — Mas volta.

— Não é velhice. Então, Bitts, que dizes?

— Os pulmões estão limpos. Utilizei o método acústico que temos andado a praticar. Tem membros fortes e os seus reflexos são normais.

— Alguma coisa a acrescentar, vocês os dois? — perguntou Piers a Penders e Kibbles.

— Perdeu a visão três vezes — disse Kibbles. — A ver a entrada do rei da Noruega em Londres, durante a festa dos sessenta anos da mulher e numa revista militar. Essas ocasiões parecem sintomáticas.

— Nã, nã — disse Piers. — O senhor casou com uma mulher muito mais nova.

— Só oito anos — afirmou Juggs, à defesa.

— Qual é o teu diagnóstico? — perguntou Piers a Kibbles.

— Com base nas três ocasiões em causa, excitação extrema que provoca batimento cardíaco acelerado.

— Desde quando o batimento cardíaco acelerado causa perda de visão? — interpôs Penders. — Acho que ele teve paragem cardíaca.

— Um ataque de coração não provoca perda de visão — objetou Bitts.

— Provoca, se ele teve uma perda temporária do afluxo de sangue à cabeça — retorquiu Penders. — Sentiu-se tonto durante esses episódios, Mister Juggs?

Ele negou com a cabeça.

— Mas com um calor terrível.

A porta abriu-se atrás de Piers. Soube que era Linnet antes de ela entrar porque sentiu o seu cheiro, um leve aroma a flores, com um traço de limão. Começou a perguntar a você próprio se os nervos olfativos se intensificam com a excitação sexual.

Os encantadores tons de voz da enfermeira Matilda fizeram-no voltar subitamente ao presente.

— Doutor, estou profundamente ofendida com o que se passou hoje, aparentemente com a sua autorização, se não com o seu encorajamento. Profundamente ofendida. E, apesar de lamentar interrompê-lo, isto não pode esperar.

— O paciente teve febre, provavelmente, durante os episódios em que perdeu a visão. Que nos diz isso? — perguntou Piers aos Patinhos.

Depois, virou-se, relutantemente.

A verdade é que Linnet era aterrorantemente bela. Lábios perfeitos, faces perfeitas, um perfeito...

Um perfeito sorriso secreto nos seus olhos perfeitos. Era irritante.

Ele reprimiu um sorriso como resposta.

— Que diabo anda a tramar? — perguntou-lhe.

O sorriso desvaneceu-se.

— Estou a interrogar, a governanta da ala oeste, esta ala, sobre os seus procedimentos relativamente aos cuidados com os pacientes, incluindo dieta e visitas de familiares.

— Muito bem — disse ele. Dirigiu-se à enfermeira Matilda.

— E isso que ela está fazendo. O seu papel é responder, na medida em que é a governanta em questão.

O peito da enfermeira Matilda inchou de um modo impressionante, tal qual o de um sapo numa resistente folha de nenúfar, a preparar-se para coaxar.

— Sinto-me tremendamente insultada com o tom destas inquirições impertinentes. Se tem preocupações quanto ao modo como eu faço a gestão da ala e trato dos doentes, devia consultar-me diretamente.

Piers voltou-se para os Patinhos.

— Perda de visão temporária, o mesmo de ouvido, febre possível. Que mais perguntas fizeram?

Os Patinhos mantiveram-se calados.

— Creio que nenhuma — disse ele. — O senhor, aí na cama. Não teve

tonturas. Alguém lhe disse se ficou com a cara vermelha?

Juggs abanou a cabeça.

— Sentiu os joelhos fracos? Calor e depois frio?

— Só calor. Bem, e vomitei algumas dessas vezes.

— Não pensou em mencionar isso? Mais alguma coisa que não esteja a dizer-nos?

— A minha mulher disse que eu estava bêbado. Mas não estava. — Juggs franziu a testa de tal maneira que as sobrancelhas se uniram no meio, uma expressão interessante, mas pouco provável de ser tida em conta por dândis, na opinião de Piers.

— Sou dono do Tornozelo da Sereia há vinte anos e sei quando um homem está com os copos. Eu não estava.

— Os bêbados são, em geral, os últimos a perceber — disse-lhe Piers. — De fato, a maioria só admite a bebedeira na manhã seguinte. O senhor, melhor que ninguém, devia saber isso.

— Virou-se para a enfermeira Matilda. — Mas então, o que a torna tão excitada, em menos de cinco palavras? Suponho que as perguntas de Miss Thrynne não lhe agradam.

O peito dela inchou outra vez.

— Esta jovem senhora não tem qualquer ideia de enfermagem. Insinuou que eu era cruel...

— Desumana foi a palavra que eu usei — interpôs Linnet.

Tinha aquele sorriso outra vez e todos os Patinhos se derreteram de imediato. Até Juggs estava a pendurar-se no lado da cama, para melhor a ver.

— Porque eu digo aos pacientes que, enquanto aqui estão, não terão visitas — disse a enfermeira Matilda com firmeza.

— Sabe tão bem como eu, Lorde Marchant, que muitos dos nossos pacientes nunca chegam a sair de aqui. Não posso lidar com choros e coisas assim. Os familiares podem perfeitamente despedir-se quando deixam aqui o paciente. Não há necessidade de prolongar o sofrimento.

— Então, é no interesse deles. — Linnet franziu a sobrancelha, mas Piers ignorou-a. —

Fez esta preleção a Mistress Juggs?

A enfermeira Matilda assentiu com a cabeça.

— Fiz, de fato. — Lançou a Linnet um olhar de profundo desgosto. —

Infelizmente, esta senhora revogou as minhas ordens e mandou a mulher lá para baixo, para as cozinhas, onde ela está só a dar mais trabalho e a maçar, sem dúvida nenhuma.

— O que significa que podemos pedir-lhe que venha aqui acima e explique exatamente como estava Mister Juggs nas ocasiões pertinentes — comentou Linnet. — Mistress Havelock, porque não vai buscá-la?

Curiosamente, ainda que Linnet pesasse, no mínimo, uns vinte quilos menos que a governanta, devia haver qualquer coisa nela porque a enfermeira Matilda saiu do quarto.

— Jesiis, eu não queria estar de mal com a sua governanta — observou Juggs. Lançou a Linnet um olhar de adoração.

— É muito amável o que a senhora fez. A minha senhora iria sentir-se muito mal, indo-se embora e deixando-me aqui. Havia de se preocupar imenso.

— É o sorriso, não é? — perguntou Piers a Linnet.

— O meu sorriso não teve efeito de qualquer espécie em Mistress Havelock — disse ela. — Há quanto tempo está casado, Mister Juggs?

— Vai fazer vinte e quatro anos — referiu Juggs. — A primeira vez que isto me sucedeu foi no vigésimo aniversário do nosso casamento.

— Não tinha mencionado isso — fez notar Bitts, escrevinhando. — Então, são, quatro ocasiões.

— Talvez tenha havido mais algumas — admitiu Juggs. — Em primeiro lugar, demorei algum tempo a arranjar coragem para ir ao médico. Foi na verdade a minha senhora que se preocupou.

A porta voltou a abrir e uma enfermeira Matilda furibunda entrou de rompante, seguida de uma mulher redonda, de olhar ansioso, com um chapéu coberto de cerejas que pareciam ter sido feitas de uma lã cheia de nós.

— Qual era o aspecto do seu marido durante estes ataques? — perguntou Piers, sem se incomodar com cumprimentos.

Ela piscou os olhos.

— O mesmo de sempre, acho eu.

— Cara vermelha?

— Não mais do que o costume, quando se embebeda.

— Eu nunca me embebedo — gritou Juggs da cama.

— Estavas bêbado, sim. — Acenou com a cabeça com tanto vigor que um ramo inteiro de cerejas se ergueu ligeiramente no ar e depois voltou a

cair. — Como ficas quando é uma ocasião especial, e não o negues, Mister Juggs.

— Aquela vez, em York, não tinha bebido mais de meio litro — disse, triunfalmente, o paciente.

— Estavas a articular mal as palavras — ripostou a mulher, aproximando-se para lhe fazer uma festa no pé. — Não há nada de mal em beber meio litro ou um litro, mas é preciso mais do que isso para enovelar a língua. Esta última vez, em York, foi a gota que fez transbordar o copo — explicou ela a Piers, mas, de algum modo, a dirigir-se ao mesmo tempo a Linnet. — Ele tinha-me prometido ir ao médico se isso voltasse a acontecer.

— Raios partam — disse Juggs, com frustração. — Não bebi nem metade do que podia ter bebido!

— De que gênero de ocasião se tratou? — perguntou Linnet.

— A senhora levava esse seu chapéu absolutamente cativante, Mistress Juggs?

Mrs. Juggs ficou radiante.

— Levava, sim, levava. Bem, foi a parada militar, não é? E lá estava Mister Juggs no seu uniforme, apesar de lhe ficar um pouco apertado hoje em dia. Mas ele gosta sempre de o vestir em ocasiões especiais. Eu fiz este chapéu de propósito para esse dia, embora já fosse verão e estivesse calor demais para o usar.

— Calculo que aqui o Juggs estivesse a suar por causa do colarinho — deduziu Piers.

— Oh, não, ele nunca sua, Mister Juggs não sua — disse a mulher cheia de orgulhe.

— Quase nunca tenho de lhe lavar o uniforme por causa do suor, o que é uma bênção. Os colegas dele da parada estavam todos a limpar o suor.

— E depois fiquei cego e não vi nada até à manhã seguinte — disse Juggs, pesaroso.

— O nosso padre sugeriu que era a paga pelos pecados dele — acrescentou Mistress Juggs.

— Foi quando eu disse que ia ao médico. Porque não peço mais do que o estritamente normal.

— Bem, Bitts? Kibbles? Penders? Acho que é absolutamente óbvio o que sucedeu a Juggs, não acham? — Piers acenou com a mão para os seus rostos inexpressivos. — Conferenciem entre vocês, seus idiotas tagarelas.

Voltou-se para a enfermeira Matilda. Linnet estava a examinar os frutos

da agulha de crochê de Mrs. Juggs.

— Perdeu a batalha — disse-lhe. — Mistress Juggs solucionou o problema da cegueira do marido. Sou um idiota por não ter insistido em falar com os familiares em casos como este.

Mrs. Juggs ficou de boca aberta.

— Solucionei? E a bebida, não é?

— Não — respondeu-lhe ele.

A enfermeira Matilda silvava como uma chaleira a ferver.

— Qual dos sintomas foi o mais importante? — perguntou Linnet, curiosa.

— São todos importantes. — Chamou a atenção dos Patinhos.

— O Juggs engordou recentemente, o uniforme está desconfortavelmente apertado, tem ocorrências destas apenas em ocasiões de festa durante as quais ele sente calor e bebe cerveja, provavelmente para se refrescar, embora acabe por vomitar. Acrescentem a isso o fato de o uniforme da brigada ligeira ser de lã grossa, com galões triplos no ombro, já para não falar no pormenor verdadeiramente crucial de Juggs não conseguir transpirar.

— Insolação! — exclamou Kibbles, enquanto Penders e Bitts ainda estavam a pensar nisso.

— Correto. A boa notícia, Juggs, é que pode saltar desta cama e voltar ao Tornozelo da Sereia. A má notícia é que a incapacidade de suar, o uniforme de lã e um dia quente são uma combinação perigosa. Uma dessas vezes pode morrer e tem muita sorte de não estar já debaixo de terra.

— Mas, que aconteceu? — perguntou Mrs. Juggs, confusa. — Não estava assim tanto calor.

— Ele precisa de beber mais água — explicou Kibbles.

— E nada de cerveja se estiver a sentir muito calor — ordenou Piers. — Nem sequer meio litro.

— Era isso, era só isso? Só por não beber água suficiente?

— Mrs. Juggs continuava confusa, mas Juggs balouçou os pés para fora da cama.

— Eu sabia que não estava doente, nada mesmo. — Levantou-se. — Eu não me aproximo de água quando vamos na parada porque não há sítio onde urinar sem sair das fileiras.

— O que contribui para o problema — disse Bitts, escrevinhando como louco.

Piers mandou sair Juggs e a mulher, com os Patinhos.

— Mistress Havelock, a senhora pode decidir se quer seguir os planos de Miss Thrynne para o meu hospital ou se quer procurar outro emprego.

Ela olhou para ele, a boca fechada e tão apertada que parecia o trabalho de sutura de Sebastian.

— Grave isso — disse ele. — Está despedida. — Agarrou no braço de Linnet e conduziu-a para fora do quarto, mas ela parou no corredor, retendo-o até a enfermeira aparecer no corredor.

— Sua senhoria estava a brincar — disse ela à enfermeira Matilda, lançando-lhe o sorriso que, supostamente, não resultava com governantas indignadas.

Piers abriu a boca, mas ela deu-lhe um beliscão tão grande que ele voltou a fechá-la.

— Amanhã podemos discutir como se hão de gerir as visitas da família — sugeriu Linnet. — Temos, claro, de descobrir uma maneira de incomodar o menos possível o seu trabalho. Sei que gere muito bem a ala, Mistress Havelock.

O sorriso, evidentemente, não resultou com Matilda. Mesmo assim, ficou parada um instante, obviamente a calcular se devia ceder ou não.

— Eu conheço os modos engraçados do doutor — disse ela, por fim, com ar severo.

— Bom dia, Mistress Havelock — despediu-se Linnet, puxando Piers pelo corredor.

— A Linnet é uma bruxinha metediza — disse Piers. — Espere um momento. Dói-me a perna. — Abriu uma porta.

— Uma cama vazia mesmo à espera de um paciente. — Entrou.

— Lugar perfeito para nos sentarmos e descansarmos as nossas pernas cansadas. Linnet encostou-se ao caixilhe da porta, a rir.

— É suficientemente grande para dois — disse Piers, assegurando-se de que o seu tom de voz não era excessivamente esperançoso. — Ou está demasiado dorida?

Ela franziu a sobancelha.

— Não tem nada com isso.

— Claro que tenho. Olhe, entre e feche a porta. Não queremos dar à pobre enfermeira Matilda mais choques do que ela já enfrentou num só dia.

Linnet entrou e fechou a porta. Mas não fez qualquer movimento para subir para a cama com ele.

— Venha aqui, então — disse ele, dando pancadinhas na cama.

— É altura de uma consulta particular com o seu médico preferido. Venha contar-me tudo sobre essa horrível sensação dolorosa causada por aquele diabo sedutor que se aproveitou de você.

Ela riu-se.

— E tenho de me sentar na cama para lhe falar disso?

— Como vou determinar o ferimento antes de fazer um exame? — perguntou ele com razão. — Um exame rigoroso.

— Não dói assim tanto. Além do mais, não podemos fazer isso outra vez.

— Porque não? — Estendeu a bengala em direção a ela.

— Segura nisso?

Ela avançou um passo e segurou a bengala pela extremidade, depois ele deu um puxão para trás, recolhendo-a como a um peixe numa linha de pesca. Linnet caiu em cima dele numa trouxa macia e alvoroçada de feminilidade docemente perfumada.

Os braços de Piers ficaram tensos.

— Raios, a Linnet cheira bem.

— O Piers cheira a sabão — disse ela, cheirando. — Sabão desagradável.

— Sabão de rícino. Estamos a tentar reduzir a infecção hospitalar.

— Que diabo é isso?

— As infecções circulam pelos hospitais e matam pacientes que nem sequer estavam na fila para um caixão — explicou ele, afagando o cabelo com o nariz até que encontrou uma orelhinha de forma delicada. — Este castelo é perfeito porque tem tantos quartos que podemos alojar os pacientes sozinhos, na sua maioria, até a febre baixar.

— Gostava de contratar algumas mulheres da aldeia para virem aqui ler aos pacientes que estão acordados e não são contagiosos — disse Linnet.

— Mulheres, da aldeia e leitura. Vejo aí um problema.

— Uma mulher da aldeia que saiba ler — disse ela, não revelando muita paciência. Tenho a certeza de que as há. E uma mulher ou duas para entreter as crianças e talvez tentar ensiná-las a ler.

— Entreter? Isto é um hospital ou a coisa mais próxima disso. Não somos palco de um espetáculo itinerante.

— Os pacientes melhoram mais depressa se tiverem algo em que pensar. Olhe, veja o Gavan.

Ela calou-se, mas Piers apercebeu-se de um tom na sua voz que o fez dar-lhe uma dentadinha na orelha.

— Que está a tramar?

— Nada. O Gavan percorreu os estábulos de um lado ao outro cinco vezes, depois de almoço. A perna está muito mais forte.

Piers pensava na opinião dela enquanto lhe passava a mão sobre o peito verdadeiramente magnífico.

— Está dorida?

— Sim — disse ela, um pouco tímida, começando a ficar com as faces rosadas.

— Quer que eu dê uma olhadela a ver se está tudo em ordem? Seria um prazer para mim. — E falava a sério. Para o caso de ela dizer que sim, beijou-lhe o pescoço, descendo para a curva do seio. Mais perto do sítio do problema, por assim dizer.

— Não — disse ela, a voz muito determinada.

Mas as suas mãos estavam no peito dele também, deslizando pela camisa. Ele estendeu a mão para baixo e arrancou a camisa dos calções para lhe dar melhor acesso.

Ela puxou a camisa para cima com uma expressão encantadoramente ávida. Logo os seus dedos lhe correram pelo peito, deixando pequenos trilhes de fogo no seu rasto. Piers rolou para o lado para a deixar explorar o que quisesse.

Linnet inclinou a cabeça delicadamente, educadamente, como se fosse uma garça de pescoço comprido a considerar alguma coisa que estava dentro de água.

— Por favor — disse ele, observando-a, e ficou quase envergonhado com o tom rouco e carente da sua voz. Mas não completamente.

Em especial, depois de uma pequena língua rosada se enrolar sobre o seu mamilo. Um ronco áspero escapou dos lábios.

— Porque tem os olhos fechados? — obrigou-se a perguntar, forçando-se a pensar sensatamente.

— O Piers sabe maravilhosamente — disse ela, sonhadora.

— E cheira tão bem, ainda um pouco a sal, mas a sabonete... não, não aquele sabão horrível, sabonete agradável. — Dentinhos brancos fecharam-se, mordiscaram-no e o corpo dele arqueou-se instintivamente para o dela, pedindo aquilo que não podia ter.

Ela beijava-o mais abaixo agora, na barriga, nas partes macias da sua pele a quem nunca ninguém, alguma vez, prestara atenção. Piers fechou os olhos apenas para voltar a abri-los quando ela disse:

— Não era melhor despir os calções? Ele levantou a cabeça.

— Despir? Não podemos fazer nada, Linnet. A sua pobre ratinha não aguenta mais uma intrusão de...

— Isto? — disse ela, afagando-o. — Só gostava de o ver. Como deve ser, quer dizer. Se tiver tempo.

— Tempo? — repetiu ele, mal acreditando nos seus ouvidos.

— Acho, sim, tenho tempo. Embora talvez seja melhor pôr o ferrolhe na porta. Assim, ela levantou-se e pôs o ferrolhe na porta, o que o fez reparar que as faces dela tinham adquirido uma cor encantadoramente rosada e os olhos um ar sensual e um pouco selvagem. A luxúria dela era como uma acendalha para a dele e mal conseguia empurrar os calções para baixo... mas conseguiu.

E ficar deitado na cama para ver o que ela faria. O que ela fez...

Ajoelhou e depois encostou-se de lado, as suas lindas curvas mesmo à frente dele, a linha direita das suas costas a descer para a curva das ancas, o rabo.

— Globos — disse ele, a mão descendo-lhe pelas ancas e depois atrás. — Outra palavra para nádegas. Mais poética, talvez.

— Os dedos dele tremiam.

Linnet estivera apenas a olhar, mas depois estendeu a mão e enrolou os

dedos em volta dele.

O som que saiu dos lábios era indigno, no mínimo. Era um som carnal e ele achou que as faces de Linnet ficaram um pouco mais rosadas. Lutando para não ficar apenas de costas a deixá-la fazer o que queria, enfiou a mão com mais firmeza na curva do rabo dela, em torno da curva mais deliciosa de todas, entre as pernas.

Ela encolheu-se.

— Muito dorida — disse ele, retirando a mão. — Peço desculpa. Os olhos de Linnet cintilaram de divertimento.

— Mas não está arrependido?

Arrependido da experiência sexual mais extática da sua vida, para ser franco?

— Nunca.

Ela pareceu gostar da resposta, uma vez que se deslocou um pouco para baixo, na cama, a cabeça baixou e a língua tocou-lhe.

A cabeça dele caiu para trás com o movimento, o toque líquido, quente, dela. No entanto...

— Linnet — conseguiu ele dizer.

— Sim? — Olhou para ele, pensativa. Ele afastou a mente das possibilidades em que ela pudesse estar a pensar.

Aclarou a voz.

— Sinto que devo dizer...

Ela inclinou-se para a frente, voltou a lambê-lo e depois os seus lábios deslizaram em volta dele como seda molhada.

Um grito rouco saiu da garganta de Piers.

— O que é? — perguntou ela, levantando os olhos para ele. Tinha os olhos brilhantes de travessura e escuros de desejo... Era a própria imagem do sarilhe.

— A maior parte das senhoras, quer dizer, das mulheres que não são pagas pelo seu tempo, não dá prazer aos homens dessa maneira — disse ele, rouco.

Um pequeno sulco enrugou a testa.

— Não? Porque não? O Piers fez-me isso a mim e disse que era absolutamente decente. — Ela estendeu a mão e correu os dedos rapidamente para cima, como se uma pena nele roçasse.

— Eu gosto desta parte de você. Uma forma tão interessante, como se

fosse feita para um beijo. Vê?

E, antes de Piers poder fazer fosse o que fosse, não que ele a tivesse impedido, ela inclinou-se outra vez. A sua boca estava a apertá-lo, como delírio, como febre no seu sangue, como...

— Não parece desgostar — concluiu ela, parando outra vez.

— Marota — disse ele, levantando a cabeça. — Não...

— Não continuo? — disse ela, cheia de tristeza fingida.

— Estava precisamente a começar a imaginar de que gostaria. Por exemplo...

Fê-lo outra vez, mais fundo, no preciso momento em que a mão envolveu, apertando-a, a parte de baixo dele. As ancas de Piers moveram-se subitamente para a frente e ele percebeu que tinha exatamente cinco segundos para ter a certeza de que Linnet, a deliciosa Linnet, sabia exatamente o que estava fazendo.

— Se continua fazendo isso — disse ele, a voz estrangulada —, vou vir-me. E isso significa que o meu esperma sai e vai direito para dentro da sua boca.

— É prejudicial? — Parecia curiosa, mas sem medo.

Algo no corpo dele descontraiu, sentindo certa reserva profunda e severa.

— Não — sussurrou ele. Ela estava a brincar com a mão direita, também, tocando-lhe nas bolas, esfregando-o. O cabelo cintilava ao sol, que entrava obliquamente pela janela, enquanto ela voltava a inclinar-se para ele — o cabelo sedoso de uma princesa. Mas nunca uma princesa deu ao seu senhor um prazer assim.

Ele podia retirar-se. Disse a você próprio que se retirasse. Nunca tinha permitido a uma mulher que lhe prestasse um serviço tão íntimo, nunca.

Mas não conseguia reter os sons que lhe irrompiam da garganta. As suas bolas ficaram tensas, arqueou-se para ela uma última vez. A língua dela deu uma voltinha engraçada, uma carícia que o queimou até às bolas e pelas pernas abaixo...

Piers perdeu-se como nunca se perdera antes. A mente fechou como uma caixa com tampa, deixando-o como nada mais do que um homem nas mãos e na boca de uma mulher que estava a divertir-se. Não, há melhor afrodisíaco, pensou vagamente.

E deixou completamente de pensar, porque as mãos dela... a boca dela...

Esqueceu-se de se retirar. Esqueceu-se do seu nome. Esqueceu-se de que

era médico. Esqueceu-se...

Esqueceu-se de tudo, exceto de Linnet e da curva do seu pescoço, e do calor húmido da sua boca, e daquele pequeno humm que lhe dizia que estava feliz.

De fato, a sua mente continuava completamente vazia quando ela trepou até ele e lhe disse numa voz rouca, lasciva:

— Agora está em dívida para comigo.

Nessa noite, depois do jantar, retiraram-se todos para a sala de estar para um brande pós-prandial (para os cavalheiros) e chá (para as senhoras).

Linnet estava com muita dificuldade em se manter dentro dos limites do comportamento próprio de uma senhora. Queria tocar em Piers, falar só com ele, sorrir-lhe num convite inequívoco.

Estava possuída de uma fome voraz, como se a luxúria fosse a única emoção do seu corpo.

De vez em quando, um pensamento no futuro — até, tinha de se dizer, uma palpação de ansiedade — atravessava-lhe a mente. Afinal, tinha deitado fora a sua virtude, o seu bem mais precioso. O pai ficaria horrorizado e ainda mais se soubesse que Piers prometera casar com ela, mas só se ela estivesse à espera de bebê.

Mas um único olhar para o corpo esbelto de Piers e o seu coração começava a bater-lhe bem alto, junto à garganta, e calor trepava-lhe pelas pernas. Não podia esconder a verdade de você própria: se tivesse oportunidade, lançaria a sua virtude ao vento outra vez. E outra.

Era como loucura. Era como estar bêbada, como se estivesse a beber brande com o chá.

Depois de alguns minutos na sala de estar, Linnet deu com você a interrogar-se se, talvez, Lady Bernaise teria deitado brande no chá dela. Sua senhoria insistia em dançar, levando o marquês como seu par e atribuindo Linnet a Mr. Bitts. Mesmo depois de a valsa acabar, estava extraordinariamente alegre, os olhos a brilhar, o leque em constante movimento.

Linnet olhou para baixo, para o seu vestido branco, e suspirou. Lady Bernaise envergava um vestido requintado, de tecido lilás, apanhado mesmo abaixo do corpete com fitas da cor de amoras. Apesar de ser incorreto falar de corpete, uma vez que o decote estava tão em evidência que os seios pareciam estar decorados mais do que escondidos.

Piers estava encostado na parede, observando, com uma expressão sardônica, que a mãe estava a tornar-se cada vez mais escandalosa, namoriscando com os jovens médicos, dando-lhes pancadinhas com o leque, rindo o seu gutural risinho francês.

Linnet atraiu a sua atenção, e pôs a mão no sofá, ao seu lado.

— Chamou-me? — perguntou ele, um momento depois.

Todo o seu corpo estremeceu quando ele se sentou, o ombro largo a roçar no dela.

— A sua mãe bebeu champanhe demais? — disse ela, em voz baixa, tentando não parecer excessivamente deliciada por ele ter respondido ao seu chamamento.

— Duvido. Acho que ela descobriu um passatempo novo que podia resumir-se a Atormentar o Duque.

— Atormentar no sentido de fazer-lhe ciúmes? — perguntou Linnet, os olhos a desviarem-se para o duque. — Suponho que está a resultar. — O pai de Piers estava sentado muito direito, os olhos fixos na ex-mulher.

— Pode ser um pouco mais complicado do que isso — disse Piers. — Como sabe, o meu pai divorciou-se dela com o fundamento de que ela era uma...

— Oh, estou a ver — sussurrou Linnet. — Fale baixo, Piers. O seu pai pode ouvi-lo.

— E?

— Se o compreendo, ela está a exhibir a sua independência: como adúltera, pode ter prazer com quem quiser, incluindo homens jovens. Apesar de, claro, não ser nenhuma adúltera.

— Parece-me que o ilustre Bitts se tornou o desafiador principal — comentou Piers.

— Quem havia de pensar que o homem tinha tal jeito de cortesão dentro de você? Embora eu ache que ele o faz honestamente, sendo filho de visconde ou algo no gênero.

— Mas ela... — sussurrou Linnet.

— Nunca — disse Piers, calmamente. — O meu pai também o sabe. A minha mãe adora namoriscar, afinal é francesa, mas foi uma mulher dedicada, tanto ao meu pai como ao segundo marido.

— Como era ele? — Linnet observava, fascinada, como a ex-duquesa deliciava Mr. Bitts sentando-se ao piano. Os outros dois médicos aproximaram-se e juntaram-se a ela também.

— Provavelmente, conseguem ver até ao umbigo — notou Piers. — E, para responder à sua pergunta, o segundo marido da mãe era um excelente esposo. O antídoto do meu pai, certamente: robusto, não demasiado brilhante, perfeitamente civilizado. Infelizmente, também desmiolado, depois de a revolução se incendiar e ele se recusar a abandonar a sua propriedade, insistindo que os seus camponeses não estavam tão irados como os de toda a gente.

A duquesa estava então a cantar, os olhos brilhantes e os dedos a voarem sobre o teclado.

— Que canção maravilhosa — disse Linnet. — E está a cantar em inglês!

— De outra maneira não teria interesse — disse Piers, ironicamente. — O francês do meu pai não é suficientemente bom para perceber as palavras na língua dela.

Linnet ouviu com mais atenção. Uma mulher lasciva era ela, cantarolava a duquesa, alegremente.

— Maravilhoso! — exclamou Linnet, dando uma risadinha. Aquela era uma canção digna da tia ou da mãe, apesar de ela não poder dizê-lo a Piers.

— O meu pai não está lá muito divertido — notou Piers, acenando com a cabeça.

— Sinto-me como se estivesse a ver uma peça de teatro.

— De fato, o duque estava a franzir a sobranceira tão ferozmente que a semelhança com o filho era inequívoca.

— Ontem à noite, tive a mesma sensação. Se estivéssemos num camarote, no teatro — admitiu Piers —, estaria bastante escuro.

— E?

O lábio inferior do duque estava a projetar-se para fora e os dedos tamborilavam no joelho.

— Punha o braço à sua volta — continuou Piers —, arriscando a censura pública. — Ele fez exatamente isso, puxando-a para trás, para as profundezas do sofá.

Linnet ergueu os olhos para ele.

— Suponho que, se eu estivesse muito, muito cansada, depois de alguma atividade inesperada durante o dia, poderia descansar a cabeça sobre o seu ombro. — E foi o que fez.

Os dedos de Piers desenharam pequenos círculos no seu braço nu, tornando difícil pensar no drama que estava a desenrolar-se à sua frente. Lady Bernaise terminou a canção e levantou-se do piano com um rebuliço de saias. Os Patinhos aglomeraram-se à sua volta.

Estavam todos a rir: na verdade, estavam a sacudir-se de tanto riso.

— Deus me valha — censurou Piers —, aqueles atores não deviam esquecer-se de que têm uma audiência, isto é, nós.

Mas, precisamente nessa altura, a mãe fez-lhe a vontade, quando a sua vozinha atravessou o riso, perfeitamente clara.

Tinha o leque aberto e os seus olhos cintilavam perigosamente por cima dele.

— Eu sempre pensei, Mister Bitts, que é bom encontrar um homem duro.

Linnet abafou uma gargalhada, mas Piers estava a olhar para o pai.

— Tirou o velho leão da jaula com aquele gracejo — disse-lhe ao ouvido.

De fato, o duque levantara-se. Os médicos espalharam-se como folheto à frente dele; ele deslizou a mão sob o braço da senhora e puxou-a para fora da sala antes que Linnet pudesse fazer mais do que pestanejar.

— Que vergonha — comentou Piers, sem se mexer. Linnet tentou soerguer-se.

— Devíamos...

Piers atraiu a atenção de Kibbles e sacudiu a cabeça. Num segundo, os Patinhos tinham desaparecido.

— O divertimento terminou — disse Piers, pesaroso. — Só a Linnet e eu no teatro obscurecido.

— Onde está o seu primo? — perguntou Linnet, apercebendo-se de repente que o marquês não estava em parte nenhuma.

— O Prufrock levou-o para fora da sala há uns minutos. Deve ter aparecido um paciente com um membro partido, uma vez que essa é a especialidade do Sebastian.

Linnet descansou contra o ombro de Piers, deixando-o puxá-la mais para você, e depois inclinou a cabeça para cima, para examinar o teto. Não havia lá muito para ver, mas isso deu a oportunidade a Piers para espalhar beijos no seu pescoço.

— Mmmm — murmurou Linnet, bem do fundo da garganta.

— Adoro quando faz isso — confessou Piers, levantando a cabeça para lhe depositar um beijo ao canto da boca.

— Quando faço o quê?

— Esse sonzinho na garganta que significa que está disponível e nada relutante.

— Está a sugerir que sou fácil? — perguntou Linnet, ofendida.

— Está a sugerir que eu não a respeitaria se fosse? Afinal, não foi a Linnet que acabou de exaltar as virtudes de homens duros — observou ele.

— Foi a minha mãe, a mulher que eu tenho as maiores razões para honrar.

— Eu não sou fácil — disse Linnet, obstinadamente.

— Eu, melhor do que nenhum outro homem, sei disso.

— Afagou a orelha com o nariz. — Mas acha que podia, talvez, fazer

uma imitação de uma leviana fácil logo mais à noite?

Linnet deu com você a tremer. Piers estava a apertá-la contra você e a lamber — ele estava a lamber! — o rebordo da orelha.

— Isso é uma coisa estranha de se fazer — disse ela, evitando a pergunta dele.

Como resposta, mordiscou o lóbulo da orelha e uma pequena onda de excitação foi direita às coxas de Linnet.

— Muito estranha! — conseguiu dizer.

— Este seu cabelo todo está a estorvar.

— Quanto a esta noite — começou Linnet, mas a porta abriu-se. Era Prufrock.

— Peço desculpa por interromper, mas sua senhoria o marquês solicita a sua ajuda.

— Uma operação complicada? — perguntou Piers, ainda a afagar a orelha de Linnet com o nariz.

Linnet tentou sentar-se direita, mas ele não a deixou.

— Foi o que percebi — confirmou Prufrock. E depois, obedecendo a algum sinal oculto, ou a um código tácito, recuou e atravessou a porta, que fechou atrás de você.

— Maldição! — suspirou Piers.

— Que complicação é que pode ter, cortar uma perna? — perguntou Linnet. — Pensava que era bastante simples, como serrar um tronco, só que fazendo mais porcária.

— Onde está a sua suscetibilidade de donzela? — perguntou Piers. — Até parece que não se importava de segurar numa das extremidades da serra.

— Pois não — admitiu Linnet, pensando nisso. — Acho que devia ser interessante. Tem mesmo de me deixar sentar mais para cima. Tenho a certeza de que o Prufrock ficou horrorizado.

— O Prufrock? Nada horroriza esse homem. Além disso, a Linnet é a minha noiva. Podemos estar aconchegados um ao outro.

— Não, sem uma dama de companhia algures nas redondezas— disse Linnet, firmemente.

— Pff. Calculo que nunca foi a parte nenhuma sem dama de companhia durante toda a temporada?

— Nunca.

— E veja aonde isso a levou... grávida de um príncipe e noiva de um louco.

Uma vez que Linnet pensara muitas vezes a mesma coisa, dificilmente podia protestar. Por isso, virou a cabeça, apenas um centímetro, e apanhou os lábios dele quando lhe deslizavam pela face.

Os lábios eram indomáveis, exigentes, nada cavalheirescos. Abriu a boca para ele, permitindo-lhe, não, mais do que isso, acolhendo-o na sua pródiga avidez. No beijo dele havia um pedido que ela tencionava recusar. Não podiam fazer aquilo outra vez.

Ela afastou-se, o peito arquejando. E viu o monstro a rir-se dela, as mãos, ambas as mãos, a apertarem-lhe os seios. O seu corpete podia não reivindicar a lascívia que o de Lady Bernaise tinha, mas por outro lado, estava seguro apenas por uma fita franzida. E Piers, o hábil, esperto Piers, puxou o nozinho que estava no seu ombro direito, fazendo os seus seios nus caírem-lhe direitinhos nas mãos.

— É linda! — sussurrou ele. Os polegares esfregavam os mamilos. Ela chegou mesmo a gemer alto, tão delicioso aquilo era.

Tinha a posse total dos seus seios, apertando-os quase brutalmente, inclinando a cabeça...

As costas de Linnet arquearam-se instintivamente e uma espécie de gritinho voou dos lábios. Acordou-a.

— O Prufrock, ele está lá fora — balbuciou ela, empurrando os ombros de Piers.

Ele largou-lhe os seios depois do seu segundo empurrão. O corpo de Linnet vibrou todo, outra vez, perante a expressão dos seus olhos, o desejo selvático, incontrolável, irradiando do seu rosto.

— Não podemos fazer isto — disse ela, respirando fundo. O que fez os seus seios erguerem-se e os olhos de Piers regressarem a eles, como um homem a afogar-se ao ver uma corda.

— Deus, Linnet, é perfeita — murmurou ele.

— Não acha que sou grande demais aí? — perguntou ela, sentindo-se estúpida mal as palavras lhe saíram da boca.

— O meu pai disse que eu... quer dizer, a minha governanta disse, uma vez, que eu parecia uma vaca.

— Se as vacas fossem assim... — comentou Piers, mas não pareceu capaz de pensar na segunda parte da frase. Estendeu a mão de novo, desta vez reverentemente. — Os seus seios são perfeitos, Linnet. O sonho de qualquer homem.

— O seu sonho? — perguntou ela.

— Nunca sonhei com ninguém como a Linnet — confessou ele, olhando-a finalmente nos olhos.

Ela sabia que o sorriso do seu coração se tinha espalhado no seu rosto. Instantaneamente algo mudou no dele. Estendeu a mão e puxou-lhe para cima o corpete, pondo a fita e depois atando-a. Ela não se mexeu, ficou ali sentada, olhando para os olhos baixos dele e refletindo.

— Só porque eu nunca sonhei com você não significa que case com você — disse ele, por fim.

— Eu sei — disse Linnet, esforçando-se por se controlar.

— Nós não fomos feitos um para o outro. Ambos concordamos.

— Olhe; eu trouxe-lhe uma coisa — revelou ele, metendo a mão no bolso e tirando um saquinho de musselina muito bem atado com fio.

— O que é?

— Sais minerais. Tome um grande banho esta noite e ficará pronta para ir nadar amanhã.

Ela pegou no saco.

— Outro banho! Os lacaios vão queixar-se de acarretar toda essa água quente para o meu quarto.

Ele encolheu os ombros.

— Como queira.

Depois, pôs-se em pé, agarrando a bengala com uma mão e estendendo a outra para ajudar a levantar-se.

— Tenho de ir.

Pareceu irritado, de repente, como se estivesse a culpá-la por qualquer coisa. Ela segurou-lhe o braço.

— Que se passa?

— Nada.

— Estávamos a ter uns momentos perfeitamente agradáveis há um bocadinho e agora está todo formal e antipático.

Ele virou-se com um pequeno grunhido.

— Um homem não gosta quando quase perde a cabeça por causa de uma mulher. Linnet franziu a sobrancelha.

— Não vejo qualquer sinal de que está a perder a cabeça.

— Decidi, há muito tempo, que não casaria — disse ele, franzindo

também a sobranceira. — Mal com você tomar conta de mim quanto mais de outra pessoa.

Linnet acenou com a cabeça.

— Parece uma razão idiota para renunciar ao casamento, mas foi o que me disse. Eu não lhe pedi que mudasse de opinião, pois não?

— Não.

— Então porque está a culpar-se? por quaisquer pensamentos aberrantes que possam ter atravessado a sua mente idiota? — respondeu ela. — Eu não estava a pensar em matrimônio quando me beijou.

Escapou da garganta uma grande gargalhada.

— Nem eu!

— Então, por que o ataque de mau humor? — Largou-lhe o braço.

— Porque sou um burro? — sugeriu ele, menos severo. — Mas tenho mesmo de ir ajudar o Sebastian com o paciente, se não ele fica furioso comigo. — Havia um sorriso nos seus olhos, por isso ela tomou-lhe o braço e deixou-o acompanhá-la para fora da sala.

Mesmo antes de abrir a porta, ele parou e depositou-lhe um beijo no nariz.

— Se eu casasse com alguém, Linnet, seria com você.

— Eu sempre soube que estes seios haviam de dar jeito — disse ela, com satisfação. Ele riu-se.

— Se eu fosse um homem diferente, esta seria uma história diferente.

— Imagine — disse ela. — Eu podia andar a namorar com um noivo que não se atira a mim como uma víbora quando tem um ataque de enxaquecas.

— Enxaquecas! Faz-me parecer uma amarga tia solteirona.

— Enxaquecas — repetiu ela, lançando-lhe um sorriso atrevido. E depois, mais sensata: — Vai ter mesmo de controlar a ansiedade, Piers. Garanto-lhe que não concluí de repente que o Piers é o esposo que eu sempre quis, por muito que goste dos seus beijos.

Ele pestanejou, baixou os olhos para a bengala.

— Sou um idiota. Um idiota convencido, neste caso.

— Não é a sua perna — disse Linnet, rapidamente.

Mas ele estava a sorrir, abrindo a porta que dava para o vestíbulo.

— A minha abominável língua, calculo?

— Uma mulher teria de ter isso em conta — observou ela.

— Podia não aceitar bem essa sua abominável língua a causar estragos à mesa do pequeno-almoço. — Hesitou, mas decidiu dizê-lo: — Nós estamos a brincar. E eu... eu mereço brincar, depois de tudo o que me aconteceu recentemente.

Ele estava a assentir com a cabeça.

— E merece. E sou um idiota, tal como disse. — E depois, à frente dos lacaios e de Prufrock, e de quaisquer pessoas que pudessem estar no vestíbulo, baixou a cabeça e beijou-a, um daqueles beijos voluptuosos, implacavelmente violento.

Um pedido.

E ela deu, instintivamente, com a mão a agarrar-lhe na lapela do casaco, o corpo a oscilar para o dele, os lábios a colarem-se aos dele quando ele levantou a cabeça.

Piers inclinou-se para a frente e disse-lhe ao ouvido, tão baixinho que ninguém ouviu:

— A Linnet é um demônio de companheira.

Depois, desapareceu, subindo pesadamente as escadas.

Ela fez um esforço para olhar para Prufrock.

— Gostaria de tomar banho, se faz favor. Ele acenou com a cabeça a um dos lacaios.

— Claro, Miss Thrynne. Creio que a sua criada está no seu quarto, à espera da senhora. — Aclarou a voz. — O rafeiro que agora dá pelo nome, de Rufus foi lavado e tosquiado, mas não posso dizer que o seu aspecto tenha melhorado de maneira significativa.

Ela tinha-se esquecido daquilo tudo.

— Ele pode ir para o meu quarto — retorquiu ela, com um suspiro.

Prufrock não aprovou a ideia.

— O cão fica perfeitamente confortável nos estábulos ou mesmo na sala das botas, se insistir.

Ela abanou a cabeça.

— Eu prometi ao Gavan. Ele está cheio de medo que o Rufus fuja durante a noite.

— Asala das botas impedirá que isso aconteça.

— Eu prometi. Se alguém puder levá-lo lá depois do meu banho, ficaria muito agradecida.

— Claro. — O mordomo assumiu uma atitude muito profissional, como

se não tivesse assistido ao beijo deles.

Mas, quando ela subiu as escadas, sentiu olhos a ferroarem os ombros. Estamos em Gales, disse ela a você própria. Gales. Ninguém se interessa pelo que acontece em Gales. Aí os criados não podem mexerica com os seus homólogos da porta ao lado.

O que acontece em Gales, permanece em Gales.

Robert Yelverton, duque de Windebank, pensava por vezes, com algum desespero, que tinha legado apenas uma característica a Piers, seu filho e herdeiro: a capacidade de se viciar. A devoção feroz, determinada, de Piers pelo trabalho fazia-lhe lembrar nada mais que a sua lúgubre queda no consumo de ópio. Apesar de não ser claro para ele se se podia falar de trabalho — mesmo de um trabalho tão louvável como o de cirurgião — como vício.

Talvez não tivesse agradado muito a Robert aperceber-se de que, de fato, tinha dado a Piers mais do que uma predisposição para a obsessão; o seu semblante carregado quando levou a ex-mulher, Marguerite, para fora da sala era a cópia de um que se via muito no filho.

— Alors! — exclamou Marguerite, tentando em vão torcer o pulso para se libertar da mão dele. — Robert, não tens o direito de me tratar deste modo brutal, você... você... — Aparentemente, não conseguia lembrar-se das palavras adequadas em inglês, porque o que se seguiu foi uma torrente de francês.

Robert enfiou-se na biblioteca, puxando-a atrás de você. No instante em que chegaram lá dentro, largou-lhe a mão. Ela girou à frente dele, uma visão de seios voluptuosos e saias esvoaçantes, e ele sentiu tal pulsação de desejo que quase caiu de joelhos. Não era só a beleza física dela que lhe punha as mãos a tremer: era o seu afeto, a memória da forma como ela lhe sorria sobre uma chávena de chá ou um lençol de seda, a alegria perdida de ter Marguerite como sua mulher.

— Você... você... crétini — gritou ela, tão furiosa que a voz falhou.

— Como te atreves a tratar a minha pessoa desta maneira! Como te atreves sequer a tocar-me?

— Não sei — disse Robert. Estava decidido a ser totalmente honesto com ela. — Mas achei que o teu espetáculo na sala de estar tinha ido longe demais e que era a minha vez de desempenhar um papel.

— Não há qualquer necessidade de você desempenhares um papel na minha vida. Escolhia um homem da rua, sim, do esgoto, antes de te pedir que ficasses comigo outra vez.

— Eu sei.

Ela pestanejou e um pouco do ardor abandonou os olhos.

— Então, porque me trouxeste para aqui? Não temos nada a dizer um ao outro.

— Eu mudei, Marguerite. Não sou o homem com quem casaste.

— Já não eras o homem com que eu casei cinco anos depois da cerimônia — afirmou ela, virando-se para a porta.

— Se houvesse qualquer modo, qualquer modo mesmo de eu poder retirar o mal que te causei, e ao Piers, durante os anos do meu consumo de ópio, falo — disse ele desesperadamente.

— Cortava um braço. Dava a minha vida para desfazer o que fiz.

Ela parou, a mão na porta. Os seus ombros estreitos estavam rígidos. Algumas, apenas muito poucas, madeixas brancas brilhavam por entre os seus caracóis cor de bronze.

— Não sou o homem com quem casaste. Nem o louco que se divorciou de ti. Estou mais velho e muito mais sensato — continuou ele, rezando para que ela ficasse mais um momento.

— Nessa altura, não compreendi quanto devias ser prezada.

Marguerite virou-se lentamente e depois encostou-se à porta.

— Disseste-me tantas vezes que ias parar de tomar aquela droga. Prometeste tantas vezes.

— Eu sei. Não fui capaz de cumprir a minha palavra.

— Mas estou a ver que, finalmente, paraste. O Piers diz que não tomas ópio há anos.

— Sete anos. Quase oito.

— Portanto, não conseguiste parar por mim, mas paraste por... por quê? Que encontres-te que amasses mais do que esse teu sonho de ópio?

— A vida. Estava à beira da morte, acho eu. E descobri, para surpresa minha, que queria viver. — Estava a revelar-lhe as suas verdades mais tristes. Aproximou-se um pouco mais, apenas o suficiente para lhe chegar um vestígio do perfume francês de Marguerite. Ficaram ali um momento a olhar um para o outro, duas pessoas de meia-idade com anos de raiva e de mágoa entre vocês.

— Estás tão bela como sempre — afirmou ele, aclarando a voz.

— Eras você sempre quem falava de beleza e via só o que era superficial numa pessoa.

— Mas a fúria tinha escoado da voz.

— Era? — Não se lembrava. — Amava-te por mais do que a sua beleza. Admirava a sua força, Marguerite, e a sua inteligência. O modo como assumiste o papel de duquesa e o fizeste com tanta graciosidade, e o modo como lidaste com a minha mãe. O modo como educaste o nosso filho.

— Isso dizes você agora.

— Digo, sim, agora. E lamento nunca te ter dito nessa altura quão enormemente te admirava. Só há uma mulher no mundo que eu admiro tanto como te admiro a ti, que amo como te amo a ti.

— Quem?

— Você.

— Oh! O meu inglês está um bocado enferrujado. Não compreendi. Ele escolheu as palavras com todo o cuidado.

— Sei que nunca porias a hipótese de voltar a ser minha mulher depois da dor que te causei, a ti, é ao Piers. Mas, se alguma vez eu pudesse perdoar-me por aquilo que vos fiz...

— Parou, engoliu em seco, continuou. — Suponho que é imperdoável, mas só penso nisso.

Ela fez um pequeno encolher de ombros, um gesto inteiramente gaulês.

— Alors, Robert. Já ultrapassei muito o ponto em que gostava de te matar por arruinares a minha reputação, ou até por amares mais aquela droga do que a mim. Mas o que aconteceu ao meu bebê, nosso filho... Isso não posso perdoar.

Robert avançou um passo na direção dela.

— Não esperava que perdoasses.

— Sim, eu acho que ele precisa de te perdoar — disse ela, os olhos perturbados, sem parecer notar que ele estava mesmo à frente dela. — O Piers é mais severo para contigo do que devia ser.

— Eu sei. Talvez... um dia. — Mas, na realidade, ele não queria falar de Piers, e não conseguiu evitá-lo: as suas mãos levantaram-se como se tivessem vontade própria e envolveram o rosto. E, rapidamente, antes que ela pudesse recusá-lo, inclinou a cabeça e beijou-a. Pôs tudo naquele beijo: o seu arrependimento, o seu amor, o seu desejo. Os longos e frios anos de sobriedade, quando ela estivera casada com outro, e ele não tinha nada em que pensar a não ser na sua estupidez;

Por um instante — um instante abençoado, primoroso —, ela devolveu-lhe o beijo. Sabia a damascos: simultaneamente doce e ácida e dolorosamente familiar.

Mas, depois, levou-lhe a mão ao peito e empurrou-o. Sem uma palavra, virou-se, abriu a porta e saiu, não deixando nada atrás de você além de um esquivo fio de perfume no ar.

No entanto... tinha havido algo nos seus olhos, no modo como os seus lábios se entregaram aos seus...

Ter esperança era pôr-se em risco. Com toda a probabilidade, as suas esperanças transformar-se-iam em pó, em rejeição e dor. Não ousara uma emoção tão louca em anos. Mas, mesmo assim, a esperança ergueu-se numa grande vaga de algum local secreto do seu coração.

Linnet tinha muita esperança de que um médico irascível de bengala lhe entrasse pelo quarto a qualquer altura da noite, mas não. No entanto, estava lá de manhã, a pingar chocolate quente no seu rosto.

— Que está fazendo? — perguntou Linnet. Lambeu o chocolate.

— A dar-lhe o aspecto de uma pessoa com varíola — disse Piers. — Mais um pingo na face esquerda. Sim, agora está um verdadeiro horror. Sabia que a rainha Isabel ficou com muitas cicatrizes por causa da varíola?

— Uf! — sibilou Linnet, pegando num lenço e esfregando vigorosamente a cara. — Que desagradável da sua parte!

— Porquê? — questionou Piers, encostando-se à coluna, aos pés da cama. — Seria assim tão horrível ficar com a pele cheia de cicatrizes depois da varíola?

— Claro que era — declarou Linnet, zangada. — A minha cara já está limpa?

— Florescente. Porque seria tão horrível?

— Porque — respondeu ela, perplexa. — Porque sim, simplesmente.

— Mas há muitas mulheres que não são tão bonitas como a Linnet e têm vidas perfeitamente felizes — fez ele notar.

— Mesmo as que têm cicatrizes.

— Sim, mas...

— A rainha Isabel, segundo dizem, divertia-se com isso — acrescentou ele.

— Ela nunca casou, pois não? — Linnet tirou o chocolate quente a Piers e bebeu um gole.

— Não há nenhuma regra que diga que as mulheres com má pele não podem casar.

— Sim, mas há toda a espécie de regras não escritas sobre aquilo que torna uma mulher desejável. Uma pele bonita é primordial.

— E a Linnet possui todos os critérios, não? — Estreitou os olhos, parecendo estar a examiná-la minuciosamente à procura de defeitos.

Ela não respondeu. Qualquer coisa que dissesse deixaria sujeita a troça.

— Gostava de saber se contrair varíola é pior para uma mulher feia ou para uma bonita. — disse Piers.

— Para uma bonita — disse Linnet, sem hesitação. — Tem mais a perder.

— Esta manhã não posso ir nadar — informou ele, mudando de assunto.
— O Sebastian tem de operar o tal paciente que apareceu ontem à noite e eu tenho de estar lá fazendo-lhe uma preleção.

Linnet sentiu a boca a descair.

— Oh, claro!

— Pensei que talvez pudéssemos ir à tarde.

— Seria agradável — disse ela, com ar reservado. Ele não estava a olhar para ela, mas sim concentrado a espetar com a bengala a pilha de romances em cima da mesa de cabeceira do lado oposto.

— Qual é o prazer de os deitar abaixo? — perguntou ela.

— Não estou a deitá-los abaixo. Estou a ver que percentagem do livro de cima tem de ficar desalinhada da pilha para caírem todos.

Caíram.

— À volta de quarenta por cento. Eu disse a Prufrock que quero a casa do guarda remodelada — confidenciou ele, levantando-se da cama.

Ela olhou-o, a pestanejar. Ele avançou e depois baixou a cabeça para a beijar.

— Mmmm — soou ele —, perfume de Linnet com um traço de chocolate.

Linnet estava sentada, a olhar para a porta fechada, o chocolate a arrefecer na mão. Ele disse a Prufrock que... e porquê?

Mas ela sabia porquê. As suas faces ardentes sabiam porquê. O tremorzinho que lhe atravessava as coxas sabia porquê.

Mais uma vez, prometeu a você própria. Isso não era demasiado obsceno. Ela não seria demasiado obscena.

Mas quando chegassem realmente à casa dos guardas? Obscenizavam.

Não havia outro modo de descrever o seu comportamento. Nem no dia seguinte, nem no dia depois desse.

Seguramente nem no dia em que Piers a apanhou no corredor a ler Camilla a um grupo de pacientes, a puxou para uma pequena alcova e com uma mão rápida entre as pernas dela a reduziu a...

Bem, a obscenidade.

E só a brincar, dizia a você própria todas as noites antes de dormir. Embora a frase começasse a soar um pouco ansiosa.

Estamos só a brincar. A dar tempo ao duque para... para voltar a familiarizar-se com a mulher. Ou vice-versa. A ninguém podia passar

despercebido o fato de o casal anteriormente casado estar a passar cada vez mais tempo a conversar um com o outro de uma maneira razoavelmente civilizada.

Depois, houve uma semana em que Linnet teve a prova absoluta de que não tinha sido gerado nenhum bebê no primeiro encontro deles. Mesmo assim, Piers dizia que ainda não estava preparado para enviar a anulação do seu noivado para o Morning Post.

— Nunca se sabe — disse ele e depois explicou exatamente como os preservativos podiam falhar a sua missão.

— Nesse caso, talvez devêssemos parar agora — sugeriu Linnet, sabendo perfeitamente que nenhum dos dois queria fazer isso.

— Nós estamos só a brincar — afirmou, Piers.

E a obscenizar, como Linnet notou.

— Acho que obscenizar não pode ser usado como verbo, dessa maneira — respondeu Piers. Ele nunca fora ao quarto dela para fazer amor com ela, nunca dormira com ela. Mas, naquela noite, tinha ido lá acima por volta da meia-noite, tirara-a da cama e levava-a para o andar de baixo, para a biblioteca, para lhe mostrar um texto muito importante, especialmente escrito (disse ele) para marcar o fim da sua menstruação.

Afinal, estava escrito em pedacinhos de papel que ele espalhara em cima do sofá em frente da lareira. E, em cada pedacinho, estava uma sugestão.

— Nem como adjetivo — continuou ele, pensativo. Estava sentado no sofá completamente nu, a luz do lume a brilhar no peito, as pernas musculadas esticadas à sua frente. — Eu não podia dizer, por exemplo, que a minha mãe está a agir de um modo obsceno, pavoneando-se por aí como ela faz, vestida com um lenço de assoar a maior parte das vezes.

— Mas também não podia dizer que ela é uma obscena — respondeu Linnet — porque não é. Por isso, a palavra é mais útil em graus, como advérbio ou adjetivo.

— A Linnet não é uma obscena, porque uma mulher dessas anda de homem para homem — explicou ele, cedendo tacitamente à opinião gramatical dela, mas, tipicamente, contrariando-a com um argumento diferente.

— Na realidade, qualquer mulher que vá para a cama de um homem sem o benefício do casamento merece o rótulo — disse Linnet. — Não precisa de visitar mais do que essa cama. Eu tornei-me tudo aquilo que a maior parte de Londres acredita que eu sou.

— Isso incomoda-a?

Ela estava aninhada na extremidade do sofá, oposta à de Piers, sentada em cima da chemise mais do que tendo-a vestida.

— Olhe só para mim.

Ele olhou, e ela gostou do brilho dos seus olhos.

— Não é isso que eu quero dizer — esclareceu ela. — Aqui estou eu, na biblioteca de um cavaleiro, seminua. Começo a pensar que sou realmente filha da minha mãe. Embora tenha esperança de não vir a adquirir uma reputação semelhante à dela.

Lá por dentro, não tinha medo de perder a sua reputação... tinha medo de perder o coração. Mas não havia razão para partilhar esse medo secreto.

Tinham descoberto que ambos gostavam de se sentar à beira da piscina, ou na casa do guarda, ou na biblioteca, e de dissecar coisas. Palavras. Corpos, embora só através das descrições de Piers. Pessoas, pelo menos metaforicamente. Pacientes, em relação ao seu comportamento.

Como Linnet visitava regularmente os quartos dos pacientes não infecciosos, tinha histórias engraçadas sobre Mrs. Havelock, conhecida por vezes como enfermeira Matilda, e as suas discussões com os poucos que, bastante surpreendentemente, ousavam revoltar-se.

Uma noite, Linnet conduzira Piers a um riso incontrolável, ao imitar, as palhaçadas de um tal Mr. Cuddy, que se tinha aproveitado das visitas da mulher para fazer levar-lhe, às escondidas, uma garrafa de gim, após o que ficou rapidamente embriagado, para enorme repulsa da enfermeira Matilda.

— Não sei se é bom para mim ouvir este tipo de coisas — disse Piers.

— Os pacientes — disse ele, fazendo um gesto com a mão.

— Não se deve saber demasiado sobre eles. São apenas doenças, afinal de contas. E só o que eu posso tratar.

Linnet estava sentada no chão, entre as suas pernas esticadas, enrolada num cobertor.

— O Piers é um palerma incurável — atirou-lhe.

Ele inclinou-se para a frente, agarrando-lhe o cabelo entre as mãos.

— Devíamos vender isto.

— Não há mercado.

— Brilha à luz do fogo como guinéus, se os guinéus fossem mais vermelhos.

Ela encostou-se a ele e deixou-o brincar, puxando-lhe para cima todos os

caracóis e voltando a deixá-los esvoaçar para baixo.

Afinal, estavam só a brincar.

Uma bela manhã, umas semanas depois de Linnet ter conhecido Gavan, este foi levado para baixo por Neythen e plantado ao sol à porta de entrada, à espera que alguém fosse buscá-lo.

Linnet encontrou-o aí e sentou-se ao lado dele.

— E o teu pai que vem? Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente é a minha mãe, na carroça. Foi assim que ela me trouxe. O meu pai está nos campos, ou com as ovelhas.

— Então, és filho de um agricultor — concluiu Linnet. — Também queres ser agricultor?

— O meu pai não é agricultor; trata de uma grande propriedade de alguém que nunca lá está. Eu vou ser médico — declarou Gavan, com uma confiança descontraída. — Vou ser melhor que aqueles dois. — Virou a cabeça para o castelo.

— Eles fizeram um bom trabalho contigo — lembrou-lhe ela, escondendo o sorriso.

— Que pensam os teus pais do teu plano?

— Eles ainda não sabem, pois não? Por causa do modo como a velha Havelock disse à minha mãe que tinha de me deixar aqui. Nós vivemos ali, em Tydfil. — Fez um gesto, vagamente, na direção do oeste. — A minha mãe disse-me que vinha visitar-me e depois a Havelock disse que ela não podia vir nunca.

— Então, Tydfil é muito perto? — perguntou Linnet, mas Gavan esforçou-se, subitamente, por se levantar. Linnet pôs-se em pé de um salto e ajudou-o a levantar-se.

— Ali vem a carroça! — gritou ele, extremamente excitado.

— E a minha mãe!

Quando a carroça parou em frente do castelo, uma mulher saltou, correu e precipitou-se para Gavan, abraçando-o.

— Cá estás você! — exclamou ela. — Reluzente como uma moeda e bom como o ouro! Ele tinha os braços bem apertados à volta do pescoço dela.

— Eu nunca chorei — disse ele. Mas agora estava a chorar.

— Nem sequer quando eles me agarraram e... — mas o que quer que estivesse a dizer perdeu-se nos seus soluços.

Linnet deu umas pancadinhas no banco onde ela e Gavan tinham estado sentados e a mãe de Gavan aproximou-se, o filho colado a ela. Não

era muito mais velha que Linnet, vendo bem, o cabelo preto a brilhar debaixo do chapéu.

Sentou-se, afagando o cabelo de Gavan.

— Não há nada de mal em chorar — disse-lhe. — Absolutamente nada.

Depois, ficaram ali sentados, ao sol, a cabeça dele enterrada no ombro da mãe, enquanto ela o embalava de um lado para o outro.

A porta abriu-se atrás deles e Linnet ouviu o som da bengala de Piers. Virou-se para trás para lhe lançar um olhar de advertência. Aquela não era altura para indelicadezas. Mas ele estava cortês, ao contrário do que era habitual nele.

— Mistress Wing — disse ele —, o rapaz está a curar-se na perfeição. Tem de andar, no máximo, uma hora por dia durante a próxima semafia e depois aumentar gradualmente. Tem uma bengala; tem de a usar.

Mrs. Wing acenou com a cabeça.

— Obrigada, meu senhor. Não temos palavras para lhe agradecer. — Apertou Gavan um pouco mais. Havia um brilho de lágrimas nos seus olhos, mas ela era obviamente uma alma enérgica com pouco tempo para fraquezas.

Piers rodou os calcanhares para se ir embora.

— Espere! — chamou-o Mrs. Wing.

Ele parou e virou-se um pouco.

— Minha senhora?

— Quero dizer-lhe uma coisa, meu senhor — disse Mrs. Wing. Desenrolou o filho do pescoço e deixou-o cair, muito naturalmente, nos braços abertos de Linnet. Gavan tinha parado de chorar e estava apenas com soluços.

— Estas semanas sem o Gavan, e sem saber nada dele, foram terríveis para mim e para o pai dele. Terríveis. E não havia necessidade nenhuma disso. Nós vivemos mesmo ali, naquele monte. Podíamos tê-lo visitado com toda a facilidade sem incomodar ninguém. Essa, essa sua governanta, disse...

— Estamos a mudar os nossos procedimentos — informou-a Piers, cortando a palavra. — Fale com Miss Thrynne. E essa com ar frívolo que está ao seu lado. — Depois atravessou a porta pesadamente.

— Bem, eu nunca vi uma coisa destas! — exclamou Mrs. Wing, deixando-se cair, rechonchuda, no banco. — Eu disse a Mister Wing que ia falar com ele e sabia que o doutor não ia gostar. — Tirou o chapéu e começou a abanar a cara com ele.

— Mas a maneira como ele olhou para mim! Como se eu fosse algum roedor que ele encontrasse na caixa dos cereais!

— Ele não é assim tão mau — protestou Linnet.

Gavan saltou-lhe do colo de repente.

— Mãe, não lhe mostrei o meu cão, o meu cão Rufus! Mrs. Wing pestanejou.

— Um cão?

— Aqui a menina arranjou-me um cão nos estábulos — disse Gavan, tirando Rufus de debaixo do banco onde estava deitado à sombra. — Não é o mais melhor cão que alguma vez viu, mãe?

Rufus sentou-se, língua de fora, a única orelha arrebitada.

— Bem, parece um bom caçador de ratos — retorquiu a mãe, olhando para Rufus. Depois, virou-se para Linnet. — A senhora arranjou aquele cão para o meu filho?

— Sim, ela levou-me aos estábulos antes sequer de eu poder andar e encontrámo-lo lá — explicou Gavan, sentando-se na relva e depois deitando-se para que Rufus pudesse lamber a cara. — Guardou-o no quarto dela de noite para ele não fugir. E também me levou ao mar.

O lábio de Mrs. Wing tremeu e ela estendeu o braço e fez uma festa bastante às cegas no joelho de Linnet.

— Não tenho palavras para lhe dizer o que isso significa para mim — disse, a voz a vacilar. — Tenho passado noite após noite acordada, a pensar no Gavan, sozinho neste castelo, e que talvez alguma coisa pudesse correr mal e que nós nunca mais o víamos. — Parou e puxou de um lenço.

— Não estive aqui durante toda a convalescença do Gavan — disse Linnet —, mas acho que ele esteve bastante feliz. Tem uma alma alegre.

— Tem, não tem? — Mrs. Wing limpou os olhos. — Tudo o que posso dizer-lhe é que fiz quatro mantas enquanto ele esteve fora. Quatro. Juntei os remendos, così e fiz os acabamentos.

Linnet não tinha ideia do que significava fazer uma manta, mas podia imaginar que envolvia imenso trabalho.

— Claro, tive ajuda — contou Mrs. Wing. — Todas nós, as mulheres lá de Tydfil — fez um movimento com a cabeça — fazemos mantas juntas: E, quando acontece alguma coisa, como aconteceu com o Gavan, juntamo-nos com mais frequência. É uma distração.

Linnet teve uma ideia repentina.

— Fazer mantas não precisa de nada como um tear, pois não?

Mrs. Wing abanou a cabeça.

— Trata-se só de juntar quadrados, nessa fase. Sentamo-nos num círculo e cosemos juntas. E fartamo-nos de conversar. Mais tarde, ponho-a num bastidor e faço os acabamentos.

— Gostava de saber se poderá vir alguma vez aqui ao castelo — disse Linnet. — Porque, sabe, há um quarto cheio de mulheres, na ala oeste, que estão terrivelmente aborrecidas. Há uma mulher que está à espera de dois bebês, por exemplo, e por isso não pode levantar-se durante uns meses! E Mistress Trusty, aconteceu-lhe qualquer coisa horrível no pé, embora esteja a começar agora a coxear por lá.

— E a governanta permitirá uma coisa dessas?

— Podemos tratar disso — respondeu Linnet, com firmeza.

— Um círculo de mantas, aqui no castelo. Poderia vir, Mistress Wing, uma vez por semana? Poderia dispensar esse tempo?

— Claro. O médico pode ser irritadiço, no seu modo de ser, mas salvou a vida ao meu Gavan. — Acenou com a cabeça.

— Também ajuda, sabe, as pessoas que estão a sofrer. Distrai-as. No trabalho de parto, não. Nunca vi uma mulher em trabalho de parto que conseguisse fazer uma costura direita.

— Mistress Wing, estou a ver que vai ser maravilhosa fazendo isto — alegrou-se Linnet, com um sorriso feliz.

— Gosto de ver as coisas feitas — disse Mrs. Wing. — Vejo o que é preciso fazer e faço-o. Felizmente, o meu marido nunca se incomoda com nada. Se ambos fôssemos aos arames de cada vez que víssemos alguma coisa mal, não conseguíamos fazer nada! — desatou a rir.

— Vou falar com Mistress Havelock, a governanta da ala oeste — disse Linnet. — Talvez possa vir visitar-nos daqui a uma ou duas semanas, quando o Gavan se aguentar melhor de pé?

Mrs. Wing assentiu com a cabeça.

— Venho, com certeza. — Olhou para Gavan. — Penso que ele não devia andar a rebolar por aí, não vá magoar a perna?

— Ele não parece ter dores — disse Linnet. — E um menino amoroso.

— E a *senhora* é uma senhora amorosa — elogiou Mrs. Wing, virando-se para ela e pegando-lhe na mão. — Não faz ideia de como isto me consolou. A senhora estar aqui, e dar-lhe o *Rufus*, e arranjar as coisas de modo a que eu possa retribuir ao médico com trabalho nas mantas.

— Linnet — disse ela, impulsivamente, apertando por sua vez a mão de

Mrs. Wing.

— Chamo-me Linnet.

Mrs. Wing deu uma risadinha.

— Diana — respondeu ela. — E um nome estranho, tem algo a ver com uma deusa que provavelmente não era nem melhor nem pior do que devia ser. Espero que a senhora vá também aprender fazendo mantas, não vai?

Linnet sorriu vagamente.

— Lamento estar só de visita, e é provável que não esteja aqui daqui a duas semanas, por isso não vou conseguir fazer o trabalho das mantas.

— Bem, é uma pena — lamentou Diana. — Uma grande pena. Bem, se combinar com Mistress Havelock e avisar o médico, acho que com você.

— Não o deixe assustá-la — avisou Linnet. — Cão que ladra não morde.

— Ninguém vai impedir-me de ajudar essas mulheres — afirmou Diana. Voltou a rir.

— Gavan, rapaz sem emenda, levanta-te.

— Preciso da bengala — disse Gavan. Conseguiu levantar-se com a ajuda dela. — Vê, menina? Vê? Agora sou tal e qual o médico, não sou?

Ficou ali, apoiado à bengala, ao sol, a sorrir com o cabelo nos olhos. Linnet não pôde evitar rir.

— Já pareces um médico, Gavan.

— É porque vou ser médico — disse, com satisfação. — O melhor que alguma vez existiu.

— Mais dois doentes admitidos na ala leste com essa febre — disse Sebastian.

— Que febre? — perguntou Piers.

— Aquela que você achas que é petequial e eu não. Não consegui encontrar-te esta manhã quando quis que desses uma olhadela.

Piers puxara Linnet para um quarto vazio depois do pequeno-almoço e, quando ela adormeceu, ficou deitado na cama com ela durante uma hora, sem energia e satisfeito, afagando lentamente os ombros. Ouvira alguém chamar por você, mas ignorara-o.

Estava a pensar no pai, Linnet, o pai, Prufrock, a mãe, Sebastian. O pai, outra vez. Linnet.

— Vou vê-los depois do jantar — prometeu. Dirigiram-se à sala de estar. Kibbles e Penders encontravam-se junto ao aparador, pairando sobre o decantador de vinho. Linnet estava sentada ao lado da mãe dele, enquanto o pai se encontrava sentado em frente, de novo com aquela expressão faminta nos olhos.

— Onde está o Bitts?

Estava bastante pálido e confessou não se sentir bem. Mande-o para cima. Os olhos de Piers cruzaram-se com os de Sebastian.

— Doente?

— Dor de cabeça, sem febre. — Encolheu os ombros. — Provavelmente, não é infecção hospitalar, mas é melhor não o ter na ala oeste até termos a certeza. Quanto mais perto da sua família.

A família dele. Um tremor frio desceu-lhe pela espinha. — Já vi essa expressão antes — disse Sebastian, com voz trocista. — Sim, bebo um copo, Prufrock, obrigado.

— Que queres dizer com isso, já teres visto essa expressão? — perguntou Piers.

— O rosto que lançou mil... olhares carrancudos — respondeu Sebastian, obviamente a divertir-se. — Quero dizer que estás a pensar fazer qualquer coisa que te vai magoar a longo termo. Já o vi antes e vejo-o agora.

— Achas que desenvolveste de repente a capacidade de me diagnosticares, logo a mim? Você nem sequer és capaz de te avir com uma simples febre.

— Sei que tens uma atração natural pela infelicidade — disse Sebastian, levando o copo aos lábios. — De fato, paradoxalmente, não te sentes

verdadeiramente feliz a não ser que estejas infeliz. A forma de o fazer é afastar para longe as pessoas que se estão nas tintas para o teu couro repelente. Eu, em especial, só que é impossível desalojar-me, por isso parece que desististe de mim. Os teus pais. — Virou-se e levantou o copo na direção de Linnet.

— A sua absolutamente bela noiva.

— A beleza não é tudo — disse Piers.

— A Linnet também tem tudo o resto que um homem pode desejar — afirmou

Sebastian. Pousou o copo no aparador. — Eu e você, nós temos estado sempre juntos.

— Dá-me a má notícia suavemente, está bem? Vais fugir com a mulher do leite?

— Não. Não.

Piers seguiu o olhar.

— Vais fugir com a Linnet. — Todos os músculos do seu corpo ficaram rígidos. Ela era sua. Sua, e demais ninguém. Sua.

— Se ela me quisesse, fugiria com ela para qualquer sítio. Ou correria atrás dela. — Sebastian virou-se para Piers. — Sempre corri mais depressa que você, Piers. E sou melhor cirurgião. E melhor amante, apesar de ser grosseiro realçar isso.

— Nunca me incomodei a amar ninguém — acrescentou Piers. Linnet estava a rir. Diamantes brilhavam nas orelhas, cintilavam no pescoço. Parecia uma princesa de contos de fadas, alguém criado por uma varinha mágica.

— E verdade. Nunca te incomodaste. E não estás a incomodar-te agora, pois não? Apesar de o teu pai a embrulhar como um presente e te depositar no colo.

Piers encolheu-se e Sebastian deixou escapar uma gargalhada.

— Então, é por isso. Não podes aceitar a Linnet porque foi o teu pai que a escolheu. E estás ocupado demais a odiar o teu pai pelos seus pecados passados para admitires que ele encontrou a mulher certa para ti.

Piers estendeu a mão e agarrou Sebastian pelo lenço de pescoço cor de rosa pálido e contorceu-o puxando-o para você.

— A minha perna dói como o raio que a parta — disse ele, de dentes cerrados.

O primo não se mexeu, limitando-se a olhá-lo nos olhos.

— Você e a sua perna podem fazer companhia um ao outro de noite. Não há espaço para uma mulher, dado o terrível ferimento que sofre.

Piers largou o lenço de pescoço do primo. Sebastian tinha razão, embora estivesse a ser sarcástico.

Tinha de parar de fazer amor com Linnet. Imediatamente. Não havia lugar para ela na sua vida. Principalmente quando sabia perfeitamente que haveria dias, mesmo semanas, em que a única coisa que ele poderia sentir ou considerar seria a agonia da sua perna.

Esses eram os dias em que perdia as estribeiras por dá aqui aquela palha, em que berrava a Prufrock e a todos os outros, se eles mexessem. Em que a dor na perna se espalhava para a cabeça e ele acabava num quarto obscurecido, a tremer.

— Tens razão — disse ele. — Claro que tens razão.

Sebastian, ainda zangado, olhou para ele atentamente.

— Nem parece teu admiti-lo. Por isso, se reconheceres quão estúpido estás a ser ao rejeitar a Linnet, porque não vais até lá cortejá-la?

— Pensava que a querias.

Sebastian resmungou.

— E quero.

— Bem, então, vai atirar-te a ela — aconselhou Piers, cansado. Talvez essa noite fosse noite de beber dois copos de brande em vez de um.

— Não vale a pena.

— Só porque o meu pai a transportou de Inglaterra até aqui para mim? Disparate. Ela precisa de marido e você dá um todo bonito. — Algo se contorceu no seu estômago, de um modo atroz, ante a ideia de Linnet com um marido. Outro homem. Sebastian? Inconcebível.

— No entanto, não podes viver aqui.

O primo recostou-se ao braço do sofá, erguendo o copo de brande contra a luz.

— Porque não? Sinto-me bem aqui. O castelo é suficientemente grande, Deus sabe. E, quer gostes, quer não, precisas da minha competência cirúrgica.

Piers lançou-lhe um olhar.

— Eu não vou ficar com ela — ripostou ele, deixando-o bem claro para que até o primo de espírito romântico fosse capaz de perceber. — Não vou ficar com ela. Não vou tê-la mau — acrescentou em silêncio. — E, antes de começares a choramingar por causa do meu pai — continuou — não é isso.

Compreendo, a Linnet fez-me compreender, que estou meramente fazendo figura de idiota nesse combate. O Prufrock é o rei dos mordomos e a Linnet é...

— A rainha das mulheres — adiantou Sebastian, rapidamente.

— Mas tenho uma lesão demasiado grande para uma pessoa como ela. Para qualquer pessoa. Sou um grande monstro, Sebastian. Sabes isso tão bem como eu.

O primo encolheu os ombros.

— Eu gosto bastante de ti, mesmo quando tens um ataque de fúria.

— Você crescestes comigo. Não tinhas alternativa a não ser dares-te bem comigo. Não posso fingir a mim próprio que não sou o completo estupor que sou. Talvez, se eu fosse diferente, se o meu mau humor não fosse tão violento, se...

— Se não fosses tão autocomplacente, deixando-o explodir— disse Sebastian, ironicamente.

— Você não compreendes. — Como que para o recordar, o músculo teve um espasmo, enviando uma onda de agonia pela perna.

— Nenhum homem no seu juízo perfeito, com um órgão funcional — disse Sebastian —, compreenderia. Se eu tivesse qualquer hipótese com a Linnet, queria lá saber quanto sofrimento tinha. Agarrava-a e punha um anel no dedo e confiaria em que havíamos de arranjar solução para isso, mais tarde.

— E por isso que não és bom nos diagnósticos — referiu Piers, tentando descontrair o músculo esticando a perna.

— Porquê?

— Não consegues associar sintomas e observação. Um estupor cheio de dores com uma língua perversa...

Levantou a mão quando Sebastian abriu a boca.

— É uma boa descrição de mim, e você sabe-lo bem. De qualquer maneira, uma pessoa como eu com uma mulher como a Linnet significa uma única coisa.

— O quê?

— Infelicidade — disse ele, categoricamente, voltando a pôr a bota no chão.

— Não necessariamente...

— Infelicidade para ela.

Piers deixou o brande, dourado e ardente, descer-lhe pela garganta.

Ao seu lado, Sebastian estava em silêncio. Depois:

— Não consegues controlar isso?

— Eu sou quem sou. — Engoliu em seco. — Não quero vê-la murchar enquanto eu estou louco de dores. Ou começar a ter medo, como a minha mãe fez com o meu pai, se eu tiver de tomar láudano para as aliviar.

— Nunca tomas.

— Posso vir a tomar. Está lá sempre, essa possibilidade, essa tentação, bem no fundo da minha mente. Tal pai, tal filho, talvez. Não quero sujeitar a Linnet a isso.

— Raios, você estás apaixonado por ela — afirmou Sebastian, fitando-o.

No outro lado da sala, Linnet estava a rir e a dar umas pancadinhas com o leque no ombro de Penders. O homem estava praticamente a rastejar aos pés dela.

— Quem não estaria? — questionou Piers, admitindo a verdade em voz alta. — Quem não estaria?

Prufrock entrou na sala, dirigindo-se rapidamente a eles os dois.

— O auxiliar da ala leste acha que o paciente admitido ontem com a febre piorou.

— Vou já — disse Piers, pousando o copo com um tinido. — De qualquer modo, não tenho nada que fazer aqui.

— Não... — disse Sebastian, mas Piers perdeu o fim da frase com a pancada da bengala, a porta a fechar-se atrás de você.

Olhou para as escadas à sua frente com alguma exaustão. Atrás dele, estava um mundo de mulheres perfumadas e brande dourado. Mas, no cimo daquelas escadas, estava o seu mundo real, o dos pacientes moribundos com os seus rostos tensos e olhos aterrorizados.

Começou a subir.

O auxiliar foi ao seu encontro, no cimo das escadas.

— O paciente ficou com uma erupção há três dias, uns dias depois de ter tido os primeiros sintomas.

— E eles eram? — O auxiliar abriu a porta para a ala leste e segurou-a, para que Piers pudesse caminhar ao lado dele.

— Começou com o pescoço e os ombros rígidos, mas, uma vez que ele é moleiro, pensou que se tinha esforçado demais a transportar sacos de farinha. Os arrepios apareceram nessa noite, alternados com febre. Ficou,

como ele próprio descreveu, vermelha como uma lagosta cozida, daí a uns dias.

— E agora?

— Não comeu nada desde que foi admitido, ontem, e vomitou depois de beber um pouco de caldo. Está febril, queixa-se de não poder respirar. O motivo pelo qual pedi a Mister Prufrock que fosse buscá-lo é que a pele dele está a rebentar em bolhas horríveis. E os lábios, parece que estão a escurecer.

— Raios partam — disse Piers, com pesar.

De fato, quando examinou o paciente, o interior da sua garganta estava coberto de pequenas manchas castanhas e tinha inchaços atrás das orelhas.

— Porra! Quem o viu? Quem esteve no quarto?

— Bem, foi o doutor Bitts que o admitiu ontem — disse o auxiliar. — Eu estive no quarto, claro. — Parecia um pouco nervoso, mas firme. — Sua senhoria veio aqui depois do doutor e disse que o homem devia ficar num quarto sozinho; o doutor tinha-me dado instruções para o pôr com os pacientes com febre peteual.

— Não é peteual — emendou Piers, fechando a porta quando saíram. — E escarlatina anginosa. Escarlatina normal. Ou, mais provavelmente, escarlatina maligna. Isto significa um grande problema, a não ser que ele seja o único. Onde estão os outros dois pacientes admitidos hoje de manhã?

— Lá ao fundo, no vestíbulo — informou o auxiliar. — Estão juntos num quarto, porque são sapateiros que têm uma loja em conjunto e adoeceram ao mesmo tempo.

— De onde vieram?

— De Little Millow.

— Aumas duas milhas daqui.

— O primeiro paciente é de Aferbeeg.

— Só a uma milha. Os sapateiros disseram se mais alguém que eles conhecem está doente?

— Perguntei aos três. O moleiro esteve a entregar cereais nos dois dias antes de, finalmente, cair para o lado. Pensou que tinha só tosse e que havia de passar.

— A entregar cereais... provavelmente num amplo círculo em torno de Aferbeeg.

— Entraram no quarto dos sapateiros. Ambos tinham a erupção, a descamação, úlceras na garganta. O moleiro passara por lá cinco dias antes para mandar arranjar as botas.

— De mal a pior. Há uma possibilidade real de epidemia — afirmou Piers, abatido. — A primeira coisa que temos fazendo é proteger todas as pessoas que estão neste castelo e que não estejam já às portas da morte. — Tocou a campainha para chamar Prufrock, e depois foi até ao cimo das escadas, levantando a mão para fazer parar o mordomo a meio caminho.

— Lembras-te dos planos que fizemos o ano passado para o caso de epidemia? Prufrock assentiu com a cabeça.

— É altura de os pôr em ação. Tira do castelo toda a gente que não seja essencial aos cuidados dos pacientes. Todos os pacientes que não estejam a morrer vão para casa... a não ser que tenham a garganta inflamada, rigidez ou sinais de febre. Manda lacaios pedir emprestadas todas as carruagens que existam num raio de algumas milhas para os levarem. Todos os outros vão para casa, tira daqui o duque e a minha mãe, Miss Thrynne vai com eles, claro.

Os olhos de Prufrock abriram-se muito e ele correu pelas escadas abaixo sem dizer palavra.

Piers sentiu uma pontada algures na zona do coração pelo fato de não voltar a ver Linnet.

Mas depois voltou para a ala leste. A escarlatina era uma assassina e parecia que o moleiro tivera tempo e oportunidade para infectar umas quantas pessoas. Mas Piers era famoso por não perder doentes com infecções, mesmo os que tinham escarlatina, e tencionava combater a doença com todos os instrumentos que tivesse à mão. Defendera, perante a Sociedade Real, que a anginosa não tinha de se transformar na sua prima mais mortífera, a maligna, e era altura de o provar.

Uma hora depois, começou a ouvir carruagens a subir o caminho para o castelo e depois a rolar, afastando-se outra vez, à medida que cada paciente que podia ser deslocado era mandado embora. Entretanto, ele e Sebastian começaram fazendo um cuidadoso inventário da ala leste, descobrindo, para sua consternação, que a doença já se tinha espalhado entre os seus próprios doentes, complicando gravemente a situação.

— E a tosse — disse Piers. — Mas acho que também pode espalhar-se pelo toque. Quero baldes de água misturada com álcool e sabão líquido à porta de todos os quartos — disse ao auxiliar. — Lavem as mãos constantemente.

Alguns dos seus pacientes, já de você enfraquecidos, podiam morrer, mas não tão depressa como os pacientes das cidades vizinhas, se loucos tentassem sangrá-los ou dar-lhes eméticos.

— Chá fraco e caldo — recomendou ao auxiliar. — Vamos tratar a febre

arrefecendo os pacientes o mais possível. Abram as janelas todas e estejam sempre a deitar-lhes fluidos pela garganta abaixo. Quero que enviem um aviso a todas as igrejas num raio de cinco milhas de Aferbeeg, todas as pessoas que evidenciem sinais de febre ou garganta inflamada têm de ficar imediatamente de quarentena.

— Devíamos ter a certeza de que o Penders e o Kibbles não falham quaisquer casos incipientes na ala oeste — disse Piers, um tempo depois, — Até agora, temos aqui seis, mas tenho esperanças de que não se tenha espalhado para essa ala.

Infelizmente, estava enganado.

— Como aconteceu isto? — perguntou, umas horas mais tarde, cheio de frustração. Tinham cinco casos na ala oeste, todos em estádios iniciais de escarlatina anginosa.

Sebastian abanou a cabeça.

— Nós somos os únicos a andar de um lado para o outro. Como te sentes?

— E o Bitts! — exclamou Piers. — Deus Todo-Poderoso, é o Bitts. E preciso saber se alguém foi ver como ele está.

Dois minutos depois, estavam no segundo andar, num dos quartos de hóspedes. Bitts estava a arder.

— Estou a ferver — arfou. O criado estava perto dele.

— O que é importante é mantê-lo fresco e dar-lhe água — disse Piers. — Bitts.

O jovem médico abriu os olhos.

— Você safas-te. Tens pontos brancos nas amídalas e não castanhos. Continua a beber. Deus sabe que te fiz preleções sobre a necessidade de os pacientes tomarem líquidos, portanto, faz bom uso de todos os meus berros.

Um sorriso spectral tocou os lábios de Bitts.

— Ele consegue — disse Sebastian, caminhando a passos largos à frente de Piers. — Porque não vais dormir um bocado e depois acordas-me daqui a umas horas?

Prufrock estava à espera deles, a meio das escadas.

— Sua Graça e Lady Bernaise recusam-se a partir — informou ele.

— Estás a torcer as mãos, Prufrock — constatou Piers. — Eu falo com eles.

— Eu não posso obrigá-los a entrar numa carruagem. E Miss Thrynne está com eles. Piers suspirou.

— Eu trato disto — disse a Sebastian. — Lembras-te daquela conferência que ouvimos, que recomendava a aplicação da espuma do malte a fermentar nas gargantas dos pacientes com escarlatina?

Sebastian abanou a cabeça.

— Pormenores desses deixam-me a caminho da saída do vestíbulo.

— Põe a enfermeira Matilda fazendo isso — ordenou Piers.

— Também podemos tentar. — Enquanto resumia os detalhes do tratamento, ouviu-se uma pancada na porta de entrada e ambos pararam. Um lacaios abriu a porta, após o que entraram quatro... cinco... não, oito pacientes, dois pelo próprio pé, os outros arrastados ou transportados.

— Eu fico com estes — disse Sebastian. — Você trata dos teus pais e depois vais dormir. Vamos ter de nos revezar.

Piers assentiu com a cabeça.

— Tenta pôr a anginosa na ala leste e a maligna na oeste.

— Desceu as escadas pesadamente e fez um desvio em volta dos pacientes, dirigindo-se à sala de estar.

A mãe, o pai e Linnet formavam um encantador grupo familiar. Piers teve uma sensação de exaustão profunda ao olhar para eles. Estavam a falar do escultor Miguel Ângelo, a mesa à sua frente atravancada com bolos e chávenas de chá. Pareciam estar noutro mundo, de porcelana e artistas italianos, de perfume francês e vozes de fidalgas.

A mãe levantou-se de um salto mal o viu.

— Eu não saio daqui, Piers. Sem ti, não saio.

— Está louca? — perguntou ele, sem sair da porta. — Estamos no meio de uma grave epidemia de escarlatina, mãe. Se ficar aqui, é muito provável que a apanhe.

Ela meneou a cabeça com um fino desdém francês.

— Eu não me ralo com a escarlatina. Quem vai tratar de ti se adoeceres? Vou ser eu.

— Está a condenar a sua criada a morrer por sua causa? As pessoas mais novas estão mais sujeitas a desenvolver uma forma severa da febre.

— Mandamos imediatamente embora os nossos criados pessoais — interveio o pai.

— Estão à nossa espera numa estalagem a alguma distância daqui.

— Não podem ficar aqui — afirmou Piers, obstinadamente. — Não posso preocupar-me convosco.

— Não me vou embora sem ti — declarou a mãe, abruptamente. Ele sabia de onde vinha o pendor feroz do seu caráter, e esse pendor estava a fitá-lo, dos olhos dela.

— A casa do guarda — disse Linnet.

Virou-se para ela, mal compreendendo o que estava ela a dizer.

— De que está a falar?

— Lady Bernaise podia ir para a casa do guarda e os criados podiam deixar-lhe comida à porta. E mesmo ali, no caminho que vai dar ao mar — sugeriu ela a mãe de Piers.

— Aí ficava a salvo, mas suficientemente perto para que, se o Piers adoecesse realmente, pudesse tratar dele.

— Maldito seja se permitir uma coisa dessas — declarou Piers.

Mas a mãe já estava a levantar-se.

— Vou ficar na casa do guarda.

— Não se aproxime de mim — disse Piers, desistindo. Tinha outras batalhas para travar e essas eram muito mais importantes.

— E não saia pela porta da frente. O corredor está cheio de pacientes, todos eles a tossir, sem dúvida. Terá de sair por uma janela.

Virou-se para Linnet. Estava tão deliciosa, e tão distante dele, como a própria rainha das fadas. Estupidamente, tolamente, tentou memorizá-la: o narizinho doce, o queixo obstinado, as pestanas encurvadas, a pele imaculada. O que apenas o fazia pensar nos efeitos da escarlatina.

— Tem de se ir embora — exigiu ele. — Já, depressa.

— Eu vou. — Tinha as mãos apertadas à sua frente. — Oh, Piers... — Deu um passo em direção a ele.

— Não. — Disse-o furiosamente. — E preciso que se vá embora. Não posso pensar em você nem preocupar-me com você.

Ela assentiu com a cabeça.

— Para sempre — continuou ele. — Volte para Londres, ou vá para França, ou para onde quer que lhe apeteça.

— Não! — arfou ela.

— Está tudo acabado entre nós — concluiu Piers, experimentando uma estranha sensação de distância. Lá em cima, os seus pacientes estavam a morrer e, mesmo assim, o seu coração estava a contorcer-se; mesmo assim, o brilho das lágrimas nos olhos dela era letal. — A Linnet soube sempre que seria assim — acrescentou ele, mais suavemente. — Nós não temos futuro.

O maxilar de Linnet cerrou-se e subitamente ela pareceu extraordinariamente parecida com a mãe.

Piers olhou para o pai.

— Abra uma janela, se faz favor. Leve a minha mãe para a casa do guarda, no caminho que conduz ao mar. A Linnet estará pronta para partir com você dentro de dois minutos.

Ele e Linnet ficaram ali como duas estátuas de mármore, enquanto o duque empurrava uma janela para fora do caixilhe.

— Fica bem, Piers, meu amor — disse a mãe, quando o duque lhe estendeu a mão perto da janela. — Tem cuidado.

— Eu nunca apanho nada, mãe — sossegou ele, com toda a verdade. — Sempre pensara que era a compensação da natureza pela sua lesão.

Finalmente, partiram.

— Não sabe se vai ser infetado — disse Linnet. Nos seus olhos brilhavam lágrimas. Ele encolheu os ombros.

— Se for, trato de mim como deve ser. Perco muito poucos pacientes com esta doença, desde que me cheguem a tempo. Eu próprio não tenho planos para morrer.

— Eu não quero deixá-lo.

— Eu não quero casar com você.

Pronto, a verdade estava revelada, claramente dita.

— Vai ter de esperar lá fora pelo meu pai — disse ele. — Mantenha-se longe de qualquer pessoa que veja lá fora, incluindo o Prufrock. Está a ouvir? Espere ao lado da casa. Eu acho que isto se espalha com a tosse.

Linnet respirou fundo. Piers estava apoiado à bengala com força, a exaustão em cada linha do seu corpo.

— Eu não quero deixá-lo.

— Não tem opção — resumiu ele. — Deus Todo-Poderoso, Linnet, de quantas maneiras é que posso dizer isto? Não quero casar com você.

— Eu não decidi se quero casar com você — disse ela, tentando um pequeno gracejo apesar do pesadelo. — Acho que podia.

— A possibilidade não se põe. Nunca se pôs, na verdade.

Linnet olhou para ele, para a sombra da sua barba, para as sombras sob os seus olhos, e percebeu que o amava. Que nunca amaria outro homem. O espírito feroz de Piers tinha-a tentado, mas foi o seu coração apaixonado que a conquistou.

— Vá — disse ele, impaciente. — Não quero casar com você. Está suficientemente claro?

— Não. — Viu a dor nos olhos dele e compreendeu-a perfeitamente. — Nós devemos estar juntos — assegurou ela, sentindo estar a dizer a verdade. — Nunca amará mais ninguém além de mim.

— A Linnet está cega pelas suas próprias pretensões de beleza — respondeu Piers, evitando o que ela acabara de dizer.

— Pode fazer o favor de sair agora, antes que eu diga alguma coisa de que me arrependa?

Mas o coração de Linnet cavalgava numa onda de paixão e amor.

— Amo-o! — voltou ela a dizer. — E o Piers ama-me.

— Quero lá saber! — vociferou Piers.

Por um momento, ela não o ouviu. Depois, não o compreendeu.

— Que quer dizer?

— Precisamente o que disse. Não me interessa o que sente por mim, ou pensa que sente.

— Porque está a ser tão cruel?

— Não estou. Nesta situação, não é indicada amabilidade arbitrária. Mas honestidade.

Ela correu para ele e agarrou-lhe as lapelas. Ele recuou violentamente.

— Eu posso estar infetado. Afaste-se!

— Não está doente. Nunca adoece. Eu acredito em você.

— Então, porque não acredita em mim quando eu digo: Linnet, eu não quero casar com você. Não quero casar com você! — Estava a gritar.

— Quer, sim — disse ela e estendeu a mão, agarrando-lhe o rosto e puxando-o para o seu. Os seus lábios procuraram os dele, famintos, acolhedores, mesmo extremosos.

— Eu não caso por sexo — disse ele, empurrando-a.

Ela não conseguia compreendê-lo e estendeu a mão para lhe agarrar a manga quando ele virou costas.

— Por amor de Deus, não tem dignidade? Eu cobri-a, e estivemos bem juntos, mas a Linnet não foi a primeira e não será a última.

Linnet sentiu a garganta a apertar-se.

— Porque está a falar comigo desta maneira?

— Porque, diabos a levem, não me ouve de outra maneira — disse com

óbvia frustração. — Sabe que tipo de homem sou, Linnet. Divertimo-nos a namoriscar, a excitar-nos, a abanar os lençóis, seja o que for que lhe chame. Mas eu nunca fiz de conta que ia acabar em casamento.

— Pois não — sussurrou Linnet, o frio a invadi-la. — Foi muito claro quanto a isso.

— Acho que devia tê-la rejeitado — disse ele. — Mas a Linnet estava lá, estava a arder em desejo.

Linnet engoliu em seco.

— Porque eu estava... a arder em desejo? — Parecia que ela era como a mãe, pelo menos aos olhos de Piers. — Foi por isso?

— Também é diabolicamente bela — admitiu ele, afastando o cabelo para trás. — Mas, sim, a Linnet estava a arder em desejo. Talvez deva tentar maior discrição se voltar a encontrar-se nessa situação.

O coração dela caiu-lhe aos pés.

— Olhe, tem de se ir embora. Eu preciso de dormir. Eu e o Sebastian temos um castelo cheio de doentes e o Bitts já está de cama, o que significa que os outros dois também poderão vir a estar.

— Eu podia... — disse ela, e as palavras morreram-lhe na garganta.

— Vá — disse ele, exausto. — Não pode ajudar. Não precisamos de você aqui.

— E o Piers não me quer — afirmou ela, sentindo necessidade de o dizer em voz alta.

— Se me pergunta se eu a quero no aspecto sexual, então a resposta é sim. Menciono a sua beleza e entusiasmo geral. Todos os homens querem isso na cama. Mas se a quero no aspecto matrimonial, de um modo até-que-a-morte-nos-separe? Não. E nunca querei.

Os seus olhos eram ligeiramente amáveis. Aquela amabilidade, sentiu Linnet, era bastante horrível.

— Não quer admitir que me ama, porque isso significaria ter de assumir a responsabilidade por ser infeliz, ou, neste caso, não ser infeliz — disse ela, levantando o queixo e olhando para ele.

— O quê?

— Precisamente o que eu disse — retorquiu Linnet. — Se casasse comigo, se admitisse os seus sentimentos, significaria que a infelicidade não é um dado adquirido, mas uma escolha.

— Tretas!

— Bem, eu amo-o — reafirmou ela. — Não tenho medo de o dizer em

voz alta. E também o quero.

— Eu não...

— Eu sei que não — interrompeu ela, afastando-se dele em direção à janela. — Espero que corra tudo bem no castelo.

— Vai correr — disse ele. Agora, que ela tinha as costas viradas para ele, parecia que a voz de Piers continha sofrimento. Mas, quando se virou, ele tinha o maxilar cerrado, o rosto obstinado.

Ela parou, mais uma vez, porque era uma mulher teimosa.

— Espero por você em Londres — disse. — Durante um tempo. Para o caso de mudar de opinião.

— Mas ninguém tem dignidade aqui à volta? — questionou ele, quase gritando. — A Linnet é tão embaraçosa como o meu pai.

— Não me importo de fazer de idiota para você — respondeu ela. — Eu amo-o.

Não houve resposta atrás dela, e ela pensou que nunca haveria. Por isso, trepou para o parapeito da janela.

— Entre nessa carruagem — ordenou Piers, lá de trás, indicando com a cabeça uma carruagem grande, que estava mesmo ao lado, os cavalos a arquejar e a bater com os cascos. — E do duque, pelo braço.

— Adeus — disse ela. — Que Deus o abençoe.

E foi-se embora antes de ele dizer qualquer coisa, porque não seria o que ela desejava ouvir, e, de qualquer modo, estava cega das lágrimas.

Robert saltou da janela depois de ter ajudado Marguerite a sair, mas ela recusava mexer-se. Estava de pé, paralisada, ouvindo a voz de Piers a emergir da sala de estar.

— Temos de ir — disse o duque suavemente, agarrando a mão de Marguerite para a afastar dali, precisamente quando o filho dizia, categoricamente Não quero casar com você!

— Ele é um tolo — sussurrou Marguerite. — Grande tolo. A Linnet é a mulher para ele. Nunca haverá outra; como ela, não.

Mas Robert levou-a dali, descendo o caminho até à casa do guarda, ouvindo em silêncio enquanto ela lhe dizia o que ele já sabia: que Piers parecia estar determinado a causar mais infelicidade a você próprio. Que o filho era incapaz de aceitar a mulher que obviamente amava e que o amava a ele.

Ela só parou de falar quando entraram na sala de estar da casa do guarda. O interior da pequena casa não parecia uma habitação de criados, mas antes a casa de campo de um cavalheiro, embora em miniatura. As paredes estavam cobertas de quadros e a sala resplandecia de cor, acentuada por uma coberta escarlate atirada por cima de um sofá, em frente da lareira.

— Que estranho — disse Marguerite, olhando em volta.

— Vista de fora, parece bastante primitiva, mas, na realidade, é encantadora. Olha para aquele sofazinho: estava, com toda a certeza, na sala de estar pequena ainda na semana passada?

Robert tinha as suas próprias teorias acerca da razão pela qual a casa lembrava um pequeno ninho aconchegante, mas achava que a mãe de Piers não iria apreciar a perspicácia.

— Podes sair agora, Robert — disse Marguerite, abrindo a porta para o quarto de dormir e enfiando a cabeça lá dentro.

— Vou ficar absolutamente confortável aqui. Os criados vão cuidar de mim, e, se o Piers adoecer, podes contar comigo para tratar dele.

— Eu sempre soube que podia — disse ele, aproximando-se por trás dela.

Ela olhou por cima do ombro dele, sorrindo. Ele não tinha voltado a beijá-la desde a primeira vez, não querendo arriscar a hipótese de ela poder repudiá-lo para sempre. Mas tinham conversado muito sobre os últimos anos, sobre o modo como ele havia lentamente emergido de uma névoa de ópio e se tinha apercebido de que a família estava perdida para ele. Durante

os anos solitários que se seguiram, a sua única felicidade era ter a certeza absoluta de que Marguerite estava a tratar o melhor possível do filho deles.

— Eu sei — disse ela agora, admitindo-o.

— Se você adoeceres, Marguerite, como vai ser? — Envolveu os braços à volta dela, por trás, e depositou-lhe um beijo na face. — Como vai ser?

Para seu enorme prazer, ela não se afastou, mas deixou-se ficar no aconchego dos seus braços.

— Oh, eu não adoço — afirmou ela, com uma total confiança, que secundava a de Piers. — Eu nunca estou doente.

— A minha memória não é isso que me diz.

— Nunca!

— Quando estavas à espera do nosso filho. Não te lembras de quão doente ele te pôs? Ela riu-se e até se inclinou mais para o aconchego dos seus braços, recordando.

— Como eu fiquei a detestar aquela miserável bacia verde que tínhamos no nosso quarto de dormir! Deitei-a fora depois de ele nascer.

— Então já te vi doente — reafirmou Robert, agarrando-a com mais força ainda e ousando beijar-lhe a orelha. — Tratei de ti nessa altura, lembras-te? Quando estavas doente a meio da noite. E lá estarei para tomar conta de ti novamente se o pior estiver para vir. Se o Piers adoecer, estaremos ambos a seu lado.

— Disparate — disse ela, libertando-se e virando-se. — Que estás a dizer, Robert? Até a maneira como ela disse o nome dele, com a sua pronúncia encantadora, fez o seu coração dar um baque.

— Estou a dizer que não vou deixar-te — disse ele, com firmeza. Ela franziu as sobrancelhas.

— Isso é uma tolice.

— Não.

— Uma tolice — insistiu ela.

Por uns momentos, Robert limitou-se a ficar ali, em pé, a olhar para ela, e depois afirmou com toda a verdade:

— Nunca voltarei a deixar-te.

— Mas que raio queres dizer com isso?

— Se me puseres fora desta casa, dormirei no carroiro lá fora. Se regressares ao Continente sem mim, seguir-te-ei. Construirei uma cabana de salgueiro em frente ao teu portão; dormirei debaixo da sua janela; estarei a

sua espera à porta da sua casa.

Ela levou a mão à boca, o riso a escapar por trás dos dedos.

— Perdeste a cabeça, Robert!

Ele abanou a cabeça.

— Pelo contrário: encontrei-a. Estou apaixonado por ti. Sempre estive apaixonado por ti, sempre. Mesmo quando não conseguia pensar como devia ser, havia uma coisa que eu sabia, mesmo num sonho de ópio: que te amava.

— Foi uma tragédia não teres conseguido lembrar-te das pessoas que amavas no dia em que o Piers entrou inesperadamente no teu escritório. — Mas a voz dela não era áspera.

— Eu hei de sempre, até ao dia da minha morte, implorar ao Piers que me perdoe.

Mas, Marguerite... Neste momento, não quero falar do Piers. Ele é agora um homem adulto, um homem fantástico, o que é tudo mérito teu. Mas você não és apenas a mãe do Piers. Você és a minha esposa, a única mulher com quem alguma vez quis casar, e a esposa do meu coração, apesar de me ter comportado como um idiota depois de teres levado o Piers para França. Tiveste toda a razão em partir.

— Você foste um idiota — observou ela. No entanto, os seus olhos encorajavam-no.

— Nunca ninguém irá amar-te como eu — disse ele, segurando-lhe as mãos e levando-as aos lábios. — Nunca ninguém te amou como eu. Você és o meu coração e a minha vida, Marguerite.

Um pequeno sorriso brincou ao canto da boca dela, um sorriso sedutor, extremamente feminino.

— Aceita-me de volta.

As suas palavras pareciam ter ficado suspensas no ar, ecoar na pequena casa.

— Eu sei que o que fizeste é imperdoável — disse, finalmente, Marguerite. — Todos os meus amigos o dizem.

— Eles têm razão. Não me perdoes. Mas... mas, aceita-me de volta. — Os seus dedos apertaram os dela.

— E se eu disser não?

— Então, eu sairei desta casa.

— E?

— Não te deixarei correr o risco de contrair escarlatina. Estarei lá fora, caso precisas de mim. Irei buscar a comida aos criados para que eles não possam infetar-te.

— Podes, você próprio, apanhar a doença — disse ela suavemente.

— Morreria por ti em um abrir e fechar de olhos.

Do coração explodira esperança, que lhe jorrava através das veias: uma torrente de alegria e medo e desejo.

Marguerite aproximou-se um passo, libertou as mãos e enrolou os braços à volta do pescoço. Acomodou-se ali da mesma forma doce com que sempre o fizera.

— Podes ficar.

Ele puxou-a para você, encostou a face ao cabelo dela, fechou os olhos.

— Mon amour.

— Mas não tenho a certeza se vou voltar a casar contigo — observou ela.

— Não me interessa. Podemos viver em pecado para o resto das nossas vidas. Ele ouviu um gorgolejo de riso.

— Eu sou francesa. Nós somos muito sensatas.

— Sensatas e deleitáveis — sussurrou ele, movendo lentamente as mãos para baixo, ao longo das suas costas estreitas.

— E se esse ópio te causou danos, permanentes?

Ele afastou-se, olhou para ela.

— Eu não...

O sorriso dela foi endiabrado e os seus olhos deslizaram para a cama.

— Uma mulher francesa nunca, jamais, considera coisas importantes como um dado adquirido.

Com um ímpeto de alegria, Robert envolveu a sua ex- -mulher — não, a sua mulher

— nos braços e atravessou a entrada até ao quarto, colocando-a gentilmente em cima da cama.

— Teria um enorme prazer em apaziguar a sua inquietação. Ele endireitou-se com o sorridente riso dela nos ouvidos.

— Tenho de ter a certeza de que a Linnet já está em segurança, longe daqui, numa carruagem. Depois, correrei de volta aqui com tal velocidade que os criados pensarão que estou maluco.

— Você estás maluco — afirmou Marguerite, dando risadinhas como uma menininha.

— Não — disse ele, inclinando-se para a beijar outra vez.

— Eu estou são de espírito. Pela primeira vez, em muitos anos.

— Peço muita desculpa — disse o duque de Windebank a Linnet, após ter subido para a carruagem e ter descoberto que ela estava a soluçar. — Peço desculpa por a ter trazido aqui, Miss Thrynne.

— Linnet — conseguiu dizer ela. — Afinal de contas, estivemos quase a ser parentes pelo casamento. Tem um lenço, por acaso? O meu está molhado.

— O meu filho é um homem difícil — argumentou o duque, dando-lhe um enorme lenço de linho bordado com o seu brasão.

— Ele é um... um tolo — disse ela, a voz a quebrar.

— Isso também.

— Ele ama-me, eu sei que me ama, e no entanto diz que não casará comigo. Que não quer casar.

O duque ficou em silêncio. Linnet assoou-se.

— Talvez ele mude de ideias.

Ela conseguia ver a resposta nos olhos do duque.

— Não muda, pois não? — Lágrimas começaram a rolar novamente pelas faces.

— Minha querida, minha querida, quem me dera dar-lhe uma resposta diferente.

— Está bem — conseguiu dizer Linnet. — Podemos partir agora?

O duque hesitou.

Ela compreendeu imediatamente.

— O senhor tenciona ficar com a duquesa, quero dizer, com Lady Bernaise.

— Não posso deixá-la — disse ele serenamente. Havia uma forte determinação nos seus olhos, que era o espelho da do seu filho. — E também não posso deixar o Piers. Apesar de todas as minhas transgressões, eles são a minha família, e serão sempre a minha família.

Linnet fungou deselegantemente.

— Eu faria o mesmo. Não se preocupe comigo. Ficarei perfeitamente bem.

— Lamento tudo isto — disse o duque. — Lamento profundamente, profundamente. A minha carruagem vai levá-la a uma aldeia, onde os criados e a sua criada estão à espera. Não devemos atrasar-nos mais, pois eu disse-lhes que continuassem sem nós se não chegássemos antes desta noite.

Quero o pessoal doméstico e a senhora bem longe desta epidemia.

— Estou pronta a partir — confirmou Linnet, soluçando.

— Lamento que seja uma viagem solitária de regresso a Londres.

Ela conseguiu esboçar um sorriso.

— Estou habituada a estar sozinha.

— Oh! — O duque parecia ainda mais abalado, se possível.

— Ignore-me — disse ela, ousando um sorriso lacrimante.

— Estou apenas a sentir pena de mim própria. Apaixonei-me pelo seu inatingível filho. Irremediavelmente. E agora preciso de construir uma vida sem ele. O que irei fazer.

— Embora não conseguisse imaginá-lo. A dor de pensar sequer nisso despedaçava o coração.

— Não vai ser fácil — disse o duque, inclinando-se para a frente e fazendo-lhe uma festa no joelho. — Mas a senhora consegue. Eu consegui.

— Talvez, quando tiver sessenta anos — disse ela, rindo um pouco —, venha a Gales e force o Piers a viver comigo na casa do guarda durante uma semana ou assim.

— Sim, sim, faça isso — concordou o duque. — Sentiria-me melhor em relação a ele, se a imaginasse a tirá-lo do castelo, um dia.

— Se disser isso ao Piers, não terei nenhum objetivo na vida quando chegar aos sessenta — disse ela, francamente.

— Eu tenho consciência disso. Não direi uma palavra sobre você. Se eu tivesse percebido quão profunda é a antipatia dele por mim, a senhora não estaria a sofrer tanto agora. Lamento profundamente.

— Nesse caso, eu não teria conhecido o Piers. — Ela secou novamente os olhos. — Aceito o coração partido.

Ele aproximou-se novamente e apertou-lhe o joelho.

— A senhora é uma mulher realmente maravilhosa, sabe.

Desta vez, o sorriso dela foi tímido. Não tinha nem um pouco do talento familiar.

— Obrigada. Desejo-lhe a maior sorte.

A sobranceira do duque ergueu-se precisamente da forma como a do filho fazia.

— Obrigado. — Dirigiu-se à porta — Visita assim que regressar a Londres.

— Penso que não irá sozinho — disse Linnet.

Ele parou por um momento nos degraus da carruagem e ela mal ouviu a sua resposta quando ele pôs os pés no chão.

— Espero que não.

A porta fechou-se atrás dele. Houve um ruído de vozes de homens à porta da carruagem e esta começou a rolar estrada abaixo. Para longe do castelo, para longe do oceano e da piscina, para longe de Kibbles e de Bitts, de Prufrock e dos pacientes. Para longe de Piers.

Ela deixou cair ao chão o lenço do duque. Chorar tinha-a deixado com uma terrível dor de cabeça, que a cegava. De fato, parecia inconcebível o dia não haver terminado ainda. Ela estar numa carruagem e não numa cama. Era impossível imaginar que tinha de percorrer todo o caminho de regresso a Londres, dia após dia, naquela carruagem.

Pouco depois, recostou-se no assento almofadado, olhando fixamente para o teto oscilante da carruagem. Era difícil ficar confortável. Devia ter distendido o pescoço e os ombros, a nadar.

Finalmente, fechou os olhos e deixou que o suave embalar da carruagem, a levasse para longe das cruéis palavras de Piers, apesar de estas ecoarem nos seus sonhos.

Seis dias mais tarde

— Está a morrer — declarou Piers, com a angústia da decepção que tinha sempre em momentos como este. Olhou para o paciente, um homem robusto na casa dos sessenta.

— Cada vez que lhe dou água, escorre, pura e simplesmente, para fora da boca — disse o auxiliar.

— Põe-no o mais confortável possível — ordenou Piers, dirigindo-se ao corredor. — Pode ser que os olhos vermelhos sejam sinal de mortalidade iminente.

— Ele parece um furão — disse Sebastian. Estava encostado na parede do vestíbulo.

— Vai para a cama — aconselhou Piers. — Estiveste a pé a noite inteira. Não vais servir para nada se continuares assim. Além disso, não apareceram quaisquer pacientes novos há pelo menos duas horas.

Como que em resposta, houve uma pancada na porta da frente. O riso de Sebastian teve um som oco.

— Como vai o Bitts?

— Pulso rápido, mas a febre cedeu. Disse ao criado dele que começasse com caldo de galinha durante o dia de hoje. Ele está livre de perigo.

Sebastian afastou-se da parede.

— Acho que isto está a abrandar.

— Faria sentido — concordou Piers. — Nós divulgamos normas sobre como isolar os doentes. Graças a Deus, a doença estava limitada ao percurso do moleiro.

— Vou para a cama — disse o primo, fazendo depois uma pausa! — Sabias que o teu pai ainda aqui está?

Piers levantou a cabeça com um sacão.

— O quê?

— A viver na casa do guarda com a sua mãe. Ontem saí para apanhar ar fresco. Eles estavam sentados nos jardins. Eu disse adeus, de longe, claro.

— Estavam? — Piers estava tão cansado que lhe parecia que lhe tinham metido o cérebro em vinagre. — Juntos, na casa do guarda? — Só de pensar na casa do guarda ficava com tal dor no coração que parecia que iria despedaçá-lo.

— Suspeito que em breve vai haver uma nova duquesa — comentou

Sebastian, animadamente. — Ele tinha o braço à volta dela. Muito aconchegados.

— Espera! Isso quer dizer que ele mandou a Linnet para casa sem companhia — deduziu Piers, com uma onda de fúria a percorrer as veias. — Ele mandou-a toda a viagem de regresso a Londres sem companhia.

Sebastian franziu a sobancelha.

— Para além de uma corte de lacaios, criadas e criados. Três carruagens no total. Por amor de Deus, Piers, você puseste-a fora. Puseste-a fora do teu pensamento. Ela está perfeitamente segura. Lembra-te, a sua mãe fez a viagem toda desde a Andaluzia até aqui.

Linnet corria um perigo cinquenta vezes maior do que a mãe dele. Mas Piers engoliu as palavras antes de as pronunciar.

Kibbles apareceu, a meio das escadas.

— Um dos novos pacientes está mal. O médico da aldeia tratou-o com sanguessugas.

— Controla-te — aconselhou Sebastian, a voz a grunhir de fadiga. — A Linnet foi-se embora. Põe-na para trás das costas.

— Vai para a cama — vociferou Piers em resposta, fazendo-lhe sinal com a mão para se afastar. Depois virou-se para Kibbles. — Pensava que tínhamos espalhado as notícias sobre o tratamento correto.

— A mulher dele diz que ouviram falar em isolar os doentes, mas nada sobre tratamento.

— Em que aldeia foi?

— Llanddowll.

— Já aceitamos três pacientes daí. Manda lá o Neythen a cavalo. Ele parece ter jeito para este tipo de coisas e é de lá. Diz-lhe que meta algum juízo na cabeça do médico. E, se isso não resultar, que lhe bata na cabeça e o traga para aqui. Pomo-lo lá em baixo na masmorra.

Kibbles abanou a cabeça.

— O Neythen está de cama. Um caso pouco grave, penso eu. Está na ala oeste. Suspeito que o Prufrock terá dificuldade em dispensar alguém.

— Então terão de se entender sozinhos — concluiu Piers, cansado. — Leva-me ao doente.

— Mister Connah está muito quente e tem o pulso fraco — explicou Kibbles, aproximando-se da cama do paciente um momento mais tarde.

— Garganta?

— Úlceras escuras. E — Kibbles virou o braço do doente ao contrário — a descamação é tão violenta que lhe caíram as unhas.

Piers olhou para o paciente. Tinha os olhos fechados e a respiração matraqueava-lhe no peito.

— Há quantos dias está doente? — perguntou à mulher.

— Este é o sexto dia — disse ela. Estava em pé ao lado da cama, a torcer as mãos. — Apareceu de repente, pelo que o pusemos num quarto sozinho, tal como disse o padre, e eu mandei as crianças embora.

— Provavelmente, salvou as vidas delas — disse Piers.

— E o meu marido? O meu Barris, que será dele?

Ele apercebera-se de que era melhor ser direto.

— Não acredito que sobreviva. Há uma hipótese, claro. O seu marido parece um homem forte e vamos lutar por ele. Amanhã saberemos.

Amão dela cerrou-se sobre a coluna da cama.

— Se eu o tivesse trazido aqui assim que ele apanhou a febre, teria sobrevivido?

Diga-me.

— Não — disse Piers categoricamente, olhando-a nos olhos.

— O curso da doença é o curso da doença. Não podemos dizer quem vai viver e quem vai morrer.

— Não foi por causa, daquelas sanguessugas? Eu não queria as sanguessugas, mas o médico insistiu. Ele tinha feito o caminho todo desde a aldeia mais próxima e por isso parecia que estávamos a desperdiçar o seu tempo se não deixássemos. Pô-las diretamente na garganta, na parte que doía, para retirar o sangue envenenado, disse ele.

— Não havia nada que pudesse ter feito que fizesse a diferença. Só Deus sabe quando é a altura de um homem morrer.

— Deus — repetiu ela com um pequeno suspiro. — Está bem. O Barris ia à igreja todos os domingos, pois ia, e também dava sempre qualquer coisa aos mais pobres. Se ele morrer...

Piers esperou que ela se recompusesse.

— Se ele morrer, teve uma vida boa. Amava os filhos. Disse a mim, assim que soubemos que estava doente. Passamos doze anos juntos.

— Muita felicidade nesses doze anos? — perguntou Piers.

— Dificuldades também, mas sim, sim — disse ela, com lágrimas a caírem-lhe para as mãos.

- Ele é um homem bom, o Barris é um homem bom.
- Então tem muito de que se orgulhar — afirmou Piers.
- E os seus filhos também.

No corredor, disse, cansado:

— Diz ao auxiliar que continue a dar-lhe água, o máximo possível. Recruta a ajuda da mulher dele. Precisamos de o arrefecer; tenta panos molhados. Penso que a espuma de malte não faz nada a não ser empestar os quartos, portanto, para com isso.

— Porque lhe disse aquilo? — perguntou Kibbles. — Acerca de ela poder ter feito as coisas de forma diferente? Não perdemos um único paciente que tenha chegado aqui suficientemente cedo. Devíamos dizer isso às pessoas, para elas saberem que a escarlatina pode ser vencida. — Apesar de todo o cansaço, havia orgulhe na sua voz.

— Ela terá de viver com você própria — respondeu Piers, virando-se para se ir embora.

— E terá de viver com a memória dele. Isso é suficiente para uma mulher.

— E porque disse aquilo sobre Deus? — perguntou Kibbles, correndo atrás dele. — Nunca o ouvi dizer nada assim.

— Observa, seu idiota — sugeriu Piers rudemente. — Estou sempre a dizer-te isso. Ela trazia um crucifixo ao peito.

— Os outros dois pacientes novos não estão assim tão mal. Acho que também devia ir para a cama.

— Acabei de mandar o marquês para a cama.

— Eu e o Penders dormimos umas boas cinco horas — argumentou Kibbles. — E agora sabemos aquilo com que estamos a lidar. Nós aqui nós arranjamos. Vá dormir.

— Você és o melhor do grupo — admitiu Piers, olhando para ele. — Você ouves.

— Sendo assim, confie em mim. Vá dormir.

— Vou só espreitar o Neythen — disse Piers. — Mais alguma baixa no pessoal doméstico?

— Desde as duas criadas há uns dias, não — disse Kibbles.

— Acho que a lavagem das mãos está a resultar.

— Neythen estava a dormir, pelo que Piers não entrou no quarto. Conseguia ver da porta que o caso do laçaio não era grave; tinha a cara e os

braços uniformemente vermelhos, o que sugeria uma recuperação relativamente rápida.

Depois, dirigiu-se para a cama, vacilando um pouco de puro cansaço enquanto caminhava ao longo do corredor, apoiando-se na bengala como se de uma terceira perna se tratasse.

O seu criado tinha ali estado em qualquer altura do dia; os lençóis estavam dobrados e havia um jantar frio à espera. Parou apenas, para descalçar as botas antes de cair entre os lençóis.

O sonho estava à espera dele, tal como estivera todas as noites desde que ela partira. Linnet ria-se ao despir a chemise, tal como fizera naquela última manhã que passaram juntos. Estava em cima da rocha a olhar para a piscina, os olhos a brilhar, a sua bonita figura curvilínea iluminada pela luz do Sol, fazendo-a parecer absolutamente angélica.

Ele acenou-lhe quando descia o carreiro, tencionando despir a roupa e jantar-se a ela...

E depois viu, lá em baixo, na piscina, o brilho de dentes. Havia perigo na água.

Algo tinha entrado para a sua piscina e estava à espera dela, esfomeado e destrutivo. Tentou gritar, mas ela não o ouviu, e depois começou a correr pelo carreiro abaixo em direção a ela, só que não era capaz de correr. A dor queimava a perna, mas continuou a correr, atirando violentamente a bengala para a frente e impe- lindo-se com força acima do chão, tentando desesperadamente alcançá-la.

Linnet acenou-lhe em resposta e depois saltou para dentro de água com aquela alegria feroz que ela tinha, com a coragem que a impeliu para a água gelada logo no primeiro dia, mesmo antes de saber sequer boiar.

Acordou a tremer, o coração a bater muito depressa, a cara transpirada. Durante cinco minutos, não conseguiu sequer pensar, e ficou simplesmente ali a olhar para o teto, dizendo a você próprio, vezes sem fim, que Linnet estava a caminho de Londres. Estava em segurança. Estava perfeitamente segura. Os criados do seu pai eram inestimáveis, fidedignos, em todos os aspetos. Devia saber que o duque era exímio a contratar pessoal. Confiaria a sua vida a Prufrock.

O sonho é apenas resultado da epidemia, disse a você próprio. A imaginação a enlouquecer devido à situação no castelo. Devido à escarlatina. Devido à sua estupidez.

E, no entanto, mesmo quando o seu coração acalmou, alguma coisa o inquietava... qualquer coisa que não conseguia recordar exatamente,

qualquer coisa sobre Linnet. Não lhe podia ter sido dito. Ninguém tinha mencionado o nome de Linnet desde que ela partira. Era como se ela nunca tivesse existido.

Parecia que até Sebastian a tinha esquecido.

Só ele pensava nela, mais ou menos de cinco em cinco minutos. Estava inclinado sobre um paciente e, em vez de pele escamada, via a delicada mão dela. Numa manhã, enfermeira Matilda chamou-o, e ele virou-se subitamente, pensando que era ela. Confundir a voz da enfermeira Matilda com a de Linnet era quase um sinal de loucura iminente.

Que seria? De que devia ele lembrar-se? O que quer que fosse, estava fora do seu alcance e era aflitivamente inapreensível. Qualquer coisa sobre dançar... o que era uma loucura. Ele nunca tinha dançado na vida.

Por fim, virou-se e voltou a adormecer.

Era um sofrimento atroz estar deitada de costas, por isso Linnet rolou para o lado, mas era igualmente mau. Voltou a rolar para trás e deu por você emaranhada em cobertores. Tinham-lhe posto cobertores em cima, tantos cobertores.

— Água — murmurou, ao ouvir uma voz.

Espreitou e viu uma figura robusta a flutuar bastante acima dela. A figura inclinou-se e pegou-lhe no pulso. Ela observou o braço levantado com uma espécie de terror fascinado. A sua pele... o que estava a acontecer-lhe à pele era alarmante. Repugnante.

— Claro que podíamos levá-la para o castelo — veio uma voz de algures... algures perto dos pés dela. — Mas tenho de admitir que Mister Sórdido achou que a despesa e o tempo não se justificavam. No fim de contas, não fazemos ideia de quem ela é. Eu estou a tratar dela às minhas custas, doutor. Às minhas custas.

— O castelo — tentou ela murmurar. Mas eles pareciam não a ouvir. A garganta doía-lhe muito e a língua já não lhe cabia na boca. — Água — tentou novamente.

O homem que lhe tinha pegado no pulso voltou a pousá-lo e endireitou-se.

— Ela não sobreviveria à viagem, Mistress Sórdido — disse ele. — Receio que esta doença seja forte demais. Tem os olhos abertos, mas vê-se bem que não está compôs mentis. Já está a olhar para o outro mundo, não me admiraria.

— Ela parece um pouco menos quente, no entanto.

— Percebi que a febre vai e vem. Talvez escreva um tratado sobre isso quando isto tudo acabar. Estou a pensar nisso.

— Ah, sim, devia, doutor. Seria uma enorme ajuda para outras pessoas, tenho a certeza.

— Tratado sobre Doenças Febris — disse ele. — Talvez com um subtítulo do gênero

Incluindo as Febres Intermitentes, Remitentes e Continuadas e os Proflúvios^[8]. Vou informar que temos tido um sucesso modesto com a aplicação de sanguessugas nas áreas envenenadas, assim como com o uso de ruibarbo como laxante.

Mrs. Sórdido deu um gritinho que parecia indicar concordância.

— Já tivemos notícias do duque? — perguntou o médico.

— Era um duque o dono da carruagem, não era?

— Isso é o que nós pensamos por causa do brasão da carruagem. Vai demorar algum tempo até o nosso homem chegar a Londres e voltar com notícias. E uma grande pena o que aconteceu ao cocheiro.

— Foi enterrado?

— Nunca acordou, depois daquela primeira noite. Só delirava, pensando que estava em Londres. Enterramo-lo imediatamente. Mister Sórdido achou que não valia a pena esperar.

— Esta mulher não pode ser uma senhora — calculou o médico, pensativamente. — Viaja sem criada, sem bagagem de qualquer gênero, e olhe só para essa chemise que ela tem vestida. Suponho que é criada em casa do duque, ou qualquer tipo de serviçal. A senhora é muito gentil em estar a tomar conta dela desta maneira, Mistress Sórdido. Muitos estalajadeiros não se dariam a esse trabalho.

— Ela não estorva ninguém. Este velho galinheiro não estava a ser utilizado para nada — explicou Mrs. Sórdido, modestamente.

— Mandei a criada da copa vir trazer água de manhã e à tarde, tal como o senhor disse.

— Não é o mesmo que queixar-se do cheiro das galinhas— disse o médico. — E uma doença fétida.

— Terrivelmente inchada, não está? — perguntou Mistress Sórdido. — E que é aquilo a escorrer da orelha, doutor?

O rosto do médico apareceu indistintamente mais perto de Linnet.

— Líquido fétido — disse, endireitando-se. — Não há nada que se possa fazer aqui, Mistress Sórdido. Pode ter a certeza de que já cumpriu o seu dever cristão para com estes pobres viajantes.

— Venha apanhar ar fresco, doutor — sugeriu Mrs. Sórdido, enquanto os seus passos ecoavam no soalhe de madeira ao dirigir-se para a porta. Levantava em remoinho pequenos rolos de cotão que flutuavam à frente dos olhos de Linnet como pó mágico.

O médico endireitou-se e virou-se para sair também.

— Não tenho qualquer dúvida de que o duque a recompensará pelos seus cuidados.

— Sim, mas Mister Sórdido não está nada contente de a ter aqui. Nem de eu vir à capoeira com você, tenho de lhe dizer, doutor. Mas eu disse-lhe que pedi ao senhor que viesse visitá-la mais uma vez, porque não quero a morte dela na minha consciência.

— Agiu de forma correta, agiu, sim senhora — concordou o médico acaloradamente.

— Uf cheira muito mal aqui dentro, não cheira?

— Não — disse Linnet, esforçando-se tanto que quase se sentou. — Não, por favor! Viu indistintamente Mrs. Sórdido parar à porta.

— Que está a acontecer-lhe agora, doutor?

— Uma apoplexia, presumo — disse ele, olhando de relance por cima do ombro. — Venha comigo, minha senhora. Já tentamos tudo o que era humanamente possível e agora devemos apenas entregar a sua alma a Deus. De fato, talvez queira avisar o padre.

— Oh, eu não podia tirar o padre da igreja só para... — A voz dela desvaneceu-se. Tremendo, Linnet levou a mão à cara. Tremia-lhe à frente dos olhos.

Há quanto tempo estava ali? Pareciam semanas... meses.

Devagar, devagar, levou a mão ao copo que estava ao lado da sua enxerga e conseguiu levá-lo aos lábios. A água fluiu para a boca, fresca e agradável. Mas, pouco depois, apercebeu-se de que se tinha esquecido de engolir e agora tinha o pescoço molhado.

Tentou novamente e a água bateu-lhe contra o nariz. Uma lágrima correu-lhe pela cara abaixo.

Ela sentia o calor à espreita, a regressar. Água, pensou. Desta vez conseguiu engolir. Mas, quando tentou voltar a pôr o copo no chão, ao lado da enxerga, ele rodou de lado e o resto da água entornou-se no chão sujo.

Não há mais água. Não há mais água. A frase batia-lhe na cabeça ao ritmo da sua pulsação.

O calor horrível estava a vir agora, levando-a novamente para aquele remoinho febril onde não conseguia ouvir nem ver nada. Mas, no entanto, a água....

A piscina cintilava em frente dela, de um azul requintado, fresco e refrescante. E lá estava Piers, o seu rosto fino, sardônico, adorável, sorrindo-lhe.

Nesse momento, antes de a febre a chamar outra vez, concentrou-se em amá-lo, concentrou-se na forma feroz como ele vivia, em agonia, mas nunca parando. Na forma como sorria. Na inteligência dos seus olhos.

Ele nunca desiste, pensou ela. Pequenas manchas, pretas, aglomeravam-se à frente dos seus olhos, de maneira que mal conseguia-ver as tábuas, envelhecidas pelas intempéries, na parte inferior da sua enxerga.

Depois a febre apoderou-se dela e os olhos fecharam-se novamente.

No dia seguinte.

Ameio da manhã, não havia qualquer dúvida de que a epidemia estava controlada. Apenas três novos pacientes chegaram ao castelo e não estavam in extremis.

Pela primeira vez desde que a epidemia começara, Sebastian e Piers pararam realmente para almoçar, deixando-se cair em cadeirões na pequena sala de estar, onde Prufrock lhes serviu galinha estufada e copos de vinho.

— Isto é civilizado — comentou Piers, com um suspiro. — Já levaste disto aos meus pais, Prufrock?

— Sim, meu senhor — anuiu Prufrock. — Sua Graça saiu para o levar para dentro, assim que eu me afastei até uma distância segura, claro. — Aclarou a voz. — Parecia bastante contente.

— Estafermo sortudo — disse Piers. — Ela perdoou-lhe. — E, de certa forma, ele também perdoara. A vida era o que era. Era altura de pôr de lado a sua raiva em relação ao pai e andar simplesmente para a frente, com a perna defeituosa e tudo.

— Felizes para sempre — comentou Sebastian, bebendo um grande trago de vinho.

— Cristo, sabe bem estar limpo outra vez. Não me apetecia sair daquele banho.

Prufrock ofereceu a Piers um prato de tenros espargos novos.

— O doutor Bitts já saiu da cama. Ainda está bastante fraco, mas o criado conta que ele está fazendo perguntas acerca dos pacientes.

— O Bitts — disse Piers, taciturno. — Não é mal médico, especialmente para um cavalheiro. Melhor que o Penders. Esse tolo apareceu ontem com uma infusão de rosas para limpar as línguas dos pacientes. Não vi mal nenhum nisso, mas também nenhum benefício.

— Acho que os cavalheiros dão os melhores médicos — argumentou Sebastian. — Olha para nós os dois. — Sorriu, o cansaço a ensombrar os olhos, mas triunfante, apesar de tudo.

— Fizemos um trabalho tremendo com o surto de escarlatina, Piers. E nem sequer envolveu amputar membros aos doentes, que é o nosso forte. Ou o meu, melhor dizendo.

— Nós somos uma anomalia — afirmou Piers, girando o vinho e tentando não pensar em Linnet. O que era inútil, porque a única altura em que não pensava nela era quando estava fazendo qualquer coisa,

empenhadamente, a um paciente. — A maioria dos homens, como o Bitts, que se sente à vontade no salão de baile, não é...

Parou.

Bitts... dançando com Linnet, rindo-se para ela. Inclinando o pescoço em direção a ela. Respirando para cima dela. Todas as noites, quase todas as noites. Afastou-se da mesa com tanta força que a cadeira caiu.

— Linnet!

Sebastian abriu a boca.

— Ela dançou com o Bitts. Sou um idiota maldito, maldito. Ela dançou com o Bitts na véspera de ele adoecer e depois partiu na carruagem sozinha. — O sangue tinha-lhe desaparecido da cabeça; sentia-se tonto. — Onde está a minha bengala, a minha bengala miserável?

Tinha caído para o chão. Prufrock apressou-se a apanhá-la. Sebastian estava também de pé, de semblante carregado.

— Os sintomas do Bitts apareceram no dia seguinte — disse Piers, com voz rouca. — No dia seguinte, Seb! Ela pode estar em qualquer sítio, doente. Ela pode estar..

Virou-se e afastou Prufrock tão bruscamente do seu caminho que o mordomo tombou para trás, contra o aparador.

— Vou atrás dela.

— Espera! — gritou Sebastian. — Temos de ponderar bem isto.

— Não há nada para ponderar — retorquiu Piers. O pânico fluía através dele como mercúrio, queimando as veias.

— Vou atrás dela. Traz o meu casaco, seu idiota — disse bruscamente a um lacaio. — Prufrock, uma carruagem. A mais rápida que tivermos. O cabriolé de dois cavalos.

— Você não sabes onde ela está — protestou Sebastian. — Que caminho tomou para Londres. Não podes levar um cabriolé na viagem toda até Londres.

— Vou perguntar o percurso ao meu pai. E, se ela morrer por ele ter permitido que viajasse sozinha, volto aqui e mato-o.

— Piers!

Ignorou o grito de Sebastian, descendo os degraus do castelo a correr, prestando muita atenção à sua bengala para ter a certeza de que não dava um passo em falso.

O duque saiu da casa do guarda e ficou lívido quando ouviu a explicação de Piers.

— A estrada para Swansea — disse ele. — Eu disse aos criados que esperassem por ela em Llanddowll.

— Llanddowll ou Llanddowrr? — perguntou Piers.

O duque empalideceu ainda mais.

— Acho que disse Llanddowll. Não tenho a certeza.

— Llanddowrr faz mais sentido; é na estrada que vai para norte, para Carmarthen. — Piers rodopiou no calcanhar e lançou-se de novo na subida para o castelo. Era o seu pesadelo, outra vez. Tentar descer o caminho; subir o caminho, era tudo o mesmo, e demasiado devagar por causa da sua maldita perna, incapaz de a salvar.

A carruagem estava pronta e à espera em frente do castelo, com quatro cavalos frescos.

— Isso não é um cabriolé — rosnou Piers a Prufrock, que estava à porta da carruagem

Sebastian desceu os degraus do castelo a correr.

— Você não sabes onde é que ela está. Se apanhou escarlatina com o Bitts, e há uma boa hipótese de não ter apanhado, visto que a sua mãe parece estar perfeitamente bem, mas, mesmo que ela tenha contraído a doença, teria tido os primeiros sintomas durante o primeiro dia de viagem. Dois dias no máximo. Mas não vais encontrá-la tão perto, Piers.

— Porque não? — rosnou ele.

— Porque ela não está doente. Se estivesse, os criados do duque tê-la-iam trazido de volta imediatamente. Teriam mandado alguém aqui a cavalo, se ela estivesse, doente demais para ser transportada. Já passaram seis dias. Mesmo que ela só tivesse adoecido ao segundo dia, alguém já nos teria trazido notícias por esta altura. Não estão todos doentes. Nenhum deles dançou com o Bitts.

Piers parou, um pé no degrau da carruagem.

— Sete dias desde que ela partiu, não seis. Podiam ter já andado muito quando ela começou a ter os sintomas. Alguns pacientes estão... Ah! Estou a ver. Um cabriolé não, pois eu posso ter de ir mesmo até Londres. Compreendo.

Sebastian pôs uma das mãos no ombro.

— Ela não está doente, Piers. Eles continuaram até Londres, e ela está lá, sã e salva, à sua espera.

— Não podes ter a certeza. — Piers içou-se para a carruagem.

— Nunca saberás se ela está morta ou viva, a não ser que a mantinhas

sempre perto de ti — disse Sebastian com perfeita, embora irritante, precisão.

Piers atirou-se para um assento. O primo passou-lhe uma sacola através da porta da carruagem.

— Leva isto. Pelo sim pelo não... todos os bálsamos que os auxiliares têm estado a utilizar, apesar de eu não fazer ideia se funcionam. Um pouco de farinha de malte a fermentar, até um frasco da água de rosas acidulada do Penders. Queres lacaios?

— Não podes dispensá-los — disse Piers. — O Neythen ainda está de cama. Chega-me bem o Buller. Colocou a sacola no assento ao lado dele.

— Estou convencido de que ela está bem, e não vais precisar disso, mas vai lá buscá-la. — Sebastian sorriu. — Ficamos bem aqui.

— Não vou por essa razão — rosou Piers. — Ela pode estar doente, seu idiota.

— Você vais por ela, por muito que jures que não vais — afirmou o primo. — Eu sabia que havias de ir. Não consegues apanhá-la no caminho; ela começou com muito avanço. Vais ter de rastejar em Londres...

— Eu não... — afirmou Piers.

Sebastian estendeu o braço para dentro da carruagem, e bateu-lhe no ombro, o tipo de soco amigável que trocavam quando eram miúdos.

— Eu também gosto dela. Todos a queremos na família. E... ela é sua. Há qualquer coisa especial nela. Ela é sua.

— E minha — disse Piers, saboreando as palavras na língua. Elas assentavam bem no seu coração. — E minha. — Não era bem uma pergunta.

— Então, vai e trá-la de volta — disse Sebastian, sorrindo-lhe.

Piers levantou o braço e bateu no teto da carruagem.

— Sai da frente, Seb. Eu tenho... — A porta fechou-se antes de ele acabar a frase.

— Uma esposa para encontrar — disse ele para a carruagem vazia. — Tenho a Linnet para encontrar, para trazer para casa, para casar.

Llanddowrr era uma aldeia pequena, sonhando ao sol da tarde. Piers entrou violentamente pela porta da estalagem, que ficava no meio da rua principal, empunhando a bengala como um maníaco. Não viu sinais de viajantes doentes... de fato, absolutamente nenhum sinal de escarlatina. Nada de panos carmesim pendurados das janelas como aviso, nenhuma aflição aparente.

— Ouvimos falar disso, claro — disse o estalajadeiro, os olhos temerosos só com a ideia. — Passou por aqui um grande grupo de pessoas, o pessoal doméstico de um duque. Ficaram para uma refeição e depois apressaram-se a prosseguir, pondo-se a andar.

— Os criados do duque de Windebank — concluiu Piers.

— Estiveram aqui algum tempo?

— Até ao fim da tarde.

— Veio juntar uma senhora jovem que viajava numa das outras carruagens do duque?

O estalajadeiro pestanejou.

— Bem, em relação a isso não posso realmente pronunciar-me. Havia três carruagens e a mulher e eu estávamos a preparar uma refeição para todos eles. Catorze eram eles, todos de uma vez, empilhando-se nas salas de convívio, percebe?

— Todos de uma vez — repetiu Piers. — Mas a jovem senhora? Ela teria chegado ao final da tarde.

— Isso não sei, a não ser que ela não tivesse querido comer.

Piers pensou em Linnet tal como a vira da última vez, da expressão magoada nos seus olhos.

— Talvez não tenha querido comer.

— Vamos perguntar ao moço de estrebaria — disse o estalajadeiro, saindo de trás do balcão. — Ele é que sabe se uma quarta carruagem veio a seguir às outras. Eles estavam terrivelmente nervosos, isso sei eu. Estavam sempre a dizer que o duque lhes ordenara que continuassem se ele não chegasse até ao crepúsculo.

— Mas, certamente, esperaram pelo duque — disse Piers, controlando a voz. Provavelmente não se saiu bem, porque o estalajadeiro olhou nervosamente por cima do ombro antes de correr porta fora a gritar.

— Daw! Daw, onde diabo te meteste?

Daw estava a inspecionar os cavalos de Piers, limpando-os e conversando animadamente com Buller. Levantou-se repentinamente com o rugido do estalajadeiro.

— Viste se veio uma jovem senhora noutra carruagem juntar-se às três carruagens que pertenciam ao duque? — perguntou o estalajadeiro.

Daw abanou a cabeça.

— Eles esperaram, até cerca das oito. O que era uma hora louca para arrancar estrada fora para o norte, mas eles estavam todos impacientes e com medo de adoecer. Tencionavam conduzir noite dentro, acho eu.

— Ela não chegou a vir — disse Piers, sentindo-se desanimado. Ela tinha partido do castelo por volta das três horas, nessa tarde. Devia ter chegado com tempo de sobra antes de a caravana partir.

— Eles falaram da vinda do duque — avançou Daw. — Mas ninguém veio, por isso foram-se embora.

Ela devia ter ido para uma aldeia errada. Piers atirou uma moeda de ouro ao estalajadeiro e virou-se para gritar a Buller:

— Temos de voltar para trás. Vamos para Llanddowll.

— Llanddowll — disse Daw. — Não é maior que um telheiro, é mesmo uma aldeia muito pequena.

— Está mais pequena agora — retorquiu Piers. — A aldeia foi gravemente atingida pela escarlatina.

O moço de estrebaria chegou-se para trás e os cavalos partiram. Piers sentou-se na carruagem, os dedos a tamborilarem contra o peitoril. Ela nunca chegara a Llanddowrr. Isso queria dizer... isso queria dizer o quê? Ela devia ter ido para Llanddowll.

Porque não regressara ao castelo, quando não conseguiu encontrar os criados do duque? Não podia ter prosseguido para Londres sozinha.

Impossível. Ela não tinha pertences, nem criada. Estava tudo nos baús que haviam seguido com os criados do duque. Ela nem era capaz de desabotoar o vestido sozinha.

O que ele lhe tinha dito não era assim tão terrível, que a fizesse fugir sem uma peça de roupa.

Floresta, hectares de floresta, corriam pela janela. Llanddowll era na direção oposta a Llanddowrr, relativamente ao castelo. Finalmente, viu os torreões do seu castelo a uma curta distância. Os cavalos abrandaram e depois pararam.

— Não podemos parar, raios! — exclamou Piers abrindo a porta e

gritando ao cocheiro.

— Os cavalos estão estoirados — disse apologeticamente o homem. — Se não os trocarmos, terei de abrandar e acho que vai demorar menos tempo se pusermos uma parelha nova.

O que Piers respondeu a isto era impossível de imprimir, ou de pronunciar. Não ajudou. Os cavalos, cansados, foram lentamente até casa. O Sol estava a desaparecer. O tempo, o tempo escapava-se por entre os dedos, e ele continuava a correr ao longo daquele caminho para o mar. Ia chegar tarde demais.

Prufrock apareceu.

— Meu senhor?

— Ela nunca chegou a Llanddowrr — declarou Piers. — Vamos para Llanddowll.

— Raios — disse sucintamente o mordomo.

Piers engoliu em seco.

— Ela pode ter ido para Londres sozinha, quando não encontrou os criados. Prufrock assentiu com a cabeça.

— Provavelmente foi isso. Miss Thrynne não teria querido... — Parou.

— Não teria querido regressar aqui — concluiu Piers, com o coração a bater-lhe na caixa torácica como um pássaro numa armadilha.

— Então, foi isso que ela fez — disse o mordomo, apesar de, obviamente, não acreditar nisso.

— Alguns pacientes novos?

— Não — disse Prufrock. — E um dos que pareciam estar mortos de certeza, Barris Connah, parece estar a safar-se.

Cavalos frescos estavam a postos e Piers subiu novamente para a carruagem, coxeando, quase caindo ao passar pela porta. Puseram-se outra vez a caminho.

Se Llanddowrr era pequena, Llanddowll era um pontinho talhado a custo na floresta. Uma estalagem castigada pelo tempo, um sapateiro, uma aglomeração de casas. Nenhum moinho, o que colocava a aldeia, de imediato, no percurso original de entrega de farinha do paciente. Cinquenta almas no total, se tanto.

Estava fazendo-se tarde quando chegaram à estalagem. O estalajadeiro apareceu quando a carruagem parou. Tinha um nariz fino e o rosto chupado, com uma barba imunda e um ainda mais imundo lenço encarnado à volta do pescoço. Estava a esfregar às mãos, com um ar

cauteloso, mas acolhedor.

— Boa noite para você, senhor — disse ele, assim que Piers pôs os pés no chão. — E bem-vindo ao Tolo Jogador. Eu sou Mister Sórdido, seu anfitrião, mas talvez deva dizer-lhe que tivemos um pequeno problema na aldeia...

— Escarlatina — interrompeu-o Piers. — Eu sou o conde de Marchant e admitimos quatro pacientes desta aldeia.

— Fizemos o melhor que pudemos — disse o estalajadeiro, presentindo uma crítica.

— Isolamo-los assim que...

— Chegou aqui uma jovem senhora numa carruagem com o brasão do duque de Windebank?

Piers viu-o nos olhos de Sórdido antes de ele falar, na forma como evitaram os seus, na forma como o seu peso passou de um pé para o outro. Num instante, Piers agarrou-o pelo lenço de pescoço encardido.

— Onde está ela? Está morta?

— Nós não fizemos nada! — guinchou o estalajadeiro, o rosto a ficar vermelho vivo.

— Estamos a tratar dela, a tratá-la bem. E também fizemos o mesmo pelo cocheiro, antes de ele morrer.

Ela ainda estava viva. Piers largou o lenço vermelho e afastou-se para trás.

— Onde está ela?

Os olhos de Sórdido moveram-se novamente.

— Nós isolamo-la, tal como o padre disse que devíamos fazer. Se fizer o favor de entrar na sala de convívio, meu senhor, eu peço à minha senhora que vá ver como está a jovem mulher e certificar-se de que ela pode receber visitas.

— Jovem mulher?

O estalajadeiro recuou um passo.

— Nós pensamos... o médico disse... nós pensamos que ela devia ser uma criada ao serviço do duque.

— Uma criada? Pensaram que uma futura condessa era uma criada? Onde tinha havido vermelho vivo, havia agora apenas amarelo pálido.

— Não tínhamos qualquer indicação para pensar que ela era uma senhora, meu senhor. Sem criada e sem baús.

— O cocheiro teria dito antes de morrer. — Piers deu um passo

determinado em frente.

Os olhos de Sórdido pestanejaram para a bengala de Piers e depois para o seu rosto.

— Ele não disse nada. O homem estava doente, doente de morte. Delirou um pouco, mas nada do que disse fez sentido para nós. Depois morreu depressa.

Piers fechou os olhos por um segundo. Que estava ele fazendo, a brigar com o estalajadeiro enquanto Linnet...

— Leva-me até ela. — Não era um pedido; era uma ordem.

O homem olhou desesperadamente para trás de você. E depois berrou:

— Moll!

A mulher estava um pouco mais asseada que o marido, mas os seus olhos eram pequenos e juntos, como os de um furão. Havia um pânico crescente na garganta de Piers. O cocheiro tinha estado a assistir silenciosamente do seu assento; depois, apeou-se, atirou a rédea principal dos cavalos por cima de um poste de atrelar cavalos e aproximou-se de Piers.

— Sua senhoria veio aqui à procura dessa mulher — o estalajadeiro corrigiu-se a você próprio —, da senhora que tem estado de cama, doente. As nossas próprias custas, temos estado a tratar dela — disse ele, esticando o queixo. — Por ela não ter dinheiro nenhum com ela.

Piers franziu a sobancelha. Era inteiramente possível que Linnet não tivesse levado com você um saco de rede, ou que o tivesse deixado na sala de estar quando saiu pela janela. O cocheiro do duque teria recebido dinheiro do amo para despesas imediatas, mas se, quando chegaram, ele sucumbira imediatamente como afirmava o estalajadeiro...

A mulher do estalajadeiro fez uma reverência.

— Ela tem estado terrivelmente doente, lamento dizer. Ainda ontem trouxe aqui o médico e ele disse que nós fizemos tudo o que um mortal podia ter feito.

Piers cerrou o maxilar com tanta força que mal conseguia proferir as palavras.

— Leva-me até ela.

— Tal como eu disse, se esperar um momento na minha sala de convívio, aqui a minha mulher, Mistress Sordido, ela vai ver se a jovem senhora pode aceitar visitas.

— Leva-me até ela.

Mrs. Sordido fez outra reverência.

— Peço desculpa, meu senhor, mas eu não poderia fazer isso de consciência tranquila. A jovem senhora é de tenra idade e não é casada. Eu vou apenas certificar-me de que ela está...

A voz de Piers estalou como um chicote no tranquilo pátio da estalagem.

— Leva-me até ela já.

Dirigiu-se para a porta, batendo com a bengala nas duras pedras da calçada, quando o cocheiro disse:

— Meu senhor

A mulher do estalajadeiro ia a dobrar a esquina da estalagem a correr, ficando o marido, sem iniciativa, no sítio onde estava.

Piers alterou o seu trajeto. Claro que eles não a tinham alojado na estalagem. Ele próprio tinha garantido isso, quando emitira as ordens de quarentena. Contornaram a esquina, Mrs. Sordido a correr à frente. Piers olhou por cima do ombro.

O cocheiro, Buller, depressa lhe agarrou o cotovelo.

— Vamos todos juntos, está bem? — sugeriu ele. Buller era um homem grande e a sua voz, apesar de suave, pareceu assustá-la.

— Não é decente! — gritou ela. — Ela não está devidamente vestida.

Piers concentrava-se apenas em escolher o caminho por entre as pedras na escuridão que já caía. Sabia que o estalajadeiro vinha atrás dele, que as sombras crescentes lhes estendiam os dedos do bosque que os cercava. Mas o medo invadia a mente. O medo martelava na cabeça e no coração.

Levaram dois ou três minutos a caminhar até lá; pareceu uma hora. Mrs. Sordido protestou o caminho todo, mas Buller continuou a agarrar-lhe firmemente o cotovelo.

— Ali — disse ela finalmente, cuspidando a palavra à laia de desafio. Piers olhou, mas Buller falou primeiro.

— Aquilo é para as galinhas. E um galinheiro.

— E um bom galinheiro — afirmou ela. — Suficientemente alto para se entrar. E não há lá galinhas há meses, há seis meses, provavelmente. Nós metemo-la lá dentro e eu mandei a minha criada visitá-la de manhã e à noite, graças à minha boa vontade cristã, deixe-me dizer-lhe. E trouxe-lhe o médico duas vezes, e mandei-o tentar tudo o que podia, as sanguessugas e tudo, apesar de não haver ninguém para lhe pagar.

Piers ficou colado ao chão. O galinheiro não tinha janelas e a porta estava pendurada de uma única dobradiça de cabedal. Era feita de tábuas grosseiras, que aparentemente tinham começado a desfazer-se, visto que

tinham sido pregadas peças de madeira ao acaso, aqui e ali.

— Que cheiro é este? — perguntou Buller, a voz a descer uma oitava. A mão que tinha no braço de Mrs. Sordido deve ter-se apertado, porque ela guinchou em protesto.

— E das galinhas — disse ela. — Quer dizer, as galinhas cheiram mal e nós não tivemos tempo de limpar.

Piers tinha-se libertado da sua paralisia e deslocava-se o mais depressa que conseguia através da pequena clareira em frente do galinheiro. Uma parte da sua mente gritava silenciosamente de pânico, a outra estava sinistramente consciente de que ele estava a reviver o seu pesadelo, a tentar alcançar Linnet... tarde demais.

Atrás de você, ouvia os protestos de Mrs. Sordido e Buller a grunhir em resposta. Chegou à porta e abriu-a de par em par. A dobradiça estalou e a porta caiu ao chão com um estrondo.

Uma vez lá dentro, Piers não conseguia ver nada na escuridão e os seus olhos começaram imediatamente a lacrimejar devido ao ar fétido. Cuidadosamente, avançou com a bengala devagar, dando um passo, esperando que os olhos se adaptassem.

— Linnet — disse, suavemente. Suavemente, porque, no seu coração, sabia a verdade. Ela estava morta e a culpa era sua.

Nenhuma resposta. Deu outro passo em frente e finalmente os seus olhos começaram a adaptar-se. Não havia cama. Olhou para baixo e apercebeu-se de que estava prestes a pisá-la.

A mulher que estava a seus pés não tinha qualquer semelhança com a sua alegre e bonita Linnet. Mas o médico dentro de você veio ao de cima, pondo de lado a sua aflição, largando a bengala para poder ajoelhar-se ao lado dela e agarrar-lhe o pulso.

Por um momento, perdeu as esperanças de lhe sentir o pulso, mas depois sentiu-o; filiforme e fraco, mas presente.

— Linnet — disse, com a mão na face dela, sem ver a sua pele deteriorada ou o cabelo emaranhado, mas a forma do seu querido rosto, a maneira como ela se curvava ligeiramente para o lado, como sempre fazia quando dormia. Ele amava-a; ele amava-a tanto que o seu coração estava destruído.

Nenhuma resposta. Uma nuvem de eflúvio de galinha erguia-se em volta dos joelhos quando se mexia. Ela fervia, claro. Entorpecido, catalogou os sintomas que lhe era possível ver à meia-luz — e não foi capaz de os juntar para a conclusão óbvia.

Em vez disso, apanhou a bengala, pôs-se de pé e depois dobrou-se para sair pela porta de entrada.

— A culpa não foi nossa — gritou Mrs. Sordido assim que ele saiu. Buller ainda lhe agarrava o braço.

— Presumo que não têm hóspedes na estalagem — afirmou Piers.

— Não — disse ela, meio a arfar. — Não temos de momento, mas...

— Vou ocupar a vossa estalagem. Você e o teu marido vão ter de sair.

— Onde está a carruagem, do duque? — perguntou repentinamente Buller. — Também não estou a ver onde meteram os cavalos.

Houve um segundo de silêncio, depois Sordido disse:

— Mandamo-los para o duque, claro. Para Londres.

Buller agarrou novamente o braço de Mrs. Sordido. Mas deve ter havido alguma coisa nos olhos de Piers que foi mais assustadora do que a ameaça da força. Ela vacilou e disse:

— Atrás da estalagem, no alpendre.

— Não, não estão — disse Sordido, muito alto. — Nós...

— Vocês roubaram a carruagem — afirmou Piers. — Vocês roubaram os cavalos. Vocês provavelmente roubaram a roupa da minha mulher.

— Nunca tinha dito que ela era sua mulher! — acrescentou Sordido.

— Ela é minha. Vocês roubaram-lhe a roupa, e o dinheiro que eles tinham, e tenho quase a certeza que mataram o cocheiro do duque de Windebank.

— Não — disse Sordido, a arfar. — Não tivemos nada que ver com isso.

— Ele morreu da doença que tinha — retorquiu a mulher, as palavras a saírem agora em catadupa. — Eles chegaram tarde, de noite, e ele foi-se deitar por cima dos estábulos, mas, na manhã seguinte, estava com febre alta, muito quente, a balbuciar e a tossir. Acabou por nunca melhorar.

Piers olhou para ela.

— Ele não o matou! — repetiu ela, com uma voz estridente. — Ele delirou e disse muitas coisas incompreensíveis, mas nós não podíamos estar à sua cabeceira todos os minutos do dia. Além disso, ela estava doente, e o ferreiro também estava de cama com o mesmo, assim como a mulher. Não parávamos um instante, a tentar trazer aqui o médico da aldeia vizinha. E depois veio o padre e disse que os que estavam doentes tinham de ser isolados. — Perdeu o gás.

— Ele morreu — acrescentou Sordido. — Ele morreu depressa. Mas ela

não. Por isso, tivemos de a pôr em algum sítio.

— Você e o teu marido, saiam — ordenou Piers. — Se estiverem nesta casa daqui a uma hora, terei de mandar pô-los nas masmorras do meu castelo. São ligeiramente piores do que o sítio onde puseram a minha mulher.

Aboca dela abriu-se.

— Não... não vai! — Com um sacão feroz, libertou o braço da mão de Buller. — O senhor não pode vir aqui e fazer o que lhe apetece com a propriedade de uma pessoa! Esta é a minha estalagem, minha e do Sordido. Compramo-la livre de encargos por cinquenta libras e não vamos... Sordido!

— Se deixarem a estalagem agora, não os levo a tribunal perante o juiz.

— Não pode fazer isso! — exclamou ela, estridente. — Sordido, diz alguma coisa! Não fizemos mais do que a nossa obrigação para com aquela mulher. Graças à bondade dos nossos corações.

— Vocês não têm coração — afirmou Piers. — O que vocês têm é uma hora para juntarem os vossos bens e saírem. Não os quero num raio de dez milhas do meu castelo; Não os quero sequer em Gales. Se não estiverem fora daqui dentro de uma hora, mando deportá-los para as colônias.

Mrs. Sordido era obviamente o poder por trás do trono, por assim dizer. Tinha as mãos nas ancas agora.

— Não pode! — gritou ela. — A propriedade é nossa, livre de encargos. Pagamo-la.

— Se estiverem fora da estalagem dentro de uma hora, não os processos. Se não estiverem, mando-os perante o juiz logo ao amanhecer.

— Não podemos — disse Sordido, começando a lamuriar-se. — A noite está a chegar, e que fariamos para arranjar dinheiro? Investi tudo nesta estalagem, todos os tostões que tinha.

Mas Piers estava farto da conversa.

— Buller, preciso que leves a minha... que leves a Linnet para dentro da estalagem. Uma hora — disse bruscamente a Mrs. Sordido. — Para o caso de, estarem a questionar-se se a minha palavra terá influência sobre o magistrado, acabei de salvar a filha dele de morrer de escarlatina.

— Fiz o que pude, por pura misericórdia cristã — gritou Mrs. Sordido.

Piers levantou a mão.

— Ela está às portas da morte. Estou a dizer-lhes que saiam por pura misericórdia cristã. Porque se ela morre...

Mrs. Sordido recuou, remexendo o avental nas mãos.

— Sordido! — gritou, virando-se para começar a correr.

— Despacha-te, homem, despacha-te!

— Leva a Linnet para a estalagem — disse Piers, virando-se para Buller.
— Eu vou à frente procurar uma cama aceitável. Depois dá a esses idiotas alguns guinéus e um vale de cinquenta libras e leva a carruagem imediatamente de volta ao castelo. Podes dormir umas horas e voltar de manhã. Nós precisamos de ajuda.

Buller assentiu com a cabeça e dirigiu-se ao galinheiro, dobrando-se para entrar. Piers virou-se e começou a atravessar o pátio em direção à estalagem.

Ouvia Mrs. Sordido a gritar com o marido, ao mesmo tempo que fazia uma algazarra no andar de cima.

Dirigiu-se de imediato ao melhor quarto de dormir.

— Esses lençóis são meus — disse Mrs. Sordido, aparecendo à porta. — O senhor disse que podíamos ficar com as nossas coisas.

O guinéu rodopiou pelo ar e ela apanhou-o muito bem.

— E a cozinha? — perguntou ela. — Penso que o senhor vai precisar de um tacho ou dois e eu tenho uma despensa cheia já preparada para o inverno.

Ele duvidou, mas atirou-lhe mais uns. E depois:

— Sai.

Ela correu.

Pelo menos, os lençóis estavam limpos e eram razoavelmente macios. Ele puxou as cobertas para trás, correu as cortinas e abriu as janelas de par em par enquanto ouvia o som de Buller a subir lentamente as escadas.

Juntos, deitaram-na na cama.

— Deus Todo-Poderoso — sussurrou Buller. — Que lhe fizeram? Nunca cheirei nada assim. E a cara dela...

Piers olhou para o rosto e pele de Linnet, arruinados.

— E da escarlatina, não do galinheiro. Preciso de água, Buller, imensa água. Um balde imediatamente e vários tachos a ferver no fogão. E traz-me a sacola da carruagem. Assim que vires esses labregos fora das instalações, tens de regressar ao castelo e trazer ajuda. Nós ficamos bem sem ti, entretanto.

— Ficam bem? — sussurrou Buller. Os seus olhos estavam, fixos em Linnet. — Não diria que era ela. Nunca vi nada assim. Ela era a coisinha mais bonita...

— Vai — disse Piers, fazendo um movimento brusco com a cabeça. Esperou até ouvir os passos do homem a começarem a descer as escadas e

depois rasgou o vergonhoso simulacro de camisa de noite que Linnet usava. Estava esfarrapada e rasgada; os Sordido tinham obviamente levado toda a roupa dela quando a depositaram no galinheiro. Atirou-a para o canto.

Contudo, ela não se mexeu, o pescoço e a cabeça extremamente frouxos, enquanto Piers lhe afastava o cabelo imundo do rosto, empilhando-o em cima da almofada. Então, começou a falar com ela, uma conversa lenta e contínua, dizendo-lhe exatamente o que estava fazendo, enquanto lhe observava os ouvidos, a garganta, a língua escurecida, a pele. Encontrou sinais de sanguessugas na garganta e soltou um palavrão que interrompeu o seu monólogo tranquilizador.

Os pesados pés de Buller ressoaram novamente nas escadas pelo que Piers foi à porta.

— Preciso que tragas do castelo colchões limpos, pelo menos dois. Vou estragar este, a refresco-la e a lavá-la, e acho que existe uma razoável probabilidade de haver parasitas em qualquer cama da casa.

Buller assentiu com a cabeça.

— Há tachos com água no fogão. Os Sordido já se foram embora. Ouvi um chicote quando estava de costas. — Hesitou.

— Que é?

— Eles roubaram a carruagem do duque, tenho quase a certeza. E os cavalos. Não os partir, mas aquilo não era o barulhe de uma carroça a arrancar. E disseram qualquer coisa sobre uma criada de copa, mas não se vê ninguém por aqui. A menina deve ter visto o caminho que as coisas estavam a tomar e fugiu.

Piers encolheu os ombros.

— Eles também ficaram com a roupa da Linnet, por isso terás de lhe trazer algo para vestir. Volta ao castelo e descansa, Buller. Espero-te logo de manhãzinha.

O cocheiro acenou com a cabeça, mas depois esperou, os olhos assustados.

— Ela vai sobreviver — declarou Piers, dizendo-o com veemência, uma afirmação, não uma opinião.

Fechou a porta do quarto, atirou com o casaco e começou a luta da sua vida. Pela vida dela.

— Temos de te limpar, querida — disse ele a Linnet. Ela não se moveu. — Você estás em coma, por isso espero que não saibas quão imunda estás. — Esperava-o, com devoção.

— Vou lavar-te da forma como a enfermeira Matilda lavava o Gavan uma vez por semana e, se te apetecer contorcer-te ou gritar como ele fazia, por favor não hesites.

Silêncio.

— Antes de ter água fervida não poderei lavar as partes da sua pele que estão em carne viva, pois podem infectar. — Infelizmente, essa era a maior parte do seu corpo.

Deus, ela emagrecera tanto. Como podia aquilo ter acontecido tão depressa, numa semana? Passou de uma mulher curvilínea, deliciosa, quase para um esqueleto, o cabelo como palha, a pele...

Estava coberta por uma camada de fuligem da cabeça aos pés, as feridas e a carne viva em estratos de excrementos de galinha. Piers começou pelos pés, porque não estavam a descarnar, e lavou cada dedo cuidadosamente.

— O que quer que seja toda esta sujidade — disse-lhe ele, lavando pela segunda vez os dedos dos pés, e apercebendo-se de que a água para a qual estava a espremer o trapo já estava a ficar acastanhada —, vou escrever um artigo sobre isto depois de você recuperares. As propriedades milagrosas do estrume de galinha. Não pode ser pior que pasta de farinha de malte fermentada, apesar de o cheiro ser certamente mais penetrante.

Ele continuou a falar, a falar, e no entanto nem à ponta de um dedo de Linnet estremecia em resposta. Avisou-a quando foi lá abaixo buscar mais água e saudou-a quando voltou para o quarto.

— Um avanço desengonçado — disse-lhe ele. — Primeiro, tive de içar o balde a cada degrau e depois içar-me a mim próprio. Agora estamos a começar a parte difícil, querida. Vai doer. Estás coberta de porcaria e eu tenho de te limpar a pele. Com sabão, o que vai fazer as bolhas rebentadas doerem ainda mais.

Misericordiosamente, ela não parecia sentir, embora a dor tivesse sido um tormento para um paciente consciente, que em geral gritava a um simples toque. Ele inspecionava constantemente os olhos, para ver se as pálpebras estremeciam em sinal de desconforto. E escutava o peito vezes sem conta, encontrando o ruído profundo que o tranquilizava, porque ela estava a respirar.

A certa altura, entornou simplesmente a água, agora tépida, sobre ela,

desesperado por vê-la limpa, mas com medo de esfregar a pele que estava aberta e em carne viva devido à erupção da escarlatina. Não resultou. A sujidade estava colada ao corpo, cedendo apenas a água e sabão.

Caiu a escuridão. Ele acendeu o único candeeiro que conseguiu encontrar, sem fechar as janelas. Ela tinha estado fechada naquele galinheiro dias a fio; o ar fresco só podia ajudar.

— Estás mais fresca agora — disse-lhe. — A febre baixou, mas se foi daquela água toda ou se é, simplesmente, a evolução da doença, não sei. Descobrimos que a febre vai e vem.

Ele tinha progredido lentamente para a parte de cima do corpo, passando seios, braços e pescoço.

— Cheguei à sua cara, Linnet. Isto vai ser tortura. O Gavan gritaria aqui-dele-rei.

O cabelo dela, espesso e fétido, tinha voltado a cair-lhe para a cara, pelo que ele o afastou novamente. Estava emaranhado com suor, água e esterco.

— Tenho de o cortar — disse. — Fala agora ou nunca.

Ela permanecia imóvel e Piers deu por você a engolir um grito, um soluço, uma resposta involuntária que não se havia permitido desde os primeiros dias da sua lesão, quando aprendeu que chorar de dor a piorava.

Quem teria pensado que havia pior dor no mundo?

Voltou a descer as escadas para a cozinha e regressou, içando outro balde de água e uma faca.

— Este cabelo tem de sair — disse-lhe. — Vai crescer outra vez. Mas, neste momento, está provavelmente a albergar Deus sabe que tipo de parasitas.

Não era fácil cortar cabelo com uma faca pouco ou nada afiada. Cortou-o o mais rente possível ao couro cabeludo e atacou o que sobrou com água e sabão, tocando-lhe na cara o mais ao de leve que conseguia. Quando acabou, escorria água pela cama abaixo, riachos fluindo pelo chão em todas as direções.

— Acho que temos de duplicar o salário da enfermeira Matilda — disse-lhe ele. — Isto é mais difícil do que aquilo que eu faço aos pacientes.

Virou-a cuidadosamente, segurando-lhe o pescoço como se ela fosse um bebê de um dia. As costas estavam mais limpas, mas a erupção estava mais violenta, as bolhas arrebentarem ao toque.

— Não há nada que eu possa fazer em relação à dor — disse-lhe ele, a voz exausta. — Maldição, Linnet, preciso de outro balde de água. Volto já.

Ao entrar de novo pela porta com água fresca, encontrou-a tão quieta, tão semelhante a um cadáver, que o seu coração vacilou. Cambaleou até à cama, agarrou-lhe o pulso... a pulsação ainda lá estava.

Quando acabou de lhe lavar o corpo todo, os riachos de água no chão tinham-se juntado numa poça cheia de espuma de sabão.

— Está a escorrer através das tábuas do soalhe para o quarto de baixo — disse-lhe Piers. — Provavelmente, a primeira vez que este chão esteve tão limpo. Agora, que vou fazer?

Ela estava lavada, mas ele não conseguia secá-la numa cama encharcada. Virou-a outra vez, colocando-lhe cuidadosamente os braços ao longo do corpo.

— Meia-noite em ponto — disse-lhe. — Vou ter de levar o candeeiro, minha querida. Não com você ver nadinha sem ele. Vou procurar outro candeeiro, mas tenho uma terrível suspeita de que os Sordido levaram tudo o que podia ser transportado. Não existe uma única vela na cozinha.

Pegou no candeeiro e na bengala e foi a coxear de quarto em quarto. Não havia mais candeeiros e, de fato, apenas um dos quartos tinha ainda lençóis.

— Raios partam! — exclamou em voz alta. Voltou para perto de Linnet. — Você pesas menos do que aqueles colchões.

Nem uma pálpebra estremeceu.

Olhou para você próprio. Tinha a roupa imunda e coberta de excrementos de galinha. Não podia tocar-lhe assim.

— Vou despir a roupa — comentou, em tom de conversa. — Sei que sempre gostaste de me observar. Pensavas que eu não reparava que estavas a espreitar-me?

Ela não respondeu, mas, na sua cabeça, ele ouviu o riso dela.

— Há alguma roupa de cama lavada no quarto do lado, que Mistress Sordido inexplicavelmente deixou escapar — explicou.

— Tenho de te levar para lá e, infelizmente, você dá menos jeito do que um balde de água.

Depois de se despir, encostou a bengala à cama, respirou fundo e enfiou um braço por baixo do pescoço e o outro por baixo dos joelhos de Linnet. Por um momento, limitou-se a segurá-la, enquanto ganhava forças, com a face dela apertada contra o peito, quando aquele soluço se esforçou novamente por escapar.

— Não — disse ele alto, endireitando-se. Virou-se, apoiando-se na sua

perna forte e atirou-se para a frente com a perna má. — Não vou cair — tranquilizou Linnet. O braço dela soltou-se e balançava à frente deles. Um passo, um cambaleio, um passo, um cambaleio. Mais um passo e atravessou a porta para o corredor.

— Isto dá um novo significado à necessidade de candeeiros de parede — disse-lhe. Um passo, um cambaleio, um passo, um cambaleio. — Raios, vou ter de me sentar. — A sua voz era um resfolegar exausto. Mas, se ele se sentasse no chão, nunca conseguiria levantar-se, sem a bengala e com ela nos braços. Por isso, encostou-se à parede do corredor, com a cabeça para trás, respirou fundo várias vezes, e tentou ignorar a dor que explodia desde a perna até à anca.

— Mais uns passos... talvez três, apenas três, e depois a porta estará ali mesmo. Aí, viro-me para entrar. Mais três, e ponho-te numa cama seca.

Uma dor lancinante atravessou-o como que em resposta.

Afastou-se da parede com um impulso e deu um passo. Outro cambaleio, um passo.

— Aquela natação está a revelar-se útil — disse-lhe ele, emitindo as palavras entre grunhidos de dor. — Es uma pena nos meus braços.

Não propriamente verdade, mas bastante bom. Finalmente, chegou à porta, o quarto iluminado apenas pelo luar que entrava a jorros pela janela. Atravessou o quarto a coxear, conseguiu pô-la na cama e puxou o lençol para cima.

— Se me der licença, minha senhora — disse ele, as palavras a saírem em pequenas explosões. E sem mais demoras, caiu redondo no chão.

Algum tempo depois, levantou a cabeça.

— Tenho de ir buscar aquela minha bengala — disse-lhe. Andar estava fora de questão. Por isso rastejou, completamente nu, para fora do quarto, ao longo do corredor, para o chão molhado do outro quarto. Encontrou a bengala e ergueu-se.

As blasfêmias não ajudavam. A dor na perna era excruciante, tanto assim que até a cama encharcada parecia convidativa.

— Tenho de voltar para ela — disse em voz alta. A Lua viajava pelo céu. — Água. Linnet tem de beber água.

Tinha guardado um balde precioso, por isso atirou com a sacola por cima do ombro, enfiou a pega de metal do candeeiro no antebraço e apanhou o balde. Eram coisas demais para levar; percebeu-o imediatamente.

Mas tinha de ser feito, mesmo que um homem desse por você a grunhir de cada vez que a sua perna fraca se movia para a frente. Mesmo que

gritasse.

Ela estava deitada sob o lençol, tão quieta como a morte.

— Aquele corredor — disse ele, à porta, arfando. — Nunca o esquecerei, Linnet. E o inferno, o verdadeiro inferno. Receio não conseguir fazer mais viagens até lá abaixo. Estou arrumado por esta noite.

Como ela não deu qualquer sinal de discordar dele, lá conseguiu, de alguma forma, levar o candeeiro até à mesa, a sacola até à cama. Apenas metade da preciosa água permanecia no balde.

— Cambaleiar não é recomendado para transportadores de água — comentou ele, puxando-lhe o queixo ligeiramente para baixo e deixando escorrer algumas gotas para a boca.

— Isto chega por agora. A seguir, unguento — disse ele, abrindo a sacola. — Francamente, duvido que qualquer coisa destas resulte. Mas mal não fazem, tanto quanto sei. Costas primeiro. — Rolou-a ao contrário e cuidadosamente aplicou pomada sobre toda a erupção cutânea. — Pobre traseiro — disse ele, espalhando cuidadosamente o creme com pancadinhas.

— Ou preferes rabo? Não me lembro. Agora a parte da frente.

Algun tempo depois, voltou a remexer dentro do saco, às apalpadelas, e tirou um frasco.

— Água de rosas do Pender. Vou limpar-te a garganta e a língua — disse-lhe. A sua voz estava áspera, agora. Era uma tarefa complicada, nada facilitada pelo fato de a paciente estar em coma.

— Mas, se não estivesse em coma, eu estaria a magoar-te — disse-lhe. — Não suportaria isso, Linnet. Especialmente depois da forma como já te magoei.

Ela estava agora lavada e bem cheirosa. Mas parecia um pintainho frágil. O pouco cabelo que lhe restava encontrava-se todo espetado e, por qualquer razão, isso fazia a cabeça parecer grande e o pescoço demasiado débil e esguio para suportar tamanho peso. As pálpebras cerradas eram azuis.

O seu instinto de médico disse-lhe o que ele não conseguia pôr em palavras. A paciente estava à beira da morte.

Ele baixou a luz do candeeiro, olhou para ela outra vez e finalmente apagou-o. O luar era suficiente... o luar e o fio da sua pulsação.

Com muito cuidado, muito cuidado, Piers içou-se para cima da cama, deitando-se por cima do lençol, para não tocar em nenhuma ferida aberta. Mas tinha de a segurar, por isso prendeu-lhe o lençol à volta do pescoço e depois enrolou um braço em volta da cintura.

E, se os soluços escapassem nessa altura, se o lençol ficasse salgado e molhado, não haveria ninguém para ver, exceto a Lua.

Linnet ouviu a voz de Piers primeiro como um gotejar longínquo, como água corrente num regato algures na distância. Ela própria estava longe, num local seguro, na piscina perto do mar. Não estava frio como sempre estivera, naquelas manhãs, mas agradavelmente quente, às vezes até quente demais.

Todavia, ela queria despedir-se dele, queria mesmo despedir-se dele.

Ele era o seu ímã, no fim de contas. O seu coração a pulsar. E, apesar de a ter afastado, ficaria destroçado quando soubesse da sua morte. Ela sabia-o.

Nos últimos dias, enquanto jazia naquele sítio, flutuando para dentro e para fora de estados febris, tinha chegado à certeza, à plena consciência de que ele a amava. Apesar de ter dito coisas cruéis, amava-a.

E ela tinha-o deixado repreendê-la e mandá-la para fora do quarto e para fora da sua vida. Aconteceu exatamente como ela tinha pensado quando viu Piers pela primeira vez. Se eles iam casar, ela deveria tê-lo impedido de a intimidar.

Se sobrevivesse, voltaria para ele e impedi-lo de o fazer. Diria... qualquer coisa.

Deixou-se flutuar outra vez, mas, quando acordou, a voz dele estava mais próxima e menos melódica. Piers, melódico?

Era uma ideia divertida. Que podia ela estar a pensar? Ele nunca era melódico. Como que a propósito, ele lançou uma série de palavras que a teriam feito, sorrir se ela não estivesse tão estranhamente debilitada que não podia mexer um músculo.

Na realidade, não parecia ter energia para abrir os olhos. Mas, de qualquer modo, ela já tinha deixado de os abrir ultimamente. Estava esgotada demais para beber e tinha os olhos pegajosos de sujidade.

Por isso, afundou-se novamente dentro de água, a cristalina água azul da piscina. Flutuava à deriva, para baixo e para longe, o cabelo ondulando pela água, quando o ouviu praguejar outra vez.

Sem dúvida, teria de lhe falar acerca das suas blasfêmias. Esta...

Depois lembrou-se de que estava a morrer. Num galinheiro, e Piers não estava ali perto, visto que a tinha expulsado do castelo.

A morrer..

Ele iria sentir, horrivelmente.

Depois, ouviu claramente Piers dizer qualquer coisa sobre o seu rabo. Traseiro, pensou. Mas ainda estava presa debaixo de água. Mas seria presa a

palavra correta? Era agradável estar ali. A piscina era assustadoramente quente por vezes, mas agora estava fresca e a água roçava-lhe a cara como a mão de alguém que a amava.

A mão da mãe dela. A memória repentina de uma febre veio à cabeça, uma febre que ela havia tido em criança. A voz da mãe, a voz da enfermeira... a mãe a dizer, irritada Claro que não vou a sítio nenhum hoje à noite! A Linnet está doente....

Mas não era uma mão a tocar-lhe, era um braço. Um braço à volta da sua cintura, pesado e masculino.

Tinha de ser Piers. Ela nunca estivera na cama com mais ninguém.

Por um momento, a sua mente rodopiou descontroladamente entre a piscina, com os seus lençóis de seda aquosos e a sua paz flutuante, e uma cama com Piers. O braço dele à volta dela, apertado. O cheiro dele, masculino e um pouco transpirado.

Transpirado? Piers nunca estava transpirado.

Sem mais nem menos, o seu rosto quebrou a superfície, da piscina como se ela tivesse sido lançada para fora de água por dois braços que a atiravam, a atiravam...

Para onde?

Ela abriu os olhos. Estava terrivelmente escuro, por isso devia ser o galinheiro. Mas o galinheiro... Cheirou outra vez, mas cuidadosamente, sem se mexer. Tinha aprendido a não mover um único músculo por causa das feridas da pele.

Não cheirava ao galinheiro.

E então, à medida que a sua visão voltava lentamente, apercebeu-se de que o luar entrava por uma janela. Estava numa cama. E o braço... havia um braço à sua volta.

Virou-se para o lado, estremecendo. Piers estava ali. Tinha vindo por ela. Por um momento, Linnet ficou a regalar-se com a aparência dele: a sua cara magra e feroz, escurecida pela barba. Os seus olhos, agora fechados a dormir, mas tão poderosamente inteligentes quando estava acordado. Os seus lábios eram surpreendentemente carnudos para um homem, o lábio inferior arredondado.

Piers, sussurrou ela, antes de se lembrar de que não conseguia falar, de que não era sequer capaz de sussurrar desde há muito tempo.

Ele não se mexeu. Os olhos dela começaram a fechar-se novamente; a piscina acenou... mas ele estava aqui, ao seu lado. Não queria ela despedir-se? Não tinha ela alguma coisa para lhe dizer, alguma coisa importante?

Sim. Ela tinha de ficar acordada, para não cair para a piscina até ele acordar, até ela poder dizer-lhe a coisa importante.

Esqueceu-se do que era, regalando-se com as maçãs do rosto dele, as longas pestanas, o cabelo caído sobre a testa, o ar severo que ele mostrava mesmo a dormir. Ele nunca tinha dormido com ela antes, apesar de ela o ter secretamente desejado.

E ali estava ele, despido sobre o lençol. A dormir com ela, na mesma cama, à noite. O luar desvaneceu-se, substituído pelos primeiros raios de luz da manhã.

— Piers — sussurrou ela. Os seus lábios mexeram-se, mas não saiu qualquer som. Apesar disso, ele deve tê-la ouvido dessa vez porque os seus olhos abriram-se. Por um momento, ele apenas lhe sorriu, ensonado e possessivo.

— Linnet — disse ele e toda a alma dela rejubilou.

Então, os olhos dele abriram-se de repente.

— Estás acordada! — Pôs a mão na testa. — Como te sentes?

— Dói — disse ela, sabendo que nenhum som saía dos seus lábios. — Deve doer como o diabo — disse Piers. Foi tudo o que disse, mas, para Piers, isso era compaixão. — Precisas beber, Linnet. Isso é a coisa mais importante. Não estás livre de perigo.

Era como se estivesse a falar para você próprio. Então, ela bebeu alguma água, apesar de a maior parte lhe ter escorrido pelo pescoço.

Mesmo assim, sentia-se... diferente.

— Lavada — disse ela. Ele leu-lhe os lábios.

— Lembras-te de eu te lavar, Linnet? Lembras-te?

Ela quase abanou a cabeça e depois lembrou-se de não o fazer.

— Não — pronunciou suavemente. Os olhos dela estavam a fechar-se. A mão enorme dele estava na sua testa, tocando-lhe suavemente e ela conseguia ouvi-lo falar.

— A febre voltou — disse ele. — Mas isso era de esperar, Linnet. Vou pôr-te um pano molhado na testa.

Isso fê-la encolher-se.

— Eu sei que essas feridas doem. — A voz dele era triste.

— Mas eu tenho de te baixar a temperatura.

De repente, ela lembrou-se da coisa importante que tinha para lhe dizer e abriu os olhos.

— Amo-te — pronunciou muito baixinho, os olhos encontrando os dele.

— Então vive por mim — respondeu ele, inclinando-se sobre ela, a sua voz forte como o grito de um falcão. — Vive.

Ela adormeceu com um sorrisinho no rosto. A piscina estava agora mais longe, esbatida e a afastar-se. Ela deu por você a sonhar com o galinheiro e acordou com um soluço.

Piers continuava ali, agora vestido, com um lenço de pescoço branco como a neve. Estava à porta do quarto, a falar com alguém no corredor.

— Mais água, por favor. Fervida, claro.

Ela adormeceu outra vez. O tempo parecia estar, alongar-se e depois desaparecer subitamente. Ela adormecia e acordava, e percebia que era de noite. Voltava a dormir, a acordar, e a perceber que ainda era de noite, mas Piers tinha um lenço de pescoço diferente.

Finalmente, três dias depois, tentou dizer qualquer coisa, e saiu um grasnido.

— Pareces um galo de capoeira constipado — gracejou Piers, aproximando-se dela. O seu rosto estava exausto, os olhos pisados.

— Cansado — disse Linnet, voltando a um sussurro mudo.

Ele interpretou-a mal.

— O cansaço é um efeito colateral de uma raspadela na morte — explicou ele, um sorriso triunfal a espalhar no rosto. — Raios, Linnet, vou escrever um artigo sobre ti. Sou o único médico de Gales que podia ter-te salvo da morte.

— Seu pavão — disse ela com os lábios. Sentia o corpo com um cansaço sem limite, mas, misericordiosamente, a dor tipo formigueiro estava a desvanecer. Recordando, levantou o braço e arfou. Estava vermelho-escuro e com escamas.

Piers sentou-se na borda da cama.

— Não é uma doença bonita, Linnet.

Ela tentou interpretar isso.

— Esta não é a melhor altura da sua vida. Tive de te cortar o cabelo todo. Ela pestanejou horrorizada, a boca abrindo-se.

— Estás coberta de crostas, da cabeça aos pés. Bem, de fato, por alguma razão os teus pés estão bem. Mas até tens crostas por trás das orelhas.

Linnet voltou a levantar o braço e olhou fixamente para ele, incrédula.

— Podias ter cegado — argumentou Piers, com a sua franqueza usual.

— Ou morrido. Devias ter morrido, tudo fazia crer. É um milagre não teres apanhado uma infecção, deitada no chão daquele galinheiro.

Linnet estremeceu só de pensar na palavra galinha e deixou cair o braço. Mas tinha de perguntar:

— Cicatrizes? — perguntou, impelindo a palavra com força suficiente para que fosse fácil de compreender.

Mentiras piedosas não existiam no repertório de Piers.

— Muito provável — disse ele, olhando analiticamente para ela, como médico que era. — Umas vezes sim, outras vezes não. Não vais parecer-te tanto com uma lagosta cozida daqui a uma ou duas semanas.

Linnet fechou os olhos e tentou perceber o que ele estava a dizer. Ela parecia uma lagosta cozida, talvez para sempre. Já não era uma beldade. De forma alguma. Mais um monstro, pensou. Um animal coberto de escamas.

Ouviu Piers levantar-se, pensando provavelmente que ela tinha adormecido. O corpo dela estava rígido, o braço debaixo do lençol a tocar cuidadosamente na perna e depois na cintura. Onde quer que ela tocasse, a pele parecia irregular, escamosa e dura sob as pontas dos dedos.

Piers estava ali outra vez.

— Caldo — disse ele. Não valia a pena recusar; ela tinha aprendido isso durante os últimos três dias. Piers não aceitava um não. Por isso, abriu os olhos e tomou o caldo, colher atrás de colher. Os dedos da mão esquerda tremiam ao seu lado, mas ela não se mexia.

Depois, a tigela ficou vazia e Piers levou-a dali. Por um momento, ela ficou paralisada, incapaz de se mover, e depois conseguiu. Pôs a mão diretamente sobre o peito.

A pele sob os seus dedos não dava azo a enganar. Tinha os seios no mesmo estado do braço, do abdômen, da perna.

Permaneceu ali deitada, mão no peito, e sentiu uma lágrima quente a descer pela face, e depois outra.

Piers ainda estava à porta, tendo entregado a tigela vazia a alguém.

— Vou só aqui ao lado dormir um bocadinho — disse ele.

Ela sabia que ele ia voltar, inclinar-se sobre ela, despedir-se. Nos últimos três dias, nunca tinha saído do quarto sem lhe dizer aonde ia e por quanto tempo ia estar ausente.

— Criada — disse ela baixinho, assim que ele chegou suficientemente próximo. — Você, volta para o castelo. Fico bem com a minha criada.

Por uma fração de segundo, os olhos dele mudaram, ficando desolados.

Mas depois disse prontamente:

— Claro. Ela pode estar aqui antes da hora de jantar.

Eliza, à sua maneira, não era melhor que Piers a esconder a verdade. Recuou ao entrar pela porta, mão no coração.

— Deus Todo-Poderoso! — arfou.

Linnet esperou.

— O seu cabelo, o seu pobre cabelo — lamentou Eliza baixinho, mas os seus olhos voltaram, com uma espécie de horror fascinado, ao rosto e ao pescoço de Linnet. — Isso não... a senhora não tem isso no corpo todo, pois não?

Escorreu outra lágrima pela face de Linnet. Acenou com a cabeça.

— Bem, esteve quase a morrer — disse Eliza, aproximando-se, mas olhando como se estivesse a pensar duas vezes em relação a tocar em Linnet. — Podia bem ter morrido. Pelo que todos dizem, a princípio, sua senhoria pensou que morreria.

Linnet desejava ter morrido em vez de enfrentar a vida com aquela pele. E Eliza adivinhou o que ela estava a pensar.

— Isso vai melhorar — disse ela, em tom tagarela. — Tenho a certeza disso. Nós vamos... nós vamos dar-lhe banho com sais minerais todos os dias. Duas vezes por dia. Nunca vi ninguém com o seu aspecto, o que significa que tem de melhorar. Claro... — Parou.

— Que foi? — coaxou Linnet.

— Oh, a sua pobre garganta — gritou Eliza. — A sua voz desapareceu pura e simplesmente.

— Que foi? — repetiu Linnet.

— Sua senhoria disse que a senhora foi quase a única a ficar assim tão doente e a sobreviver — referiu Eliza. — Talvez seja por isso que eu nunca tinha visto uma pele assim.

Linnet fechou os olhos, sentindo um total desespero. Tinha sobrevivido, mas havia ficado com aquele rosto. Aquela pele.

— Doeria se lhe tocasse? — perguntou Eliza.

Ela voltou a abanar a cabeça, fatigada.

Os dedos de Eliza eram suaves e frios.

— E como crostas — disse a criada. — Por todo o lado. Bem, isto é uma situação transitória.

— Casa — resmungou Linnet, captando a atenção.

— Quer ir para casa? Isto vai despedaçar o coração do seu pai, vai, sim.

Nesse momento, Linnet não queria nem saber o que o pai pensava. Só queria estar de volta, ao seu quarto, longe de qualquer pessoa que...

Longe de Piers.

Longe do homem que tinha amado o seu corpo e pensado que o seu cabelo era como ouro brilhante.

— Vou perguntar — prometeu Eliza. — Mas sua senhoria, não tenho a certeza se a deixará ir. Ele tratou de você completamente sozinho, sabe. Manteve-a viva quando mais ninguém conseguia, dando-lhe colheradas de água a toda a hora, cobrindo-a com panos molhados e depois aquecendo-a novamente.

Linnet sentiu uma angústia. Piers tinha-lhe sempre aquecido o corpo com o dele quando nadavam juntos. Ela não tinha qualquer dúvida de que ele havia feito tudo o que era possível para fazendo viver. Piers não suportava perder, sobretudo para a Morte.

— Pelo que ouvi dizer — continuou Eliza —, a senhora era uma visão e peras quando a encontraram naquele galinheiro.

Linnet lembrava-se de retalhes e aquilo que recordava não era agradável. O cheiro... o cheiro era a principal memória. Estremeceu.

— Temos de a levar primeiro até ao castelo — dizia Eliza. — A senhora devia ver o duque e a duquesa agora. Como um casal de pombinhos apaixonados, é como estão. O duque queria obter uma licença especial, mas Lady Bernaise fê-lo publicar os banhos de casamento mesmo na igreja da aldeia. Esta é a segunda semana, por isso vão voltar a dar o nó na próxima semana. Alguma vez ouviu uma coisa tão romântica?

Linnet abanou a cabeça.

— Não tenho a certeza se a senhora vai querer ir à cerimônia, no entanto — disse Eliza. Passou os dedos novamente sobre a mão de Linnet.

— Nunca — conseguiu afirmar Linnet, querendo dizer que nunca, nunca mais, iria sair de casa. Naquele estado, não. Nunca... mais.

— Bem, em relação ao nunca — disse Eliza —, vai melhorar. Há unguentos que podemos aplicar, e banhos de sal, e daqui a uma semana, talvez um mês, a senhora vai estar boa como o ouro. Há todos aqueles cremes que anunciam nos jornais — acrescentou.

— Para tratar da pele vermelha. Eu sei, que já os vi. Vamos comprar alguns quando chegarmos a Londres. O seu pai vai comprá-los todos. O conde enviou-lhe uma mensagem, a propósito, para o caso de ele estar preocupado por não ter notícias suas há tanto tempo.

Linnet fechou os olhos e tentou imaginar o pai preocupado com o seu longo silêncio.

— E mesmo que a sua pele não fique exatamente como era antigamente — continuou Eliza —, não interessa, por que a senhora vai ser condessa e duquesa um dia.

Linnet abriu os olhos de repente.

— Qualquer pessoa percebe que o homem a ama loucamente — disse a criada, sorrindo. — Além disso, ele disse ao pai e ao marquês que ia casar com você. Eles vieram aqui, no segundo dia, para verem como a senhora estava. Ele não os deixou entrar para a verem, mas afirmou-lhes que a senhora iria viver o suficiente para casar com ele. Três lacaios ouviram, por isso sei que foi verdade.

— Não — afirmou Linnet. Ela nunca casaria com Piers. De fato, ela nunca casaria com nenhum homem, em particular com o conde de Marchant.

Eliza não a ouviu.

— Vou só lá fora ver o que posso fazer por você. Tem de haver algo que possamos pôr nessa pele.

Linnet conseguia ouvi-la, através da porta.

— Não me interessa se ele está a dormir; tem de haver algo que possamos pôr na pele dela. — Mais murmúrios. — Está bem, então. — Estava de volta ao quarto, brandindo um frasco. — Vou espalhar esta coisa em todo o seu corpo. — Eliza cheirou o frasco.

— Cheira a cerveja. Bem, cerveja e agulhas de pinheiro. Que interessa, desde que resulte?

Linnet deixou-a espalhar a substância oleosa e malcheirosa em toda a parte, à frente e atrás.

— Deus Todo-Poderoso, aqui está pior — exclamou Eliza, esfregando suavemente a substância nas costas de Linnet. — Embora nunca tivesse pensado que fosse possível.

Na almofada pingaram mais lágrimas.

Quando Piers entrou no quarto — sem bater à porta, como se fosse o dono do quarto —, Linnet já tinha decidido. Não podia ainda voltar para casa, para Londres, obviamente. Tinha de ganhar forças. Bebeu mais caldo do que queria, porque, quanto mais depressa a sua força voltasse, mais depressa poderia ir-se embora. Ele inclinou-se sobre ela, quase como se fosse beijá-la.

— Vai-te embora — disse ela, virando a cara para o lado. As palavras saíram como grasnidos mas foram perfeitamente inteligíveis.

Ele endireitou-se e franziu a sobancelha.

— Cheiras como uma destilaria. Que é isso que tens em cima de ti?

— Eu pus este bálsamo — explicou Eliza, avançando, apressada, com o frasco agora vazio.

— Eu disse ao Neythen que enviasse isso para as mãos gretadas da criada da copa — disse Piers. — No entanto, mal não pode ter feito.

— Eu tinha de fazer alguma coisa — protestou Eliza, à defesa.

— A pobre coitada não pode ficar assim. Não poderia ser vista na rua sem causar um motim.

Ela nunca mais se olharia ao espelho.

— Vai-te embora — grasnou a Piers.

— É evidente que você seria um daqueles pacientes rabugentos — disse ele.

Assim, Linnet olhou para Eliza. E Eliza, abençoado fosse o seu coração, avançou para enfrentar o monstro.

— A minha senhora deseja que o senhor saia do quarto, Lorde Marchant. Como ela não consegue fazer-se entender, falarei eu por ela.

— Muito bem — concordou Piers, bruscamente. Caminhou para a porta, virou-se. — Volto mais tarde com o teu jantar. Acho que é altura de tentar algo mais nutritivo do que caldo.

Linnet lançou a Eliza um olhar desesperado. A criada avançou outra vez, como se estivesse a guardar a cama.

— Se me trouxer o jantar, meu lorde, eu certificar-me-ei de que a minha senhora coma tudo até ao fim. Ela não está em condições para ter visitas neste momento.

— Eu não sou visita! — berrou Piers.

Eliza cruzou os braços.

— Oh, por amor de Deus — disse ele de repente e saiu porta fora. Linnet conseguia ouvir as pancadas fortes da bengala pelos degraus abaixo e depois esbatendo-se na distância.

Eliza voltou.

— Não vou conseguir mantê-lo à distância durante muito tempo — disse ela, olhando, atenta, para Linnet. — Ele é médico. Viu a fase pior. Esteve aqui com você, completamente sozinho, desde a primeira noite.

Uma lágrima correu pela cara de Linnet. Eliza sentou-se e colocou-lhe a mão no braço, sem sequer pestanejar com a sensação.

— Vá lá, vá lá — disse ela. — Se alguém mereceu alguma vez uma boa choradeira, esse alguém é a senhora.

Continuou assim por uma semana. Piers forçava a sua entrada no quarto e Eliza conseguia voltar a empurrá-lo de lá para fora. Às vezes, a criada pensava que até estavam a divertir-se os dois. Eliza começou a gritar com o conde com prazer. E Piers nunca hesitara em devolver gritos. Faziam um bom par.

Mas uma ou duas vezes, Linnet apanhou Piers a olhar para ela e percebeu que estava magoá-lo. Conseguiu perceber.

— Mas não interessa, não pode interessar — sussurrou para você própria a meio da noite, pensando nisso. — Não posso... não posso ser duquesa. Nunca. E inconcebível.

Finalmente, Piers declarou-a pronta para viajar, pelo menos de volta ao castelo. Eliza queria vestir-lhe um vestido, mas Linnet disse que não. Já conseguia falar, embora em voz baixa.

— O lençol — disse, com voz rouca. — E maior.

Eliza percebeu imediatamente o que ela estava a dizer.

— O seu cabelo está todo a encracolar — comentou ela.

— É ótimo. Parece aquele corte de cabelo curto que as senhoras fazem. É ala mode, o que significa que as senhoras francesas o fizeram primeiro, provavelmente.

O cabelo não importava; sabia que havia de voltar a crescer. Só pensar em sair daquele quarto e ter pessoas a olharem para o seu rosto dava a Linnet vontade de vomitar. Ou desmaiar.

Mas acabou por sair do quarto, enrolada como uma múmia, e levada por Mr. Buller, o cocheiro de Piers.

Não foi assim tão terrível deixar a estalagem... mas, quando chegaram ao castelo, Prufrock estava lá e os lacaios. O duque desceu as escadas para os cumprimentar e Linnet rezou, pedindo uma morte rápida, depois de ver a gentileza nos olhos dele.

Mas, como parecia que a morte não era oferecida, fechou os olhos e fingiu, tão fervorosamente quanto podia, que nada daquilo estava a acontecer. Que estava em Londres, a dançar com o príncipe Augustus. O príncipe sorria-lhe com aquela expressão perdida de amores que normalmente tinha perto dela.

— Claro que ela está bem — disse a voz rouca de Piers, interrompendo o seu devaneio. — Parece uma lagosta e é duas vezes mais colérica.

Adança... O príncipe Augustus fê-la girar num círculo, e ela vislumbrou uma série de rostos olhando para eles com muita ternura, francamente invejosos. As saias rodopiavam num turbilhão ...

— Não, está apenas com um ataque de dores de cabeça — ladrou Piers. E depois, bruscamente. — Alguém mostre a Buller o caminho para o quarto dela.

Com os olhos fechados, Linnet ouvia Eliza a subir as escadas à frente deles e o som da respiração pesada de Buller.

— Peço desculpa se sou muito pesada — disse ela. A sua voz já não estava áspera.

— De maneira alguma, minha senhora — respondeu Buller. A sua voz era gentil. Toda a gentileza era mortificante, pior que o momento em que o salão de baile inteiro lhe deu o golpe sem rodeios. Honestamente, ela preferia a irritabilidade de Piers.

Um momento depois, estava na cama.

— Sua senhoria mencionou que a senhora devia levantar-se hoje — informou Eliza.

— Talvez Lady Bernaise a acompanhe no chá.

— Não — disse Linnet, com firmeza. Quando caiu a noite, fechou os olhos, mas não conseguiu dormir. Em vez disso, permaneceu deitada na cama, ouvindo os sons do castelo, estalidos distantes, soalhes a ranger, o som da porta da frente a abrir e a fechar.

Durante os dias seguintes, comeu tudo o que Eliza lhe levava e, obedientemente, andou em círculos à volta da cama para ganhar forças, mas recusou-se a sair do quarto. Piers tinha deixado de tentar visitá-la; ela começara a rolar para o lado, com uma almofada por cima da cabeça, no momento em que ele entrava e, por muito que ele arengasse, não o escutava.

— Estou suficientemente forte para regressar a Londres — disse ela à Eliza, uma noite. — Podes informar o duque, por favor?

— Vou dizer-lhe — disse Eliza constrangidamente. — Mas e...

— Estou grata pelo cuidado do conde para comigo — disse ela, firmemente. — Mas decidi não casar com ele. O que não é mais do que ele me disse a mim antes de eu ter adoecido. Não caso com ninguém que tenha pena de mim, Eliza. Nunca.

Eliza suspirou e saiu do quarto.

— Ela quer ir-se embora — disse o duque a Piers.

— Tretas — respondeu Piers, zangado. — Ela não pode ir-se embora.

— A criada diz que ela está bastante forte e que ontem esteve sentada o dia todo.

— Ainda tem a pele com crostas, o que pode bem conduzir a infecções. Tem de estar sob vigilância médica.

— Essas infecções são comuns?

Piers odiava o fato de os olhos do pai serem tão compreensivos. Já era suficientemente mau que ele e a mãe olhassem um para o outro como adolescentes excitados. Virou-se, passando a mão pelo cabelo de tal maneira que a fita caiu.

— Não — admitiu. — Não.

— Talvez se a deixares ir, ela volte para ti — sugeriu o duque. — Quando estiver bem.

— Não volta. — Piers desatou a andar através do jardim em frente do Castelo, a bengala a furar selvaticamente a relva.

O pai mantinha-se ao seu lado.

— Ela ama-te. Porque não havia de voltar para ti? Eu voltei para ti.

— Oh, meu Deus, isso é uma deixa para um reencontro afetuoso? — perguntou Piers, parando à beira de um canteiro.

— Só se você quiseses.

Ele ficou parado, um sim tácito.

O duque respirou fundo.

— Sei que detestas ouvir isto, mas lamento muito ter-te ferido, ter arruinado a sua vida, Piers. Cortaria a minha própria perna, se pudesse. Eu...

— Matar-se não serviria de nada — ironizou Piers. Os olhos de Piers, estranhamente, eram tal e qual os seus. Na sua imaginação, via-os sempre com as pupilas contraídas e o brilho selvagem da intoxicação do ópio.

Mas essas eram memórias de infância. O que estava à sua frente era um homem a sofrer, mas um homem forte. Um homem que amava.

— Eu perdoo-lhe — declarou Piers categoricamente. Não era bom neste tipo de coisas, por isso pensou por um momento se haveria mais alguma coisa que Linnet achasse que ele deveria dizer. Era pena que ela estivesse fechada num quarto fazendo de Bela Adormecida.

Os olhos do pai bruxuleavam de lágrimas.

— Nunca me perdoarei. Nunca.

Nessa altura, lembrou-se do que Linnet faria. Abriu os braços e o pai aproximou-se dele, como fazia quando Piers era pequeno e o pai era grande.

Toda esta emoção estava a fazê-lo sentir-se ainda mais irascível, por isso recuou e disse abruptamente:

— A propósito, a minha vida não está arruinada.

— Sofres dores insuportáveis — disse o pai, deixando cair os braços. Piers arrancou o botão de uma margarida pendente com a bengala.

— Isso não me arruinou. Sou um médico dos diabos. Nem sequer seria médico se o pai não tivesse adquirido o gosto pelo ópio. — Franziu a sobrancelha ao pai. — Preferia morrer a não ser médico.

Um sorriso surgiu ao canto da boca do duque. Mas...

— Você não tens família nem amigos.

— Tretas. Tenho o Sebastian. O pai mandou-me o Prufrock. E tenho a Linnet, se conseguir ficar com ela.

— E melhor fiques com ela — aconselhou o pai. — Se a sua vida não está arruinada, quero dizer.

— Ela quer ir-se embora. — Piers decapitou outra flor.

— Não fala comigo. Escrevi-lhe uma carta e a criada disse que ela a rasgou sem a ler.

— Quando eu concluí que não suportava não te ver durante mais tempo, meti-me numa carruagem para Gales sabendo que ias ficar furioso. A Linnet foi só uma desculpa.

— Cada vez que eu vou ao quarto dela, ela vira-se e esconde-se. — Mais duas flores perderam a cabeça.

O pai encolheu ligeiramente os ombros e também isso veio à memória de Piers. Aquele ligeiro encolher de ombros de aceitação divertida. Sempre pensara que as únicas memórias que tinha do pai eram da intoxicação. Mas, aparentemente, não era assim.

— Acho que podia ir ao quarto dela de noite.

— Podias. Pelo menos, desse modo, estaria escuro. Não teria de se preocupar por estares a olhar para ela.

— Isso é absurdo. Fui eu que a salvei daquele galinheiro. Sei perfeitamente como ela está!

— A sua mãe, porém, pensa que a pele é a raiz do problema.

— Porquê? — Piers voltou a passar a mão pelo cabelo.

— A Linnet está mortificada pela perda da beleza.

— Ela não perdeu a beleza! A pele dela não é o que era, mas o resto está tão bem como sempre esteve.

— Para Linnet, perdeu a beleza, e, para uma mulher tão primorosa como ela, deve ser um choque tremendo.

— Sem dúvida. — Taciturno, cortou mais três flores. — Ela é suficientemente vaidosa para me deixar por essa razão, portanto, deve ser importante. Sabe, ela suplicou-me naquele dia, na sala de estar, depois de o pai e a mãe terem saído pela janela. Pediu-me que casasse com ela. Disse que não se importava de fazer de idiota para mim.

O pai assentiu com a cabeça.

— Mas, segundo parece, todo esse amor dependia de ser suficientemente bela para me controlar — concluiu Piers, voltando a enfiar a bengala no chão. — Ou qualquer coisa.

— Ou acreditar que era suficientemente boa para ti — sugeriu o pai. — Não vi quaisquer sinais de a Linnet ter esperanças de te controlar.

Piers deu uma gargalhada.

— Suficientemente boa para mim? Para um aleijado com um humor feroz e uma língua perversa?

— Você é o homem que ela quer. Tenho a impressão nítida de que você é o único homem que ela alguma vez quis, embora tenha sido cortejada por príncipes, assim como por todos os homens elegíveis da alta sociedade. Provavelmente, muito poucas línguas perversas no grupo.

— Parvos, todos eles — resmungou Piers.

— Você juntas-te ao bando, se a deixares ir.

— Nunca ousei imaginar ninguém como ela. Ou uma vida com alguém como ela.

— Isso não é motivo para não ousar, agora que ela está à sua frente. Há qualquer coisa em vocês os dois juntos...

— Ela é como a minha outra metade — disse Piers selvaticamente, mantendo a cabeça baixa. — O raio da minha outra metade, como uma brincadeira qualquer que Platão inventou. Como algo que eu nunca, quis e depois ali estava ela.

O pai pôs a mão no ombro.

— Vai dizer-lhe isso.

Piers engoliu em seco. A ideia era horrível. Confessá-lo ao pai era uma coisa; dizê-lo a uma mulher que nem sequer olhava para ele era outra. Os pés dele estavam cercados de pétalas de flor.

— Foi isso que disse à mãe?

— Não. Ela não me daria ouvidos.

Havia qualquer coisa de divertido na voz dele. Piers levantou uma mão.

— Não quero saber.

O pai sorriu, encolheu os ombros.

— Faz o que tiveres fazendo.

Demorou até à tarde seguinte pensar num plano. O seu instinto dizia-lhe que visitar Linnet durante a noite iria apenas piorar as coisas. Não podia dizer porquê, exatamente, mas confiava no seu instinto enquanto médico, por isso bem podia confiar nele quando se tratava de Linnet.

Era humilhante, mas tinha de pedir ajuda. Era como os trabalhos de Hércules, cortejar Linnet. E ele não tinha exatamente estofo de herói. Recordar a maneira como rastejara ao longo daquele corredor, completamente nu (embora no escuro), fê-lo estremecer.

Mas engoliu o orgulho e pediu ajuda e não lhe interessava o fato de Hércules nunca ter precisado de ajuda.

— Que queres dizer, queres que eu vá ao quarto da Linnet? — perguntou Sebastian, com um ar horrorizado. — É claro que não vou.

— Eu vou estar contigo, seu cretino — esclareceu Piers.

— Vais pegar nela e levá-la para fora do castelo, e lá para baixo, para a piscina. Sebastian ficou de boca aberta.

— É claro que não vou! — guinchou ele outra vez. — Estás doido?

— Alguma vez me enganei num diagnóstico?

— Certamente que sim!

Piers fez um movimento com a mão.

— Noventa por cento das vezes não me engano, pois não?

— Que tem isso que ver com alguma coisa?

— Diagnostiquei-a e agora tenho de a curar. O primo olhou para ele.

— Provavelmente ela vai pôr-se aos berros.

— Não, não vai — afirmou Piers. — Já disse ao Prufrock que tire toda a gente do caminho. E ela está demasiado envergonhada com o seu aspecto para querer atrair atenções.

— Ainda está muito assustador? — perguntou Sebastian.

Piers encolheu os ombros.

— A quem interessa isso?

— A ela, seu palerma.

— Anda lá comigo buscá-la e poupa-me o sermão.

— E se ela nunca mais me falar? — gemeu Sebastian.

— A partir do momento em que ela casar comigo, ficam ambos a viver no castelo. Ela vai ter de ceder e cumprimentar-te ao pequeno-almoço.

Mas Sebastian continuou a protestar o caminho todo pela escada acima. A porta do quarto de Linnet, agarrou o braço de Piers.

— Ela vai odiar-me por isto. Não quero que ela me odeie.

— Não sejas idiota — rosnou Piers. Ele já estava a ter muito trabalho a reprimir as suas próprias dúvidas sem ter de enfrentar as de Sebastian. Rodou a maçaneta.

Afinal, foi muito fácil. Assim que o viu, Linnet enfiou-se debaixo do lençol. O que significava que era obra de um minuto enrolá-la naquele lençol.

Fez ruídos abafados e tentou debater-se, mas tinha os braços e as pernas presos.

— Tens a certeza de que ela ainda está a respirar? — perguntou Sebastian, enquanto descia o caminho com alguma dificuldade.

Piers apalpou a carga de Sebastian, o que provocou uma nova luta. De dentro da trouxa vinham sons furiosos.

— Parece que está.

— E agora? — perguntou Sebastian, quando chegaram à piscina.

— Põe-na ali — pediu Piers. — Naquela rocha plana. Não podia ter feito isto sem ti, mas fica à vontade para desapareceres imediatamente. Não é preciso voltares; a minha noiva vai voltar pelo seu próprio pé.

As palavras que emanaram da trouxa assumiram um tom que sugeria sacrilégio. Sebastian foi-se embora, abanando os braços. Piers esperou até o primo descrever a curva que conduzia à casa do guarda e depois disse:

— Muito bem. Podes tirar o lençol. Ele foi-se embora.

Instantaneamente, o lençol explodiu em movimentos convulsivos. Piers continuou ali, braços cruzados, até Linnet emergir. Vestia apenas uma leve chemise e ele ficou um momento a admirar a visão.

— Não te atrevas a olhar para mim dessa maneira! — gritou. E depois percebeu onde se encontrava.

Estava um lindo dia. O céu estava quente e azul com pequenos fios de nuvens, como renda esfarrapada acima das aves marinhas que voavam em círculos.

— Oh! — disse ela, baixinho. — Trouxeste-me à piscina.

— Porque não tiras a chemise antes de irmos nadar? — perguntou ele.

Ela pareceu não o ouvir, os olhos sonhadores a descerem para a água azul.

— A chemise — repetiu ele, descalçando as botas. — Despe-a. Finalmente, ela virou-se e franziu a sobancelha.

— Não dispo.

— Como queiras — disse ele. Atirou a camisa dele para o lado.

Os olhos dela afastaram-se rapidamente do peito dele, com indiferença. Ele puxou os calções para baixo.

— Não precisas de te preocupar a despir-te. Eu não vou nadar e não estou interessada em nada mais íntimo. — De fato, pareceu tremer ante a ideia.

Aquilo era irritante. Numa resposta muda, Piers estendeu a mão e deu-lhe um empurrão entre as omoplatas.

Ela embateu na água com um grito e veio ao de cima atabalhoadamente.

— Tira-me daqui neste instante — gritou ela, agarrando-se à borda da piscina. — Tenho a pele a picar e está muito frio!

— E melhor começares a nadar — disse ele, tirando os calções interiores. Voltou a ter uma ereção. Não era o que preferia no mundo, saltar para dentro de uma piscina com uma ereção, mas pronto.

Viu Linnet olhar para aquela sua parte, depois mergulhou da rocha por cima dela, e nadou para trás, para a borda à qual ela estava agarrada. Tinha os dentes a bater, claro.

— A água não está assim tão fria, hoje — constatou ele. — Tem estado sol nos últimos três dias. Devias começar a mexer-te. — Mas segurou-a contra o corpo, como sempre fizera. Não a tinha agarrado contra você durante muitos dias e era tão... tão... O coração apertou-se, como o começo de um ataque cardíaco.

— Temos de nadar — disse ele, empurrando-a. — Vai!

— Eu estive doente. — Mas faltava convicção à sua voz.

— Agora estás bem. Estás só a fingir que estás doente. — Sorriu ante a expressão furiosa dela e depois esticou a mão e beliscou o traseiro.

Ela estreitou os olhos.

— Não te atrevas a tocar-me. Jamais.

— Toco-te sempre que quiser — disse ele. — Você és minha. Podes querer começar a nadar, se não gelas. — Sem mais palavras, virou-se e começou a nadar lentamente ao longo da piscina. Levou um segundo, mas ela começou a nadar atrás dele.

Aquando dos seus piores dias, durante os quais a dor na perna era tudo aquilo em que conseguia pensar, ir ali à piscina libertava-o. Limpava-lhe a

cabeça, evitava que pensasse no láudano e no brande. Evitava que pensasse em suicídio.

Por isso, nadava mesmo à frente de Linnet, para o caso de ela precisar de ajuda, com esperança de que a água tivesse nela o mesmo efeito tranquilizante. Na outra extremidade, ela agarrou-se a uma rocha e arfou um momento. Tentou puxá-la contra você, mas ela disse:

— Estou bem -, afastou-se e recomeçou a nadar.

Desta vez, ele nadou atrás dela. Ela estava a ir muito bem, sem a sua ajuda, e, além disso, proporcionava-lhe uma bela visão das suas pernas a baterem para cima e para baixo.

Quando chegou à rocha plana, estava sem fôlego, arquejando e ofegante; ele içou-a para a borda e saiu da água depois dela.

— É só isso que nadas? — perguntou ela, correndo que nem uma lebre para as toalhas.

— Tenho de ter a certeza de que não vais fugir.

Ela manteve-se de costas viradas para ele.

— Para onde ia? Não tenho roupa.

— E verdade, esqueci-me — disse ele. — És demasiado covarde para ser vista de vermelho. — Depois voltou a mergulhar e começou a nadar, olhando de vez em quando para se certificar de que ela lá estava. Linnet tinha-se deitado na rocha, tão enrolada no lençol e nas toalhas que ele não conseguia ver mais do que a ponta do seu nariz escarlate.

Duas piscinas depois, parecia que a paz e o sol tinham desgastado a sua resistência. Havia desenrolado as toalhas e o lençol e tinha até despido a chemise. Estava deitada na rocha como uma sereia, absorvendo o sol.

Mais cinco piscinas, e Piers concluiu que, provavelmente, já chegava para a pele dela. Içou-se para fora da piscina e dirigiu-se a ela, abanando a cabeça, de modo que algumas gotas de água fria voaram para cima dela e fizeram-na gritar de incômodo. Mesmo assim, ele voltou a ter a ereção. Um único olhar para ela, estendida na rocha e corpo esquecia-se de que estava frio e bastante cansado.

— Pega numa toalha — disse ela, zangada. Mas o seu olhar não foi tão dissuasor como antes. — Como podes? — explodiu.

— Como posso o quê? Achas que podias secar-me as pernas? Sabes bem que eu não posso fazê-lo, com esta bengala.

Tentou parecer patético, mas os olhos dela estreitaram-se.

— O sol seca-te.

Fez uma carícia lenta a você próprio, os olhos fixos nela.

— Você aqueces-me mais depressa do que o sol.

— Como podes desejar-me quando eu tenho este aspecto?

— Engoliu com força, mas Piers já tinha concluído que a última- coisa de que ela precisava era piedade. Além disso, qualquer inclinação nesse sentido desvaneceu-se quando ela acrescentou:

— E esse é um dos elogios mais mal formulado que alguma vez ouvi.

— Ao contrário de ti, eu apaixonei-me por mais do que beleza. A sua língua afiada, por exemplo. Adoro-a.

— Eu não te amo pela sua aparência — disse ela, zangada. — Se fosse isso que me interessasse, teria escolhido o Sebastian.

— Bem, se fosse isso que me interessasse, teria escolhido a enfermeira Matilda.

Ela resfolegou.

— Agora, tem melhor aspecto do que você. Obviamente, ela sentou-se, olhos a chamejar.

— És um porco estúpido a dizer-me uma coisa dessas!

— Apele creme dela — disse, sonhador. — Como pétalas de orquídea.

Uma lufada de ar escapou dos lábios de uma forma que nunca poderia ser descrita como senhoril.

— Isso foi outro resfolego? — perguntou ele. — Meus Deus, que hábito enfadonho. Espero que a querida Matilda não adquira esse hábito antes de eu lhe pedir a mão. Ah, espera, eu acho que já tenho noiva.

Ela puxou o lençol para cima de você e deitou-se outra vez, olhos fechados.

— Es ridículo.

Ele também se deitou, ao lado dela. Durante um bocado, limitaram-se a estar ali deitados, em silêncio. Como se fossem as duas únicas pessoas no mundo e não houvesse mais nenhuma criatura, além de um maçarico que cantava, desafinado, numa rocha ali perto.

Quando Piers finalmente se sentou, os olhos de Linnet estavam abertos e tão cheios de dor que a garganta se lhe apertou. Ela não afastou o olhar, não disse nada.

Antes de ela poder intuir o que ele tinha em mente, Piers apossou-se do lençol e atirou-o para o lado.

Esperava que ela berrasse e tentasse tapar-se, mas ela ficou quieta, virou

a cara, embora não antes de ele ver lágrimas.

— Estou a olhar para ti toda — disse, à laia de conversa, fazendo isso mesmo.

— Olha à vontade — disse ela, abruptamente. — Vais olhar, diga eu o que disser.

— Ainda estás encarnada, mas agora estás apelar também. Deus, estás numa confusão.

Ela levantou-se abruptamente como uma boneca articulada de madeira, olhou para baixo e gritou tão alto que o maçarico fugiu.

— A água do mar é cicatrizante — disse ele, pegando no lençol e esfregando a pele muito, muito suavemente. — Olha para isto. Não estás muito encarnada em baixo. E não tens cicatrizes, pelo menos no abdômen.

Ela observou-o, uma expressão atônita no rosto.

— Está a sair?

— Claro que está a sair — confirmou ele. — Isto são crostas que estiveram a tapar as bolhas da escarlatina, protegendo-as enquanto saravam. Espero — esfregou um pouco mais — que todo o teu corpo esteja pronto para mudar de pele, à exceção talvez das costas. O sal ajudou, e o sol.

— Eu pensava que nunca ia sair — disse ela, tão baixinho que ele mal a ouviu por sobre o ruído das ondas que rebentavam nas rochas atrás deles.

— Se me tivesses perguntado, podia ter-te dito. Mas, como não falavas comigo, não sabia que estavas com medo de uma coisa tão disparatada.

Ela tinha o lábio inferior mais rebelde que ele alguma vez vira.

— Mas, o que é pior — insistiu ele, sem olhar para ela —, é que perdeste a confiança em mim. Disseste que me amavas o suficiente para fazer de idiota. Mas, quando chegou à altura, não tiveste coragem para a mais leve parcela de humilhação. Não querias ver-me em privado com medo que fizesse troça de ti e não querias ver-me em público porque sentias-te humilhada por seres vista pelo Prufrock.

Desta vez, era ele que estava deitado e lançou um braço sobre os olhos.

— Eu amo-te — disse Linnet, parecendo-lhe que Piers estava a roubar-lhe a capacidade de pensamento racional por estar tão magoado. — Mas não posso ser duquesa com este aspecto. Não quero que ninguém case comigo por compaixão. E não posso casar contigo se for um horrível...

— Monstro? — interpôs ele. — E essa a palavra que procuras?

— Não — disse ela.

Ele soergueu-se de novo e os seus olhos penetraram os dela.

— Só me amavas quando eras bela. Para poderes controlar-me, da mesma maneira que pensas que consegues controlar outros homens com o teu sorriso.

— Não! — exclamou ela. — Não era assim.

— Então, como era? — perguntou ele. — Num minuto, estavas a pedir-me que casasse contigo, dizendo-me que esperavas por mim e no seguinte nem sequer olhavas para mim. — Raiva e dor vibravam na sua voz.

Ela olhou para baixo e examinou cuidadosamente o corpo. Ainda, estava vermelho, ainda estava a pelar, mas, por qualquer razão, sentada ao sol ao lado de Piers, não parecia monstruoso.

— Pensei que ias ficar horrorizado — confessou ela, engasgando-se um pouco. — Não queria que casasses comigo por compaixão. Não podia fazer isso, dar-te uma mulher feia.

— A compaixão não é uma emoção pela qual eu seja conhecido. E, mais, eu não tenho qualquer hesitação em dar-te um monstro como marido.

— Isso não é verdade — disse ela devagar. — Disseste que me querias, mas que nunca casarias comigo. Disseste que eu era bela e a arder em desejo, mas que irias procurar outras mulheres, por isso, eu devia esquecer-te.

Palavras feias estavam suspensas no ar entre eles.

— Tens razão — concordou Piers. — Foi abjeto dizer isso.

— Desapareceu da voz toda a indignação; era tão desolada que ela nem conseguia pensar o que dizer a seguir. — Afastei-te por ter medo de me tornar um drogado, um dia. Estava, e ainda estou, com medo de perder o controle e fazer-te a vida infeliz.

Subitamente, o coração de Linnet explodiu de medo que ele a deixasse, apesar de, ainda uma mera hora antes, não querer mais nada além de nunca mais o ver.

— Despedaçaste-me o coração quando me puseste fora — disse ela, abraçando os joelhos. — Isso é que me fez infeliz. Mas, quando adoeci, no galinheiro, compreendi que me amavas.

Houve uma pausa. O maçarico cantava de novo, um pouco mais distante.

— Eu disse que me amavas — repetiu.

— Amo — disse-o, quase irritado.

— Decidi que, se sobrevivesse, nunca te deixaria intimidares-me outra vez, do modo como fizeste quando recusaste casar comigo. — Estendeu o braço para lhe tocar, apenas para lhe tocar, passando-lhe os dedos pela

anca. — Mas depois fiquei tão feia. Não vejo como podia ser duquesa.

— Calculo que todas as duquesas são belas — disse ele.

— E um requisito do estatuto.

— No mínimo, não deviam assustar as pessoas na rua.

— E, por essa razão, pensaste que, já que tinhas estofo de circo, havias de me deixar para outra. E que se seguiria? Jantares no quarto durante cinquenta anos?

— Pensei que ia esconder-me — disse ela, a voz a tremer um pouco. — Esconder-me, só, é tudo.

Silêncio. Depois:

— Você não devias querer esconder-te de mim, Linnet.

— Desculpa — sussurrou ela.

— Despedaçaste-me o coração por quase teres morrido e depois despedaçaste-o outra vez quando me puseste fora do teu quarto.

Ela não suportava a dor na voz dele, o fato de o ter magoado, por isso empurrou-o para baixo, voltando a deitá-lo na rocha. O corpo dele era quente e grande sob a sua perna. Familiar e querido.

— Vais beijar-me e tornar tudo mais fácil? — perguntou ele, sardônico e meigo ao mesmo tempo.

— Cala-te — exigiu Linnet. Roçou os lábios nos dele. A língua escapuliu-se e saboreou os lábios.

— Estou a ver que estás a querer seduzir-me à moda antiga, agora que perdeste a sua beleza.

Mas ela sabia quando ele estava zangado e a tentar magoar e quando não estava. Daquela vez, não estava. O seu coração rejubilou e ela ronronou lá no fundo da garganta.

— Qualquer coisa parecida. — Mordiscou o lábio inferior, do modo como ele lhe ensinara.

Piers abriu os lábios à sua súplica e uma paixão crua apoderou-se de ambos por um momento. Mas, depois, ele afastou-se.

— Não posso.

Linnet inclinou-se, seguindo-o. Havia algo na sua voz que lhe fez crescer a excitação não diminuí-la.

— Porquê? — Saiu como um murmúrio rouco, talvez porque ela estava a beijar a curva do seu maxilar.

— Es feia demais. Nunca faço amor com mulheres feias. Nunca poderia

amar uma mulher feia.

Por uma fração de segundo, o coração de Linnet vacilou, mas depois compreendeu o que ele estava a dizer.

— E eu, meu senhor, só posso amar um homem que seja capaz de me levar ao colo pela entrada da porta. Que consiga prometer-me que nunca, nunca, tocará em láudano e que nunca levantará a voz. Podes fazer isso?

Os olhos dele cruzaram-se com os dela: profundos, brilhantes, inteligentes... cheios de amor.

— Na estalagem, levei-te ao colo pelo corredor e pela entrada — disse ele e a sua voz era tão rouca como a dela.

— Isso conta?

— Eu posso voltar a ser bonita um dia — adiantou. — Ou não.

Ele virou-se para a olhar de frente e os seus olhos encontraram-se de um modo que tinha tudo que ver com amor, do tipo suficientemente forte para arrancar alguém da sepultura, do tipo de nunca esmorecer e nunca falhar.

Do tipo que nada tem que ver com a beleza, humor ou pernas lesionadas.

— Não posso prometer-te que não vou perder o controle — disse ele. — Embora tenha a sensação de que me mudaste para melhor. Posso já não ser o tal monstro.

— Não posso prometer-te que não morro e não te deixo sozinho. Acho que me esqueci de te agradecer teres-me salvo a vida.

— Eu amo-te — disse ele, a voz a quebrar. — Quando pensei que ias morrer, quis morrer. E assim que saíste por aquela maldita janela, quis-te de volta.

Ela passou-lhe a mão suavemente pela face.

— Estou de volta.

— Teria ido buscar-te, mesmo não fazendo ideia de que estavas doente. Só que ainda não podia deixar os meus pacientes. Bem, na realidade, considereei deixar os meus pacientes mais do que algumas vezes, principalmente a meio da noite.

— Isso não teria sido correto — disse ela, com firmeza.

— Teria estragado o nosso casamento.

— Vai haver casamento? — Os olhos dele procuraram os dela. — Não seria fácil tomar os votos matrimoniais no teu quarto, mas havíamos de conseguir.

Ela respirou fundo.

— Importavas-te de casar com uma lagosta a pelar-se? Os olhos dele mostraram que não se importava nada.

— Você não és uma lagosta — protestou ele, roçando os lábios pelos dela.
— Onde se vê a pele nova, parecez mais uma baga vermelha, um morango. Um morango maduro, delicioso.

— Baga é o meu segundo nome — gracejou Linnet, uma risadinha a escapar-lhe.

— Meu morango. — Mas chegava-lhe de conversa, por isso, rolou sobre o corpo dela, grande e forte e, sim, dominador. — Se não te importas que eu faça amor contigo enquanto estás a mudar a pele, importas-te de fazer amor com um homem cujo mau humor leva, por vezes, a melhor sobre ele?

— Não — arfou ela, porque a mão dele... bem, havia partes dela que pareciam estar exatamente tão macias como dantes.

Teve de esfregar os seios com o lençol até eles ficarem com um lindo tom róseo de morango, mas ambos gostaram. E ficaram ambos felizes quando descobriram que a escarlatina, por alguma razão misteriosa, não tinha tocado o interior das suas coxas.

Havia outras coisas pelas quais estavam felizes também.

Depois, deitaram-se na rocha enquanto Piers se concentrava em polir a sua amada para ficar com um tom rosado uniforme.

— A minha cara tem cicatrizes? — perguntou Linnet, ansiosamente, um tempo depois. — Diz-me a verdade.

— Absolutamente nenhuma. Não és nenhuma rainha Isabel. De fato, embora odeie dizer-te isto, um bocadinho de pó de arroz e os Patinhos vão babar-se outra vez por ti. — Ao que parecia, concluíra que os seus seios precisavam ainda demais atenção.

Linnet começou, a medo, a apalpar o rosto, Os dedos a deslizarem sobre as maçãs do rosto, o queixo, os lábios. Tudo macio, novamente.

— Não sei se serei capaz de esquecer isto alguma vez — disse ela, com um arrepio.

— O galinheiro, a erupção cutânea e eu estar tão quente e cheia de sede.

Piers segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Nunca me perdoarei por não ter estado lá contigo.

— Queres dizer, do mesmo modo que o teu pai não se perdoa a você próprio?

— Nós conversamos — disse ele, rispidamente. — Eu tentei pensar no que você havia de querer que eu dissesse.

Ela ficou alegre.

— Então, disseste-lhe que ele era um dedicado...

— Não.

— Nem sequer sabes o que eu ia dizer!

— Nada nesse gênero.

— Então, que disseste? — perguntou ela, um tanto desiludida.

— Que o amava. Não com tantas palavras, mas ele percebeu.

— Quando eu estava muito doente, sonhei que a minha mãe estava comigo na piscina.

— Na água?

— Debaixo de água. Eu estava a flutuar para longe, porque ali não havia sofrimento e estava fresco e húmido. Mas ela empurrava-me para trás.

Piers agarrou Linnet contra o peito.

— Ainda bem.

— Também lhe perdoei — disse ela, baixinho. — Ela amava-me.

— Bem — disse ele —, você és adorável. E não porque és bela, também. E nem sequer porque estás de um rosa deleitável que eu nunca vi numa mulher.

Lágrimas espalharam-se nos olhos de Linnet.

— Eu pensava que ninguém...

— Shhh — disse ele, roçando os lábios nos dela. — Eu pensava que nunca me interessaria por outra pessoa.

— Estávamos ambos enganados — resumiu Linnet, a mão a deslizar em torno da cabeça dele a fim de puxar os seus lábios para os dela.

— Doce morango — sussurrou Piers, algum tempo depois.

— Sim? — Ela emergiu do beijo atordoada, os lábios inchados, o coração a bater.

— Não posso Voltar fazendo amor em cima desta rocha. Detesto parecer convencional, mas os meus joelhos estão esfolados. Vamos para casa? Tenho lá uma cama maravilhosamente macia. Está no quarto principal, que ainda não viste, mas que podes também reivindicar como teu.

— Casa — repetiu ela, dominando-se.

— A nossa casa.

Assim, puseram-se de pé, e fizeram uma túnica grega com o lençol e dirigiram-se a casa de mãos dadas.

Quando chegaram, Linnet sorriu a toda a gente, desde Prufrock até ao duque. Ninguém reparou, na realidade, que ela tinha a pele rósea, cor de morango.

Porque a alegria no seu rosto e nos seus olhos era ofuscante.

Epílogo

Alguns anos mais tarde

— Não percebo porque chama morango à mãe — disse. Um menino pequeno ao pai, num dia de verão. Estava a descansar numa rocha, observando a irmã a chapinhar na piscina com a mãe.

— E um nome íntimo — explicou o pai. Estava a observar a mãe com um sorriso peculiar no rosto que o rapaz não conseguia interpretar.

— Não é lógico — observou John Yelverton, futuro conde de Marchant e duque de Windebank. — A mãe não parece um morango. A Evie, sim, porque é redonda e gorda e tem aquele cabelo ruivo.

Olhava a irmã mais nova com certo desagrado. Mesmo com sete anos, apercebia-se de que a irmã parecia exercer algum fascínio poderoso sobre estranhos. Se lhes sorrisse, eles derretiam-se. Davam-lhe tudo o que ela queria.

Não que o pai e a mãe o fizessem, claro. Era mais provável que lhe fizessem cócegas até ela se rir. Quanto a ele, preferia dar-lhe beliscões.

— Uma vez, a sua mãe teve a pele muito rosada — contou o pai. — Por isso, parecia um fruto particularmente delicioso, uma baga vermelha, um morango.

John já tinha visto aquela expressão no rosto dos pais, mas não pensava grande coisa dela. Não era racional. Ele gostava de classificar o mundo; as coisas eram ou racionais ou irracionais. Aquela expressão piegas? Irracional.

— Podemos voltar para o castelo agora e dissecar outra rã? — perguntou.

— Não. Uma rã por semana. As rãs não nascem apenas para teu divertimento, como sabes.

— Mas lembra-se que eu tive dificuldade em encontrar a vesícula biliar, não lembra? Preciso de tentar outra vez.

— Na próxima semana — disse o pai. — Tenho a certeza de que vai haver muitas vesículas biliares no teu futuro.

Aquilo era precisamente o tipo de coisa disparatada que os pais diziam o tempo todo e que John não apreciava.

— Eu quero dissecar uma rã agora!

O pai deixou de olhar para a piscina e baixou os olhos para ele. Ergueu um dedo.

— Lembras-te do que discutimos esta manhã?

— Tenho de aprender a controlar o meu mau humor — recordou John, obediamente. — E se eu o sentir a subir-me ao estômago, tenho de contar até dez.

— Precisas de contar neste momento?

— Não — disse ele, um tanto sombrio.

Evie estava à borda da piscina e o pai levantou-se para a tirar de lá. Tinha a bengala numa mão, mas dobrou-se. Evie agarrou-lhe o braço com as duas mãos e ele baloiçou a para fora, desenhando um grande círculo, enquanto ela se fartava de gritar.

Depois, pousou a bengala e estendeu ambas as mãos para ajudar a mãe a sair da piscina. Lá estavam eles, a sorrir um para o outro, novamente daquela maneira.

O pai tinha uma toalha sobre o ombro, que utilizou para a secar.

John rolou os olhos e foi examinar as pequenas poças deixadas pela maré. Talvez, se encontrasse a sua própria rã, o pai o deixasse dissecá-la.

Não parecia haver rãs.

— Elas não gostam de água salgada — comentou Evie, ciciando um pouco. Inclinou à cabeça para o lado e lançou-lhe aquele sorriso que ele tanto detestava. — Você não sabe nada?

Ele puxou-lhe o cabelo.

Ela chorou, por isso ele contou até dez.

— Eu não lhe puxei o cabelo com força — explicou ele ao seu pai um segundo depois. — Nem o arranquei. Isso teria sido muito mau. Foi só um puxãozinho.

— Você tens a quem sair — disse o pai, levando-o pela mão quando começaram a subir o caminho de volta ao castelo.

— Para a próxima, conta até dez antes de puxares.

John sorriu. A sua maior ambição era ser exatamente como o pai em todos os aspetos. Bem, um pouco também como o avô, o duque, porque admirava a maneira como Sua Graça contava histórias.

Mas, acima de tudo, queria ser como o seu pai.

— Talvez eu opere a próxima rã antes de a dissecar — sugeriu.

— Ponho gesso na perna. Podíamos fingir que saltava alto demais.

— Hmm — disse o pai e John apercebeu-se de que ele estava a olhar outra vez para a mãe.

Ela ia de mão dada com Evie, que estava ainda a soluçar, apesar de John

saber perfeitamente que não tinha magoado a irmã.

— O pai gosta muito da mãe, não gosta? — perguntou John, puxando a mão do pai para atrair a sua atenção.

— Sim, gosto. Gosto, certamente.

— E ela gosta de você — afirmou John. Gostava de ter as coisas organizadas e claras na sua mente.

— Mãe riu.

— Eu gosto muito do teu pai, Johnakins.

Ele franziu a sobrancelha.

— Esse é o meu nome de bebê. Eu já não sou bebê.

— As minhas desculpas — disse ela, pondo um dedo no nariz.

— Então, se gosta dela — disse ele ao pai — e se ela gosta de você e se os dois gostam de nós, porque têm de ter outro? — Tinham-lhe dito que havia outro bebê na barriga da mãe, mas não parecia lógico, apesar de a barriga dela estar mais redonda do que era.

Amãe sorriu-lhe e depois pegou-lhe na mão livre entre as suas.

— Gostar uns dos outros é o que esta família faz melhor.

Aquilo era ilógico para a cabeça de John. Dissecar pessoas era o que o pai fazia melhor. Mas não havia interesse em inquietar-se com isso, e além do mais...

Achava que eles os quatro podiam provavelmente dispensar um pouco de amor à um bebê.

Desde que não fosse outra menina.

Nota Histórica

A Bela e o Monstro é uma história muito antiga; Madame Gabrielle de Villeneuve escreveu *La Belle et la Bête* em 1740.

Não vou citar nenhuma adaptação em particular, porque pus de lado a maioria dos detalhes, incluindo o herói transformado por magia. Piers foi transformado por um acontecimento muito menos extraordinário, mas não menos modificador da vida: o enfarte — a morte de tecidos — do músculo quadríceps direito.

A minha maior dívida, como podem ter percebido, é para com uma história muito mais moderna, o programa televisivo da Fox, *Dr. House*; tiro o chapéu aos brilhantes, subtis, e sempre divertidos unionistas de *House*. Piers, a minha versão do Dr. Gregory House deles, difere tanto do seu protótipo como Linnet difere da Bela. Mas a sua personalidade, já para não falar na sua perna lesionada e no trabalho da sua vida, foi inspirada no diagnosticador irascível do Princeton-Plainsboro Teaching Hospital.

Se o genial Dr. House merece menção, também a merecem os médicos e os cirurgiões do século XVIII, que se esforçaram por combater doenças sem a vantagem dos exames, tecnologias e tratamentos com os quais o Dr. House conta. Muitos dos pormenores relacionados com a escarlatina que aqui leem foram — tirados de um livro que foi publicado pela primeira vez em 1799. Tratado sobre Doenças Febris, escrito pelo Dr. Philips Wilson, oferecia informação detalhada sobre a evolução da escarlatina, juntamente com tratamentos baseados no bom senso. Nas suas mãos, ou pelo menos assim dizia, um ataque de escarlatina nunca era fatal. O Tratado de Wilson combatia as práticas ineficazes, e demasiadas vezes prejudiciais, de médicos como certo Dr. Sims, que, em 1796, recomendou o tratamento da escarlatina com laxantes e eméticos. A sua maneira, Wilson era uma versão de *House*, igualmente arrogante e verdadeiramente heroico.

Também presto homenagem à coleção de livros de Enid Blyton sobre um colégio interno de raparigas na Cornualha, chamado *Malory Towers*, que tinha uma piscina talhada nos penhascos que a maré enchia. Ler os seus romances à minha filha, em voz alta, estimulou a minha imaginação e, quando acabei este romance, a piscina de Piers tinha assumido um carácter totalmente próprio.

E, finalmente, *A Canção de Amor* de J. Alfred Prufrock, de T. S. Eliot, cantava-me na mente enquanto eu escrevia, embora Eliot tivesse seguramente palpitações se o soubesse (o texto encontra-se no meu site www.eloisa-james.com). O seu poema levanta questões sobre tempo e coragem — se há tempo para ti e tempo para mim, se há tempo para

preparar o rosto para encontrar os rostos que se encontra me tempo para perguntar Eu atrevo-me? Deixo-vos, pois, com a canção de amor de Eliot, na qual as sereias cantam e os humanos arriscam-se a demorar-se demais em câmaras do mar.

Agradecimentos

Os meus livros são como crianças pequenas; precisam de uma aldeia inteira para chegarem à literária. Quero dirigir os meus mais sinceros agradecimentos à minha aldeia privada: à minha agente, Kim Witherspoon; aos criadores do meu sítio web, Wax Creative; e, por último, mas não menos importante, à minha equipa pessoal — Kim Castillo, Franzeca Drouin e Ann Connell. A minha gratidão, também, a cada um de vós.

Sobre a Autora



ELOISA JAMES

Autora de vários romances premiados, publicados em treze línguas, Eloisa James é professora de Literatura Inglesa em Nova Iorque, onde vive com a família. Com dois empregos, dois gatos, dois filhos, e um só marido, passa a maior parte do tempo a escrever listas de coisas fazendo — as cartas das leitoras são um grande escape!

Contacte Eloisa na sua página do Facebook

www.facebook.com/EloisaJamesFans

através do seu website:

www.eloisajames.com

ou por correio eletrônico:

eloisa@eloisajames.com



Mais Livros Digitais em

<http://starbooksdigital.blogspot.com.br>

- [1] Trocadilho com o nome da personagem: Linnet, em inglês, significa verdilhão. (N. da T.)
- [2] Sarah Siddons (1755-1831), nascida no País de Gales, foi a atriz trágica mais famosa do século XVIII. Ficou célebre pela sua representação da personagem shakespeariana de Lady Macbeth. (N. da T.)
- [3] O Almack's (1765 a 1871) foi um dos primeiros clubes londrinos frequentados pela alta sociedade a admitirem homens e mulheres. (N. daT.)
- [4] O Boodle's é um clube privado, fundado em 1762, que ainda hoje existe em Londres. (N. daT.)
- [5] Francês Burney (1752-1840), também conhecida como Fanny Burney, foi uma escritora inglesa, romancista e dramaturga, que traçou um retrato muito preciso da vida na Inglaterra do século XVIII, oferecendo uma visão interessante da vida e das lutas das mulheres numa cultura predominantemente masculina. (N. daT.)
- [6] Concebido originalmente para curar doenças do estômago, este elixir foi pouco depois considerado um medicamento universal; manteve-se como remédio muito popular ao longo dos séculos XVIII e XIX primeiro em Inglaterra e depois nos EUA. (N. da T.)
- [7] Publicado em três volumes, é uma compilação das obras de John Fothergill (1712- -1780), médico inglês que se destacou durante a grave epidemia que grassou em Londres entre 1746 e 1748, e mais tarde durante a de gripe (1775 e 1776). Deu um importante contributo para a compreensão da angina de peito. (N. daT.)
- [8] Um livro com este mesmo título foi publicado em 1799, da autoria de um médico do Colégio Real de Médicos de Edimburgo, Philips Wilson. (N. da T.)